

**CURT UNCKEL NIMUENDAJÚ: UM CAPÍTULO ALEMÃO NA TRADIÇÃO  
ETNOGRÁFICA BRASILEIRA**

**ELENA MONTEIRO WELPER**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/  
MUSEU NACIONAL/PPGAS  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Orientador: Prof. Dr. Carlos Fausto**

**Rio de Janeiro**

**Mai de 2002**

CURT UNCKEL NIMUENDAJÚ: UM CAPÍTULO ALEMÃO NA TRADIÇÃO  
ETNOGRÁFICA BRASILEIRA

ELENA MONTEIRO WELPER

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional- Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

Prof. Carlos Fausto - Orientador

Prof. Roberto da Matta

Prof. Antônio Carlos Souza Lima

Rio de Janeiro

2002

Welper, Elena Monteiro.

Curt Unckel Nimuendajú: Um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira/ Elena Monteiro Welper. Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGAS-.MN. 2002

xiv;129 p.; il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 2002.

1. Curt Unckel Nimuendajú; 2. Etnografia alemã.

## RESUMO

WELPER, Elena Monteiro. Curt Unckel Nimuendajú: Um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira. Orientador: Carlos Fausto. Rio de Janeiro : UFRJ/PPGAS-MN; Capes, 2002. Dissertação ( Mestrado em Antropologia Social ).

Curt Nimuendajú chegou no Brasil aos 20 anos e até a sua morte, em 1945, ele dedicou a sua vida à pesquisa sobre as populações indígenas, tendo sido pioneiro, neste país, na realização de um trabalho de campo longo e sistemático. Suas contribuições, entretanto, ultrapassaram os limites do conhecimento etnográfico, levando-o a ser identificado não apenas como etnólogo mas como indigenista, arqueólogo, coletor e lingüista.

A presente dissertação tem como objeto de estudo o “fazer etnográfico” deste pesquisador, que apesar de ser considerado unanimemente como um dos maiores nomes da etnologia no Brasil, é até hoje pouco conhecido, tendo sido tema apenas de curtas e repetidas biografias fragmentárias.

O primeiro objetivo deste trabalho é mostrar que as “facetas” de Nimuendajú ganham novo sentido quando vistas à luz de sua perspectiva etnológica, característica da época e da tradição alemã, e do campo de relações políticas e científicas no qual o pesquisador se inseriu.

O segundo objetivo é mostrar que apesar de autodidata, sua etnologia não estava livre de pressupostos teóricos. Ao contrário do que se pensa, Nimuendajú foi formado pela “Etnologia Moderna” alemã, que orientada pelas teses histórico-culturais, defendia a formulação de teorias e conceitos específicos para cada região do globo, baseado em coletas amplas e profundas de cultura “material” e “espiritual”. Preso à esta concepção, Nimuendajú não acompanhou o desenvolvimento da teoria Antropológica que ocorria concomitantemente, pois esta se ocupava com outras regiões que não a América do Sul.

## ABSTRACT

WELPER, Elena Monteiro. Curt Unckel Nimuendajú: Um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira. Orientador: Carlos Fausto. Rio de Janeiro : UFRJ/PPGAS - MN; Capes, 2002. Dissertação ( Mestrado em Antropologia Social ).

Curt Nimuendajú arrived in Brazil when he was 20 years old. Until his death in 1945, he dedicated himself to researching the indigenous populations of that nation. He was a pioneer in Brazil, being one of the first researchers to undertake long and systematic ethnographic fieldwork. His contribution, however, surpassed the limits of ethnographic knowledge, allowing him to be identified not only as an ethnologist but also as an indigenous rights and cultural worker, archaeologist, collector and linguist.

The present dissertation takes as its subject the “ethnographic construction” of this researcher who, despite being considered one of the greatest names in Brazilian ethnology, is still relatively unknown today, having been theme of a few short, self-referential biographies.

The first aim of this work is to show that Nimuendajú’s facets gain new meaning when seen under the light of his ethnological perspectives, characteristic of his times and of the German tradition. New dimensions of the researcher can also be brought into focus by reflecting upon the field of political and scientific relations to which he devoted himself.

Our second aim is to show that despite his having been an self-educated ethnologist, Nimuendajú’s work was not free from theoretical presuppositions. Contrary to what one might think, he was formed by the precepts of German “modern ethnology” which was itself oriented by the historical-cultural thesis. This defended the formulation of theories and specific concepts for each region of the world based upon large and varied collections of “material” and “spiritual” culture. Tied to this concept, Nimuendajú did not follow the contemporary developments of anthropological theory because these were preoccupied with other regions of the world, largely ignoring South America.

LISTA DE SIGLAS & ABREVIATURAS

AM: Alfred Metraux

CDE-MI: Centro de Documentação Etnográfica – Museu do Índio

CE: Carlos Estevão

CGGSP: Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo

CN: Curt Nimuendajú

CNPI: Conselho Nacional de Proteção ao Índio

ELSP: Escola Livre de Sociologia e Política

FA: Fernando de Azevedo

FBC: Fundação Brasil Central

GM: José Maria da Gama Malcher

HAT: Heloisa Alberto Torres

HB: Herbert Baldus

HP: Helen Palmatary

HSAI: Handbook of South American Indians

HS: Harald Schultz

IZ: Karl G. Izikowitz

JS: Julian Steward

JSA: Journal de la Société des Americanistes

LS: Lévi-Strauss

MEG: Museu Emilio Goeldi

MG: Museu de Gotemburgo

MN: Museu Nacional

MP: Museu Paulista

RL: Robert Lowie

SPI LTN: Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais

UC: Universidade da Califórnia

ZfE: Zeitschrift für Ethnologie

## LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Fotografia do Arquivo CN

Imagem do livro de Karl May

CN em Jena

CN em São Paulo

CN no MN

CN com Jovelina

CN à cavalo

CN entre os Apinajé

CN entre os Canelas

CN entre os Xerentes

CN em Manaus

CN no Rio de Janeiro

Pedra em Jena

## LISTA DE ANEXOS

Cartilha de alfabetização do capitão Guarani José Honório

Diário 1911

Diário 1911

Diário 1911

Diário 1911

Diário 1912

Diário 1912

Diário 1912

Diário 1913

Diário 1913

Diário 1918

Diário 1929

Diário 1929

Diário 1929

Diário 1941

Diário 1941

Diário 1942

Diário 1942

Diário 1942

Diário 1943 ( Rio de Janeiro )

Carta LS-CN (08/11/36 )

Carta LS-CN ( 02/02/37)

Carta CN-FA (26/02/36)

Carta CN-R. Miranda (11/10/10)

Carta CN-Lila (19/8/43)

Carta CN-Nunes Pereira (20/01/44)

Carta CN-Nino (15/04/44)

Carta CN-AM ( 04/08/44)

Carta CN-Humberto de Oliveira(21/08/44)

Carta CN- Maynhutsen (07/12/45)

Carta CN-Naide Vasconcelos (14/06/45)

Carta CN-FBC (11/10/45)

Quadro cronológico das atividades de CN

Quadro dos correspondentes de CN

## SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

História e conteúdo do arquivo CN	02
Material utilizado: diários e correspondências	06
Uma breve retrospectiva bibliográfica	10
A dissertação	15

## CAPÍTULO 1 : “O Último Momento”

Romantismo e etnologia alemã no século XX	19
Museus etnológicos	22
A etnologia alemã no Brasil	27
Curt Unckel em Jena	31

## CAPÍTULO 2: Os Caminhos de um Autodidata

Chegada em São Paulo	36
De ajudante de cozinheiro a auxiliar do sertão	37
Transferência para Belém: um novo começo	44
A profissionalização de Nimuendajú	49
Novas relações	52
Estado Novo e retorno à pátria	57
A volta do caso perdido	60
A Jê-ologia de Nimuendajú	63
Enfim uma nova área	74
O fim épico de um herói	83
Homenagens póstumas	85

## CAPÍTULO 3: Um Homem de Ciência ?

Nimuendajú indigenista	88
Nimuendajú coletor: arqueologia e colecionismo	94

Um etnólogo de verdade	99
Nimuendajú, Lowie & Cia	104
Nimuendajú em campo	110

CONCLUSÃO: O Último Romântico	115
-------------------------------	-----

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia de Curt Nimuendajú	119
Bibliografia sobre Curt Nimuendajú	123
Bibliografia citada	126

#### APÊNDICE

Levantamento do arquivo Curt Nimuendajú	
---	--

#### ANEXOS

Para meus pais,  
que compartilharam como ninguém  
o meu entusiasmo por esse trabalho.

Para Fernando,  
que também como ninguém,  
apoiou-me nos momentos de desânimo.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aqui a todas as pessoas e instituições que mais diretamente contribuíram para a realização desta pesquisa. Começo pela Capes que me garantiu bolsa durante os dois primeiros anos de mestrado; ao patrocínio Welper, que possibilitou a viagem à Alemanha; a Ana, que me surpreendia em minhas leituras solitárias sempre com um cafezinho fresco; e a todos os funcionários e professores do Museu Nacional, especialmente as “meninas” da biblioteca, Carla e Cristina, a Solange e Marcus Maia (do setor de lingüística), ao Antônio da Biblioteca do Horto, e a “Jeóloga” Marcela Coelho de Souza, que, talvez sem saber, ocupou por algumas vezes o papel de ouvinte e interlocutora, que em outra situação caberia ao meu orientador.

A pesquisa na Alemanha foi facilitada pela boa vontade de Jürgen Jache (Arquivo da Cidade de Jena), Margit Hartleb (arquivista da Universidade de Jena) e Dr. Rolf Krusche, (diretor do Museu Etnográfico de Leipzig). Mas também devo agradecer à atenção de Frank Lindner, que me recebeu em sua casa para uma conversa de fim de tarde, e por meu pai, que pacientemente assumiu a função de guia e intérprete.

No Brasil eu contei com o apoio não só de pessoas da área, mas também com amigos e colegas que me deram estímulos para que a minha pesquisa fosse feita da melhor forma possível. Deste primeiro grupo, devo destacar duas pessoas especiais: meu orientador Carlos Fausto e o professor Gilberto Velho.

Ao professor Gilberto Velho eu quero agradecer não só a oportunidade que ele me deu de ampliar o meu conhecimento etnológico a partir de uma pesquisa que me rendeu, entre outras coisas, a descoberta de duas fotos desconhecidas de Curt Nimuendajú, mas também ao incentivo manifestado desde a minha tímida entrada no Museu.

Ao meu orientador Carlos Fausto, eu devo quase tudo: desde a minha iniciação na etnologia brasileira até a escolha do objeto de estudo. Fora isso, sua dedicação, paciência, compreensão e entusiasmo tornaram o desenvolvimento desta pesquisa particularmente especial, mostrando-me a importância destas qualidades numa relação de orientação.

Outros professores também contribuíram para a minha reflexão e pesquisa. Em ordem alfabética: Antônio Carlos de Souza Lima, que como curador do arquivo CN e professor,

incentivou a minha pesquisa documental e orientou a minha visão sobre o Nimuendajú indigenista.

A Luís Castro Faria e Roberto Da Matta, que gentilmente atenderam ao meu pedido e receberam-me em suas casas para uma conversa sobre suas experiências e opiniões, serei para sempre grata. A este último devo o aprofundamento da minha visão sobre o trabalho de campo de Nimuendajú, dado não só as suas próprias observações mas também o incentivo de contatar William Crocker, que por e-mail me forneceu valiosas informações. Deixo aqui meu agradecimento a este pesquisador que tão gentilmente atendeu aos meus pedidos.

O segundo grupo é composto por amigos que de formas diferentes foram igualmente importantes. Aos colegas do museu: Célia, Fernando, Joana, Gustavo, Maria José, Mariana, Roberta, Roberto e Thaddeus pelo companheirismo e solidariedade que sempre manifestaram e pelos momentos divertidos que proporcionaram. Ao Luiz, meu “amigo de fé” (e de mé!) e colega de orientação, quero deixar um agradecimento especial, pois sua amizade ultrapassou os limites do Museu, tornando a minha experiência dentro e fora desta instituição, 100% melhor.

Fora do Museu outras pessoas também foram importantes para a realização desta dissertação. Entre elas, a minha amiga Karina que hospedou-me em sua casa sempre que precisava de um pouso no Rio e emprestou-me o seu scanner ( por dois longos anos ), e o Fernando, que pacientemente suportou o sacrifício de namorar uma mestranda, provando mais uma vez ser um grande, sábio e insubstituível companheiro.

Aos meus pais maravilhosos que desde os meus 12 anos deram-me apoio para fazer aquilo que me entusiasmava, mesmo que não desse dinheiro. Ao meu pai, particularmente, quero agradecer a ajuda, sempre carinhosa, na tradução de textos alemães e na reflexão sobre a cultura alemã. Sem ele este trabalho não poderia ter sido realizado.

## INTRODUÇÃO

“ A minha pessoa porém não oferece nenhum interesse à sciencia: os assumptos com que me occupo nos meus estudos, estes sim. Portanto queira desculpar-me se lhe digo desde já com toda franqueza que não desejo ver o meu retrato em parte alguma e o meu nome só debaixo de trabalhos feitos por mim.” (carta de Nimuendajú para Fernando de Azevedo de 19 de outubro de 1936, 1970:199)

Diante dessa afirmação tão popularmente conhecida, não poderia começar esta dissertação, que em todos os sentidos contraria a vontade deste pesquisador, sem uma justificativa para tal atitude. Antes porém, gostaria de contar como cheguei à escolha deste objeto de estudo

Logo no início do curso de mestrado, quando assistia a disciplina de TAI, interessei-me de forma particular pela posição marginal da antropologia alemã na História da teoria antropológica. Desmotivei-me, entretanto, quando verifiquei que tal tema só raramente era tratado, aparecendo apenas em capítulos e artigos isolados. Simultaneamente, iniciando-me na etnologia, esbarrei novamente na tradição etnográfica alemã que tantas contribuições havia feito à disciplina no Brasil. Foi quando veio parar nas minhas mãos, a coleção praticamente completa da revista *Globus*, publicada na Alemanha entre os anos de 1860 e 19101. Essa coleção, que consiste numa síntese ilustrada das explorações geográficas e etnográficas realizadas por alemães nesse período, revelou-se uma fonte preciosa sobre este momento de apogeu e declínio da etnografia alemã, e a minha ingenuidade intelectual levou-me diretamente a pensar numa pesquisa sobre a Etnografia alemã no Brasil.

O meu entusiasmo não foi compartilhado pelo meu orientador, Carlos Fausto, que ao ouvir tal idéia, no mínimo pretensiosa, sugeriu que trabalhasse com Curt Nimuendajú, argumentando que o arquivo se encontrava no Museu Nacional. Isto foi de fato uma informação que desconhecia, mas confesso que a vida/obra de Nimuendajú, não me parecia

---

<sup>1</sup> Vale informar que não se tratava de uma coleção qualquer, mas da coleção que pertenceu a Herbert Baldus, o que pude constatar através de notas e recibos assinados por este, encontrados no interior de suas páginas.

poder estabelecer relações ou levantar reflexões sobre a etnologia alemã do século XIX; afinal ele era um “alemão de nascimento”, um “brasileiro por adoção”, um “índio por identidade e afeição” (C.Emmerich & Y.Leite, 1981:30) e acima de tudo um autodidata. Diante da minha recusa inicial, Carlos sugeriu que fizesse um levantamento bibliográfico sobre o tema que pretendia desenvolver, e na semana seguinte eu voltei, reconhecendo que tal tarefa estava muito além da minha capacidade e possibilidade. Conversamos mais um pouco e decidimos fazer um trabalho comparando as trajetórias de von den Steinen e Nimuendajú, o que me deixou bastante animada, pois apreenderia o momento que tanto me atraía, e por outro, incluiria o desenvolvimento dessa tradição no Brasil.

O passo seguinte foi conhecer o famoso e esquecido arquivo de Nimuendajú, e a partir daí nenhum outro projeto mais foi seguido. Conforme fui me familiarizando com esta personagem do qual eu só conhecia o mapa etno-histórico, von den Steinen foi ficando cada vez mais em segundo plano, até que finalmente foi abandonado. Ao contrário do que uma vida de autodidata do início do século XX poderia sugerir, percebi que Nimuendajú era um herdeiro, digamos, bastardo da tradição etnológica alemã do século XIX, que deixou herdeiros legítimos na tradição etnológica brasileira, da qual foi um dos fundadores. Assim, se em vida ele acreditava que somente seus resultados eram dignos de interesse científico, após sua morte, diante do seu papel no desenvolvimento da disciplina no Brasil, a sua pessoa torna-se de interesse da “ciência”.

### História e conteúdo do Arquivo Curt Nimuendajú

Complementar à vida de Curt Nimuendajú, mas nem por isso menos negligenciada e misteriosa, é a história do seu arquivo.

Na ocasião de sua morte, os inspetores do Serviço de Proteção aos Índios de Belém, José Maria da Gama Malcher, e de Manaus, Alberto Pizarro Jacobina (autorizados pela viúva) encarregaram Nunes Pereira de recuperar os documentos deixados em campo, que se encontravam em posse do Juiz de Direito e do tabelião de São Paulo de Olivença.

Sobre os documentos encontrados, Nunes Pereira chamou atenção para a monografia sobre os Tukúna que segundo ele foi rabiscada “por um padre leviano, crápula

e sacrílego,” e também “algumas páginas” de um “Diário Erótico”, de autoria do cientista<sup>2</sup>. Mas ele também chamou atenção para a ausência de um diário de viagem, que seria testemunha de suas últimas atividades: “...intriga-nos não termos encontrado entre os seus papéis, manuscritos e livros uma fonte, evidentemente preciosa, para a reconstituição das suas atividades antes do desfecho da sua existência.” (Nunes Pereira, 1967:448). Motivado por mais esse mistério, Nunes Pereira deu início a uma investigação “particular” sobre a morte de Nimuendajú, mas infelizmente a publicação dos resultados dessa investigação ficou nos planos do investigador, que até o final de sua vida defendeu a versão de assassinato por motivos passionais<sup>3</sup>.

Diante do interesse manifestado por pesquisadores americanos em adquirir os documentos do espólio, Malcher entrou em contato com Heloísa Alberto Torres para propor que o Museu Nacional o adquirisse (Arnaud, 1983/84:60). Embora Heloísa Torres tenha concordado com a compra, o acervo não foi imediatamente adquirido pelo Museu. A partir desta data, o Museu Nacional passou a enviar para Jovelina, a viúva de Nimuendajú, a quantia mensal de Cr\$ 1.0000,00, até por volta de 1950, quando ocorreu a compra definitiva do acervo pela importância de Cr\$ 80.000,004. Até essa data, o espólio de Curt Nimuendajú permaneceu em sua casa sob os cuidados de Jovelina (Nunes Pereira, 1967).

Ao chegar no Museu Nacional, o acervo foi imediatamente repartido: livros e impressos foram enviados à Biblioteca do Museu, e o restante, fotografias, manuscritos e cartas, depositado no Armário MN DA 189. Em fins da década de 70, com a aquisição do

---

<sup>2</sup> O próprio Nunes Pereira confirma que estas páginas não foram arroladas ao espólio. Entretanto suspeito que tais não fossem as folhas do diário, mas sim uma compilação datilografada, cujo o original está no arquivo.

<sup>3</sup> “Noutra ocasião, em documento que pretendemos submeter à consideração pública, trataremos circunstancialmente da morte de Curt Nimuendajú, mas cumpre-nos esclarecer desde logo, que todas as peças do espólio foram entregues ao juiz competente, em Belém do Pará, onde o cientista residia.” (Nunes Pereira, 1967:448). Um ano antes de sua morte, Nunes Pereira confirmaria a versão de assassinato em entrevista à Mariza Correa (1985)

<sup>4</sup> Segundo Expedicto Arnaud, o dinheiro foi utilizado para a compra de uma nova casa para Jovelina, “pois aquela que o marido lhe havia deixado já tinha ela vendido”. Em fins da década de 60, a viúva foi novamente encontrada “em estado de penúria”: não possuía mais a casa e residia numa casa de família trabalhando como lavadeira. Em atenção a um pedido do Sr. Miguel Silva, funcionário do Museu Goeldi, ela foi então beneficiada com uma pensão concedida pelo Governo do Pará. “Em complementação a essa parca remuneração, os pesquisadores do departamento de Antropologia do Museu passaram a lhe proporcionar uma ajuda mensalmente. Mas considerando as condições precárias em que ela vivia, o Dr. Luiz Scaff, Diretor do Museu, após haver possibilitado seu tratamento no Hospital da Santa Casa da Misericórdia, conseguiu interná-la no Asilo D. Macedo Costa, onde ela terminou tranquilamente os seus dias, em 1972.”(Arnaud, 1983/84; 60)

arquivo de Heloísa Alberto Torres, alguns outros manuscritos de Nimuendajú foram encontrados e incorporados ao arquivo. 5.

Em 1981 por iniciativa de Ana M. Heye foi realizado um arrolamento prévio deste material para que no ano seguinte, com a aquisição de um arquivo adequado ele pudesse ser separado e catalogado<sup>6</sup>. Procedeu-se assim uma segunda repartição do arquivo: em material etnográfico e material lingüístico. Em abril de 1983, por ocasião do centenário de Curt Nimuendajú as professoras Charlotte Emmerich e Ana Heye conseguiram recursos financeiros do CNPq para microfilmar grande parte do acervo etnográfico e lingüístico. Por esta mesma época, por iniciativa do cineasta Geraldo Sarno que estava interessado em realizar um filme sobre Curt Nimuendajú, parte do material fotográfico foi restaurado e reproduzido.

Em junho de 1985, com o afastamento de Ana M. Heye do setor de Etnografia, conforme ofício da responsável pelo Setor de Etnografia, professora Maria Heloísa Fenelon Costa à chefe do D.A. da época, professora Giralda Seyferth, a responsabilidade formal pelo arquivo etnográfico e lingüístico foi transferida para os professores Eduardo Viveiros de Castro e Charlotte Emmerich. Dez anos mais tarde, foi realizado um novo levantamento e organização do material microfilmado<sup>7</sup>.

Mas apesar de todo esse histórico de levantamentos, organizações e microfilmagens, quando iniciei a pesquisa no arquivo, em abril de 1999, não dispus de nenhum tipo de levantamento que instruisse a minha consulta. Comecei então através dos microfilmes, guiada pelas fichas que indicavam o seu conteúdo. Todavia, nessas mesmas fichas, pude constatar que certos documentos significativos não haviam sido microfilmados, como por exemplo, os diários de 1911, 1912, 1913, 1918, 1923, 1942 e 1943; as cartas de Lévi-Strauss e Herbert Baldus; e a cartilha de alfabetização do capitão Guarani José Honório, de

---

<sup>5</sup> Conforme o relatório de Charlotte Emmerich, enviado em maio de 1998 ao chefe do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, esses manuscritos seriam: a versão traduzida de “Fragmentos da Religião e Tradição dos Índios Sipaia” e a Coletânea de 107 Lendas Indígenas.

<sup>6</sup> Este trabalho foi feito por Ana Heye, Divanilda Moreira de Lima e Marcos Antonio Rezende Maia.

<sup>7</sup> Nas palavras de Charlotte Emerich (relatório, 05/98), “... ainda durante o ano de 1995, tomei algumas providências necessárias à boa conservação do acervo: O vasto arquivo lingüístico foi totalmente reorganizado e modernizado; o acervo etnográfico foi submetido a um minucioso levantamento resultando na elaboração de um novo fichário, atualizado, com o acréscimo de documentos sobre a vida e obra de Curt Nimuendajú.”

1907. Percebi então que não poderia me limitar ao material microfilmado, pois correria o risco de deixar escapar documentos realmente valiosos, e, como a ausência de um levantamento do conteúdo integral do arquivo obrigava-me a esmiuçar cada pasta, resolvi aproveitar o tempo despendido nessa tarefa, para destacar os documentos que porventura não tivessem ainda sido identificados.

Neste mesmo momento, iniciei uma pesquisa paralela para o Museu Nacional de Etnologia de Lisboa, que me despertou o interesse pelo material fotográfico de Nimuendajú que se encontrava no antológico Armário MN DA 189, localizado ao lado do arquivo documental.

Para minha surpresa, este armário não continha somente fotos e negativos, mas cadernos, cartas, impressos e manuscritos de Nimuendajú. Tudo devidamente separado por pastas, alojadas em caixas identificadas por letras. Após uma observação rápida, constatei que grande parte era material compilado, o que amenizaria o fato desse material ter ficado assim escondido. Continuei bisbilhotando e logo surgiram novas surpresas. As maiores e mais valiosas foram um caderno, repleto de recortes de jornais da época em que morou em São Paulo (1908-1913) e uma pasta com cerca de 100 cartas particulares de Nimuendajú remetidas por sua esposa Jovelina, sua irmã Olga e suas amigas. A “descoberta” desse material já descoberto instigou-me profundamente, afinal, por que esse material não estava junto com os demais documentos ? E principalmente, porque ninguém sabia dele ?

Confesso que não foi preciso muita investigação para responder a tais perguntas, pois no mesmo armário encontrei os relatórios produzidos por Ana Heye e sua equipe, responsáveis pelo primeiro arrolamento. De acordo com os relatórios, esse material foi descoberto na Biblioteca do Museu, junto aos livros de Nimuendajú e imediatamente transferido para o Armário MN-DA 189, que até então guardava somente o material fotográfico. Com a morte de Ana Heye, o mesmo não chegou a ser integrado ao arquivo, e assim ele ficou esquecido no armário até os dias de hoje.

O levantamento que apresento como apêndice oferece uma visão completa do conteúdo integral do arquivo etnográfico Curt Nimuendajú e também do Armário MN DA 189. Espero com isso não só incentivar e facilitar a consulta deste material, mas também o planejamento de uma organização completa e definitiva do arquivo.

## Material utilizado : diários e correspondências

Após a publicação dos famosos diários de Malinowski, os diários de campo passaram a ser vistos como um instrumento extremamente valioso para se alcançar uma plena compreensão das motivações de um pesquisador e, também, das estratégias de pesquisa adotadas em campo. Mesmo sendo reconhecidamente um instrumento da pesquisa antropológica, tradicionalmente os diários de campo aludem àquele gênero de relatos pessoais, que tendo sido escritos para si mesmos, teriam o poder não só de revelar compromissos planos de trabalho e atormentados rascunhos cotidianos, mas também de alcançar, com base na transparência das indagações e anotações emblemáticas, as possíveis intuições iluminadoras do seu autor. Paradoxalmente quanto mais íntimos, quanto mais tivessem sido escritos para não serem lidos, mais interessantes seriam esses diários.

Ao contrário dos famosos diários de Malinowski, que nos cansam com sua narrativa de sonhos, humores e sentimentos cotidianos, ou dos diários de Darcy Ribeiro, saturado de sentimentalismo e desesperança, os diários de Nimuendajú são estritamente diários de viagens, com descrições pontuais sobre o decorrer da pesquisa e da viagem: data, hora e local da partida e chegada, locais de almoço, locais de repouso, encontros e gastos.

O diários consultados<sup>8</sup>, apesar de terem sido escritos em contextos e momentos diferentes, apresentam um formato bastante homogêneo. Escritos invariavelmente em alemão, eles caracterizam-se pela utilização simultânea do início e do fim dos cadernos, organizando de um lado as coordenadas geográficas e croquis hidrográficos, e do outro os apontamentos lingüísticos e registros cotidianos. É claro que, vez ou outra, encontram-se, em meio à esses registros pontuais, algumas descrições mais extensas ou anotações isoladas, tomadas provavelmente em alguma situação inesperada, ou num lampejo de

---

<sup>8</sup> Diário 1911 (Coroados); Diário 1912/13; Diário 1913: Mato Grosso; Diário 1918, Xingu ( Sipaya); Diário 1923, Tupi do rio Machado (Parintintins, Cachuânanes, Maue); Diário 1923, Viagem Maué (1923/24); Diário 1924, “*Zweite Tapajoz Reise*”; Diário 1923: “*Reise nach Guayana*”; Diário 1924 A: “*Tapajos Reise*”; Diário 1926 II: “*2 CURT NIMUENDAJU ITINERARE*” (cartografia da região do rio Madeira); Diário 1927 - “*Rio Negro – Reise*”; Diário 1927: Rios Negro, Içana, Ayary; Diário 1929 (Apinayé, Pikoby, Kreäpinkateye, Guajajara e Canelas); Diário 1936: “*VI- Timbira Reise*”; Diário 1928: (Karajá, rio Mearim, Barra da Corda.); Diário 1929: Canelas; Diário 1938, Botocudo; Diário 1939 Kayapó; Diário 1941: “*2 Tukuna – Reise*”; Diário 1942: Ticuna.

memória. Mas via de regra as anotações propriamente descritivas eram feitas em simples cadernos (cadernetas de campo), que posteriormente eram organizados e compilados<sup>9</sup>.

Mas se por um lado, como disse acima, os diários de Nimuendajú nos dizem pouco sobre os fenômenos etnograficamente observados ou sobre sua reflexão teórica em campo, por outro, informam privilegiadamente sobre a sua rotina de pesquisa e coleta de dados. Muito mais poderia ser extraído desses diários, se lhes fossem aplicada uma análise particular, realizada por alguém que tenha tido experiência de campo com os grupos a que se referem, e que pudesse assim compreender as suas particularidades. Entretanto, este não foi o meu caso.

Em todo caso, esse material que registra pontualmente o cotidiano de Nimuendajú nas aldeias, complementa as suas monografias que tão pouco nos dizem sobre a realização de seu trabalho de campo, permitindo, por sua vez, descobrir as razões que o levaram “...to suppose that nowadays the jungle and the silent waters of the trayng evidence, conceal the secrets of many lovers whose parents suspect nothing” (Nimuendajú, 1952:95).

Curiosamente foi o conteúdo íntimo e particular da maioria dos seus diários que os deixaram esquecidos na sombra do misterioso Diário Erótico aludido por Nunes Pereira. Segundo contavam as estórias, esse material teria sido protegido do público por Heloísa Alberto Torres e depois de sua morte ninguém mais saberia do seu paradeiro. Tanto mistério sobre seu destino, tanta certeza sobre sua existência, e nada além de conversas nos bastidores acadêmicos, contadas sempre em sigilo.

Alguns diziam que estava na Alemanha, outros diziam que havia sido destruído (por Heloísa Torres) para proteger a imagem do pesquisador e de outras pessoas envolvidas, mas nem Nunes Pereira, que dizia ser possuidor de parte desse diário, tornou tais documentos conhecidos. Após insistentes tentativas de investigação sobre o paradeiro desse material, quando finalmente desliguei-me dessa procura e passei a dedicar a devida atenção aos diários de campo, deparei-me com um conteúdo que corroborava não só a idéia de um diário erótico, mas de vários. É importante salientar, no entanto, que não se trata de

---

<sup>9</sup> Por razões de ordem prática (rasuras, letra ilegível, ou simplesmente o péssimo estado de conservação desses documentos), não detive minha atenção nos poucos cadernos de campo existentes no arquivo. A saber: Ramkokamekra (1931 II; 1933; 1935), Apinayé (1931) Kaidngygn, Sagen der Tembé (1916) e Xerente (1936/37).

descrições coloridas, densas e sentimentalistas, e principalmente que não são diários eróticos no “sentido estrito do termo”. Não obstante a quantidade de intimidade descrita, são diários de viagens, que incluem em seus registros de campo (compras, doenças, datas), o contato físico (beijos, abraços, carícias) entre Nimuendajú e suas “amigas”.

Portanto, o que a primeira vista parece ser somente uma relato curto sobre as aventuras sexuais de um homem cujo assunto predileto era mulher (Corrêa, 1985:334), mostra-se um pouco mais complexo, quando analisado em seu conjunto, pois suas anotações são cercadas de símbolos e códigos, como corações, triângulos, letras e seios<sup>10</sup>. Embora a coleta desses dados não tenha respeitado uma questão pré-estabelecida, o registros dos mesmos apresentam-se de forma a sugerir o esboço de uma enquete. Curiosamente um dos poucos livros de etnologia não ameríndia que Nimuendajú possuía era *A Vida Sexual dos Selvagens*, de Malinowski. Quem sabe não pensasse ele em produzir algo semelhante ?

Devo dizer, no entanto, que nenhum desses diários possui forma e conteúdo que incentivem a sua publicação. Isto porque a publicação de diários envolve, necessariamente, em algum tipo de edição e reorganização, que obscurece justamente aquilo que é o valor dos diários de campo, ou seja, sua organização, mesmo que desorganizada, confusa e redundante, dos dados.

As correspondências de Nimuendajú, por sua vez, possuem um valor significativo pelo fato que foi exclusivamente por cartas que ele estabeleceu contato com a maior parte de seus ilustres interlocutores, que nunca o conheceram pessoalmente, como por exemplo Herbert Baldus, Robert Lowie, Erland Nordenskiöld e Alfred Métraux.

As cópias das suas cartas, sempre datilografadas, e as cartas recebidas eram guardadas em grandes fichários, sendo nas últimas assinaladas a data em que foi respondida. Tal cuidado não era somente capricho, mas proteção contra eventuais extravios, visto que praticamente todas as propostas e contratos de trabalho, assim como vendas de coleções e publicações, eram efetivados por correspondência. Mesmo quando não tinham essa finalidade, as cartas continuavam a ter importância, pois constituíam verdadeiros

---

<sup>10</sup> No caso dos diários Tukúna (1941 e 1942), esses registros foram posteriormente selecionados e datilografados.

documentos etnográficos, funcionando em muitos casos como uma espécie de diário, onde as narrativas sobre o cotidiano é invadida por opiniões e comentários particulares<sup>11</sup>.

O Arquivo Nimuendajú abriga centenas de cartas, sendo que dessas apenas uma meia dúzia são anteriores à 1933<sup>12</sup>. Todavia por informações que nos chegam por outras fontes, sabemos dos seus contatos anteriores com os amigos e parentes de Jena (Capeller, 1963), das cartas “indigenistas”(Nimuendajú, 1982), e do contato com Koch Grünberg (Hartmann 2000; diário 1923), Tastevin (Faulhauber, 1997; diário 1923 e 24), Paul Rivet (diário 1923; JSA, 18 [1925]), Martin Gusinde (diário 1923), Carlos Estevão (Hartmann, 2000), Wilhelm Koppers (Anthropos, 24 [1929]), Fritz Krause (diário 1923), Erland Nordenskiöld (diário 1923) e Snethlage (provavelmente Emilia, diário 1923).

As correspondências do arquivo apreendem, portanto, um momento já bastante amadurecido de Nimuendajú, quando este já tinha sua fama feita na Alemanha e recém iniciara suas pesquisas entre os Jê. Entre os correspondentes estavam representantes de todas as áreas de estudo que de alguma maneira contribuía para o conhecimento etnológico sul-americano. Assim Nimuendajú discutia lingüística com missionários (Albert Kruse, Protásio Frickel) e lingüístas (Loukotka, Mansur Guérios), arqueologia com arqueólogos (Antonio Mordini, Helen Palmatary), indigenismo com funcionários oficiais ativos e afastados (Horta Barbosa, Raimundo e Marcelino Miranda, Eduardo Hoerthan, Gama Malcher) e por fim, etnografia com etnólogos. Este último grupo, que abrange a maior parte de suas correspondências, é constituído por pesquisadores alemães residentes no Brasil (Baldus, Schultz) e na Alemanha (Fritz Krause, H. Snethlage, W. Krickeberg, H. Dengler), por estudantes suecos relacionados ao Museu de Gotemburgo ou à Nordenkiöld (Walter Kaudern, Henry Wassen, Karl Izikowitz, Styg Ryden), por americanos (Jules Henry, Lowie, Charles Wagley) e por brasileiros (Carlos Estevão, Heloísa Alberto Torres, Eduardo Galvão).

As cartas de Nimuendajú consistem num material extremamente rico e valioso, pois quando não fornecem um relato preciso e detalhado daquilo que observara em campo, expõem com bastante objetividade os projetos em andamento e seus planos futuros. Por

<sup>11</sup> Apesar de receber cartas em francês e inglês, Nimuendajú só respondia em português ou alemão. Durante os anos críticos da Segunda Guerra, a perseguição política levou-o a privilegiar a primeira língua.

<sup>12</sup> Justamente àquelas dirigidas ao MN e que provavelmente foram recuperadas nos arquivos desta instituição.

essa razão optei por utilizá-las como fonte principal para apreender a trajetória profissional de Nimuendajú, bem como, a construção de seu conhecimento através de seus ilustres interlocutores. Assim penso ter me poupado de uma análise sistemática desse material, ao mesmo tempo em que chamo atenção para o potencial de análise do mesmo, apontando para os seus pontos mais significativos. Uma coisa pode ser destacada: a análise das cartas enfraquece a idéia de passividade intelectual de Nimuendajú diante de seus interlocutores demonstrando o seu papel incentivador e até orientador. Ela também nos aponta o conhecimento enciclopédico de Nimuendajú sobre etnologia brasileira, que lhe trazia a função de informar sobre condições de campo e de fornecer referências etnográficas sobre determinados grupos. Ele era sem dúvida, a maior autoridade etnológica do século passado.

Uma breve retrospectiva bibliográfica

Como bem disse Viveiros de Castro:

"Muito já se escreveu sobre Nimuendajú e a aura que cerca seu nome cada vez mais transborda os limites da etnologia, ganhando foros de lenda tanto maiores quanto mais se substitui a freqüentação de seus trabalhos por evocações rituais de seus méritos e por uma tradição confusa sobre sua personalidade e biografia. A vida-obra de Nimuendajú ainda está a espera de um estudo que lhe faça justiça: à parte alguns curtos ensaios sobre aspectos específicos de suas pesquisas, o que se tem são necrológicos e outros textos de circunstância, reivindicações totêmicas e toda uma hagiologia folclórica própria do metier, exprimindo muito mais os mitos e tensões inerentes ao campo antropológico-indigenista que qualquer outra coisa." (Viveiros de Castro, 1987: xviii)

Obviamente, tal consideração não incluiu os trabalhos de Grupioni e Dungs, escritos alguns anos mais tarde, mas aplica-se às dezenas de artigos anteriores, que em sua grande maioria, não fazem mais do que reproduzir sinteticamente o que já havia sido escrito sobre Curt Nimuendajú (ver bibliografia). Alguns destes entretanto, constituem fontes primordiais de informações por terem sido produzidos por pessoas que estabeleceram alguma relação com o pesquisador, como Nunes Pereira (1946), Baldus (1946), Metraux

(1950) Lowie (1959), Expedito Arnaud (1983/84), Edelweiss (1971), e Mansur Guérios (1948).

O ensaio escrito pelo amigo Nunes Pereira, temperado com sua germanofilia, remonta ao Curt Unckel da idílica cidade de Jena, denunciando aspectos da sua personalidade romântica. Baldus, por sua vez, procurou sempre sintetizar sua trajetória, colorindo-a com aspectos de sua personalidade exótica. Os demais autores contribuíram fornecendo dados concretos sobre a interlocução mantida com Nimuendajú.

Alguns outros autores, como Egon Schaden e Fritz Cappeller, também são importantes por revelarem informações inéditas. Na Alemanha, Cappeller produziu o seu informe sobre o “Grande Pesquisador de Índios” (1963), fornecendo as primeiras informações biográficas sobre a infância e adolescência de Curt Unckel. Seguindo a linha de Nunes Pereira, Cappeller também retomou as particularidades românticas da cidade natal de Curt, introduzindo a figura do cientista Ernst Haeckel, e o interesse científico dos alemães desta época pelas Américas. Egon Schaden (1954;1966;1968;1973), privilegiado pela amizade com Baldus e pela experiência em campo com os Guarani, apresentou outras informações específicas sobre as amizades de Nimuendajú em São Paulo e sobre suas atitudes em campo.

Em 1979, foi publicado o livro “Brüder der Indianer” ( Irmão dos Índios ) escrito pelo jornalista George Menschen. Mas apesar de ter sido fruto de uma boa pesquisa jornalística, não constitui academicamente um material confiável, pois faltam referências às fontes e sua narrativa é intencionalmente romancesca e fictícia.

Durante a década de 80, surgiram os demais textos de circunstâncias, preocupados em homenagear e lembrar o centenário de Nimuendajú ou salientar a necessidade de se tornar acessíveis os seus trabalhos publicados em alemão, e mais ainda, os seus manuscritos “inéditos”.

Na década seguinte, dois novos autores, propuseram-se pela primeira vez a interpretar o trabalho de Nimuendajú não somente com base nas suas biografias e publicações, mas através da pesquisa em seu arquivo. Foram as teses de doutorado de Friedrich Dungs (1991) e Luis Donisete Grupioni (1998). Grupioni, apesar de não estar especificamente interessado na figura de Curt Nimuendajú, mas sim nas suas relações com

o Conselho de Expedições Científicas, conseguiu de fato dar sentido ao que ele sensivelmente coletou das correspondências, construindo assim uma interpretação bem argumentada. Dungs, por outro lado, dedicou sua tese inteira a este pesquisador, mas em termos analíticos não obteve o mesmo sucesso. Mesmo dominando os dois idiomas utilizados por Nimuendajú o que lhe dava uma certa vantagem não só na investigação do arquivo mas também na leitura do material não traduzido, Dungs não conseguiu encaixar, ou ao menos relacionar, as informações coletadas com a história da disciplina e o seu momento histórico. A sua pouca familiaridade com a etnologia brasileira e com a própria etnologia em geral, e a sua ânsia em exaltar as qualidades e méritos de Nimuendajú, não permitiram que ele percebesse o real sentido daquele montante de dados que ele coletou, ao longo de sua pesquisa. Dessa forma, ao invés de reconhecer Nimuendajú como um autêntico produto de sua socialização, ele procurou demonstrar que ele estava a frente do seu tempo. Em todo caso este trabalho constitui uma boa síntese biográfica e também um boa amostra sobre o material existente no Arquivo.

Se existe algum ponto comum entre todas as biografias de Nimuendajú é a referência ao seu autodidatismo e a sua marginalidade acadêmica, apoiada exclusivamente na sua clássica declaração à Baldus.

“ Quer que lhe mande uma história da minha vida ? É simples - Nasci em Jena, no ano de 1883, não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente até 1913 São Paulo, e depois Belém do Pará, e em todo o resto foi, até hoje, uma série ininterrupta de explorações , das quais enunciei na lista aquelas de que me lembro. Fotografia minha não tenho.” (Baldus, 1946:36)

Todavia, apesar de verdadeira, essa constatação merece ser mais profundamente analisada, pois a sua simples aceitação nos leva a conclusões precipitadas e equívocas.

Assim, embora tenha reconhecido que suas descrições favorecessem interpretações funcionalistas, Melatti sugeriu que Curt Nimuendajú, assim como as sociedades Jê, poderia ser definido pela negativa: “não tinha curso universitário, não era docente de instituições acadêmicas, e não podia ser definido por nenhuma orientação teórica que então florescia, pois não era evolucionista, nem difusionista, funcionalista ou estudioso das relações entre cultura e personalidade.”(1985:10). Para este autor, “Nimuendajú não tinha compromissos

teóricos que o desviassem daquilo que os próprios índios lhe faziam sentir ao espírito observador como o foco motivador de sua existência.”(1985:18).

Mas se para Melatti, este desprendimento acadêmico serviria para explicar a sensibilidade e qualidade de sua etnografia liberta de pressupostos teóricos, para Florestan Fernandes a “falta de um sólido preparo especializado” seria responsável também pelas “limitações de sua produção etnológica” evidenciadas pelo pouco esforço interpretativo empregado nas suas monografias (1958:17). De fato, apesar das monografias de Nimuendajú constituírem matéria obrigatória para qualquer etnólogo que trabalhe com algum dos grupos estudados por ele, elas não surpreendem pelo questionamento teórico, mas sim pela descrição rica e objetiva. Seu estilo monográfico comprometido com a “salvage anthropology” vigente na sua época, não se preocupava em informar objetivamente sobre as condições em que a pesquisa fora feita, nem sobre sua metodologia e, ao contrário da narrativa sedutora de Malinowski, que transporta o leitor para a vida tribal, Nimuendajú trazia a vida tribal para o leitor, ilustrando da melhor forma possível sua cultura material, língua e religião, e despreocupando-se com o estilo literário.

No decorrer desta dissertação perceberemos que embora não tenha sido discípulo direto de nenhum teórico, Nimuendajú guiou-se (autodidaticamente) pelos princípios da moderne Ethnologie concebida por Bastian, introduzida no Brasil por von den Steinen e desenvolvida por toda uma geração de pesquisadores alemães orientados pelas teses histórico-culturais. Naquele momento, estes pesquisadores eram os únicos que propunham algum tipo de quadro teórico para a etnologia americanista baseada em trabalhos etnográficos. Consequentemente, a limitação teórica de Nimuendajú deve ser encarada como resultado menos de seu autodidatismo e mais de sua visão essencialmente americanista, que o restringia aos materiais produzidos sobre esta área, de forma a coletar o maior número de dados confiáveis e homogêneos de diferentes regiões do continente. Pensando assim fica mais fácil entender porque alguém que tão precocemente reconheceu o talento de Lévi-Strauss, quando este escreveu sobre os Bororo, não tenha também se surpreendido com Malinowski e Boas.

Como sabemos, foi somente na década de 30 que se iniciou a formação acadêmica das Ciências Sociais no Brasil. Até este momento, não havia cátedra que pudesse ser

assistida e nem mesmo pesquisadores (nacionais) para ocupá-la. Portanto, quando a Etnologia começou a se “academizar”, Nimuendajú já se consagrara como a maior autoridade etnológica do Brasil, e como veremos isto não foi ignorado pelas instituições brasileiras (ELSP, MP, MEG e MN), que de formas diferentes procuraram estabelecer uma relação menos “comercial” e mais acadêmica com ele. Castro Faria nos lembra que quando iniciou o estágio no Museu Nacional (1937) uma das grandes dificuldades era a limitada bibliografia etnográfica acessível aos alunos. “Além disso, os trabalhos em português, quando apresentavam uma visão mais ampla e integrativa, eram de natureza histórica...”. Dessa forma “ O [ trabalho] de Rodolfo Garcia<sup>13</sup>, apoiado numa bibliografia de 144 títulos que inclui todos os clássicos – Martius, von den Steinen, Ehrenreich, Koch-Grünberg, Krause, Nordenskiöld, Rivet e outros- representou, de fato, durante muitos anos, o que de melhor se podia consultar a respeito da produção de conhecimentos sobre os grupos indígenas do Brasil.”(Castro Faria, 1993:17)

Mas apesar das tímidas iniciativas paulistas, intermediadas por Herbert Baldus, e da insistência de Heloísa Alberto Torres, Nimuendajú sempre procurou escapar da vida acadêmica e um dos motivos que contribuiu para isso foi o fato de tais instituições estarem localizadas em grandes centros urbanos no sul do país, o que tornaria sua vida mais cara e seu trabalho de campo mais difícil<sup>14</sup>. Mas é provável que este não tenha sido o único motivo. Certa vez, quando Nunes Pereira lhe propôs que desse um curso de etnografia para os alunos da faculdade de Direito do Pará, Nimuendajú não exitou em impor suas condições: “Jamais ocupei uma cátedra; tudo o que aprendi acerca de índios foi no meio deles, sôbre uma esteira. Se os rapazes quiserem que lhes ensine o que aprendi, terão que se sentar aqui comigo...”(Nunes Pereira 1946:11).

Podemos supor, portanto, que tendo sido formado em uma tradição de “mandarins”<sup>15</sup>, Nimuendajú tenha se intimidado perante o ambiente acadêmico. Como autodidata que foi, não se sentia apto a lecionar. Em curtas palavras não podia dar o que não teve.

<sup>13</sup> “Etnografia Indígena”, Dicionário Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil (vol. I:129-277)

<sup>14</sup> Conforme os depoimentos de Castro Faria (em entrevista), Nunes Pereira (1946), Malcher e Arnaud (Dungs, 1991), Nimuendajú era assumidamente uma homem do interior, de vida simples, mas não sedentária .

<sup>15</sup> “Elite social e cultural que deve seu status muito mais às qualificações educacionais do que à riqueza ou aos direitos hereditários” (Ringer, 2001; 22)

A ausência de vínculos acadêmicos com as instituições nacionais fez com que Nimuendajú assumisse também uma posição única na história da nossa antropologia. Apesar de ser atualmente reconhecido como um dos fundadores da etnologia brasileira, ele é uma figura isolada, representante do período heróico da antropologia no Brasil (anos 20 e 30), quando então a profissão de antropólogo e o campo antropológico ainda não haviam se institucionalizado (Cardoso de Oliveira, 1988). Tomado como herói da etnologia brasileira, Nimuendajú não consolidou linhagens e aqueles que poderiam ser reconhecidos como discípulos “informais”, aparecem antes como parte de sua legião de admiradores<sup>16</sup>. Por conseguinte, o que deveria ser atribuído a uma influência direta, aparece como mera semelhança. Assim, Roberto Cardoso de Oliveira (1988), reconheceu que o trabalho de Nimuendajú poderia ser caracterizado por uma etnologia indígena culturalista de orientação bastante funcionalista, semelhante a de Baldus, Schaden, Wagley e Galvão.

#### A dissertação

A presente pesquisa é, enfim, uma tentativa de análise da atividade e produção etnográfica de Nimuendajú, a partir de sua trajetória de vida e do contexto de sua profissionalização. Não pude fugir dos moldes biográficos que impregnam a bibliografia sobre Nimuendajú, mas procurei fazê-lo de forma que toda a sua formação, e não apenas uma faceta ou período, fosse privilegiado. Além disso procurei construir a narrativa sobre a sua história de vida, fiando-me sempre que possível, em depoimentos do próprio Nimuendajú ou de pessoas diretamente envolvidas. Talvez por isso tenha exagerado nas transcrições, mas penso que isto servirá para ilustrar e familiarizar o leitor com este personagem que tem sua vida sempre parcialmente sintetizada em pouquíssimas páginas.

Os dois primeiros capítulos desta dissertação, de caráter histórico-biográfico, procuram, respeitando a ordem cronológica dos acontecimentos, reconhecer as influências pessoais que motivaram Nimuendajú, assim como, o momento histórico dentro do qual ele desenvolveu suas atividades.

---

<sup>16</sup> Carlos Estevão, Harald Schultz, Herbert Baldus, Nunes Pereira, Eurico de Melo Fernandes, Expedito Arnaud.

No primeiro capítulo, apresento uma breve visão do tempo e do espaço de socialização de Curt Unckel na Alemanha, guiada pelo desenvolvimento da Etnologia neste país. Essa contextualização foi necessária por dois motivos: primeiro, para percebermos o quadro referencial de imagens e conceitos trazidos por Curt Unckel da Alemanha. Segundo, para que pudesse mapear intelectualmente alguns personagens que estão relacionados à Nimuendajú

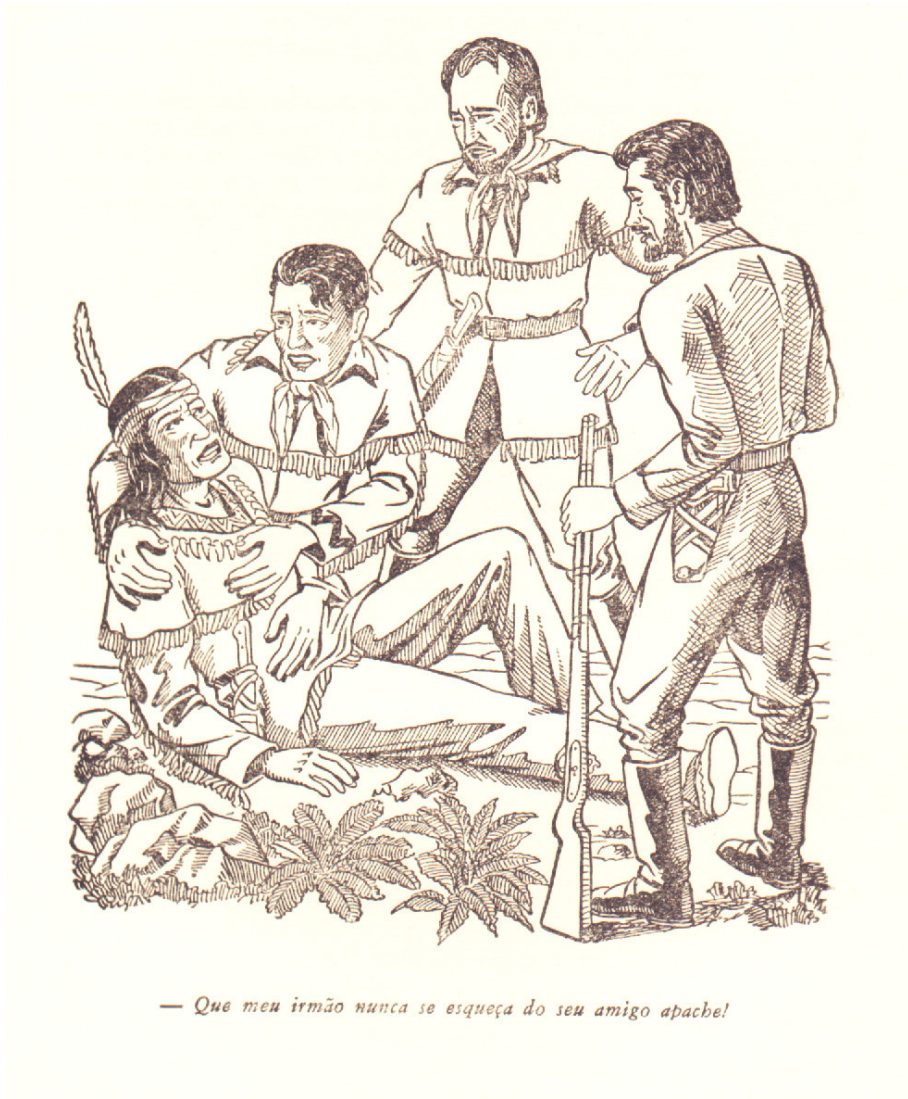
No capítulo 2, continuo essa síntese biográfica, a partir de sua chegada no Brasil, de forma que possamos perceber como as referências trazidas da Alemanha, puderam ser reproduzidos ou transformados ao longo de sua vida, a partir da sua experiência em campo e interlocução com outros pesquisadores. Em outras palavras, procurei observar como o seu saber foi construído e como ele foi transformado ou reproduzido dentro de uma teia de relações históricas e políticas.

No terceiro capítulo, de caráter mais analítico, procuro demonstrar que apesar da sua biografia multidisciplinar, Nimuendajú era, antes de tudo e após tudo, um etnólogo, e que todas as demais atividades em que se envolveu, eram de certa forma, inalienáveis de sua prática etnológica. Por isso seria mais correto pensar Nimuendajú não como um pesquisador multidisciplinar, mas como um dos últimos da geração de “antropólogos completos”, que entendiam a antropologia como a somatória de conhecimentos arqueológicos, lingüísticos e etnográficos. Devo adiantar, no entanto, que deixarei para uma próxima ocasião, ou para uma outra pessoa, o estudo do “Nimuendajú lingüista” e do “Nimuendajú cartógrafo” por considerar que tais facetas requereriam um investimento nestas áreas, que demandam um conhecimento bastante específico. Em relação ao “lingüista”, entretanto, devo salientar que ao contrário do que se pensa, Nimuendajú só dominava efetivamente o tupi-guarani.

A grafia escolhida para os nomes indígenas está de acordo com o padrão estabelecido pela Associação Brasileira de Antropologia (Revista de Antropologia, SP, v.3, n.2, p.125-132. 1955). Em relação ao material transcrito de cartas e textos, mantive a grafia originalmente utilizada. O material que foi traduzido do alemão vem acompanhado da marca <sup>TM</sup>.

## CAPÍTULO 1

### O “Último Momento”



Winnetou, Karl May

## Romantismo e etnologia alemã do século XX

A etnologia, como disciplina científica, surgiu em diferentes países da Europa, em meados do século XIX, de forma relativamente simultânea. Contudo, as diferentes condições sócio-culturais dos países desse continente fizeram com que essa disciplina recebesse tratamentos específicos, assumindo consequentemente características próprias conforme o país<sup>17</sup>.

Nesse início de “cientifização” da etnologia, a Alemanha possuía um quadro político e intelectual bastante favorável para esse movimento, beneficiando-se das associações cívicas formadas após as guerras napoleônicas, e das inúmeras associações científicas multiplicadas após as revoluções de 1848. Inspirados pela literatura de viagem e pela visão cosmopolita dos irmãos Humboldt<sup>18</sup>, essas associações locais criaram um espaço relativamente amplo para o desenvolvimento inicial da disciplina, proporcionando a produção e a divulgação desses novos conhecimentos, e incentivando uma “future-oriented ethnology centered around large collecting museums.”(Penny, 1999: 02)

É conhecida a influência do Romantismo no desenvolvimento das ciências humanas no século XIX, em particular na Alemanha. A crítica da razão universal iluminista foi o pano de fundo que se apresentou à consciência europeia, quando esta se deparou com a riqueza de dados etnográficos provenientes de todas as partes do mundo. Foi no país de origem desse movimento que sua influência foi mais duradouramente exercida sobre as ciências humanas. De um certo modo, a própria distinção entre *Naturwissenschaften* e *Gesiteswissenschaften* representou a fuga das expectativas românticas em relação às ciências naturais e o seu refúgio nas ciências espirituais. Ao contrário por exemplo, do pensamento inglês, que em prol de um materialismo empírico jogou fora suas crenças

---

<sup>17</sup> Na Alemanha a separação entre Antropologia e Etnologia foi primeiramente expressa no título do periódico berlinense *Zeitschrift für Ethnologie* (1869). A primeira ciência ocupava-se com o estudo do Homem como indivíduo e espécie. A segunda com o estudo dos povos, entendidos como unidades culturais, e das suas relações. A etnografia corresponderia a descrição desses povos (Baldus, 1937).

<sup>18</sup> William (1767-1835) e Alexander von Humboldt (1769-1859) exerceram forte influência no desenvolvimento das ciências alemãs. O primeiro fundou a Universidade de Berlim (1809) e imprimiu sua marca nos vários ramos das *Geisteswissenschaften*, como a lingüística, a história e a *Völkerpsychologie*. Alexander von Humboldt foi o maior *Naturwissenschaftler* do seu tempo, e o seu conceito de Kosmos, contribuiu enormemente para o desenvolvimento da geografia, através dos trabalhos de Ritter e Ratzel, repercutindo consequentemente na etnologia (Bunzl, 1996).

tradicionais, o pensamento alemão permaneceu mais idealista e romântico durante todo o século 19, mas nem por isso menos empírico. A ciência romântica aspirava contribuir para o avanço da Ciência, com ênfase na metodologia e sistematização (Duarte, 1999; Kuper, 1978; Penny, 1999).

A etnologia alemã foi concebida e definida por conceitos românticos como o *Trieb* (vitalismo), que conferia um valor próprio a cada etapa do processo de evolução, pelo de *Bildung*, que enfatizava a capacidade de autodesenvolvimento/ autoconstrução do sujeito e mais significativamente pelo de *Kultur* (Duarte, 1995; Sahlins, 1997). Diferentemente da definição singular de Tylor tributária de uma concepção progressivista de “civilização”<sup>19</sup>, o conceito antropológico de cultura desenvolvido na Alemanha era plural e foi uma reação à universalidade iluminista da idéia de “civilização”. Ao contrário da “civilização” que podia ser transferida, a “cultura” seria aquilo que singularizava: era a essência, a particularidade, o espírito de um povo e, portanto, não haveria graus, mas sim variedades (Sahlins, 1997)<sup>20</sup>.

Tais concepções românticas não foram, entretanto, exclusivas do meio científico. Em grande medida, essas concepções chegavam para o grande – e pequeno – público, através da propagação de uma literatura popular, que inspirada nos relatos de viagens, trouxeram para o público jovem ou não erudito, às noções e conceitos implícitos na reflexão sobre as “culturas” do mundo.

Na literatura, os alemães, como outros europeus, e diferentemente dos americanos, puderam projetar suas imagens e estereótipos sobre os povos primitivos com maior liberdade, pois estavam, em todo caso, falando de uma realidade que não era a deles. Essa liberdade repercutiu diretamente na produção literária, resultando numa intensa publicação de aventuras românticas passadas em terras distantes e desconhecidas, com protagonistas nativos (Camurat, 1993).

---

<sup>19</sup> “Culture or Civilization, taken in its wide ethnographic sense, is that complex whole which includes knowledge, belief, art, moral, law, custom, and any other capabilities and habits acquired by man as a member of society.” (Tylor, 1958 [1871]:01)

<sup>20</sup> Segundo Sahlins, a idéia de cultura na Alemanha “estava ligado a toda uma outra filosofia da História”, tendo “emergido das aspirações de autonomia de uma região relativamente subdesenvolvida frente às ações hegemônicas do Imperialismo da Europa ocidental” (1997:46)

Nos últimos 15 anos do século 19, Karl May (1842-1912), foi o escritor mais popular de livros juvenis na Alemanha. Suas histórias de aventuras passadas nos desertos da Arábia e entre os índios norte-americanos do velho oeste, tornaram-se rapidamente populares na Alemanha e em outros países da Europa central (Camurat, 1993). A partir de 1875, foram mais de 70 livros dos quais, mais da metade tem o Old West, como cenário. O mais conhecido é a aventura indígena, *Winnetou* (1876-1893, 3 vols), que descreve a amizade de Old Shatterhand, um escritor de descendência alemã chamado Karl, e Winnetou, o nobre chefe Apache ("roten Gentleman").

Apesar de nunca ter visitado os lugares exóticos que tão coloridamente descreveu em seus livros, May conseguia dar uma impressão de experiência real, utilizando a narrativa em primeira pessoa e fornecendo dados precisos e verdadeiros sobre a geografia, a natureza e os povos que descrevia<sup>21</sup>. Todavia, os heróis de May correspondiam a arquétipos românticos da cultura germânica e tinham pouco a ver com a verdadeira cultura nativa americana ( Camurat, 1993 ). Winnetou é nobre, porque combina os mais elevados aspectos da cultura indígena, com a adoção natural dos traços cristãos e românticos da própria visão de Karl May. Assim, antes de sua morte, no terceiro volume, Winnetou abandona os deuses indígenas e torna-se cristão. Moribundo nos braços de Karl (Old Shatterhand) pede ao amigo que cante a “música da Rainha do Céu, santa e formosa!”. Depois de ouvir a Ave Maria cantada por uns colonos que se emocionaram com o pedido, Winnetou, sussura para o amigo:

“ Carlos...eu...cre...io em...Jesus...Cristo...nos...so...Sal...va...dor! Winnetou morre cris...tão! Gra...ças a Deus! Meu...que...rido...irm...ão, adeus!” (May, 1966: 298)

No contexto em que foram lançadas, as aventuras de Karl May foram avidamente lidas por um público jovem, que, inspirado pelo romantismo, tentava escapar da alienação de uma sociedade capitalista e industrial que se desviava da “natureza e dos sentimentos puros” (Camurat, 1993). Seu sucesso, no entanto, ultrapassou classes e gerações, atingindo ilustres personagens como Albert Einstein e Hermann Hesse ( Hoffmann, 1988 ).

---

<sup>21</sup>Somente 40 anos depois de ter começado a escrever sobre os dois heróis companheiros, Winnetou e Old Shatterhand, em 1908, é que May visitou a reserva dos índios Tuscarora nos Estados Unidos (Hofmann, 1988).

## Museus etnológicos

A combinação desse ambiente cultural com o rápido crescimento econômico experimentado por algumas cidades alemães, particularmente após 1870, incentivou a criação dos Völkerkunde Museums, instituições em torno das quais se desenvolveu a etnologia desse país. Para se ter uma idéia, os principais museus etnográficos alemães, com exceção do de Munique (1865) foram fundados entre 1868 e 1877: O de Leipzig foi o primeiro (1868/69), sendo seguido pelo de Berlim (1873) e de Hamburgo (1877). Por esta mesma época, ou pouco depois, também foram criados diversos outros museus de pequeno e médio porte, como o Museu de Etnologia de Stuttgart fundado em 1884 a partir da Associação de Geografia Comercial do Estado de Württemberg, fundada em 1882, e o Museu Zoológico, Antropológico e Etnográfico de Dresden fundado em 1875 (Hartmann, 1992; Kästner, 1991; Penny, 1999)

Localmente orientados, esses museus motivaram uma competição intragermânica, dando continuidade às rivalidades existentes entre os estados alemães. Ao contrário dos demais museus europeus do século XIX, que eram governados por objetivos nacionais ou coloniais, esses museus eram caracterizados pela forte direção exercida pelas associações locais que os administravam. Dessa forma, combinavam velhas tradições cosmopolitas, herdadas de Humboldt, com uma espécie de autopromoção cívica. Mas em última instância, era o mercado internacional de cultura material que guiava as decisões científicas (Lowie, 1980; Penny, 1999)

O rápido crescimento desses museus e o prestígio que imediatamente adquiriram chamaram a atenção de cientistas e diretores de museus da Europa e dos Estados Unidos. Em Berlim, o Museum für Volkerkunde, “que durante décadas, foi o mais importante em seu gênero do mundo inteiro” (Baldus, 1966:126), alcançou cientificamente o maior reconhecimento. Fundado por Adolf Bastian<sup>22</sup>, o teórico das Elementar Gedanken (idéias

---

<sup>22</sup>Adolf Bastian (1826-1905) nasceu em Bremem, filho de abastado comerciante, estudou direito na Universidade de Heidelberg, depois ciências naturais e medicina em Berlim, Jena e Würzburg. Em 1850 doutorou-se em medicina em Praga. Inspirado no exemplo do naturalista Alexander von Humboldt, Bastian dedicou sua vida ao registro da diversidade humana através da pesquisa empírica e observação direta. Em

elementares), este museu abrigou até o início do século XX, a maior quantidade de material etnográfico americano existente na Alemanha. E este mérito cabe sem dúvida ao seu fundador que, como disse Baldus “... viveu para conquistar etnologicamente o mundo, colhendo dados do maior número possível de culturas. Através da diversidade delas viu a homogeneidade da psique humana nas ‘idéias elementares’.” (Baldus, 1966:126).

Apesar da cultura material não ter sido o foco de suas atenções, Bastian entendia que o museu etnográfico ideal deveria conter cultura material do mundo todo e de tempos variados, não somente para induzir uma comparação e facilitar a localização dos padrões elementares do pensamento humano, mas principalmente para favorecer os etnólogos futuros que não teriam a oportunidade de apreciar o cosmos humano em sua total extensão.

“It is my considered opinion, and the situation corroborates this, that we must abandon the aim, indeed the very idea, of achieving one comprehensive and comprehensible whole from the materials thus far presented to us: such an achievement is not for our generation. We must therefore unconditionally assume the responsibility for preserving and transmitting the basic materials as we pass the burden of building ethnology onto the shoulders of the next generation. If we fail on that point the whole endeavor will again fade away into that fatamorgana of philosophical deductionism”. (Bastian, 1881:216-17, apud Bunzl, 1996: 50)

Em acordo com sua “salvage anthropology”, sua orientação teórica, concebida no espírito de Humanitätsideal, unia um sentido de universal, com a apreciação de aspectos particulares da humanidade (Bunzl, 1996:48). As Elementargedanken, de extensão limitada, seriam comuns à toda humanidade, entretanto elas se expressariam, conforme o meio, como Völkergedanken<sup>23</sup>. Para Bastian, um meio ambiente homogêneo, condicionando um conjunto cultural relativamente homogêneo (“províncias geográficas”), produziria Völkergedanken semelhantes. Reconhecia, no entanto, que as Elementargedanken também eram suscetíveis de mudança através de processos históricos,

---

1868 tornou-se presidente da *Gesellschaft für Erdkunde* (Sociedade Geográfica), fundada pelo geógrafo Karl Ritter, e no ano seguinte, quando passou a lecionar na Universidade de Berlim, colaborou com Rudolph Virchow na fundação da *Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie e Urgeschichte* [Sociedade Berlinesa de Antropologia, Etnologia e Pré-história] (Baldus, 1966).

<sup>23</sup> Baldus explica que a “*idéia elementar*” seria “comparável com o que o átomo era para o químico e a célula para o biólogo”. Seria portanto um conceito que supõe um funcionamento mecanístico da alma humana e a passividade do indivíduo no processo de pensamento (1966:126).

que difundiriam “novas idéias”. Todavia na ausência de evidência histórica de contato entre duas regiões, Bastian explicava a ocorrência de semelhanças culturais como invenções independentes, assumindo, assim, uma posição no time dos evolucionistas (Bunzl, 1996:51).

Apesar da idéia de evolução ser anterior à Darwin, a publicação de *The Origins of the Species* (1859), ampliou os debates existentes ao introduzir a idéia de seleção natural e este foi contexto encontrado por Bastian quando fundou o Museu de Berlim e assumiu sua direção em 1873. No campo biológico, que se dividia em monogenistas e poligenistas, Bastian teve como principal adversário Ernst Haeckel, eminente zoólogo darwinista, famoso pelo uso pioneiro do conceito de Ecologia (1869) para o estudo das interrelações entre os animais (e entre estes e seu meio ambiente ) e autor da polêmica lei biológica segundo a qual a ontogenia recapitula a filogenia<sup>24</sup>. Defendendo idéias opostas às dos monogenistas, Haeckel acreditava que o meio ambiente atuava diretamente nos organismos, produzindo novas “raças”, e que as diferentes raças humanas teriam descendido de diferentes espécies de macacos.

No campo antropológico tratava-se de descobrir se os desníveis culturais deveriam ser atribuídos à condições psíquicas ou às influências do meio. Bastian defendeu a unidade psíquica do Homem, reconhecendo seus graus de manifestação como condicionados pelo meio, mas permaneceu crítico severo do evolucionismo unilinear, que dividia os povos entre “selvagens” e “civilizados”.

“The idea of a process of evolution to higher forms in which mankind progresses to ultimate perfection can be no more than a hypothesis, for we do not know the final goal. It is easy to see why such an idea was acclaimed: people think our own culture has reached a high level, so high indeed that it will envelope the whole earth at some future date....No factual evidence exists for the postulate of an uninterrupted and constant progression in the evolution of culture, a regularly ascending line from lower to higher stages: rather do we

---

<sup>24</sup> Ernst Haeckel (1834-1919) como tantos da sua época, foi também um “pensador livre”, estendendo-se da biologia para a antropologia, psicologia e cosmologia. Após ter se formado em medicina na Universidade de Berlim, foi em 1862 indicado como professor de anatomia comparada na Universidade de Jena, onde três anos mais tarde tornou-se professor da recém criada cadeira de Zoologia. Apesar de seu empenho em converter a ciência alemã ao darwinismo, Haeckel foi menos defensor da seleção natural e do mecanismo pelo qual a evolução ocorreria. Em relação a sua polêmica lei biológica, Haeckel acreditava que o desenvolvimento do embrião humano repetiria cada estágio de evolução dos seus ancestrais animais. Pelo mesmo raciocínio a criança, completamente humana, representaria estágios de evolução humana que culmina na forma adulta. (Major, 1994).

find a multitude of astonishing phenomena which remain twisted and knotty enigmas for research.”(Bastian, 1871:166-67, apud Bunzl, 1996:51)

Por esta posição crítica em relação as teorias da época, que não passariam de “hipóteses”, e por sua ânsia em confirmar a unidade física e psíquica da humanidade, Bastian tornou-se o grande incentivador da etnografia alemã, caracterizando-a com seu espírito salvacionista. Diante da necessidade de registrar a diversidade cultural da humanidade, empenhou-se na formação de pesquisadores que dessem conta dos povos ainda existentes, de forma que nenhuma manifestação cultural fosse perdida<sup>25</sup>. O investigador, teria que descrever etnograficamente as *Völkergedanken*, abstraindo delas as *Elementargedanken*.

Na antropologia, em rivalidade com Bastian e conseqüentemente com o Museu de Berlim, surgiram, inicialmente em Leipzig, as teses “difusionistas”, que introduziram um pensamento mais histórico e menos psicológico na antropologia<sup>26</sup>. Tal concepção originou-se, ou pelo menos ganhou forma, com Friedrich Ratzel<sup>27</sup>, o zoólogo/geógrafo fundador da Antropogeografia.

Ratzel aceitava a unidade psíquica da humanidade, mas acreditava na limitação do espírito inventivo. Para ele, a ocorrência de semelhanças culturais em povos distantes deveria ser explicada pela transmissão de povo para povo, e não como criações independentes de uma mesma unidade psíquica, conforme pensava o teórico das idéias elementares. Embora tenha enfatizado a importância do meio ambiente como fator determinante da atividade humana, Ratzel relativizou a influência do mesmo, considerando também fatores como o tempo de adaptação e os efeitos da vontade humana (Balduis, 1937).

---

<sup>25</sup> Tal incentivo ao trabalho de campo, foi exercido também sobre Boas que foi seu assistente no Museu de Berlim.

<sup>26</sup> À diferença do difusionismo inglês, preconizado por Elliot Smith, os alemães acreditavam que a difusão se fizera a partir de vários centros culturais (*Kulturcenter*), enquanto os britânicos achavam que apenas o Egito tinha funcionado como tal. Para os alemães a difusão dos traços culturais, ocorrida sempre de forma circular (*Kulturkreise*) podia dar-se em termos de complexos culturais completos ou apenas partes desses mesmos complexos (Lowie, 1937)

<sup>27</sup> Após acompanhar Ernst Haeckel em viagem ao México e América do Norte (1874-75), Friedrich Ratzel (1844-1904), abandonou os estudos propriamente biológicos e zoológicos e iniciou-se na Geografia. Ao retornar da viagem, participou de um curso de geografia na Escola Politécnica de Munique, e em 1876 foi convidado para lecionar na Universidade de Leipzig. Suas obras de destaque são *Anthropogeographie* (2 vols., 1882-91) e *Politische Geographie* (1897). (Hilderbrand & Janke, 1996).

Metodologicamente, no entanto, Ratzel continuou preso aos modelos naturalistas, na medida em que buscava explicar a difusão dos homens conforme a difusão das plantas<sup>28</sup>. Foi somente quando as idéias difusionistas radicaram-se em solo berlinense, através das palestras de Fritz Graebner (1877-1934) e Bernhard Ankermann (1859-1943) sobre círculos e extratos culturais na Oceania e na África, em 1904, que se iniciou a hegemonia da escola histórico-cultural na etnologia alemã (Schmidt, 1942 [1913])<sup>29</sup>.

Utilizando-se dos dados de sua pesquisa na Oceania, Graebner consolidou a teoria dos círculos culturais de Ratzel, sugerindo que a complexidade de um traço cultural aliada a sua não essencialidade, comprovariam que este seria produto de difusão e não de uma invenção independente. Alguns anos depois da publicação deste material sobre a Oceania (*Kulturkreise und Kulturschichten in Ozeanien*, 1905), Graebner sintetizou os princípios de sua análise etnológica na obra *Methode der Ethnologie* (1911), mas a precariedade dos seus dados, que não abrangiam satisfatoriamente diferentes partes do mundo, geraram críticas de pesquisadores como Fritz Krause, de Leipzig, e Walter Krickeberg, de Berlim, obtendo por outro lado, um certo apoio de Erland Nordenskiöld (Schmidt, 1942 [1913]).

É bom lembrar que as teses difusionistas não rejeitavam a idéia de evolução. Seus defensores apenas mantinham-se afastado de uma orientação propriamente evolucionista, destacando-se desta pela ênfase dada aos mecanismos de transmissão cultural, e por tomar as semelhanças culturais como problemas históricos. A maior diferença residiu na proposta teórica, menos natural e mais histórica, porém igualmente científica (Schmidt, 1937).

De uma certa forma, os defensores das teses histórico-culturais não só complementaram a obra de Bastian, utilizando-se do acervo etnográfico adquirido graças aos esforços deste para o Museu de Berlim, mas deram continuidade à influência romântica e à preocupação central de correr contra o tempo, e salvaguardar os registros culturais considerados significativos para a formulação de suas teorias, dando origem ao que ficou conhecido como uma “etnologia de Museu”.

---

<sup>28</sup> “Se considerarmos o homem dentro do quadro geral da vida terrestre, não nos será possível compreender o papel que ele ocupa na Terra, a não ser seguindo aquele mesmo método do qual nos valem para estudar a difusão das plantas e dos animais.” (Ratzel, 2002 [1891])

<sup>29</sup> Fritz Graebner, da Universidade de Berlim, foi influenciado pela “doutrina dos círculos culturais” (*Kulturkreislehre*), via Frobenius, discípulo de Ratzel.

## A etnologia alemã no Brasil

Em 1879, o jovem médico-psiquiatra Karl von den Steinen<sup>30</sup> empreendendo uma viagem científica ao redor do mundo (1879-1881), encontra-se coincidentemente, num hotel em Honolulu, com Adolf Bastian, o renomado fundador do Museu Etnográfico de Berlim. O interesse inicial de von den Steinen era investigar problemas ligados às enfermidades mentais e aos seus tratamentos nos diferentes países. Todavia, o encontro com o mestre das idéias elementares iria mudar o rumo de sua vida. Argumentando que havia chegado a “undécima hora”, o “último momento”, para o estudo dos povos primitivos (von den Steinen, 1905), “Bastian cativou-o logo através do poder sugestivo de sua personalidade, entusiasmando-o pela etnologia.” (Schaden, 1955:117). Nesta mesma viagem, von den Steinen começou a sua coleta de objetos etnográficos e cinco anos mais tarde, novamente estimulado por Bastian, partiu para a região do Alto Xingu, que permanecia até este momento como “terra incógnita” (Schaden 1990:01).

A viagem de von den Steinen ao Xingu marcou o início da moderne Ethnologie<sup>31</sup> (Etnologia Moderna) alemã no Brasil, ampliando consideravelmente o conhecimento etnográfico e “fazendo surgir uma nova imagem científica do índio” criada por uma geração de pesquisadores influenciados pelo espírito de Bastian (Schaden, 1990: 02)<sup>32</sup>. Até esta data as explorações realizadas por alemães haviam sido expedições científicas com múltiplos interesses e as pesquisas antropológicas consistiam em coletas extensivas de diferentes amostras de “raças”, tais como moldes de rostos, medidas de crânios etc <sup>33</sup>.

---

<sup>30</sup> Karl von den Steinen (1855–1929) Estudou em Zurique, Bonn e Estrasburgo, onde em 1875 recebeu o título de Doutor em medicina. Em 1900 tornou-se professor de Etnologia na Universidade de Berlim.

<sup>31</sup> A expressão Etnologia Moderna marcava a ruptura com a história natural, conciliando uma perspectiva histórica com uma metodologia “científica”. Segundo Baldus, Bastian e Ratzel seriam os “pais” da Etnologia Moderna (1937:25)

<sup>32</sup> Os resultados dessas duas viagens foram publicados por von den Steinen em *Durch Central-Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingu im Jahre 1884* (Leipzig, 1886) e *Unter den Naturvölkern Zentral-Brasiliens. Reiseschilderung und Ergebnisse der Zweiten Schingu-Expedition 1887-1888* (Berlim, 1894). Especificamente sobre a língua Baikiri ele publicou *Die Baikiri Sprache. Mit Beiträgen zu einer Lautlehre der Karäibischen Grundsprachen*. (Berlin, 1892)

<sup>33</sup> A primeira comissão científica que visitou nosso país no século XIX foi a do príncipe Maximiliano Alexandre Felipe de Wied Neuwied, em 1815. Os famosos Spix e Martius estiveram aqui entre 1817 e 1820, e em 1825, veio também a Comissão Científica de Langsdorff para explorar os estados de São Paulo, Mato Grosso, Amazonas e Pará.

Também aqui no Brasil, as expedições de Steinen ao rio Xingu (1884:1887) foram, pelo seu pioneirismo, um marco na geografia e na etnologia brasileiras. Mas como bem disse Schaden, a respeito da segunda disciplina, este mérito de Steinen se deveria menos aos resultados imediatos de suas expedições, do que à influência decisiva que exerceu “em parte conscientemente e diretamente, em parte indiretamente sobre o espírito de outros sábios que vieram dedicar-se ao estudo das populações tribais brasileiras” (Schaden, 1956 :121). Segundo este mesmo autor, foi “extraordinário o impulso que as obras de Karl von den Steinen imprimiram, principalmente na Alemanha, ao estudo de nossas culturas indígenas.” 34.

Na primeira expedição, que visava primariamente realizar descobertas geográficas, von den Steinen foi acompanhado por seu primo Wilhelm von den Steinen, desenhista e pintor e pelo geógrafo Otto Clauss. A segunda expedição, realizada com o objetivo principal de explorar a região do ponto de vista etnológico, teve a substituição de Clauss por Peter Vogel (também geógrafo) e o acréscimo de Paul Ehrenreich (Schaden, 1990; Melatti, 1984).

Como aluno de Rudolph Virchow<sup>35</sup>, a força dominante na antropologia física alemã, Ehrenreich<sup>36</sup> iniciou seus estudos nesta área, realizando suas medições antropométricas entre os Botocudos do Rio Doce (1884-1885). Entretanto, o quadro étnico encontrado no Xingu (representantes das maiores famílias lingüísticas do Brasil convivendo em território comum), levou-o a deter-se em problemas históricos e lingüísticos, desenvolvendo mais tarde trabalhos sobre distribuição e classificação lingüística e mitologia comparada. Na sua obra de maior destaque, determinava a existência de três

---

<sup>34</sup> A primeira edição de *Unter Natürvölkern Zentral- Brasiliens* esgotou-se tão rapidamente que foi feita em seguida uma edição popular para atender ao público não-especialista que se seduzira pela narrativa de Steinen. (Schaden, 1956:123)

<sup>35</sup> Rudolph Virchow (1821-1902). Professor de anatomia da Universidade de Berlim. Fundou a primeira sociedade antropológica alemã, a *Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* em 1869

<sup>36</sup> Paul Max Alexander Ehrenreich (1855–1914). Em 1905, publicou "Os Mitos e Lendas da America do Sul e suas relações com os da America do Norte e Velho Mundo" onde contrapõe-se à Bastian. (Baldus, 1948).

ciclos míticos, cada qual relacionado a uma família lingüística: Tupi-Guarani, Aruak e Karib (Baldus, 1948; Melatti, 1984; Schaden 1964 & 1990)<sup>37</sup>.

Nos anos de 1896-7 e 1898-9, em decorrência dos resultados animadores da pesquisas de von den Steinen, o Xingu foi visitado por Hermann Meyer<sup>38</sup>. Na primeira visita foi acompanhado pelo antropólogo físico Karl Ranke e na segunda acompanhado por Koch Grünberg<sup>39</sup>, que após doutorar-se em 1902 com uma tese sobre os Guaikuru, foi em seguida convidado por Bastian para trabalhar no Museu de Berlim. A serviço deste, Koch Grünberg, retornou ao Brasil em 1903-05, visitando as populações indígenas do Rio Negro. Alguns anos mais tarde (1911-13) empreendeu nova viagem ao norte do Orinoco, e em 1915 assumiu a direção do Museu Etnografico de Stuttgart. Sua última viagem ao Brasil não foi concluída em decorrência de sua morte nas margens do Rio Branco em 1924 (Schaden 1953; Baldus, 1954-1968)<sup>40</sup>.

Em 1901, o Xingu foi novamente o destino de um alemão, que atendendo a um programa de pesquisas intensivas elaborado por von den Steinen, deveria visitar os Kamayurá e conviver com eles durante o tempo necessário para realizar uma abrangente monografia. Max Schmidt<sup>41</sup>, que partia com esta incumbência, não chegou entretanto a alcançar o território planejado e assim continuou sua expedição visitando os Guató e Guana-Chané do Paraguay<sup>42</sup>. Em 1910, Schmidt retornou ao Mato Grosso visitando os Paresí, e em 1914 visitou outros grupos no Paraguai. Em 1916, ele apresentou sua tese “The Aruak” que foi sua obra mais importante. Neste trabalho que consistiu na primeira monografia sobre os povos aruaques, Max Schmidt abordou fundamentalmente dois tópicos de estudo: a difusão cultural e a dispersão étnica na área de floresta tropical. Destacou-se entretanto, por ter explicado as diferenças culturais entre os povos Aruaques, atribuindo a

<sup>37</sup> Este pesquisador realizou ainda estudos entre os Karajá (1888 e 1889) e por último entre os Paumari, Yamamadi e Apurinã, no rio Purus.

<sup>38</sup> H. Meyer (1871-1932). Estudou etnologia e geografia em diversas universidades alemãs. A partir de 1903 tornou-se sócio do Instituto Bibliografico de Leipzig.

<sup>39</sup> K.Grünberg (1872-1924). Formado em Filologia pelas universidades de Giessen e Tübingen. Inicou-se na etnologia a partir do contato com Hermann Meyer.

<sup>40</sup> Em sua principal obra, *Vom Roraima zum Orinoco* (1917), Koch Grünberg dedicou os volumes que tratavam da viagem e das línguas, respectivamente a Nordenskiöld e Rivet.

<sup>41</sup> Max Schmidt (1874-1950) tornou-se em 1918 professor de etnologia da Universidade de Berlim e no ano seguinte, chefe da seção americanista do museu etnográfico desta mesma cidade. Em 1930, após desligar-se do Museu de Berlim, transferiu-se para as proximidades de Cuiabá onde residiu até sua morte, em 1950.

<sup>42</sup> Resultado da viagem esta no livro: “Estudos de Etnologia Brasileira” (1905).

estes a característica de dominarem outros grupos, inserindo-se como uma camada hierarquicamente superior, mas deixando os subalternos manterem as peculiaridades culturais que lhes fossem adaptativas e não desafiassem sua dominação<sup>43</sup>. O trabalho de Max Schmidt continha uma crítica à prestigiada teoria dos círculos culturais, pois enfraquecia a idéia da difusão da cultura inerente ao deslocamento de grandes massas de migrantes (Baldus, 1951; Melatti, 1984).

Por fim, também inspirado por von den Steinen, Fritz Krause<sup>44</sup>, da Universidade de Leipzig, decidiu por uma expedição de pesquisa e coleta ao vale do Araguaia, entre os Karajá, Javaé e Kayapó (1908-1909).

Em comum todos esses pesquisadores estavam motivados pelas doutrinas da incipiente Etnologia Moderna, que entre outras coisas guiava-se por uma preocupação estritamente científica. Eram “homens de ciência” que, influenciados pelo espírito de Bastian, prosseguiram na luta pelo registro de culturas que caminhavam para a extinção, sem entretanto ignorar os efeitos colaterais de suas próprias expedições.

“Pobre Povo! O teu destino pode ser calculado de antemão. Pelas nossas expedições ao Xingu, de que tanto nos orgulhamos, abriu-se a porta por tanto tempo fechada, e, cedo ou tarde, virá Pandora e deixará sair de seu vaso os benefícios da civilização. Já chegaste a conhecer o ferro o cão e a galinha e conhecerás ainda uma porção de animais domésticos úteis e, sobretudo, uma porção de plantas para cultivo, a banana a cana de açúcar, o arroz, o feijão. Talvez venha ser batizado. Mas a epidemia de blenorreia, que te assolou após a tua primeira visita ao irmão branco terá também sucessor trás outro. Lues, lepra, tuberculose, sarampo, escarlatina, varíola, febre amarela e beribéri. Não admira, na verdade, que povos não civilizados se extingam ante a civilização.”(Ranke, 1898:131, apud Schaden, 1990: 11)

---

<sup>43</sup>Outras características comuns aos Aruaques seriam, segundo ele, uma agricultura bem desenvolvida e a navegação ( Schmidt 1955; Baldus, 1951)

<sup>44</sup> Fritz Krause (1881–1963) doutorou-se em 1905 na Universidade de Leipzig com uma tese histórico etnográfica sobre os Pueblo. Ao voltar da expedição de pesquisa e coleta no vale do Araguaia, passou a dirigir o Setor Americanista do Museu de Leipzig. Em 1920 qualificou-se como professor da Universidade desta cidade, e em 1927 assumiu a direção Museu, mantendo-se nessa posição até 1945.

## Curt Unckel em Jena

E é assim, em meio a aventuras literárias e expedições científicas que nasce em Jena - cidade onde Bastian estudou, Haeckel nasceu e onde se desenvolveu a primeira escola romântica da Alemanha<sup>45</sup> - uma criança que sintetizaria estas duas dimensões em sua própria vida.

“Essa criança que foi Curt Unckel, aprendeu no berço natal a amar as florestas com as suas lendas e as suas tradições, os seus seres e as suas divindades; aprendeu a revolver sob a grama, crespas e suave, as ruínas onde há sempre um tesouro que a Poesia toca de beleza e a Ciência põe a autenticidade em dúvida. (...)”

Sua simplicidade de homem da Ciência correspondia àquela outra da criança em Jena, que amava as árvores, as fontes, as penedias, porque só entre elas se sentia livre e entre elas se familiarizava com mistérios e realidades, que nem sempre são examinados, com generosidade e tolerância, no ambiente universitário, como as crianças examinam os personagens e episódios das Lendas e dos contos ou os hábitos e as plumas dos pássaros.” (Nunes Pereira 1946: 11)

Nascido em 17 de abril de 1883, Curt Unckel perdeu os pais, vítimas da tuberculose, quando tinha ainda 2 anos de idade<sup>46</sup>. Junto com sua irmã materna Olga Ludwig (1877-1959) foi criado pela sua avó materna, Luise Weber e depois que esta morreu (1895), os dois irmãos ficaram sob os cuidados da tia Berta Weber.

Em depoimento à Fritz Cappeller, Fritz Sander, amigo de infância de Curt, recordou que nos tempos de colégio, o lugar mais provável de se encontrar o jovem Curt era na Sala de Leitura da cidade, criada pelo dono da Zeiss, onde ele passava o seu tempo livre lendo livros e revistas de geografia. Sander também recordou as “brincadeiras de índios” (na maioria das vezes liderada por Curt) e confessou que já naquela época se surpreendia com o conhecimento, principalmente geográfico, que Curt demonstrava possuir (Cappeller, 1963).

---

<sup>45</sup> Os três principais círculos em que se dividiu o romantismo alemão (Jena, Heidelberg e Berlim), exploraram uma grande diversidade de temas e formas: a dimensão filosófica (fundamentando uma postura centrada nos aspectos individuais e subjetivos), a atração pelo mágico e encantado (originando uma vasta produção tanto de contos de fadas como de contos de horror), a discussão de temas sociais e políticos (levando a cabo uma crítica às classes burguesas e aristocrática). Os principais escritores de Jena foram, Schlegel (1767-1845) e Novalis (1772-1801).

<sup>46</sup> Julius Unckel (1840-1883/84) e Marie (1853-1884). Para maiores detalhes ver Cappeller 1963. O nome Curt (Kurt), proveniente de Konrad, teve seu uso reavivado na primeira metade do século XIX, por meio da poesia romântica tornando-se sem seguida imensamente popular (Taschenbuch der Vornamen, 1973:82).

Mas embora tivesse tão precocemente manifestado seu interesse diferenciado pela etnologia geral, Curt Unckel seguiu os novos rumos profissionais impostos pela crescente industrialização, que em contramão contribuíam para o declínio do ensino clássico superior no país (Ringer, 2000). Após terminar, em 1899, seus estudos básicos (primeiro grau) no Instituto Educacional Karl Stoy, Curt Unckel tornou-se mais um funcionário da Zeiss: a grande fábrica de lentes e materiais óticos da Alemanha. Dentro da Zeiss, Curt Unckel trabalhou como mecânico óptico do departamento de medidas, e para tal realizou um treinamento específico que incluía mecânica ótica, geometria e desenho. Alguns anos passariam até que Curt Unckel, talvez estimulado pelos outros alemães que em busca de novas oportunidades, embarcavam para o Brasil, comunicasse seus amigos que ele não prestaria o serviço militar pois partiria para São Paulo (Cappeller, 1963).

Assim sem nenhuma formação específica, mas iluminado pelo espírito do seu tempo, Curt Unckel veio para o Brasil trazendo o seu legado romântico. Os sinais dessa influência literária romântica sobre Nimuendaju já se mostraria na sua primeira monografia, onde ele tematiza o problema da autenticidade guarani. Ao discutir a atitude dos Guarani diante dos “cristãos”, por exemplo, procurou legitimar a religiosidade destes, comparando-a com a atitude do poeta judeu-alemão Heinrich Heine, que para ocupar certos posições profissionais, converteu-se ao protestantismo: “Assim como Heine se fez cristão para poder continuar sendo judeu em paz, também o Guarani, sempre que possível, deixa-se batizar.”(1987 [1914]:28)

Mais adiante, a mesma característica Guarani é comparada com a religiosidade dos índios norte americanos, a partir da situação descrita no poema de Henry Wadsworth Longfellow, *The Song of Hiawatha* publicado em 1855:

“Ao falar assim, o Guarani não quis absolutamente ridicularizar os esforços catequéticos dos cristãos; ele o fez, para, por seus princípios, ser digno do Grande Pai. Compare-se com Longfellow, o último canto de *The Song of Hiawatha*, em que os Chippewa recebem os missionários.”<sup>47</sup> (1987[1914]:29)

Apesar de explorarem temas radicalmente diferentes, Heine e Longfellow possuíram aquilo que era essencial para que chegassem a ser lidos por Curt Unckel: a

---

<sup>47</sup> Vale ressaltar aqui que esta característica atribuída por Nimuendajú aos Guarani e equiparada com Heine, é, cerca de 20 anos depois, atribuída também aos Jê, no texto sobre a Corrida de Tora.

popularidade. A rima fácil e os temas muitas vezes óbvios de seus poemas tornavam-nos facilmente entendidos por estratos da população alemã.

Representando a transição do “Romantismo Emmersoniano” ao “pós-romantismo”, Longfellow (1807-1882) foi um dos primeiros escritores americanos a usar temas nativos, escrevendo sobre a paisagem, sobre os índios e sobre a história americana. O resultado deste característico interesse por terras desconhecidas e povos exóticos foi “uma visão pessimista da História na qual tudo está condenado a agonizar e perecer”, em outras palavras “uma visão apocalíptica do próprio tempo” que fortalecia atitudes politicamente reacionárias assim como um questionamento sobre o cristianismo (Carpeaux, 1981:1421-1424). *The Song of Hiawatha* consiste num longo poema que começa com Gitche Matino, o Grande Espírito, comandando seu povo a viver em paz e contando como Hiawatha nasceu. O poema termina com a chegada do homem branco e a morte de Hiawatha. A história foi baseada nas lendas e estórias de diversas tribos norte americanas, mas especialmente nas dos Ojibwa do norte de Michigan, Wisconsin e Minnesota coletadas pelo geólogo Henry Rowe Schoolcraft, que entre os anos de 1836 e 1841, foi superintendente do serviço indígena de Michigan<sup>48</sup>.

Heinrich Heine (1797-1856), foi o “mensageiro do lirismo romântico alemão, do lirismo do lied”, ou de um “romantismo alemão mais cosmopolita.” Em seus versos, de extrema musicalidade, Heine cantou o Amor e a Beleza, muitas vezes em tom de ironia e deboche, com certo viés de erotismo. O realismo romântico dos seus poemas porém eram acompanhados por posições críticas nos debates políticos do dia. Na Alemanha, teve um público menos aristocrático mas acabou por ser considerado após sua morte um dos maiores poetas alemães de todos os tempos<sup>49</sup> (Carpeaux 1981:1364-1365)

Esta inspiração literária, entretanto, não resistiu à dura realidade do campo, e muito menos à especificidade de cada caso. Provavelmente a experiência etnográfica de Curt Nimuendajú fez com que os poemas de Longfellow tornassem-se lembranças não mais

---

<sup>48</sup> Em 1845, Schoolcraft foi promovido por Lewis Morgan, como membro honorário da sociedade “índigena” literária que este havia criado alguns anos antes (Deloria, 1997:87)

<sup>49</sup> Várias de suas composições foram musicadas por Schubert, Schumann e Brahms. Heine publicou, entre outros livros, "Poemas" (1821), "O Livro das Canções" (1827), "Reisebilder" (1826-1831), "Atta-Troll" (1843) e o "Romanceiro" (1851), além de ensaios sobre estética e artigos jornalísticos

significativas, diferentemente dos versos de Heine, que são referidos mais de 40 anos depois em carta para Harald Schultz(26/06/45:CN-HS):

“Eu creio que só irei aos Tukuna em agosto. Até lá trabalho na coleção de lendas e faço o papel de Wanzerich no ultimo verso da respectiva poesia de Heine:

Er sitzt mit dem Geldsack unterm Arsch

Und trommelt siegreich den Dessauer Marsch (Bis dan auch die Niederlage kommt)” [ Ele senta com o saco de dinheiro sob o traseiro

E batuca vitoriosamente a marcha de Dessauer (até que a derrota venha ) ]

## CAPÍTULO 2

### Os Caminhos de um Autodidata

“Em materia de ethnologia geral o Snr precisa convencer-se que tem de ser autodictado como eu fui: permita-me que mais uma vez eu lhe recommenda um estudo demorado dos dois compendios de Robert Lowie: Primitive Society e Primitive Religion.” (19/04/1944: Nimuendajú- H. Schultz)

## Chegada em São Paulo

Conforme nos informa Fritz Cappeller, desde sua chegada em São Paulo, Curt Unckel manteve seus amigos e parentes de Jena, principalmente a irmã, muito bem informados sobre seu paradeiro e suas atividades no novo país. Entretanto, toda esta correspondência, a qual ao menos com sua irmã estendeu-se por quase 40 anos, e que poderia assim informar privilegiadamente sobre este momento, encontra-se em grande parte perdida<sup>50</sup>. Já na época em que realizou a pesquisa – entre os anos de 1961 e 62 – Fritz Cappeller só conseguiu localizar duas cartas, datadas de 06/01 e 10/01/1904, sendo as mesmas dirigidas ao amigo E. Reinhardt, o “Max”.

Infelizmente, esse autor não reproduziu as mesmas em seu artigo, limitando-se somente a transcrever e comentar alguns trechos. Sobre a primeira carta, ele informa que Curt Unckel pedia ao amigo Max, que localizasse nos mapas da sala de leitura, a localidade de onde provinha a carta – o bairro do Cambuci – e a “...aldeia Ipiranga onde se encontra o museu.” (Cappeller,1963:15).

Sobre a mesma, Cappeller comentou:

“...fica-se surpreso em ver quão séria e objetivamente discorre o jovem de vinte anos, numa carta de doze páginas, escrita na noite de 06/01/1904, porque os mosquitos não o deixam dormir, sobre administração, regime tributário, questões sanitárias, condições climáticas, urbanismo, abastecimento de água, mas também sobre litígios fronteiriços, corrupção e coisas assim. Ao mencionar tais inconvenientes ele [Curt Unckel] escreve: ‘Isto não é exagero, mas sim repugnante verdade, e, para um republicano sincero como eu ainda continuo a ser, não é nenhum divertimento, assistir a tais coisas numa república.’” (1963:17)<sup>TM</sup>

Começava assim uma vida completamente diferente do que Curt Unckel, até então, havia experimentado. Apesar de chegar aqui em condições sociais e econômicas semelhantes as de tantos outros imigrantes conterrâneos, sua trajetória foi bastante diversa. Para o jovem Curt Unckel, esta não era uma simples viagem: era a oportunidade para a

---

<sup>50</sup> O autor esclarece que Olga Richter, irmã de Nimuendajú, desinformada sobre sua morte e desiludida por suas tentativas frustradas de obter notícias do irmão, queimou todas as suas recordações. Entre as cartas estavam as que Curt Unckel dirigiu ao Dr. Paul, professor do Instituto Estóico e que na época era seu tutor (1963: 24). O prejuízo deste mal entendido só não foi maior pois ao contrário do que se pensa, uma parte da correspondência mantida entre Nimuendajú e sua irmã (entre os anos de 32 e 42), permanece intacta no Arquivo do Museu Nacional.

realização de um sonho de infância. Irmgard Müller, sua sobrinha, escreveu sobre esta viagem para Cappeller:

“Naquele tempo minha mãe lhe deu o dinheiro para a sua travessia. Com isto fora realizado um desejo nutrido por ele desde criança. Desde muito cedo ele se ocupava, exclusivamente, com índios e mapas. (1963:14)<sup>TM</sup>

Diga-se de passagem, índios literários e mapas de viajantes, que alimentaram seu “espírito aventureiro”:

“...aquele jovem imigrante não era um espírito contemplativo nem dado a divagações literárias, mas um espírito dinâmico, fundamentalmente objetivo, de vigoroso caráter, como o daqueles Bandeirantes que se internavam nos sertões, preando índios, semeando lavouras, erguendo currais, embatendo contra as cachoeiras e contra os mistérios da Terra Paulista” (Nunes Pereira, 1946:16).

Estava certo Nunes Pereira. Em menos de um ano e meio no Brasil, Curt comunica ao amigo Max que interrompera uma expedição para o interior do país, “...porque o calor tórrido e a luz ofuscante na planície desarborizada lhe provocavam, terríveis dores oculares fazendo com que não conseguisse mais enxergar direito...” (Cappeller, 1963:17); em seguida registra pela primeira vez um dos temas mais recorrentes em toda a sua correspondência: as dificuldades financeiras, contando que havia arrumado uma mula, mas que seu pagamento não era nada fácil, “...pois no Brasil reina a mais descarada exploração; podendo-se, por exemplo, trabalhar, sem ver jamais um tostão furado de pagamento” (Cappeller, 1963:17)<sup>TM</sup>.

Quatro dias depois, escreveu novamente ao mesmo amigo, pedindo que este não lhe enviasse mais cartas, porque iria seguir para “...uma expedição do engenheiro Dr. Lacerda que pretende pesquisar o rio Feio e soltar um missionário capturado pelos índios Coroado. Ele necessita de um número de sujeitos bem armados e, como sendo um tal, participo.” (Cappeller, 1963:17)<sup>TM</sup>.

De ajudante de cozinheiro a auxiliar do sertão

Nada sabemos sobre esta expedição. Nem mesmo se ela foi realizada. O fato é que em nenhum de seus documentos e depoimentos posteriores, Curt Unckel identificou suas

atividades neste período. No entanto, tendo em vista os princípios pacifistas que defendeu ao longo dos 40 anos posteriores, e a natureza aparentemente punitiva desta expedição, é compreensível que caso tenha participado, esta experiência tenha lhe causado tamanho desgosto que preferiu esquecê-la.

É somente a partir de 1905 que cessam as dúvidas sobre as atividades de Curt Unckel. Neste ano, contratado pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo como ajudante de cozinheiro, Curt Unckel iniciou suas atividades de exploração etnográfica no sertão paulista, ao longo do rios Tietê, Feio (hoje Aguapeí), Paraná e Peixe.<sup>51</sup> Como ele próprio explicou, de 1905 a 1907, viveu, “com poucas interrupções”, entre os Guarani da Aldeia do rio Batalha, “como um deles”, sendo em 1906, incorporado à “tribo” e recebendo o nome Nimuendajú<sup>52</sup> (Nimuendajú, 1987 [1914]).

A cerimônia de batismo ocorreu na madrugada “luarenta e fria” de 15 de julho de 1906, “...quando toda a horda dos Guarani do Batalha estava reunida junto ao rancho de Ponõchi, defronte da barra do Avari.”(Nimuendajú, 1954 [1908]:36). Conforme seu relato:

“Avacajú [Cap. José Honório] ficou, com o chocalho na mão, calado por um momento na minha frente, como se tentasse se lembrar em vão do início, depois começou subitamente com seu canto e imediatamente os demais presentes entraram. Tremendo de frio, tive que aquecer o mesmo cantarejo. Avacajú, infelizmente, era muito meticuloso. Ele me chocalhou deslocando-se de todos os lados, cuidadosamente de um pé ao outro, parecendo querer me magnetizar com as pontas de seus dedos esticados. Manteve seus olhos fixos em mim e o feitiço do seu rosto assumiu aquela expressão atormentada, estranhamente medrosa tão própria dos médico-feiticeiros indígenas, e que dá a impressão de que ele age meio contra sua vontade sob uma força sobrenatural. De repente, meteu as mãos dentro da canoa

<sup>51</sup> A Comissão foi instituída em 27 de março de 1886, em uma época de expansão da cultura cafeeira, com o objetivo de intensificar o conhecimento acerca do território paulista. Inicialmente a Comissão era dirigida pelo geólogo Orville Adelbert Derby e composta por cientistas de renome, como Theodoro Sampaio, Alberto Loefgreen, Francisco de Paula Oliveira, Luiz Felipe Gonzaga de Campos. Em 1905, com a demissão de Derby, João Pedro Cardoso assumiu a direção.

<sup>52</sup> A explicação para esse nome foi dada por várias pessoas. O significado dado pelo próprio Nimuendajú (1987 [1914]: 32) é: "Nimuendajú muendá - fazer (mô), moradia (endá)" isso significaria o ser que cria ou faz o seu próprio lar. Matoso Câmara (1959) interpretou como “Aquele que fez residência entre nós”. Frederico Edelweiss (1971), por sua vez, como “o que definitivamente toma pouso, - o que se incorpora”. Viveiros de Castro (1987) acrescenta que “Ni-, é um pronome reflexivo, e o sufixo -ju (-djú), que talvez tenha o significado original de "amarelo" ou "brilhante", é usado na linguagem religiosa para indicar que o conceito ao qual é proposto remete ao domínio do sagrado, celeste ou transcendental; e é comum nos nomes pessoais e nos termos para os equivalentes divino-celestes dos seres terrenos.” Como veremos adiante, Curt Unckel receberia ainda pelo menos mais três nomes indígenas: *Tamgaa-ti* entre os Apinayé, *Kokaypó* entre os Ramkókamekra e *Slimtói* entre os Xerente.

e me umedeceu com água no peito e na testa, do mesmo modo como fizera pouco antes com o meu pequeno irmão. Avaucajú também disse nesse momento algumas palavras incompreensíveis, na maneira de fala, ao falar tanto no aspirar quanto no expirar que os médico-feiticeiros usam nos seus procedimentos. Gravei daquilo apenas a palavra “carairamo” (“pelo poder” ou “pela força mágica”). Depois ele recomeçou novamente com outra melodia e devagar andamos em fila índiana em volta da choupana: em frente Avaucajú com o chocalho, depois Poñochi com a canoa, em seguida eu e por fim a mulher de Poñochi que me segurava pelo pulso. Chegando novamente ao nosso antigo lugar, assumimos a mesma posição, com a cena toda se repetindo mais uma vez. Impacientemente espiei através da parede de estacas reparando no leste já os primeiros sinais do novo dia.

Passada uma segunda volta, Avacajú se pôs bem diante de mim e exclamou, hesitante e excitado, mas em voz bem alta e clara: “Muendajú-ma-nderey! – Nandereyigua nde! – Nandéva nderenoi Nimuendajú!” - (Muendajú é teu nome! - Tu fazes parte da nossa tribo! - Os Guarani te chamam Nimuendajú! -) E então indicando para Poñochi e sua mulher: “Cova-ma ndeangá!” (Eis teus parentes, quer dizer padrinhos de batizado). Depois começou novamente para meu pavor, a cantar de cabeça erguida diante de mim, mantendo as mãos sobre a minha cabeça, abençoando-me. Ainda demorou um bom tempo até que ele deixando os braços caírem, desse um passo atrás ao que o canto cessou e a cerimônia foi encerrada.

Quando o sol, cerca de meia hora depois, nasceu atrás da floresta, iluminava um novo companheiro da tribo dos Guaranis que apesar da sua pele clara compartilhou com eles lealmente ao curso de dois anos a miséria de um povo agonizante.” (Nimuendajú 2001 [1910]:148)

Para Curt Unckel a renomeação significou uma adoção que o marcaria profundamente: não fazia três anos desde que ele, órfão na distante Jena, ocupava seu tempo livre com o estudo dos índios americanos, lendo romances e fazendo mapas, sonhando e planejando uma viagem, que o levasse a estes mundos até então somente imaginados. De repente ele estava ali, vivendo entre os índios, e sendo adotado por eles, ganhando por conseqüência uma família e um nome, que:

“...determinado deste modo tem para o Guarani uma significação muito superior ao de um simples agregado sonoro usado para chamar seu possuidor. O nome, a seus olhos, é a bem dizer um pedaço do seu portador, ou mesmo quase idêntico a ele, inseparável da pessoa.” (Nimuendajú, 1987[1914]:31)

A adoção e oficialização deste nome refletem a importância desta nomeação para Curt Unckel, entretanto foram suas palavras escritas cerca de 20 anos depois que transmitem o significado deste batismo.

“Anteontem assisti a uma dança em casa do pajé Lexan Yuyú (fotografado de frente e de lado, sentado em seu banquinho em forma de pássaro). Cachiri muito! Bebi um bocado e estava bom – bom mêmo. Mas o resultado foi que depois, quando o ar se encheu com o cheiro do cachiri misturado com o aroma do urucu fresco, quando os maracás tiniam nas pontas das varas compridas e o terreiro estremeceu ao ritmo da dança, me voltou tão vivamente a recordação daquele tempo quando eu fiquei homem entre os Guarani que não pude mais resistir: tirei os sapatos e entrei no meio. (que vergonha para os meus cabelos brancos!). Ainda hoje estou cansado. Mas foi bonito.” ( 23/06/25: CN-CE; sobre os índios Palikur)

Em 1908, afastou-se temporariamente dos Guarani que o adotaram, aproximando-se da zona dos Kaingang, no oeste paulista, que se encontravam neste tempo, em constantes conflitos com a população local e, principalmente, com os funcionários encarregados da construção da Estrada de Ferro Noroeste.

Provavelmente motivado por esta experiência “de convívio direto nas fronteiras indígenas” e, incentivado pelas manifestações públicas desencadeadas pela violência da situação, pois “As notícias dessa luta ocupavam todos os jornais, eram discutidas nas assembleias, nas associações científicas e instituições filantrópicas, todas elas exigindo providencias imediatas.” (Ribeiro 1962:07), Nimuendajú escreveu seu primeiro artigo, “Nochmals die Indianerfrage”<sup>53</sup>, que nada mais é do que um questionamento direto das sugestões de extermínio dos índios Coroados propostas por Hermann von Ihering<sup>54</sup> e principalmente, por Walter Fischer<sup>55</sup>. Acusando estes dois autores de não terem sido claros no que se referiria aos procedimentos para a realização de tal objetivo, Nimuendajú desenvolve seu texto, chamando atenção para a violência intrínseca à qualquer proposta de assimilação étnica.

<sup>53</sup> “ Mais uma vez a questão do Índio”, *Deutsche Zeitung* (03.11.1908).

<sup>54</sup>Hermann von Ihering (1850-1930) formou-se em medicina e ciências naturais, dedicando-se inicialmente, por influência de seu mestre Virchow, aos estudos de antropologia física. Aportou no Brasil em 1880 em viagem de núpcias, e decidiu fixar residência no Rio Grande do Sul,. Em 1881 foi indicado para a chefia da seção zoológica da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo e em 1894 assumiu a diretoria do Museu Paulista onde permaneceu até 1916 (Kastner 1991:147).

<sup>55</sup>Walter Fischer foi o autor do artigo “Indianerfrage”, que aparentemente provocou a manifestação de Nimuendajú sobre as propostas exterminadoras. Vale lembrar, aqui, que através da imprensa teuto-brasileira, as idéias básicas do nacionalismo alemão penetraram nas colônias do sul do país. Ela apareceu e se desenvolveu como o principal agente do *Deutschtum* (germanidade) e como a principal instituição da *Volksgemeinschaft* (comunidade nacional), dando ênfase à conservação da língua, dos costumes e da tradição alemã. (Seyferth, 1977).

Considerando a posição de destaque destes dois pesquisadores em relação ao ajudante de cozinheiro, a estratégia crítica de Nimuendajú foi no mínimo produtiva, pois sem explicitamente atacar os “exterminadores”, mas apenas esclarecendo os seus argumentos, ele desestabilizava qualquer leitor que inicialmente tivesse sido simpático à esta opinião. Ele conclui o artigo atacando as iniciativas pacificadoras praticadas na época - ações punitivas e expedições oficiais- argumentando que, estas, nada mais faziam do que promover o extermínio dos grupos a médio ou longo prazo. Por fim, apresentava suas sugestões para uma pacificação dos Coroados que não os transformassem em “miseráveis”, como acontecia com os Guarani.

A proposta de Nimuendajú era tão fundamentada e o seu conhecimento etnográfico tão evidente, que Ihering provavelmente preferiu ignorar essa crítica, para beneficiar-se das qualidades de seu compatriota. Dessa forma, no ano seguinte, como diretor do Museu Paulista, que sob sua direção já há alguns anos empreendia expedições de coleta de material etnográfico e botânico, Ihering convidou Nimuendajú, “amigo entusiasta e bom conhecedor do índios”, para participar de um expedição à São José dos Campos Novos, encarregando-o com o estudo etnográfico dos índios Xavantes. Para tanto, Ihering escreve que fornecera à Nimuendajú “instruções para fazer observações etnográficas e tirar fotografias” (Ihering, 1911:14)

Diante da oportunidade de retornar a campo, é razoável que Nimuendajú, assim como Ihering, também tenha preferido relevar as diferenças passadas e aceitar o convite. Foi com esta responsabilidade, então, que, em agosto de 1909, Nimuendajú partiu novamente para o interior do Estado de São Paulo. Devido as condições de campo, o resultado da expedição Oti Xavante foi avaliado por Ihering como “praticamente nulo”. De fato o relatório de Nimuendajú, “Das Ende des Oti Stämmes” (O fim da tribo Oti)<sup>56</sup>, foi menos uma descrição etnográfica e mais um relato indignado sobre o extermínio desses índios. Fazendo uso de seu conhecimento etnográfico e histórico sobre os índios desta área, Nimuendajú denunciou a ameaça de extinção geral da população indígena da região

---

<sup>56</sup>Publicado no semanário *Deutsche Zeitung* (julho/ dez, 1910).

demonstrando com o exemplo dos Oti, a gravidade da situação: antes mesmo de estudá-los era preciso que os salvassem, era o ultimo momento, a última hora<sup>57</sup>.

Esta preocupação “Bastiana” em proteger a matéria de estudo dos etnólogos, foi em seguida exposta ainda em dois outros artigos publicados no mesmo jornal, Vom Lagerfeuer (Acampamento) e Zur Coroado Frage ( Para a Questão Cororado) e coincidiu com um momento de intensa manifestação publica e política acerca do destino dos “silvícolas”, resultante dos conflitos cada vez mais frequentes entre as frentes pioneiras e as populações indígenas da região.

Este material, publicado no semanário teuto brasileiro, permite não só observar a participação direta de Nimuendajú no debate germanófilo, mas também verificar o seu conhecimento sobre o debate nacional em torno da criação de um órgão governamental que defendesse a integridade física e moral das populações indígenas. É certo, portanto, que o nome e a proposta de Cândido Rondon, já lhe eram bem conhecidos quando aceitou o convite para integrar a equipe do recém criado Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN)<sup>58</sup>, no cargo de “auxiliar do sertão” (Schaden, 1973).

Como funcionário do SPI, trabalhando com Luis Bueno Horta Barbosa<sup>59</sup> nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Paraná, atuou entre os Kaingang e Guarani do litoral e oeste de São Paulo e, em 1911, na pacificação dos “selvagens” Kaingang deste estado. Nesta última tarefa, no entanto, não pode participar até o final, pois no ano seguinte, Horta Barbosa, encarregado de reorganizar a comissão, colocou aos cuidados de Nimuendajú as “hordas Guaranis”: Apapocuva, Oganahviva e Tauyngüa. Dessa forma passou à coordenar a concentração dos Guarani na Povoação Indígena do Araribá. Tal mudança não foi muito benquista, como podemos perceber na carta que escreveu para Hugo Gensch (14/04/12)<sup>60</sup>:

---

<sup>57</sup> Os dados etnográficos colhidos sobre os índios das regiões vizinhas -os Kaingang, Ofaié e Terena do oeste e sul do Mato Grosso- foram utilizados por Nimuendajú para produzir o mapa encomendado por Hermann von Ihering, que, sem nenhuma referência ao “informante”, anexou-o em seu artigo “A questão dos Índios no Brasil” (Revista do Museu Paulista, 1911, VIII, p.112-140)

<sup>58</sup> Criado pelo Decreto-Lei n. 8.072 em 20/06/1910.

<sup>59</sup> Chefe da Inspeção de São Paulo, Horta Barbosa foi um dos principais colaboradores de Rondon e seu sucessor na direção do SPI.

<sup>60</sup> Médico de Blumenau que através de artigos publicados nos jornais da época contribuía para o conhecimento do índios Xokleng de Santa Catarina.

“Os acontecimentos ocorridos nas últimas semanas induziram-me a reatar nossa correspondência. Se isto lhe é pessoalmente agradável, não o sei, tenho porém a certeza de que o resultado de nosso labor vai encher de satisfação, como a mim. No dia 19 de março o primeiro grupo de COROADOS selvagens compareceu por vontade própria no acampamento do Serviço de Proteção aos Índios no Ribeirão dos Patos, para com isto selar a paz.”(...)

Eu, que fui o primeiro que em São Paulo colocou suas forças em prol desse objetivo, infelizmente não pude estar presente neste momento maravilhoso. Nesta altura eu estava, como escrevi anteriormente, na Aldeia GUARANI no Araribá. (...)

Como porém os COROADOS queriam ver aquela pessoa que abrisse a picada e lhes deixasse presentes nas casas abandonadas tentando as primeiras comunicações o Inspetor Costa Barbosa, que veio num vagão especial, mandou chamar-me telegraficamente para o acampamento.” (Nimuendajú, 1982:41)

Nimuendajú continua a carta fornecendo uma breve descrição da personalidade dos “coroados”, que certamente eram do interesse do médico, e conclui: “Haveria bem mais a relatar ao Senhor, mas o essencial de minhas observações é a luta racial nojenta, que envergonhava o sertão paulista e que agora teve seu fim se não for cometida outra burrada.” (Nimuendajú, ibid:41-45)

Em 1913, Nimuendajú encerrou seus trabalhos de campo nesta região, entre os Ofaié, Guarani e Kaiguá do sul do Mato Grosso e, entre os Kaingang dos rios Tibagy e Ivahy no Paraná, sendo no mesmo ano transferido para o Rio de Janeiro, onde prestou serviços por alguns meses no Ministério da Agricultura (Grupioni, 1998:176). De lá foi transferido para Belem do Pará, onde até os últimos dias residiu...

“...numa modesta casa de sua propriedade, sita a travessa do Chaco (bairro do Marco), até hoje conservada na feição original e em cujo quintal plantou vários pés de kupá, a mais tradicional entre as plantas cultivadas pelos Timbira.” (Arnaud, 1983/84:59)

No ano seguinte despediu-se dos estudos guarani com a publicação de *Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocuva Guaran*<sup>61</sup>, que consistiu na conclusão dos dados colhidos em seus cinco anos de convívio com este grupo guarani. A originalidade e riqueza etnográfica deste trabalho surpreenderam de tal modo os especialistas, que uma acanhada sugestão de Nimuendajú, foi livremente

<sup>61</sup> Publicado em 1914 na *Zeitschrift für Ethnologie*, 46. Nesta mesma revista publicou mais cinco artigos sobre vocabulários indígenas (ver bibliografia)

aceita e desenvolvida por décadas. Ao falar da “Terra sem Mal” e sugerir que as migrações iniciadas no século XIX, pudessem ser interpretadas como um fenômeno de natureza religiosa e não bélica, Nimuendajú levantou uma hipótese que foi transformada por Alfred Métraux em prova histórica, fornecendo material para toda uma geração de pesquisadores que se apoiaram nesta idéia (Meliá, 1990).

“Serão estas migrações dos Guarani no século XIX os últimos estertores daquele movimento migratório que conduziu os Tupi-Guarani da época colonial a seus assentamentos ao longo da costa oriental? – Ou, em outras palavras: poderá a marcante expansão daquelas hordas ao longo do mar, observada no início do século XVI, ser atribuídas à causas bélicas, como se costuma supor, ou a motivos religiosos? (...)Tais considerações me levaram à suposição de que a mola propulsora para as migrações dos Tupi-Guarani não foi sua força de expansão bélica, mas de que o motivo tenha sido outro, provavelmente religioso: sua habilidade guerreira apenas lhes possibilitou realizar, até certo ponto, os seus planos. O século XX não raiou para os Tupi do litoral. Por isso decido divulgar o que ouvi dos seus parentes, os Guarani do sul.” (Nimuendajú, 1987 [1914]:108)

Nimuendajú pressupunha uma continuidade entre os Guarani antigos e os Guarani da sua época que não só lhe permitia amalgamar dados do presente e dados do passado mas também uma teoria geral das migrações Tupi Guarani (Meliá, 1990:45).

#### Transferência para Belém: um novo começo

Não se pode definir com certeza, o que teria determinado a transferência de Nimuendajú para Belém. Mas verdade é que, já há alguns anos, ele acompanhava as pesquisas e expedições realizadas pelo norte do país, colecionando cuidadosamente as notícias sobre os índios desta região<sup>62</sup>.

O fato tem relevância, pois com a transferência para Belém, Nimuendajú não só mudou radicalmente sua área de atuação – do sul para o norte - mas, principalmente, instalou-se no “polo” geográfico e etnográfico da época, ampliando consideravelmente seus contatos

---

<sup>62</sup> Refiro-me a um caderno encontrado no seu arquivo, que preserva os artigos e pequenas notas etnográficas publicados nos jornais lidos por Nimuendajú, durante os últimos anos em que morou em São Paulo. Graças à este documento pude adicionar à bibliografia de Nimuendajú, os seus primeiros artigos, publicados no *Deutsche Zeitung*, que permaneciam esquecidos.

peçoais e suas vantagens para a pesquisa de campo<sup>63</sup>. Além disso, quando chegou em Belém, ele não era mais aquele jovem desconhecido e inexperiente. Ele já era Nimuendajú: um homem de 30 anos, com quase 10 anos de experiência etnográfica, por meio de serviços prestados a museus e instituições governamentais.

Contudo, a consequência mais importante desta mudança de residência parece-me ter sido o estabelecimento de relações com profissionais, exploradores e cientistas europeus que participavam ativamente da formação do campo etnológico e geográfico internacional. O Museu Paraense, uma das principais instituições de pesquisas daquele tempo, é um bom exemplo disto: fundado em 1866, por Domingos Soares Ferreira Penna e consolidado pelo zoólogo suíço Emílio Goeldi no período de 1894 a 1907, este museu foi uma “espécie de paraíso científico em terras tropicais”, seguindo nas duas primeiras décadas do século passado, o “figurino da ciência alemã” <sup>64</sup> (Correa,1995:40).

Em 1914, a direção do museu foi assumida pela ornitóloga alemã Emilia Snethlage que, até então, ocupava o posto de “chefe da seção zoológica” desta instituição<sup>65</sup>. Apesar de Nimuendajú jamais ter dado indícios de uma relação com esta pesquisadora, penso que a presença de Emília deve ter contribuído para a introdução de Nimuendajú na academia científica europeia. Provavelmente foi ela que mediou o contato com Koch Grünberg e com os editores da revista *Zeitschrift für Ethnologie*, que publicou a monografia Guarani<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> Como escreveria mais tarde para Roquette Pinto (22/02/1928): “Residindo há quasi 16 annos na Amazonia, estou identificado com a sua população e acostumado ás difficuldades como aos recursos regionaes, de maneira que a vida se me torna aqui menos dispendiosa que no Rio. Esta adaptação ao meio constitue para o exito dos trabalhos uma vantagem sobre as pessoas que, residindo em meios differentes só vem á Amazonia para visitas de demora mais ou menos limitada e sempre preocupadas com a sua volta. A amazonia apresenta a particularidade de possuir para as suas emprezas um único ponto de partida: esta capital [ Belém ], para onde convergem todas as vias de comunicação”.

<sup>64</sup> De 1905 à 1922, o museu abrigou em seu quadro administrartivo: Jacques Huber (botânico), Frederico Katzer e Karl Kraatz (geologos), Godofredo Hagmann e Hermann Meertwarth, (zoológos), Joseph Schonmaqnn (taxidermista e meterologista), Ernst Lohse (desenhista litógrafo) e Carl Füller (botânico).

<sup>65</sup> Emilia Snethlage (1862-1929) estudou história natural em Berlim, Jena, e Freiburg, obtendo o grau de Doutor nesta última. Em 1905, veio para o Museu do Pará, atendendo o convite de Emílio Goeldi, para ocupar o posto de “auxiliar científico” (Correa, 1995)

<sup>66</sup> Nesta mesma revista, Emilia Snethlage havia publicado o seu artigo (*Zur Ethnographie der Chipaya und Curuahé*, 1910) sobre os índios Xipáia, que seriam alguns anos mais tarde, pesquisados por Nimuendajú. Em 1920/21, Emília publicou ainda *Die Indianerstamme am Mittlerent Xingú. Im besonderem die Cipaya und Curuaya* (ZfE, LII)

Quando em 1915 foi demitido do SPI, sendo afastado pela segunda vez da pacificação que estava coordenando, neste caso, dos Urubu<sup>67</sup>, Nimuendajú ficou livre para consolidar as novas relações. Por carta, estabeleceu contato com Koch Grünberg, que já estivera em Belém antes<sup>68</sup>, e participou de uma expedição agenciada pelo cônsul alemão de Belém, para acompanhar o americano William Curtis Farabee, etnólogo da Comissão Roosevelt, ao rio Jari, Maracá e Paru. A expedição apesar de relativamente rápida, foi suficiente para que entrasse em contato com os Apalaí, entre os quais organizou sua primeira coleção etnográfica que foi repartida entre o Museu Goeldi e o Museu da Filadélfia. (van Veltem, 1984:27 in Grupioni, 1998:177)

Assim começaram as relações profissionais de Nimuendajú com pesquisadores e museus estrangeiros. No ano seguinte, depois de um breve retorno aos Tembê, da Missão de Santo Antonio da Prata, Nimuendajú partiu para a região dos rios Xingu, Iri e Curuá<sup>69</sup>. A viagem durou três anos, durante os quais conviveu com os grupos Xipáia, Jurúna, Kuruáya, Arara e Kayapó, e, provavelmente, foi assegurada pelo interesse do Museu de Stuttgart que em seguida compraria a coleção feita<sup>70</sup>. Todavia, suspeito que tal viagem tenha sido motivada e até mesmo incentivada pela experiência anterior, nesta mesma região, de Emilia Snethlage.

“Durante quatro meses ela andou em canoa (melhor seria dizer ubá) e por terra para avaliar a possibilidade, aventada por Coudreau, da existência de uma passagem hídrica entre os dois rios [ Xingu e Tapajós ] e de alguns afluentes ‘hypothéticos’ do Iri e do Jamaxim. Boa parte deste percurso foi feito com guias indígenas e o seu relato é um dos textos mais extensos da bibliografia de Emília.” (Correa,1995:41)

O artigo de Emília Snethlage sobre os Xipáya, que era bem conhecido por Nimuendajú, ressaltava a riqueza etnológica desta região e a necessidade de se fazer um

<sup>67</sup> Antes disso ele se deteve na região do rio Gurupi, visitando os Tembê e alguns grupos Timbira.

<sup>68</sup> A correspondência foi iniciada com carta de Koch Grünberg (18/05/1915), sendo logo em seguida interrompida por causa da Guerra e reiniciada em 1920. O encontro com Nimuendajú (30/06/24) se deu alguns meses antes desse pesquisador morrer de malária (08/10/24) (Hartmann, 2000).

<sup>69</sup> Segundo Nunes Pereira, ele teria começado esta viagem acompanhado de uma índia tembê, a qual se afeiçoara, mas que teria se adoentado e falecido ainda no início. (1946)

<sup>70</sup> Uma outra ainda seria vendida mais tarde para o Museu de Gotemburgo (Grupioni, 1995:177).

estudo mais demorado, que desse conta desta cultura ameaçada pela civilização<sup>71</sup>. E parece ter sido exatamente esta a intenção de Nimuendajú ao recolher material, particularmente sobre os Xipáya. Em “Bruchstücke aus Religion und Überlieferung der Sipaia-Indianer” (Fragmentos da Religião e Tradição dos Índios Xipáia, 1922), publicado na revista *Anthropos*, Nimuendajú procurou justificar as “falhas” de sua etnografia informando-nos sobre as condições de campo neste momento:

“As presentes anotações têm a desvantagem de terem sido feitas em condições bastante desfavoráveis. O mísero bando de Sipaia que encontrei em 1918 e 1919 na Boca do Baú, no Alto Curuá, estava de tal maneira sob o jugo de seus senhores cristãos, que sofria múltiplas restrições no exercício de sua religião. Não creio, entretanto, que o desmoroamento social da tribo tenha influenciado de alguma maneira decisiva nos conceitos básicos e tradições: seja como for os Sipaia não se tornaram cristãos.” (Nimuendajú, 1981[1922]:11)

Quando Nimuendajú retornou do Xingu, Snethlage já ocupava novamente seu antigo cargo de diretora do Museu e através de sua iniciativa, em maio de 1920, Nimuendajú foi contratado para ser chefe da “secção etnográfica”, sendo responsável em primeiro lugar por:

“...uma revisão completa das coleções etnográficas e arqueológicas do Museu Emilio Goeldi. Segundo, a organização de um inventário completo das coleções etnográficas e a confecção de um catálogo que permita verificar a ausência de um objeto em pouco tempo. Terceiro a reorganização da etiquetas expostas ao público” (Grupioni 1995: 177)<sup>72</sup>

Todavia, esta primeira oportunidade de ingressar nos quadros administrativos de uma instituição de pesquisa, já naquele tempo, não lhe seduzia, e talvez para que não pensassem o contrário, logo ao assumir o emprego, escreveu a Luiz Bueno Horta Barbosa:

<sup>71</sup> No texto de 1917, ela diz: “Though it is but natural that the ethnographer’s attention today is chiefly concentrate on the fast vanishing tribes in a completely wild state, it seems a pity that these semi-civilized tribes are not more intimately studied”(apud Correa, 1995:42).

<sup>72</sup> Segundo este autor, sob este cargo Nimuendajú também assumia o posto de diretor científico na ausência da diretora, sendo responsável também pela biblioteca e correspondências do Museu, tendo realizado também duas breves viagens ao litoral do Pará e a região do Oiapoque.

“Há dois meses ocupo no Museu Paraense o posto de Chefe da Seção Etnográfica. Isto nada impede de estar pronto para o S.P.I. quando o Sr. de mim precisar, conforme já declarei. Espero que o Sr., se o seu tempo o permitir me faça saber a sua opinião sobre o que eu acima expus.” (20/06/1920)<sup>73</sup>

Um ano passaria para que o SPI solicitasse novamente os serviços de Nimuendajú. Em setembro de 1921, quando não mais empregado no Museu Goeldi pois Emilia Snethlage havia sido exonerada do cargo, Nimuendajú voltou a prestar serviços para o SPI. Convidado pelo Inspetor Bento Lemos para desenvolver trabalhos na região do Rio Madeira, foi encarregado da pacificação dos Parintintin, tribo “... do médio Madeira, que constituíam provavelmente, a mais aguerrida tribo com que o SPI, teve de defrontar-se e cuja a atração só foi possível pela firmeza e sabedoria do etnólogo Curt Nimuendajú, que a empreendeu com a ajuda de outros servidores do SPI.”(Ribeiro,1979:164) e sobre a qual Nimuendajú confessou só saber naquele tempo “...três coisas: o nome, a sede aproximadamente e a péssima fama.”(1982 [1924]:60)<sup>74</sup>

Segundo Darcy Riberio:

“O plano de pacificação de Nimuendajú seguiu as linhas clássicas: instalou no território indígena pouco distante da barranca do rio onde desembarcara, uma casa fortificada, construída em meio a uma clareira, onde se plantou extenso roçado. Cuidados especiais foram tomados tendo em vista a agressividade dos índios:...” (Ribeiro, 1979:165)

Se de fato, Nimuendajú seguia o modelo clássico de atração e pacificação propagandeados por Rondon, aos seus olhos, pelo menos, ele o estava aperfeiçoando. Em seu relatório sobre este trabalho “Os índios Parintintin do Rio Madeira” (JSA 16, 1924), ele descreve, após oferecer suas sínteses histórica, lingüística e etnográfica do grupo em questão, como se deu a “pacificação”, criticando os modelos tradicionais e fazendo sugestões:

<sup>73</sup> Carta publicada em *Etnografia e Indigenismo* (1993:153)

<sup>74</sup> Nesta viagem estabeleceu relações com outros grupos da região como os Múra, Tóra, Pirahá e Matanawí. Aproveitando a oportunidade organizou uma coleção Mura-Pirahá e outra Parintintin que mais tarde foi adquirida pelo Museu Nacional (Donisete, 1995: 178)

“Em outubro de 1921 cheguei em Tres Casas onde tive de refutar outro plano mau, elaborado por Manoel Lobo, que queria se fundasse o posto de pacificação dos limites dos seringais d'elle.”(1983 [1924]:60)

“É um conceito muito vulgar, mas completamente errado, ser o melhor meio de pacificar uma tribo hostil fazer uma expedição pacífica ás suas malocas. Com taes entradas nunca se realizará a pacificação de uma tribo intractavel, como a dos Parintintin. O pacificador tem de estabelecer-se permanentemente no território della e obriga-la com esta medida a entender-se pouco a pouco com elle, depois de ter se convencido da inexpugnabilidade da sua posição e das vantagens que a permanência d'elle traz para a tribo toda. A escolha do lugar deve satisfazer ás tres condições seguintes:

- Ser o posto estabelecido tão longe da zona povoada que se destaque della a primeira vista e que sua guarnição seja facilmente distinguida pelos índios dos outros moradores, geralmente seus inimigos.
- Estar situado nas terras permanentemente habitadas pelos índios, mas não perto demais de suas malocas, para não causar o abandono dellas, por meio de alguma surpresa.
- Ficar ligado á zona do commercio por uma via de comunicação, a mais facil possível e que seja transitavel durante o anno todo.” (1982 [1924]:59)

Como ele mais na frente nos conta, em 19 de abril de 1922 a construção do posto foi concluída e em 28 de maio as 10:30hs da manhã, “...deu-se o encontro decisivo.”. Às 15:30hs “O grande Milagre estava feito: As feras indomáveis, os anthropophagos com os quaes só se podia fallar pela boca do rifle, tinham pacificamente commigo conversado e trocado presentes durante quasi três horas!”(Nimuendajú,1982 [1924]:64)

Alguns dias depois do feito, entretanto, Nimuendajú teve que partir para Belém afim de tratar de sua saúde e de “negócios particulares”, entregando o posto ao “ajudante Amaro”. Tendo resolvido seus negócios particulares - sua naturalização e compromissos firmados com o Museu de Gotemburgo - realizou breves escavações na ilha de Marajó, retornando ao rio Madeira, em dezembro de 1922, observando.

“Com tudo quis me parecer que a pacificação não estava em bom caminho. Seguramente, a questão de mais importância para nós não era esta de alcançar a maior intimidade possível no trato com estes índios, como parece ter sido o ideal dos meus substitutos, e sim esta de constituir-mos uma autoridade para esta tribo, á qual ella se podia dirigir confiantemente, mas que também atendessee e que seus maus elementos temessem.”(Nimuendajú, 1982 [1924]:65)

Para corrigir a falta de autoridade dos “pacificadores” perante os índios, Niumendajú explicou ...

“...aos índios que nós formávamos uma empresa particular, avulsa, mas que havia atrás de nós um poderoso chefe cujas ordens cumpríamos e que era o senhor de todas estas coisas que elles das nossas mãos estavam recebendo, e de muito mais ainda, e que este chefe não queria que fizéssemos guerra uns aos outros.”( Nimuendajú, op.cit: 66)

O “fracasso” foi então remediado até o seu afastamento definitivo:

“Em 17 de Janeiro [1923] deixei novamente o posto, ainda com grandes esperanças para o futuro. Mas enquanto eu no sertão ainda estava trabalhando em Manáus e no Rio de Janeiro já estava decidida a sua sorte. Sem recursos para concluir a obra da pacificação o Inspetor Bento Lemos pediu-me, como meu último serviço, que desse as disposições adequadas para a retirada da guarnição do posto, e com isto me vi dispensado.” (...)

Desta forma perdeu-se por completo o trabalho dispendioso e cheio de perigos de um anno. Os Parintintin por hora só attendiam a mim, a Garcia e a mais ninguém. Em tempos calculáveis não haverá mais trato pacífico com esta tribo, motivo porque me resolvi a dar publicidade ás minhas observações pessoais, reunidas no presente trabalho.”(Nimuendajú, op.cit: 67)

Mais uma vez a tarefa de pacificação na qual estava envolvida teve que ser interrompida, o que certamente causou um certo desgosto em Nimuendajú. Conforme o depoimento do pesquisador alemão Hermann Dengler<sup>75</sup>, na noite de natal de 1924, Nimuendajú teria anunciado que não participaria de mais nenhuma pacificação (Dengler, 1927:125).

#### A profissionalização de Nimuendajú

Ao ser desligado do SPI, Nimuendajú encontrou mais tempo para desenvolver suas atividades arqueológicas, que até então, tinham sido coletas ocasionais. Para isso contou com o incentivo intelectual de Carlos Estevão<sup>76</sup> e com o apoio financeiro do diretor do Museu de Gotemburgo, Erland Nordenskiöld, que nos dois anos anteriores já lhe garantira

<sup>75</sup> Hermann Dengler, fez parte da última expedição de K. Grünberg ao Brasil.

<sup>76</sup> Carlos Estevão de Oliveira (1880-1946) ocupou a partir de 1908 vários cargos públicos no estado do Pará (promotor público, delegado de polícia, consultor jurídico e delegado regional de fiscalização bancária em Belém), desenvolvendo paralelamente investigações sobre ornitologia e etnografia da região amazônica. Em 1930, assumiu a direção do Museu Goeldi (Dammy & la Torre, 1990)

pequenas subvenções<sup>77</sup>. Por uma acordo feito com este último, a partir de 1923 Nimuendajú passou a contar com uma anuidade de 6.000 coroas suecas para organizar coleções arqueológicas e etnográficas e por esta mesma época, ao que parece, começou a estabelecer relações com o Museu Nacional do Rio de Janeiro<sup>78</sup>:

“Calculo que pelo último mês estarei de volta do lago Grande e então embarcarei para Belém no primeiro vapor que tiver, pois tenho de liquidar lá negócios urgentes com Nordienskiöld, com o Serviço de Proteção aos Índios e com o Museu Nacional.”(22/07/23: CN-CE)

Em 1924, Nimuendajú desenvolveu coletas arqueológicas nos rios Tapajós e Mariacauã, na Guiana, e nas ilhas de Marajó e Caviana, participando também da organização e planejamento da viagem realizada pelo etnógrafo suíço Felix Speiser aos índios Apalaí do rio Paru<sup>79</sup>.

No ano seguinte, entre maio e agosto, retornou ao Oiapoque, aproveitando a oportunidade para desenvolver suas pesquisas etnológicas, visitando os Palikur e outros índios do Uaçá<sup>80</sup>. Sobre os primeiros, escreveu para Carlos Estevão:

“Aqui eu vou indo bem entre os índios Palikur. É uma gente tão pacífica e simpática e sobretudo de uma honestidade admirável (para quem tem ainda a impressão fresca dos Parintintin!) a minha pequena coleção também vai progredindo. (23/06/25:CN-CE)

Sobre os índios do Uaçá, sua impressão foi menos entusiasmante:

“Agora estou há uns dez dias entre os índios do Uaçá. O capitão deles foi ao Oiapoque, chamado pelo comandante do Destacamento de Sto Antônio. Agora tenho de esperar o fim

<sup>77</sup> Conforme o relatório em anexo, o contato com Nordienskiöld foi intermediado pelo engenheiro sueco radicado em Belém, G. Pira.

<sup>78</sup> Em 1922, Emília Sneathage transferiu-se para o Rio de Janeiro, assumindo o cargo de chefe da seção zoológica do Museu Nacional. Suponho, portanto, que sua presença na instituição carioca tenha novamente ampliado os horizontes de Nimuendajú. Até este momento, a única pista existente sobre uma comunicação de Nimuendajú com o MN, é a carta remetida por Bruno Lobo (08/11/20), que somente respondia a questões colocados por Nimuendajú quando este ainda era responsável pela seção etnográfica do Museu Goeldi

<sup>79</sup> Félix Speiser, que pretendia fazer um filme etnográfico, seguiu os conselhos de Koch Grünberg e aconselhou-se com Nimuendajú. Considerando que a escolha do grupo deveria levar em consideração o transporte do material, Nimuendajú escolheu os Apalaí, que visitara em 1915. Em seu livro: *Im Dürste des Brasilianisches Urwald* (1926), Speiser conta como partiu de Belém nesta viagem preparada e equipada por Nimuendajú.

<sup>80</sup> Karipuna e Galibi-Marworno

desta conferência política, o que me custa uns 15 dias perdidos, porque no mais estes índios do Uaçá pouco interesse oferecem ao etnólogo. O capitão me prometeu fazer uma festa em estilo antigo quando ele voltar. A esta festa eu preciso assistir, custe o que custar, porque a criolização destes índios já esta quase completa e eu creio que a sua maior parte emigrará pouco a pouco para o outro lado do Oiapoque.”(23/06/25:CN-CE)

Na volta desta viagem, em 12 de outubro deste ano, casou-se com Jovelina Nascimento (Grupioni 1995:180), a quem carinhosamente chamava de “Lila”<sup>81</sup>. O casamento, entretanto, em nada mudou sua vida itinerante. Começou o ano seguinte, empreendendo viagem para a região do baixo rio Madeira, escavando nos afluentes do Amazonas, Madeira e Autaz, onde fez contato com os índios Múra e Munduruku, e também no rio Tocantins. Mas esta viagem não lhe rendeu resultados imediatos, servindo apenas como um “...reconhecimento para estudos futuros” (10/04/26: CN-CE), e as consequências para Nimuendajú foram constadas alguns meses depois num desabafo com Carlos Estevão: “Agora estou no fim da minha ciência. Estou em viagem desde o mês de janeiro, os recursos estão esgotados e o resultado é nulo. A minha saúde aguentou sofrivelmente, se bem que não engordasse, naturalmente. A 27 do mes passado tive um acesso de paludismo. Com grande gasto de quinino evitei que até esta data ele se repetisse. (...)”

Nordenskiöld me respondeu, dizendo que por mais que o lamentasse, ele não me podia dar um lugar fixo no Museu de Göteborg e nem me garantir coisa alguma no futuro, e que portanto se eu tivesse alguma oferta vantajosa, a aceitasse. Parece caçoada! Nem sei ainda o que vou responder-lhe. O Snr. não tem alguma ideia boa? Eu estou um pouco tonto, parece que de tanto quinino.” (14/06/26:CN-CE)

As relações já estremecidas com o Museu sueco, iriam piorar ainda mais. Conforme o combinado com Nordenskiöld, Nimuendajú deveria realizar uma expedição ao Rio Negro, ainda no segundo semestre de 1926. Entretanto, a visita de índios Apinayé, que estiveram em Belém convidando-o para ir às suas aldeias e participar de suas festas, fez

---

<sup>81</sup>José da Gama Malcher, contou à Dungs (1991) em entrevista particular, que certa vez, não contendo sua curiosidade, perguntou a Nimuendajú, porque ele, um dos maiores cientistas do Brasil, casara-se com uma lavadeira semi analfabeta e “quase preta”. Ao que parece, sem qualquer espécie de constrangimento, Nimuendajú prontamente respondeu que ela de fato era feia e analfabeta, mas que nenhuma outra mulher suportaria as longas noites de estudo, servindo-lhe café a todo instante.

com que mudasse os planos, de modo que não deixasse de aproveitar a oportunidade. Por razões diversas (tempo, dinheiro e compromissos) a viagem ao Tocantins foi iniciada mas não concluída.

Somente no ano seguinte é que partiu então para a planejada viagem aos rios Negro, Içana e Uapês, onde visitou os índios Baníwa, Wanana, Tariâna, Tukano, Maku. Além de organizar as coleções que seriam compradas pelos museus de Gotemburgo e do Rio de Janeiro<sup>82</sup>, Nimuendajú aproveitou a ocasião para atender a uma solicitação de Bento Lemos, recebendo, para tanto, recursos extras. Tratava-se de fazer um levantamento geral da situação, que permitisse a escolha de um local adequado para a instalação de um posto indígena nesta área<sup>83</sup>.

Ainda em campo, Nimuendajú escreveu para Carlos Estevão, esclarecendo um pouco mais sobre os últimos acontecimentos:

“Entre as cartas que recebi a mais importante foi uma de Nordiensiöld, do Panamá, na qual ele me científica que doravante não pode mais dispor de dinheiro para a continuação das minhas viagens, “porque os amigos do Museu negam-se a dar recursos quando não recebem coleções”. (Eles não me perdoaram o meu último insucesso no Tocantins!).”(22/06/27:CN-CE).

#### Novas relações

Nimuendajú, no entanto, já havia construído um nome e suas qualidades como etnógrafo-colecionador já eram reconhecidas. O afastamento do Museu de Gotemburgo, portanto, apenas possibilitou a realização de outros contatos, cedendo espaço, neste caso, para os museus alemães de Hamburgo, Dresden e Leipzig, que incentivados pelo diretor deste último, Fritz Krause, associaram-se para financiar as viagens de Nimuendajú.

<sup>82</sup> “A coleção foi assim ruinzinha: não se pode nem de longe compará-la com aquela que Koch Grünberg fez. 1: porque não foi feita por ele, 2: porque entre a viagem dele e a minha passaram 24 anos de “deculturação”, e em terceiro lugar, porque ele aqui passou tantos anos como eu meses, e finalmente, porque não me consta que as mercadorias de troca dele se tivessem esgotado em meio caminho como estou vendo que a mim acontecerá.”(06/05/1927: CN-CE)

<sup>83</sup> O relatório apresentado ao SPI (27/09/27), foi publicado no JSA, NS XXXIV: 125-182 (1950).

Antes desta associação se concretizar, Nimuendajú tentou acordo com o Museu Nacional. Em princípios de 1928, escreveu para Roquette Pinto, diretor deste museu, oferecendo suas “séries de objetos ethnographicos”, que continham “todos os elementos necessários para um estudo comparativo”, organizadas para “uso particular”, mas que por “circunstâncias superiores”, tinham que ser vendidas. Roquette Pinto respondeu por telegrama, aceitando a oferta e pedindo as condições em que Nimuendajú trabalharia para o Museu. No mês seguinte Nimuendajú responde ao telegrama informando sobre suas condições de trabalho, que em busca de profissionalização, não divergiam muito das que manteve com o Museu de Gotemburgo.

“Muito estimaria que meus serviços pudessem ser aceitos sob as condições seguintes: Ser comissionado aqui, por contracto, com o ordenado de 800\$000 (oitocentos mil reis) mensaes, a diária de 20\$00 (vinte mil réis) quando em trabalho fóra desta Capital e custeo para as despezas como sejam: Passagens e transportes, diárias de camaradas e meios para a aquisição de objectos ethnographicos ou archeologicos. Com estes recursos trataria eu de fornecer ao Museu por meio de colleções e tratados scientificos a documentação a mais completa possível das culturas indígenas da Amazônia, tanto existentes como extinctas, materiais ou intellectuaes. Cada colleção seria acompanhado de um levantamento topographico expedito da zona reconhecida e de um rápido estudo científico sobre os elementos colhidos. (...)

Penso que o trabalho deve ser feito, não por meio de grandes expedições do typo Roosevelt-Rondon ou Hamilton Rice, cujo resultado ethnologico não me parece em nada proporcional aos gastos feitos com ellas, mas por meio de uma série de excursões que na sua maioria não excederiam muito a 6 mezes cada uma, completando-se e formando no seu conjunto uma base ampla e segura para qualquer estudo ethnologico ou arqcheologico.” (...)

Em traços geraes seriam estas as condições. Como deve comprehender, estando eu no Brasil há 26 annos, naturalizado brasileiro e casado com brasileira, trabalharei para o nosso Museu com muito mais prazer do que para qualquer outro. Todavia como estão em negociações comigo o Museum fuer Voelkerkunde–Dresden, o Voelkermuseum – Leipzig, o Museu de Basel e o Museum of the University of Pennsylvania – Philadelphia, muito estimaria que o Snr me respondesse esta em prazo breve.” (22/02/28:CN-RP)

O diretor do museu parece não ter concordado com as condições de trabalho de Nimuendajú e nenhum acordo foi estabelecido. Por outro lado, os museus alemães mantinham seu interesse e garantiram as pesquisas de Nimuendajú. O acordo com estes foi firmado em 19/07/1928 e, embora compromettesse o etnógrafo a organizar coleções triplicatas (uma para cada museu), apoiava também as pesquisas propriamente etnológicas,

de grande interesse para Nimuendajú. Conforme o *Jahrbuch des Museums für Völkerkunde* (Leipzig 1952):

“No ano de 1929, o sr. Curt Unckel Nimuendajú do Pará (Brasil), por ordem e à custa dos *Völkerkunde-Museen* de Leipzig, Hamburgo e Dresden, visitou os povos Jê do norte do e do leste Brasil, para continuar a tratar ali dos estudos etnológicos, principalmente sobre a organização social e as cerimônias religiosas montando coleções para os três museus”.<sup>TM</sup>

A visita, todavia, se deu antes mesmo de 1929. Já em setembro do ano anterior, tinha Nimuendajú partido para os estados do Maranhão e Goiás visitando aldeias Apinayé, Canela, Krikati, Kre-Pumkateyé, Pukobyé e Guajajara. Os resultados iniciais, não foram como Nimuendajú esperava. Mas em carta para Carlos Estevão, comenta que apesar do resultado da viagem ter sido “infelizmente MUITO aquém” do que os dois esperavam, por falta de bons informantes, a afinidade com os índios foi imediata:

“Finalmente me limitei unicamente as informações do José Dias [ Matuk ] que infelizmente também é mau tradutor, mas que de dia em dia se torna mais meu amigo. Hoje ele já é meu irmão, pois a velha mãe dele me adotou como filho e me deu um GRANDE nome: Tamgaa-ti, nome de uma estrela! Todos são de uma cordialidade e hospitalidade cativantes e neste ponto excedem todos os índios que até agora conheci.” (16/12/28:CN-CE)

Para P. Wilhem Koppers, editor da revista *Anthropos*, que foi a primeira interessada na publicação dos resultados desta pesquisa, ele conta sobre os Ramkokamekra, demonstrando o seu entusiasmo em encontrar uma organização social autêntica e a sua preocupação em mantê-la intacta<sup>84</sup>:

“Ponto, a aldeia dos Ramkókamekra, é o maior acampamento indígena que certamente já vi (...). A aldeia é, em uma palavra, um tesouro etnológico. Ela é também a única, onde ainda hoje, se encontra a organização social e religiosa dos Timbira, completamente viva e vigorosa. Em todos os demais bandos Timbira, estas instituições encontram-se numa mais ou menos ou total, decadência. A importância desta tribo para a pesquisa da cultura Jê, necessária há muito tempo, é, portanto, óbvia. Duas circunstâncias porém, dificultam especialmente uma estadia mais prolongada nesta aldeia tão interessante: primeiro os comerciantes de aguardente que assolam a aldeia, pelo menos a cada dois dias;

<sup>84</sup>Remetida de Barra do Corda, esta carta de cunho estritamente particular foi publicada sem autorização de Nimuendajú por esta revista com o título “*Curt Nimuendajú in Gebiet der Gê Völker*”. Esta “indiscrição” de Koppers fez com que Nimuendajú rompesse as relações com a *Anthropos*.

segundo, a já mencionada pedinchice. Imagine só, o que significa viver um mês, ou ainda mais, entre um bando de pedintes, precisando manter o bom humor deles. Com os comerciantes de aguardente, aliás, acabei num estalo, depois de por um por um, para fora da aldeia, com o maior descaramento e como se tivesse o maior direito para isto. Todo mundo em volta ficou com medo não ousando mais chegar com aguardente, de modo que, pelo menos nos últimos quatorze dias, deixaram-me sossegado.(...)

Uma coisa conquistei brilhantemente por aí: a amizade dos índios. E na medida que esta aumentava, diminuía um pouquinho até a pedinchice. Quase mataram-me de tanta comida; à frente de toda a aldeia, puseram-me o nome do seu falecido chefe máximo; tornei-me, o que normalmente não costuma ocorrer com outras tribos, o declarado xodó das mulheres, com moças que me sobrecarregavam com enfeites, como uma árvore de natal, passando horas a fio pintando-me da cabeça aos pés, bem bonitinho. Felizmente não fizeram-me casar, como os Apinayê. Dizia-se repentinamente, que devia ficar aqui, que devia assistir a consagração de juventude [iniciação], que devia ingressar numa das suas categorias etárias....” (02/04/29 in *Anthropos*, 1919:672 )<sup>TM</sup>

Depois de quase um ano de pesquisa entre povos Jê, Nimuendajú retornou para Belém, partindo logo em seguida para uma nova viagem. Conjugando mais uma vez o interesse científico com o seu comprometimento indigenista, Nimuendajú partiu para o rio Solimões como guia do casal Brückner, que pretendia fazer um filme etnográfico na Amazônia, e concluiu sua viagem com um relatório para o SPI sobre os índios Tukúna<sup>85</sup>.

No ano seguinte, com recursos do Instituto Etnológico-Antropológico de Leipzig conseguido por Krause e dos museus de Leipzig e Hamburgo, Nimuendaju retornou aos Canelas e Apinayé, visitando desta vez também os Xerente e Krahô. Com esta viagem, Nimuendajú planejava coletar os dados necessários para concluir a primeira versão da sua monografia Timbira (composta por 208 páginas, 223 fotos e 53 anexos) que seria publicada pela *Anthropos*<sup>86</sup>.

Quando chegou, entretanto, entre os Canelas, Nimuendajú deparou-se novamente com antigos problemas: os vendedores de cachaça, que de todas as maneiras, perturbavam os cerimoniais da aldeia. Sua atitude, mais uma vez, foi decisiva:

<sup>85</sup> Em 1939, Pola Brückner publicou o livro sobre esta viagem *Schicksal einer Amazonian Expedition*, que conta a estória desta viagem iniciada no Amazonas e concluída em Marajó, após a morte de August, que não resistiu a malária.

<sup>86</sup> Apesar de Neumann (1983) explicar que a publicação não teria acontecido por motivos financeiros, uma carta de Nimuendajú para Baldus demonstra que o motivo foi o rompimento das relações de Nimuendajú com a revista, por conta da indiscreção do editor William Koppers.

“Um belo dia, porém, a minha paciência se acabou: quebrei as garrafas de cachaça e tomei a espingarda de um daqueles infames que fugiu apavorado quando me viu de rifle em punho. Depois fiz no pátio um discurso que profundamente envergonhou os chefes da aldeia, de maneira que daí em diante sempre a situação melhorou um pouco, e os Pebkahák entraram no devido regime. Mas a aldeia do Ponto está perdida: ela se dissolve literalmente no álcool. Fazia pena ouvir as suplicas das mulheres quando se aproximou o tempo de minha partida: ‘Não vai Kokaipó, fica na aldeia! Se você vai, a cachaça entra outra vez e nós que vamos sofrer!’” (30/06/30:CN-CE)

Assim mesmo, Nimuendajú partiu em sua peregrinação para os outros grupos da região. Quando retornou a aldeia do Ponto, menos de dois meses depois, ele infelizmente confirmou as preocupações das índias. Mas agora, não era só a cachaça que perturbava a ordem da aldeia mas principalmente as "arruaças" provocadas pelo grande proprietário de terras da região, o Coronel Raimundo Arruda, por conta do roubo de bois. O retorno de Nimuendajú à esta aldeia, e o seu reconhecido compromisso com os direitos dos índios, colocava-o na mira desse influente coronel, como ele mesmo descreve:

“Dois dias depois [de ter chegado] veio à aldeia, não o Crl Raimundo, mas o seu primo José de Arruda, com um bando de vaqueiros e parentes armados. Veio direitinho comigo: que ele tinha achado no taboleiro os rastros de índios que estiveram caçando uma vez (os vestígios da matança eles apagaram, como sempre); que eu dissesse para que deixassem estes roubos, senão a aldeia seria exterminada, seu primo gastara, para ser absolvido no júri, a quantia de 4 contos e ele estava bem disposto a dispor da mesma quantia para o mesmo fim. Respondi-lhe que eu nada tinha a ver com tais queixas que deviam ser feitas ao subprefeito de polícia no Leandro, porquanto também não podia atender aos índios quando estes se queixavam a mim dos roubos de terras cometidos por ele, José de Arruda e seus parentes. Finalmente a entrevista sempre findou pacificamente, mas ele foi-se da aldeia furo de raiva e queixou-se na Barra amargamente da minha atitude.” (05/08/30:CN-CE)

Mal sabia Nimuendajú, o que ainda viria por conta dessa rixa<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> Além da agressão física, que registraremos mais adiante, houve também uma falsa acusação de estupro (32/33)

Durante os dois anos seguintes, continuou suas pesquisas entre os Canelas e Apinayé. No começo de 1931, Heloísa Alberto Torres, como chefe interina seção de Antropologia e Etnografia do Museu Nacional, escreveu para ele, sondando seus planos futuros. A resposta é claríssima:

“Não contrahirei nenhum compromisso para os 2 ou 3 annos próximos vindouros ao menos, mas trabalharei por conta minha completando o mais possível os meus estudos sociológicos entre os Gês septentrionaes. Os recursos para estes trabalhos tratarei de obter pela venda das collecções que faço em viagem. As da presente excursão reclamou E. Nordiensiöld para si por telegramma, mas si o MN si interessar por material do meu actual campo de trabalho, com muito gosto lhe reservaria as da viagem que pretendo fazer em 1932, contando que a venda se effectua de uma maneira prompta e simples.” (05/04/31)

Tratava-se da viagem aos Apinayé, a qual, como podemos verificar pelo seu depoimento, não procedeu conforme suas expectativas:

“Logo na minha chegada a BoaVista espantou-me o Nicolau Velho: apresentou-se esfarrapado, cadavérico pois ainda estava sofrendo de sezões – e completamente embriagado. Lamentei depis não ter tirado um retrato dele naquele estado para tê-lo a mão quando um dia se discutir a necessidade de chamar os nossos ‘infelizes irmãos das selvas ao grêmio da civilização’(...)

Depois da minha chegada a aldeia da Bacaba se aprumou outra vez um pouco, mas eu confesso que perdi a fé no futuro dos Apinayé e na ação de José Dias e na minha própria. Em ambas as aldeias o alcoolismo e a prostituição em breve terão acabado a sua obra civilizadora. Eu não tenho coragem para assistir a esse desfecho e creio que depois desta visita, nunca mais voltarei aos Apinayé”.(29/03/32:CN-CE)

Ao voltar desta empreitada decepcionante, Nimuendajú pôs-se, como de costume, a procurar novos recursos. A salvação, desta vez, não foram os tradicionais museus que há anos lhe ajudavam, mas sim um instituto norte americano. Sobre a entrada deste novo financiador ele escreveu para Heloísa A. Torres:

“Quando eu já tinha perdido quasi toda a esperança de achar os recursos necessarios para vir assistir essas cerimonias [festa da iniciação dos Ramkokamekra ] de alta importância ethnologica, veio inesperadamente ao meu socorro a Carnegie Institution.

Sempre a mesma triste alternativa: ou abandonar os estudos e deixar se perder elementos valiosos, ou fazer os trabalhos com recursos do estrangeiro e entregar depois ao estrangeiro os resultados!” (10/07/33:CN-HAT)

Com o financiamento americano, Nimuendajú, pode assim continuar suas pesquisas entre os Canelas do Maranhão.

## Estado Novo e Retorno à Pátria

A partir de 1933, começaria uma nova fase nos trabalhos de Nimuendajú, caracterizada pela entrada de financiamentos norte americanos, e principalmente pela fiscalização de suas pesquisas. Já em maio deste ano, Getulio Vargas havia incumbido o Ministério da Agricultura de “fiscalizar as expedições nacionais de iniciativa de particulares e sem vinculação institucional, e as estrangeiras, de qualquer natureza, empreendidas em território brasileiro.”, sendo, alguns meses depois, instituído o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (Grupioni. 1998: 54).

A criação de tal órgão atingiu diretamente as atividades de Nimuendajú pois apesar de naturalizado brasileiro, seu status foi permanentemente de alemão. Sendo assim ficava a mercê de autorizações não só para a venda das coleções para museus estrangeiros mas também para as próprias expedições, mesmo que estas estivessem se realizando sob a égide de instituições nacionais. O incômodo causado por esse controle, que teoricamente deveria recair somente sobre os estrangeiros e iniciativas particulares desprovidas de vínculos institucionais, fez com que questionasse sua permanência em território brasileiro, o que imediatamente preocupou Heloísa Torres, que via seus planos futuros prejudicados<sup>88</sup>:

“O Dr. Metraux passou por aqui, achei-o muito desanimado com a sua situação na Argentina. Disse-me que por sua vez, o Sr. também esta pensando em sair do Brasil. Mande-me contar o que pensa de positivo sobre o caso. Não imagina o quanto tenho pensado nestes últimos três meses em trabalharmos de comum acordo, mas nada se resolve de definitivo e as possibilidades nunca passam de mera expectativa.” (25/01/34:HAT-CN)

Nimuendajú respondeu esclarecendo que. diante dos impecilhos colocados para a realização de suas pesquisas, ele de fato pensava em procurar campo fora do Brasil, onde ao invés de “um cidadão de segunda”, ele fosse um “estrangeiro de primeira categoria” (16/02/34: CN-HAT)

Como ele também nos conta, tal mudança não aconteceu, por convencimento do amigo Carlos Estevão, que lhe deu novas esperanças. De qualquer forma, o desânimo com o campo brasileiro deve tê-lo animado para um afastamento temporário. Dessa forma, em

---

<sup>88</sup> Sobre as relações de Nimuendajú com o Conselho de Fiscalização, ver Grupioni, 1998: 163-237.

maio de 1934, atendendo a solicitação dos Museus de Dresden, Leipzig, Hamburgo e Gotemburgo, Nimuendajú viajou para a Europa, a fim de verificar a organização e exposição das coleções que havia montado. Para obter financiamento do Instituto Carnegie, Nimuendajú comprometeu-se a aproveitar o tempo em que trabalharia nos respectivos museus, para pesquisar em suas bibliotecas, completando o material necessário para concluir sua monografia sobre os Timbira.

O itinerário da viagem sabemos pelo próprio Nimuendajú, que o descreve em carta tanto para a irmã, de forma que ela pudesse se organizar para recebê-lo, como para Carlos Estevão. Primeiramente, Nimuendajú foi para Hamburgo, onde conheceu a sua sobrinha Irmgard Müller. Antes, porém, parou em Londres, onde passou os três dias no British Museum. Após uma semana tumultuada de encontros<sup>89</sup>, partiu para sua cidade natal, Jena, onde ficou com sua irmã “...revivendo com ela os tempos da nossa infância e revendo as matas e montanhas onde eu brincava quando era menino (...) saudando as árvores e passáros e todos os animais da mata, meus antigos conhecidos.” (16/04/1934: CN-CE)

Partiu então para Leipzig onde foi “muito cordialmente” recebido pelo diretor do museu Fritz Krause. Apesar da cordialidade, Nimuendajú confessou que a visita ao Museu não foi proveitosa pois as coleções se encontravam amontoadas em salas fechadas ao público. Dessa forma, ficou apenas quatro dias nesta cidade, seguindo imediatamente para Dresden, onde também não demorou, pois o museu desta cidade se encontrava na “penúria”. Três dias depois, partiu para Berlim, onde ficou por mais uma semana, partindo em seguida para Copenhague onde era esperado pelo diretor do Museu local, Dr. Thompson e pelo prof. Dr. Birket-Smith.

Em 08 de maio pegou o trem para Gotemburgo, sendo recebido na estação pelo “gordo, alegre e amável” Izikowitz<sup>90</sup>. Hospedou-se num hotel e dirigiu-se em seguida ao Museu para apresentar-se ao diretor Walter Kaudern e à Sven Lovén, Stig Rydén e Henry Wassén. Apesar de reconhecer que as condições do museu sueco eram infinitamente

---

<sup>89</sup> Nas suas palavras, por uma só vez pode almoçar por “sua conta”, “...para todas as demais refeições fui sempre convidado ou pela família Michaelles (o representante de Berringer, ou pela sra. Berringer) ou pelos parentes da minha sobrinha, filha de minha irmã, que aqui encontrei, ou pela família do Dr. Deutsch a quem o Snr. Kratzenstein me tinha recomendado.”

<sup>90</sup> K. G. Izikowitz (1903-1984). Doutourou-se com Nordienskiöld. Iniciou sua carreira no Museu de Gotemburgo em 1944, tendo sido seu diretor de 1953 a 1970.

melhores do que as dos museus alemães, após um mês de pesquisa nesta instituição, escreveu para Carlos Estevão:

“No mais, foi um engano meu esperar que podia aprender alguma coisa na convivência com os etnólogos do Museu. Pelo menos em matéria de americanística eles é que podem aprender de mim, esta é a dura verdade.”(09/06/34:CN-CE)

De um modo geral, as cartas remetidas durante esta viagem, exprimem não só uma certa decepção com a produção e as coleções etnológicas européias (no caso, principalmente, as alemães), mas também reforçam sua postura politicamente republicana, manifestada desde seus primeiros anos no Brasil. Como Nimuendajú explicou para Carlos Estevão, o estado de penúria dos museus alemães, dever-se-ia em grande parte ao nacional-socialismo, que “pelos seus princípios, é francamente hostil à ciência pura”:

“Como todo socialismo, ele exige do individuo que ele mergulhe no rebanho e odeia o individualismo do qual o cientista, por sua natureza, é o representante mais temível. Ciência ele só compreende e admite até onde ela se relaciona com os problemas no nacional-socialismo: de lá para diante é tudo besteira. A tirania intelectual que ele exerce só pode trazer, mais cedo ou mais tarde, consequências funestas para a cultura alemã em geral. Causou-me pena o aspecto atual das vitrinas das livrarias na Alemanha, porque creio que elas formam em toda parte um índice bastante seguro para o nível intelectual de um povo. Hoje elas são transformadas em meras agências de propaganda do nacional-socialismo, formando um contraste desagradável com o que se vê em outros países germânicos, como a Inglaterra, a Dinamarca e a Suécia. Todo este nacional-socialismo, justamente pelas suas pretensões supra-germânicas, tem para mim um aspecto estranhamento não germânico: ele me parece um fenômeno nitidamente patológico. Permita-me uma comparação: um homem recebe um ferimento grave numa perna; sobrevém a gangrena e a sua morte será inevitável uma vez que os que o assistem, ou por falta de competência, ou por falta de coragem, não se resolvem à amputação. Surge um médico que arrasta o paciente para a mesa de operação, narcotiza-o, corta-lhe a perna e o homem está salvo (se não sobrevier ainda alguma complicação). Muito bem. Mas o que não se concebe é que aquele médico queira agora sugerir ao paciente que doravante não só o seu estado normal, como mesmo a condição ideal para ele seja a da narcose, estendido sobre a pedra! E é o que Hitler está fazendo.” (10/05/1934:CN-CE)

Além dessas decepções políticas e profissionais, Nimuendajú queixava-se também das despesas avultadas, já que não lhe facilitaram nada, e do clima frio que tornava o dia menos longo.

“Em resumo: estou contando os dias que ainda sou obrigado a passar fora do Brasil e antegozando o momento da minha chegada de volta. Sou, para a Europa, uma caso perdido.”(09/06/34:CN-CE)

#### A volta do caso perdido

De volta ao Brasil, em outubro deste mesmo ano, Nimuendajú, a serviço do Museu Nacional, visitou os Fulnió e Xukurú de Pernambuco, mas tal viagem não correspondeu às suas expectativas. Sobre seus escassos resultados, ele se lamenta com Heloísa A. Torres:

“Verdade é que agora que a vizita aos índios de Pernambuco não me trouxe resultado nenhum e só me causou despesas, não tenho a menor ideia com que recursos poderei fazer a projectada vizita aos Canellas em março do anno vindouro.” (12/10/34:CN-HAT)

Enquanto Nimuendajú consolava-se com os escassos resultados desta última viagem, Izikowitz, que pessoalmente avaliara a competência de Nimuendajú, e que, de longe, por correspondência, acompanhava as suas dificuldades, esforçava-se para ajudar o amigo. Escreveu então para Robert Lowie, falando sobre as qualidades de Nimuendajú, e, ressaltando a possibilidade de suas contribuições para o material referente ao território brasileiro, que integraria o *Handbook of South American Indians* (HSAI)<sup>91</sup>, que então estava sendo elaborado. Lowie ficou muito interessado, escrevendo para Izikowitz que:

"...ele próprio fazia parte do comitê do *Handbook*, e que ficou muito agradecido pela minha [ Izikowitz ] proposta. Ele quer escrever ao senhor e lhe propor uma colaboração. Talvez o senhor receba uma carta dele. Eu espero que isto lhe traga sucesso! (25/10/34:IZ-CN) <sup>TM</sup>

Dois meses passariam e Izikowitz, talvez angustiado com essa falta de comunicação direta, fornece o endereço de Lowie e pede para Nimuendajú:

“O Senhor não pode mandar também para Lowie uma cópia do seu trabalho sobre a Corrida de Tora? Ele agora sabe que figura é o senhor. Eu receio que o Instituto Carnegie seja um

---

<sup>91</sup> O *Handbook of South American Indians* surgiu a partir dos esforços de Erland Nordenskiöld e do National Research Council Division of Anthropology and Psychology, em 1932, quando então foi eleito um comitê editorial, formado por Lowie, Cooper e Leslie Spier, para planejar sua execução. Em 1934, numa conferência do NRC, o projeto foi discutido novamente e o Smithsonian Institution foi escolhido para financiar o trabalho. Em 1938, o congresso americano começou a considerar uma legislação para promover uma cooperação científica entre os estados Unidos e a América Latina, e o *Handbook* foi incluído nesses planos. Em 1939, Julian Steward foi designado editor, contando no ano seguinte com a colaboração mais dedicada de Lowie e Alfred Métraux, que foram para Washington. Em 1941, Métraux assumiu a posição de editor assistente, continuando nessa posição até 1945 (Steward, 1946)

pouco lento. O mais rápido possível isto deve ser impresso! E melhor nos E.U.A, e, de preferência em inglês, porque os etnólogos falantes de inglês não entendem nenhuma outra língua.” (19/12/34:IZ-CN )<sup>TM</sup>

Com este incentivo, no início de 1935, ao mesmo tempo em que buscava recursos para continuar seus trabalhos entre os Canela, Nimuendajú enviou seu manuscrito Timbira a Robert Lowie visando assim uma publicação, que lhe arrumasse tais recursos. Cerca de um mês depois, Lowie respondeu, propondo as linhas gerais dessa possível colaboração. A resposta foi rápida, pois como veremos adiante, não lhe era desconhecido o talento deste pesquisador.

Depois de conseguir uma “pequena soma” do Museu de Berlim<sup>92</sup>, com o qual se comprometia com uma “coleção completa”, Nimuendajú ofereceu uma coleção semelhante para o Museu Nacional, esperando assim alcançar a quantia necessária para empreender a viagem. A oferta foi aceita e Nimuendajú viaja para os Canela. Mais uma vez, a “situação triste dos Canelas”, perturbados pela presença cada vez maior de “civilizados”, e agora também abatidos por uma epidemia de varíola, prejudicou enormemente o prosseguimento de sua pesquisa, esgotando seus recursos financeiros antes mesmo de concluí-la. A saída para tal situação era a de sempre: empréstimos. Começando com Carlos Estevão:

“Preferira não tirar por fim nenhum lucro monetário desta viagem, contanto que pudesse cumprir o meu compromisso com o Museu nacional. Quero perder tudo, mas não quero ficar desmoralizado pela falta de palavra.

Estou plenamente convencido de que dificilmente o Snr. conseguirá o que lhe peço mas a minha situação é tal que preciso tentar tudo e acho que a vergonha que estou passando, pedindo dinheiro emprestado a todo mundo, seja ainda preferível aquela outra que me espera se eu voltar sem trazer nada, máxime depois do fracasso em Pernambuco.”(13/04/35:CN-CE)

Por fim, Nimuendajú consegue alguma quantia emprestada e continua seu trabalho. Todavia, isto não garantia, por si só, o total controle da situação, pois em relação ao maior problema destes índios, Nimuendajú pouco podia fazer.

---

<sup>92</sup> Por intermédio de Snethlage, que retornava de seu trabalho de campo para a Alemanha.

“Para completar a desgraça apareceram, como de costume. Os vendedores de cachaça em cena, esses desgraçados felizardos que para as suas expedições não carecem de nenhuma licença nem estão sujeitos a fiscalização.” (25/06/35:CN-HAT)<sup>93</sup>

Nimuendajú continuava implacável na defesa dos índios, o que como já vimos, causava grande irritação nos proprietários de terra da região:

“De fato, no dia 28 de junho as 11 horas do dia e em plena rua, sofri uma agressão estúpida e brutal de um indivíduo que faz parte do partido deles. Entreguei o caso ao promotor público, e desde então recebo diariamente 3-4 avisos de que pretende assassinar-me”(02/07/35:CN-CE)

A agressão não foi judicialmente punida, e tudo continuou como se nada tivesse acontecido. Sobre o desgaste físico e emocional causado por esta viagem, Nimuendajú escreve para Carlos Estevão:

“Nesta viagem, desde o começo até hoje, ainda não tive a mínima satisfação: toda ela foi uma única longa cadeia de revezes e dificuldades. Estou me sentindo seriamente cansado: todos me perguntam se eu tinha estado doente. O que eu lucrei fisicamente pela minha ida a Europa perdi outra vez nesta viagem aos Canelas.” (14/08/35: CN-CE)

Nesta mesma carta, ele continua contando que Lowie havia conseguido fundos para suas pesquisas, mas que estas deveriam responder ao interesse central do seu projeto: parentesco e organização social. A condição não foi problema para Nimuendajú, que dessa forma selou uma associação que, do ponto de vista acadêmico, mostrar-se-ia a mais frutífera de todas.

#### A Jê-ologia de Nimuendajú

Lowie, entretanto, não foi o único a manifestar sua admiração e interesse pelo material Jê de Nimuendajú. Aqui no Brasil, Herbert Baldus que desde 1934 mantinha um

---

<sup>93</sup> Este comentário estava encharcado de crítica ao Conselho de Fiscalização, por conta principalmente do caso Snethlage.

intenso diálogo também por correspondência com Nimuendajú, depois de ler o manuscrito sobre a corrida de toras dos Timbira, escreveu para o autor<sup>94</sup>:

“O capítulo do seu trabalho sobre os canelas me provocou grande prazer. O sr. tem trabalhado magnificamente (...) e aguardo com muita atenção a publicação da monografia completa. Onde o Sr, pretende publicá-la? Nessa oportunidade gostaria de lhe chamar atenção para a Série Brasileira da Companhia Editora Nacional, onde também serão publicados dois trabalhos meus.” (21/01/36:HB-CN)<sup>TM</sup>.

Apesar da insistência de Baldus nas vantagens de tal publicação, Nimuendajú respondeu com sua característica cautela:

“Eu conheço a Brasileira e Fernando de Azevedo, quem já me escreveu oferecendo-me publicação. O meu trabalho sobre os Timbira, no entanto, ultrapassa o limite destas publicações. O livrinho provavelmente tornar-se-á mais grosso e eu não saberia como ainda incluir nisso, uma centena de ilustrações e um mapa de meio metro quadrado. Além disso, peço-lhe perdão, mesmo considerando a confiança que tenho na sua opinião sobre a Brasileira, que absolutamente não quero apresentar uma crítica da sua decisão de publicar ali trabalhos seus. Certamente se encontra entre a Brasileira trabalhos bastante sérios, mas por outro lado também, tal porcaria literária, no meio da qual, eu pelo menos, não faço questão de ver meus trabalhos. Provavelmente eu estou neste ponto exageradamente desagradável. Por exemplo, eu também acho, que a Revista do Museu Paulista se abaixou de forma irresponsável ao reproduzir sem nenhuma crítica um...[ ilegível] insignificante como o artigo de G. Hurrly. E não estando em condições de fazer do escrever a minha profissão, mas sendo forçado a escrever para proporcionar àqueles que o precisam uma fonte, então eu não vou quebrar a minha cabeça por enquanto sobre quando, onde e de que maneira os meus rabiscos serão impressos. Em primeiro lugar eles tem que estar prontos para impressão e para isso infelizmente ainda falta muito. E nisto eu tenho bastante certeza de que encontrarei alguém que vai imprimí-lo. A tradução em português talvez venha a ser publicada como um volume do Boletim do Museu Goeldi, mas antes disso e de qualquer maneira, isto deve ser publicado em alemão e inglês, porque os meios que estão interessados neste material e que lêem em português em comparação com o número total é muito reduzido.” (20/02/36:CN-HB)<sup>TM</sup>

Com financiamento da Universidade da Califórnia e a aprovação intelectual de Lowie, Nimuendajú fez o que avisára a Baldus: não “quebrou a cabeça” com os planos para

---

<sup>94</sup> A correspondência foi iniciada por Baldus. A importância desse pesquisador para Nimuendajú, conta ele mesmo, nos últimos meses de sua vida para Mayntzhutsen (26.07.1945): “Não conheço Baldus pessoalmente, mas há mais de dez anos estou em correspondência com ele que versa exclusivamente sobre assuntos etnológicos. De maneira que só conheço o etnólogo Baldus, e este é para mim de certa importância para mim por ser o único representante dessa ciência no Brasil. Os seus trabalhos sobre os índios do Chaco não são máus, pois teve um excelente professor (Thurnwald) em etnologia geral. Entretanto, alguns dos seus artigos são extremamente fracos e resumidos, como bem aquele sobre os Guayakí e mais ainda os seus dados sobre os Ava-ciripá.”:

suas futuras publicações, mas sim foi atrás de novos dados. A visita aos índios Gamelas, entretanto, foi frustrante. Nas palavras de Nimuendajú, um fracasso:

“A viagem me deu só despesas e resultado nenhum. Os índios Gamellas já não existem mais. Só encontrei uma porção de negros, cafuzos e curibocas que me diziam que os avôs ou bisavôs tinham sido índios. Eles não me trataram mal, mas não trouxe de lá um único objecto sequer, e da linguagem ninguém mais se lembrava.” (25/04/1936:CN-Lila)

Mais uma vez, chegara tarde demais: “Com 7/8 ou 15/16 de sangue negro as características da raça americana desapareceram completamente.”(25/04/36:CN-CE)

Se tal constatação, por um lado, se mostrava inteiramente negativa, por outro, valorizava a sua luta pela preservação dos povos indígenas. Dessa forma, é possível que a decepção com os Gamelas tenha lhe incentivado a novamente colaborar com o SPI e retornar aos Canelas com a responsabilidade primeira de proceder ao reconhecimento de suas terras. Para tanto, não recebeu um só tostão, chegando a pagar para realizar tal trabalho:

“Já em São Luiz encontrei-me com índios que foram para lá pedir um forno ao Governo, mas era impossível satisfazer o pedido deles, conforme o Dr. Achilles me explicou, a vista da situação desesperada. Conhecendo eu, porém, a grande necessidade que eles tinham resolvi comprar-lhe um forno por conta minha e levá-lo pessoalmente à aldeia. Custou-me 312\$00, sem as despesas de transporte.(...)

Imediatamente e debaixo de todo segredo, comecei então o levantamento das terras auxiliado pelos índios. Não me foi possível obter em São Luiz nem uma corrente de medição, nem uma bússula prismática. Comprei 20 metros de uma corrente de prender cachorros, coloquei fixas e argolas nela e assim fiz uma boa corrente de medição. Os rumos tive de levantar com minha bússola de mão. Alguns alinhamentos eu medi à corrente, outros levantei à bússola e relógio. Foram 11 dias debaixo do sol abrasador dos chapadões varando por serrados, caatingas e serras. Quando os nossos vizinhos se aperceberam do que estávamos fazendo, já o trabalho estava findo – e eu com meus pés em petição de miséria! (...)

Ainda não pude dedicar um instante que fosse aos meus estudos etnológicos, nem colecionar um único objeto. Em compensação, as minhas despesas tem sido muito maiores do que eu calculava no Para. Receio um pouco que no fim me faltará outra vez dinheiro, mas acho que não pude agir de outra maneira sem renegar o meu passado.”(03/07/36:CN-CE)

Para a mulher informa:

“Estou alegre porque agora já vou no rumo de casa e com mais um mês estarei outravez consigo, e si não tenho mais dinheiro, pelo menos trago uma boa colleccção que mais cedo ou mais tarde nos dará alguns contoinhos de réis.”(01/07/36:CN-Lila)

Como de costume, Nimendajú não retornou no prazo previsto, continuando na aldeia até que alcançasse resultados minimamente satisfatórios. Para tanto, não se intimidava em alterar para seu benefício, o calendário cerimonial da aldeia. Assim o fez, por exemplo, quando os filmes fotográficos enviados por Carlos Estevão, não chegaram no tempo planejado:

“No dia seguinte comecei a experimentá-lo. Os índios tinham retardado por minha causa o fim de sua festa anual, que era o tep-yarkwa, e assim ainda pude apanhar algumas cenas dela. Os Canelas estavam vexados para começar as suas derrubadas quanto antes porque, devido a desorganização subsequente a epidemia de bexigas do ano passado, estão já agora sem mantimentos.(...) Por mais louvável e justo que eu achasse este zelo deles, teria sido um desastre se eu tivesse voltado com dois rolos de filme exposto apenas. Assim, a peso de 4 bois e mais alguma coisa, mantive-os juntos em disposição de festa durante mais uma semana, conseguindo assim mais alguns motivos para a câmera.” (01/09/36:CN-CE)

De volta a Belém, Nimuendajú recebeu nova proposta de trabalho do Museu Nacional, feita por Heloísa Torres, que já ocupava a direção da instituição. Conhecendo ela, porém, não só o seu método de trabalho, mas, principalmente a sua personalidade essencialmente não urbana, esclareceu para Nimuendajú:

“Não nos interessa, nem tão pouco ao Sr., a sua permanência no Rio. A sua incumbência seria o prosseguimento dos seus trabalhos e elaboração de outros, vindo ao Rio ao cabo de cada coleção feita, afim de obter melhores elementos bibliográficos para ultimar cada um dos seus estudos. O que eu preciso é saber o seguinte: avaliação mensal dos seus serviços, incluindo grosso modo as despesas de viagem, ou então estipulação de uma remuneração mensal fixa e uma avaliação das despesas anuais de viagens. É preciso levar em conta que, uma vez contratado, o Sr. Só poderá trabalhar para o Museu Nacional.” (25/09/1936:HAT-CN)

Apesar de sedutora, a proposta chegou tarde, e precisamente a exclusividade exigida pelo Museu Nacional era, no mínimo, inconveniente:

“Actualmente tenho uma combinação feita com o Dr. Robert Lowie da California University pela qual recebo mensalmente 100 dollars (=+ - 1:700\$000) afim de fornecer-lhe dados sociológicos, dando a elle o direito de resumi-las e cita-las nos seus estudos comparativos, indicando o autor. Como essas citações só podem formar uma optima propaganda para a futura publicação minha do conjunto do material, publicação esta que fica inteiramente ao meu criterio, acho esta combinação bastante vantajoza para ambos, tanto mais que Lowie se interessa grandemente pela continuação systemática dos meus trabalhos no campo, porque só por uma série de estudos intensivos como os que procedi entre os Canellas, poderemos chegar a uma compreensão dos phenomenos observados lá,

o que Lowie naturalmente reconheceu. A somma de 100 dollars mensaes provou porém ser insufficiente, especialmente porque sou o parente “rico” de 300 canellas pobres e porque seria desmentir todo o meu passado si eu deixasse de socorrer indios necessitados enquanto ainda possuisse algum recurso. (...)

Segundo a Snra explicou, uma pêssoa importante do Governo se propôz a auxiliar no caso. E si esta pessoa não estiver mais em condições de prestar este auxílio, como provavelmente mais cedo, mais tarde acontecerá, visto tratar-se de uma pessoa do Governo? O contrato obrigar-me a a romper as minhas relações com a Universidade de Berkeley e com os outros museus, incluzive com o Museu Goeldi que tem sido o meu arrimo, conforme acima expuz. Essas minhas actuaes relações não se baseiam em contracto nenhum: são meras combinações estabelecidas sobre a base da confiança reciproca. Mas precisamente por causa disto: Com que cara poderia eu depois eventualmente procurar reata-las?” (22/10/1936:CN-HAT)

Nimuendajú termina a carta explicando que tal acordo em nada atrapalhava a continuidade das vendas de coleções para o Museu Nacional, visto que tal não era o interesse de Lowie, e nem mais o seu.

Nimuendajú, por este momento, começava a organizar o material colhido em todos estes anos de pesquisa entre os grupos Jê. Ele tinha já plena consciência do problema teórico que estava por trás de suas descobertas, e um bom indício disto parece ser o imediato, e talvez pioneiro, reconhecimento da obra de Lévi Strauss. Como podemos ver na carta que dirige à Baldus:

“Quem, e, o que é Claude Lévi-Strauss? Eu vi dele, primeiramente, um artigo no Estado, ‘Com os Selvagens Civilizados’, que me interessou pelo seu posicionamento na questão indígena. Depois vem sua “Contribution a l’étude de l’organisation sociale des Bororo” no J.S.A., onde ele, em poucas paginas, traz material muito valioso, e que, chegou para mim como se houvesse sido encomendado. O que se pode esperar dele a mais no futuro?” (11/11/36:CN-HB)<sup>TM</sup>

Não tão entusiamado, Baldus informa sobre este jovem desconhecido, e Nimuendajú completa:

“Notável é que o homem como o senhor escreve, que só recentemente passou para a etnologia, tenha se inteirado em tão pouco tempo de uma maneira tal, que ele compreendeu com tanta precisão as condições sociológicas dos Bororo, que de fato não são simples. Se eu penso em como lutei por seis anos com a sociologia dos Canelas, chama atenção a forma concisa da apresentação. Será que esse homem não já se ocupou anteriormente, pelo menos com a sociologia? Eu tinha lhe escrito pedindo informações sobre um ponto que me interessava da sociologia dos Bororo, mas ele não me respondeu, o que não me admirou

depois que o Sr. me contou o quão GRANDE é este homem em São Paulo.” (13/01/37: CN-HB)<sup>TM</sup>

Engano de Nimuendajú. Lévi-Strauss não respondeu pois não a recebeu antes de viajar para a França. A coincidência é que, em Paris, Lévi-Strauss, por indicação de Rivet, escreve para Nimuendajú, convidando-o para participar da expedição que organizava:

“Le professeur Rivet me charge de vous demander si vous seriez disposé à participer à une expédition que j’organise en ce moment sous sa haute direction, et dont le but est l’étude ethnographique, anthropologique, botanique, zoologique de la Serra des Paressi, et des territoires habités par les Nambikwara. Cette mission, à laquelle participera sans doute le Docteur Vellard, dont vous connaissez les travaux, durera environ une année; son départ se placera approximativement à la fin de cette année, ou au début de l’année prochaine. Mais la date définitive ne pourra, bien entendu, être fixée qu’une fois connues les obligations particulières de chacun de participants, et notamment les vôtres, au cas où vous accepterez l’offre du Professeur Rivet. Je le souhaite très vivement pour ma part, car votre haute compétence et votre expérience seraient, pour notre entreprise, un gage de succès particulièrement précieux.”(02/02/37:LS-CN)

A carta não foi imediatamente respondida e quando Levi Strauss retornou ao Brasil, e encontrou a primeira carta de Nimendajú sobre a sociologia Bororo, escreveu outra carta, esclarecendo dentro do possível, as questões de Nimuendajú, e completando:

“L’étude approfondie de la Serra do Norte apporterait à ce problème des éléments tout à fait nouveaux et c’est pourquoi je termine cette lettre, comme je l’ai commencée, en faisant des vœux très vifs pour qu’il vous soit possible de donner votre participation à la mission que le gouvernement français m’a chargé d’organiser ce serait, pour elle, le plus sur gage de succès.”(18/03/37:LS-CN)

Nimuendajú só respondeu a Lévi-Strauss quatro meses depois, quando retornou do trabalho de campo entre os Xerente e encontrou as cartas:

“...apresso-me a declarar-lhe impossível aceitar o honroso convite que o Dr. Rivet me fez por seu intermédio, para fazer parte da expedição à serra do Norte. Os motivos são diversos, sendo o mais decisivo a absoluta falta de tempo: voltarei possivelmente em fins de agosto ao Pará onde terei de trabalhar muito para por a limpo os resultados, se bem que meramente descritivos dos meus estudos entre os Canellas e Serente. (...) Espero porém que esta minha negativa não impeça a continuação da nossa correspondência: estarei sempre pronto a fornecer-lhe qualquer informação que estiver ao meu alcance.”(06/07/37: CN-LS)<sup>95</sup>

<sup>95</sup> Para o amigo Carlos Estevão(21/11/37), ele esclarece os “motivos diversos”: “Lévi-Strauss convidou-me a fazer parte de uma expedição francesa à região dos nambikwára. Recusei-me, primeiro porque gosto de

Ao que parece a correspondência parou por aí e Nimuendajú continuou com seus trabalhos com os grupos já planejados. Tratava-se agora de concluir definitivamente seus estudos sobre os Jê, que ofereciam resultados cada vez mais escassos, e mudar a área de estudo. O seu relato sobre a estadia entre os Xerentes, deixa claro que ele não via mais possibilidades de ampliar os dados coletados e decidia-se a mudar de área.

“Encontrei os Cherénte em estado lastimável. (...) o pior, porém, é aquela horrível pseudo-civilização em que caíram os sobreviventes, esse consciente abandono de toda tradição. Por toda parte diziam-me na cara: Agora somos cristãos! Não o diziam com orgulhos mas como quem constata: Choveu e me molhei! Imundice, doenças, fome e miséria como resultado prático da ‘civilização’... (...) Contudo logo vi sobressair em pé ainda naquele montão de escombros e lixos, alguns esteios do antigo edifício: por exemplo, a que até hoje não conseguiram se livrar da lei da exogamia das moieties.” (...)

“Pouco a pouco ajuntaram-se uns 80-90 índios na providencia. A metade nada fez senão comer a minha custa e procurar por todos os meios explorar-me, o que suporrei até onde achei conveniente. A outra metade fez a mesma coisa, mas pouco a pouco acordou neles o antigo sangue Cherénte e eles começaram a demonstrar prazer nas cerimônias dos tempos passados.”

“Manter esse povo ganancioso e desagradável em boa disposição durante dois meses apenas, custou-me 7 contos, inclusive, é verdade a aquisição da coleção. A documentação que consegui da cultura cherénte é muito mais deficiente que aquela que fiz na cultura canela, os elementos mais importantes porém, sempre consegui, graças a colaboração do meu amigo Brue~. Ele era seriamente meu amigo: nunca tentou explorar-me nem mentiu, e no dia antes da minha partida passou-me solenemente e perante todo o povo as coisas sagradas que tinha recebido da Estrela d’Alva: a cantiga, a pintura e os pauzinhos que possuem o poder de impedir que um eclipse solar se eternize.”(18/06/37:CN-CE)

Após essa viagem, Curt Nimuendajú começou a organizar os resultados obtidos, de forma que pudesse encerrar os estudos dos grupos Jê desta região, e planejar a ampliação de suas pesquisas Jê em outras áreas. Por este compromisso, Nimuendajú recusou o convite feito por Métraux, para ir com ele ao Chaco, pesquisar os índios Matakó<sup>96</sup>:

---

*trabalhar só; segundo porque os meus trabalhos sobre os Gê, por ora não me deixam tempo; terceiro porque a direção pertencerá, ao que parece, ao dr. Vellard de cujos métodos de trabalho não posso co-participar absolutamente: segundo os seus próprios relatórios publicados no Journal de la Société des Americanistes de Paris, nas suas expedições aos Guayakí ele assaltou os acampamentos desses índios a mão armada e debaixo de tiros, saqueou-os e roubou uma criança que ele agora esta criando.”*

<sup>96</sup> “My intention is to study the Matakó group, but if you want to work with another tribe in the same region – many speak guarani- you will be entirely free to do so. You will be under no obligation whatsoever, but of course I should like the results of the expedition to be published under both our names.”(29/06/38: AM-CN)

“O estudos do Jê que eu há 10 anos faço, ainda não terminou satisfatoriamente, nem mesmo de forma aproximada. Se eu deixo este trabalho assim como está, então lamentavelmente não se pode esperar que num tempo razoável se encontre alguém que o continue com o sucesso. Portanto, por mais não-modesto que seja, eu preciso me considerar, nessa área, necessário e não facilmente substituível.

No Chaco, isso é diferente, essa zona tem bons pesquisadores e ainda os tem até hoje. Em primeiro lugar, o snr próprio. Eu ao contrário teria que adaptar me primeiro, mesmo no que diz respeito a linhua espanhola - das indigenas, nem se fala - a qual eu leio mas falo apenas muito mal.(...)

Talvez o prof. Lowie consiga, no decorrer do tempo, qualquer recurso para a continuação do meu trabalho, mas mesmo se esse não for o caso eu vou continuar resistindo na minha rocha e se, e se me faltar qualquer tipo de apoio, então vou pois voltar novamente a minha tática antiga, eu procuro judeu e cristão, com mais ou menos sucesso, pegar o dinheiro emprestado e depois pago essas dívidas com a venda de coleções etnográficas. Desse modo eu realizei durante anos as minhas visitas aos Apianjé e Ramkokamekra.”(06/07/38:CN-AM)<sup>TM</sup>

De fato, Lowie conseguiu os recursos e Nimuendaju realizou sua viagem pela Bahia, Minas Gerais e Espírito Santo, visitando os Pataxó, Kamakã, Maxacali e Botocudos. Mas como podemos acompanhar a partir das cartas que escreveu para sua esposa Jovelina, os resultados desta viagem só não foram, na avaliação do próprio Nimuendajú, inteiramente negativos, pois pode aproveitar uma boa biblioteca: “Demorei-me na Bahia até agora porque encontrei ahi um allemão rico que tinha uma enorme quantidade de livros sobre indios de onde pude copiar muita coisa.” (14/07/38:CN-Lila)

Este alemão era Frederico Edelweiss, que mais tarde escreveu:

“O último quartel de 1938 reservou-me agradabilíssima surprêsa ao anunciar-me a velha ama a visita de um senhor, que parecia “homem direito” mas de “nome esquisito, Mandacaju.(...) Viera procurar um insignificante diletante em Etnologia, a conselho dos frades franciscanos, no intuito de cõlher algumas informações pessoais a respeito do sul do estado da Bahia e principalmente no de inteirar-se do que existia publicado dos antigos viajantes e funcionários sôbre os primitivos habitantes da região. (...) Em decorrência, Nimuendajú passou duas semanas entre os meus livros. Só interrompia as suas leituras e notas na hora do almoço...” (Edelweiss, 1971:277)

Depois desse tempo com Edelweiss, Nimuendajú prosseguiu viagem visitando os Pataxó. No final do ano, visivelmente desanimado escreve de Ilhéus:

“Com o resto do meu dinheirinho vou agóra fazer uma última tentativa: Vou para as fronteiras de Minas para ver si encontro por lá os índios Botocudos. Si eu não os encontrar

a viagem toda esta perdida, e não sei então o que será de nós e de que vamos viver quando eu voltar, pois da América do Norte nunca mais me escreveram.” (07/12/1938: CN-Lila)

No ano seguinte, em território Mineiro, Nimuendajú informa à esposa

“Encontrei finalmente uma pequena tribo de índios Maxacary, há tres dias de viagem daqui da estrada de ferro. São uns cento e vinte, muito mesquinhos e miseráveis. Já estive quatro dias na aldeia delles. Quasi não tem nada para colleccionar, mas o pouco que tem vou trazer.” (22/01/1939: CN-Lila)

Do Espírito Santo, Nimuendajú escreveu para Lila, comunicando os resultados de sua viagem e e as suas perspectivas futuras em relação aos seus financiadores americanos:

“O meu trabalho está próximo de acabar. Não achei mais índios além daquelles Maxacari que lhe fallei na minha última carta. Os poucos Botocudos que ainda encontrei nem parecem mais índios e não colleccionei entre elles um único objecto, porque nada mais tem que merece ser colleccionados. (...)

Recebi também duas cartas da América do Norte. Até agora não pouderam mais arranjar dinheiro nenhum, e nada mais temos que esperar delles.” (04/04/1939: CN-Lila)

E se há alguns antes, ele foi socorrido pelas instituições americanas, agora era a vez do Museu Nacional. Duas semanas depois, ele escreve nitidamente aliviado informando que o museu carioca compraria a coleção feita, e que, o mais breve possível enviaria, por correio, quantia necessária para as despesas da casa.

Em 1938, a partir de um acordo informal com a Universidade de Columbia, a diretora do Museu Nacional proporcionou um intercâmbio de pesquisadores, que visando promover o desenvolvimento da disciplina no Brasil, através da formação de pesquisadores de campo, trouxe para cá Jules Henry, Charles Wagley, Buell Quain, William Lipkind e Ruth Landes<sup>97</sup>. Quando os etnólogos americanos chegaram no Brasil, sua iniciativa imediata foi colocá-los em contato com Nimuendajú, numa tentativa de que este pudesse introduzi-los à etnologia brasileira, orientando-os sobre questões de campo. Na prática, isto não era necessário pois os próprios pesquisadores já conheciam Nimuendajú. Jules Henry, cerca de dois anos antes, já havia escrito para o etnógrafo, enviando o seu manuscrito sobre os Kaingang e pedindo sugestões sobre areas de estudo que tivessem grupos acessíveis e

<sup>97</sup>Com exceção da última, que dedicou-se aos estudos afro-brasileiros, todos os outros dedicaram-se as pesquisas etnológicas, realizando seus trabalhos de campo respectivamente entre os Kaingang, Tapirapé, Trumai e Karajá. (Correa, 1997: 12).

que “still preserve their old culture intact”(14/01/36)<sup>98</sup>. Wagley, que já estivera no Brasil em 1938, seguindo os conselhos de Métraux, também correspondeu-se com Nimuendajú.

Em todo caso a diretora, sonda novamente os planos de Nimuendajú, mas desta vez começa a demonstrar o seu interesse em aproveitá-lo como instrutor de trabalho de campo:

“Estou há tempos para escrever-lhe sobre assuntos importantes: desejo saber qual será o seu provável paradeiro por todo este fim de ano. Há certa urgência nesta questão. No caso de possível permanência em Belém gostaria de saber si o senhor teria margem de tempo para realizar trabalho de arqueologia em local não muito distante daí e si poderia aceitar esta incumbencia; quais os seus planos para 40, si os tem; esta atualmente em Cabeceira Grossa, aldeia Kraô, um discipulo do Boas, dr. Buell H. Quain, que tem grande interesse em conversar com o senhor antes de deixar o Brasil. Seria grande o meu pesar si esse encontro não se pudesse realizar. Penso que o senhor se entenderá muito bem com o Quain cuja personalidade me dá a impressão de alcançar o seu melhor equilibrio quando se acha entre os índios. Assim sendo, o entendimento entre ambos será perfeito. Mande-lhe (ao Quain) o seu endereço e julgo que em princípios de Junho ele passará em Carolina. Acredito que só chegara em Belém em fins deste ano ou princípios do próximo.” (19/05/39:HAT-CN)

A resposta de Nimuendajú foi, como sempre objetiva, deixando claro todos os projetos que ainda estavam por vir:

“Quanto as tres perguntas em sua carta tenho de expôr o seguinte: Até mais ou menos Outubro calculo demorar-me em Belém. Durante este tempo estarei occupado em fazer a traducção para o brasileiro do meu trabalho 'Die Apinayé', de que me encarregou o Dr. Carlos Estevão, por conta do Museu Goeldi. Não desejaria interromper ou retardar essa tarefa, e portanto peço que me dispensa das investigações arqueológicas. – Não podia o Sr. Raymundo Lopes encarregar-se dellas? Estou certo de que elle as executaria melhor do que eu.

Em fins do anno corrente e pelo anno de 1940 adentro tenciono tentar um reconhecimento dos índios Gorotire Kayapó do alto Xingu. Esta tribo é a que sobretudo me falta depois dos estudo dos Canella, Apinayé, Serente e das que erroneamente eram tidas como Gê Orientaes(Botocudos, Masakari, Pataso, Kamakã etc). Por hora ainda não sei de onde me há de vir o dinheiro para essa ida aos Kayapó, pois a Rockefeller Institution cortou a subvenção à Universidade da California, de maneira que eu também fiquei sem ella. Creio porém que R. Lowie e P. Cooper farão ainda tudo para arranjar os recursos necessários para a continuação dos estudos meus. Mas mesmo não recebendo subvenção alguma, da mesma forma irei, tomando dinheiro emprestado aos meus conhecidos e pagando depois as minhas

---

<sup>98</sup> “ Dr. Izikovitz from Gotenborg came to see me today and spoke very highly of your work. I also saw Dr. Lowie at the anthropological convention two weeks ago and he told me that he was arranging to have it published. Professor Metraux also passed through here early in December on his way to Honolulu. He also spoke of your work among the Canela and Apinages and could not find words to express his admiration of it.” ( 14/01/36:JH-CN)

dívidas com a venda das collecções. A maior parte dos trabalhos entre os Canellas e Apinayé foram feitos desta maneira.

Do acima exposto resulta que difficilmente poderei encontrar-me com o Snr Quain, o que muito lamento. Desde quando elle se acha entre os Krahô ?” (27/05/39:CN-HAT)

Heloísa Alberto Torres compromete-se com a compra da coleção Gorotire, assim como o Museu Goeldi, e Nimuendajú consegue assim os recursos para realizar a viagem aos Gorotire. Sobre ela escreveu para Carlos Estevão:

“A minha viagem foi um insucesso tão completo que os magros resultados da viagem para a Bahia, Minas e Espírito Santo ainda parecem vultuosos comparados com os que consegui com os Gorotire. A situação não permitiu em lugar nenhum m estudo demorado. (...)

Mesmo assim eu teria me demorado mais algum tempo, mas Horace deu-me claramente a entender que eu devia partir na primeira ocasião, e assim só consegui ficar lá durante 23 dias. Outra peça que ele me pregou foi não consentir que tirasse retratos.

Este segundo e ainda mais completo insucesso meu me deixou um tanto desconcertado. O que dirão disto na América do Norte? Ainda não acabei o meu relatório ao prof. Lowie. Francamente, não tenho mais coragem de lhe propor um estudo dos Kaingang. Se isto aqui já esta deste jeito, como não estará no Sul! E eu não posso arriscar um terceiro fracasso. Também sinto por demais a lacuna formada pela falta de conhecimento da cultura Kayapó, e se fosse só pelo meu gosto eu subiria já o Araguaia para arrancar ainda daqueles trinta e tantos Kayapó atrás de Conceição o que puder. (...) É preciso expor tudo isto ao Lowie e ouvir a opinião dele. Esta explicação pode levar uns dois meses ainda porque proporei também abandonar de vez o estudo dos Gê e transferir o campo de trabalho para a região do Juruá, por exemplo, onde se uma possibilidade falhar, haverá outras.”(26/03/40:CN-CE)

Contudo, o resultado negativo não parece ter preocupado Lowie, que pelo contrário, incentivou-o a continuar suas pesquisas na área:

“Lowie, de fato não levou a mal o meu insucesso com os Gorotire (que desta vez foi mesmo um insucesso completo), tratou até de consolar-me e achou que eu devia arriscar a visita aos Kayapó de Conceição, mesmo a vista da informação (de segunda mão) de Baldus de que somente restavam dez deles. Acha ele que devo ir, seja qual for o resultado.” (22/06/40:CN-CE)

O resultado foi como esperava. Para Heloísa A. Torres, que assumira a presidência do Conselho de Fiscalização, e para a qual, remeteria o relatório da viagem, escreveu<sup>99</sup>:

---

<sup>99</sup> Segundo Grupioni, até este momento, as relações com o Conselho “são exemplares, de mútua cooperação”) A partir da saída de Heloísa Torres começaria um segundo momento nas relações de Nimuendajú com o órgão. Sua idéia é de que os museus que anteriormente eram defendidos perante o conselho, não o fossem mais. (Grupioni,1995:201)

“O resultado da minha viagem foi tristissimo: Os Kayapó do Rio Pau d’Arco e Arraias, 1500 há 40 annos atraz, segundo Fr. Gil de Villanova, estão hoje reduzidos a 2 homens e 4 mulheres. Elles não fugiram em companhia dos seus patricios bravios, os Kayapó Gorotire, como pensam os civilizados, mas acabaram-se morrendo miseravelmente e, segundo o consolo dos seus missionarios, “estão no céu”. Belissimo resultado da Catequese dos Dominicanos !”(24/09/40:CN-HAT)

Chegava ao fim a “fase Jê” da etnografia de Nimuendajú. Conforme explicou para Heloísa Alberto Torres, o “objecto dos proximos estudos” seriam os Munduruku do alto Tapajós, os Kulina do médio Juruá ou os Tukúna de Tabatinga, pois:

“Actualmente a questão não é mais determinar o que mais necessario se torna do ponto de vista científico mas sim escolher um trabalho de accordo com a escassez dos recursos. Assim eu devia completar os meus trabalhos sobre os Gê com um estudo demorado dos Kaingang do Estado do Paraná, mas tive de desistir porque os recursos são insufficientes.” (26/11/40:CN-HAT)

Antes porém de partir para a nova região, Nimuendajú foi mais uma vez solicitado para ajudar com o SPI na questão referente as terras Canela, sendo convidado no começo do ano seguinte, por José da Gama Malcher, para contribuir com croquis das terras desses índios:

“Tendo sido indicado pela Diretoria do Serviço de Proteção aos Índios para inspetor no Maranhão e, sabedor da sua grande capacidade aliada a grande amizade sempre demonstradas aos nossos índios, resolvi escrever-lhe afim de podermos, em ação conjunta, caso seja de seu agrado, trabalharmos para feliz solução de tão grande problema que, além de humanitario, visa sobremodo os interesses vtaes do nosso paiz.” (21/01/41: GM-CN)

Considerando que sua ajuda não implicava uma nova visita à área, mas somente a realização de croquis que na sua maior parte já estavam feitos, Nimuendajú atendeu ao pedido. Não deixou, entretanto, de esclarecer os motivos que o levavam a isso:

“Para responder á sua carta de 20 de janeiro encontrei certas difficuldades: Primeiro, porque por ella me parece que o Snr, no assumpto em foco, ainda dispõe de pouca experiência própria, o que me obrigaria a explicações que não cabem no quadro de uma simples carta; segundo, porque a resposta á sua carta implica necessariamente numa critica de certos pontos do SPI do qual o Snr. é funcionario. Entretanto, como esta em jogo a existencia de uns 2.000 indios cuja protecção lhe foi confiado, arriscarei-me mais uma vez a cahir em desagrado!”(02/02/41: CN-GM)

Enfim, uma nova área

Logo após ter enviado o material solicitado por Gama Malcher, e com o último subsídio financeiro que receberia de Lowie, Nimuendajú partiu para uma visita de cinco meses aos índios Tukuna, que tinha conhecido em 1929, “...para estudar sua religião e sociologia...”(29/11/40:CN-HAT).

A mudança de área, entretanto, não trouxe grandes surpresas para Nimuendajú, e suas primeiras observações de campo feitas para Carlos Estevão, repetem as mesmas queixas e lamentações pessimistas:

“Já há um mês que estou morando com esse caboclo interessante [ Calixto] cujo pai era um velho alemão, morador na beira do Solimões. (...)

Estão horrivelmente civilizados. Assim parece, pelo menos à primeira vista, e de fato, a sua cultura material original esta reduzida a mais ou menos um terço, e a espiritual grandemente influenciada. Creio que muitos etnólogos, vendo esses índios tão <descendentemente> vestidos, caçando com espingardas de cartuchos e lumiando nos seus igarapés virgens com lâmpadas elétricas de algibeira, pensariam que eu esteja perdendo o meu tempo. Para mim esse estado só me demonstra a necessidade premente de salvar o que ainda pode ser salvo.”(23/05/41:CN-CE)

Mas se os problemas, digamos indigenistas, eram semelhantes, bem diferente foi sua adaptação , visto que “300 Canelas cheios de bolos de carne são uma companhia mais agradável que 300 Tukuna bêbados de paiauarú; sem levar em conta o fato que nas festas destes, de vez em quando há também uma mortezinha” (28/07/41: CN-CE). Em todo caso, conseguiu alcançar a “confiança” necessária para realizar seu trabalho de campo:

“Aquilo que me parecia a maior dificuldade, fazer esses índios falar, está agora já de certo modo removido: pela minha romaria à terra dos mitos, pela minha atitude afirmativa para com a cultura antiga e pela minha liberdade no trato estou certo que já conquistei a simpatia e confiança da maioria dos Tukúna. Onde quer que eu apareça junta-se a mim imediatamente um bando de índios (o que mais das vezes para mim não é vantagem nenhuma) que interrogam o dono da casa e os índios meus remadores sobre o que eu fiz e disse; por força querem que eu saiba onde hoje em dia habita o herói cultural Dyói e consultam-me em matérias tão difíceis como sejam questões de incesto. Noráne, desde que me conheceu, afirma a todos que querem saber como era a pessoa que lhe apareceu que ela se parecia extremamente comigo, e numa nova visão ele me viu em companhia das pessoas mitológicas. Tudo isto se dá apesar de eu ter evitado tudo que possa dar margem para mistificações, afirmando aos índios que NADA sei e que vim para aprender! (28/07/41:CN-CE)

Até esse momento Nimuendajú não recebera nenhuma notícia de Lowie,

“Métraux, porém, mandou-me, sem mais comentário, as cópias de duas cartas que ele dirigiu a pessoas da Hispanic Foundation e da Guggenheim Foundation e das quais vejo como ele (e Lowie também?) está grandemente empenhado, debaixo dos costumeiros exageros dos meus merecimentos que ainda um dia me serão prejudiciais, em arranjar uma visita minha aos Estados Unidos.” (28/07/41 CN-CE)

O empenho dos colegas norte-americanos em organizar a viagem de Nimuendajú ao Estados Unidos foi em vão, assim como a procura de financiamento para sua próxima viagem<sup>100</sup>. Dessa forma, quando retornou dos Tukúna, Nimuendajú superou a sua fobia acadêmica dando início a um curso de etnologia no Museu Goeldi, que dividido em três períodos estendeu-se por três anos<sup>101</sup>. Conforme Maria de Lourdes Jovita, uma das alunas de Nimuendajú, este curso foi dividido em três partes sendo que nas duas primeiras foram estudadas as seguintes culturas: Yaman, Chorote, Tupinambá, Guarani, Botocudo, Bororo, Canela, Apinayé, Kayapó, Palikur, Tukúna, Povos dos Andes, Inca, Asteca e Maya, Pueblo, Apache, Iroquês, Povos da Costa Noroeste. Tendo percorrido “toda a América”, o terceiro período foi dedicado à “comparação das várias culturas estudadas.”, às “diversas teorias e divisões de ciclos culturais segundo opinião de Morgan e W. Schmidt” e “ao estudo da família lingüística Tupi Guarani”. “O professor Curt Nimuendajú, assim que o permitissem seus trabalhos, pretendia prosseguir suas lições e provavelmente, o quarto período das mesmas seria dedicado à ampliação dos estudos lingüísticos sobre outras tribos indígenas do Brasil.”<sup>102</sup> (Nunes Pereira, 1946: 60).

O sucesso da iniciativa de Carlos Estevão de certa forma estimulou Heloísa Torres a insistir numa colaboração de Nimuendajú na formação de pesquisadores de campo.

---

<sup>100</sup> Conforme Henry Moe, que respondeu aos pedidos de financiamento para a pesquisa de Nimuendajú, feitos por Lowie e Métraux, “He doesn’t fit into the Guggenheim Foundation’s Fellowship plans for Brazilians nor does he fit into the job I am doing for the Coordinator. And the reason he doesn’t fit into either plan is that none of those funds can be used to support Brazilians in Brazil.”(21/10/41:H.Moe-RL )

<sup>101</sup> De 11/11/1941 à 24/02/1942, de 21/01/1943 à 15/06/1943 e de 12/01/1944 à 01/08/1944.

<sup>102</sup> As outras alunas eram: Aida Maranhão, Emília Dyer, Evalda Xavier Falcão e Lygia Estevão de Oliveira (filha de Carlos Estevão)

Aproveitando-se do contato efetivado entre Wagley e Nimuendajú, Heloísa escreve manifestando seu entusiasmo<sup>103</sup>

“O Wagley ficou muitíssimo satisfeito em ter feito seu conhecimento e eu estimei saber, por sua carta, da boa impressão que ele lhe causou. Provavelmente ele lhe terá falado dos três rapazes que levou para campo. São sem dúvida elementos que prometem alguma coisa de bom; estão sendo bem orientados e eu espero que eles tenham a oportunidade de encontrar-se com o sr. em futuro não distante. Conto com o seu auxílio para este trabalho que empreendi de formação de etnógrafos.” (08/01/42: HAT-CN)

Nimuendajú entretanto não parecia se seduzir pelas propostas de Heloísa A. Torres e aproveitou este tempo “de gabinete” para concluir os artigos do HSAI que complementariam o financiamento fornecido pelos museus do Rio de Janeiro e do Pará. A quantia obtida, entretanto, não era suficiente e Nimuendajú teve que completá-la recorrendo, como sempre, à empréstimos:

“De 24 a 27 de fevereiro estive aqui o Snr. Julian Steward. Recebeu o mapa ethnographico feito por mim e pagou-me por elle os 300 dol., conforme combinado. Segundo elle me disse foi o Snr quem arranhou essa soma, para eu não ter que esperar pelo cumprimento das formalidades legais que teriam retardado demasiadamente a minha viagem. Não sei como agradecer-lhe pois sua intervenção salvou a situação: Os 500 dol. da Rockefeller em tempos calculáveis ainda não estarão á minha disposição, e a deficiencia da somma que pude tomar emprestado aqui do Museu e de amigos particulares teria feito a viagem quasi inutil.” (01/02/42: CN- AM)

Esta sua segunda viagem consecutiva aos Tukúna, foi no entanto uma surpresa desagradável para Nimuendajú, como conta para Carlos Estevão:

“No dia 2 de maio cedo desembarquei em santa Rita, e a uma hora da tarde cheguei na casa do meu amigo, o Tukúna Nino que já não me esperava mais, pois era fato sabido entre civilizados e índios da zona que eu tinha sido morto. Segundo ele, preso por ter viajado sem licença e morto por ser espião alemão. (...)

Muitos Tukúna, aliás, não acreditaram na história da minha prisão e morte, e achei-os esperando pacientemente, alguns com as suas filhas moças já há meses em reclusão, para que eu viesse assistir às suas festas.”(09/05/42:CN-CE)

Ainda em campo, ele continuaria a denunciar o clima hostil que lhe cercava:

“A 1 de junho estava de volta no Igarapezinho onde Calixto também tinha chegado na mesma hora. Dele tive então ampla confirmação daquilo que eu mesmo já reconheci depois da carta que eu lhe escrevi: que, quanto aos boatos a respeito da minha pessoa, não se

<sup>103</sup> Antes que iniciasse seu trabalho entre os Tenetehara, em companhia dos alunos do museu, Eduardo Galvão, Nelson Teixeira e Rubens Meanda. Wagley foi para Belém, encontrar-se com o etnógrafo.

tratava apenas de mentirinhas ingênuas do <povo>, mas de uma campanha sistemática de difamações e calúnias encabeçadas por Antonio Roberto e executada principalmente pelos irmãos Quirino, Boaventura e Roberto Mafra. (...)

Completamente falha foi essa campanha entre os Tukuna. Se bem que acreditassem que eu estivesse impedido de voltar ou mesmo morto, os sentimentos para comigo nada mudaram e em toda parte a sua alegria de ver-me novamente foi impressionante. Evitei desde então a casa dos Mafras: Quirino tinha me tratado, como nunca deixei de reconhecer abertamente, com muita hospitalidade. Tinha eu a ilusão que essa hospitalidade fosse a manifestação de algum sentimento nobre, e que lhe devia gratidão por ela, mas foi engano meu: é apenas um gesto oco e convencional, como por exemplo, aquele de se tirar o chapéu quando se passa por uma igreja, e perfeitamente compatível com ódio e hostilidade contra o mesmo hóspede.”(12/06/42:CN-CE)

Mais um mês e Nimuendajú continuava a se queixar do clima:

“Quirino Mafra não parou mais nunca com a sua campanha de mentiras e difamação. Por último já estava aconselhando os índios que me matassem antes de eu sair do Igarapé < dele>. Agora naturalmente ele vai espalhar que eu < fugi> do Igarapé Preto de medo dele e que me < escondi> em outra parte. Seja. Não é a mim que ele está sujando.”(15/07/42:CN-CE)

Para aqueles que acreditam em pressentimento, pouco antes de concluir sua viagem, Nimuendajú, desabafa: “Em todo caso, a não ser que me prendam, não abandonarei o meu trabalho nem uma hora antes de eu mesmo julgar conveniente no interesse dos meus estudos.” (03/09/42:CN-CE). Vinte dias depois, seu trabalho foi interrompido por uma ordem de prisão, solicitada pelos proprietários de São Paulo de Olivença. A solução para este problema só foi alcançada com uma intervenção de Heloísa Torres e Carlos Estevão, que havia se responsabilizado oficialmente por esta viagem.

Dois meses depois do acontecido ele escreveu para Heloísa Alberto Torres:

“Voltei da minha terceira excursão aos índios Tukuna. Desta vez tratei especialmente de completar e controlar os dados já collectados sobre religião e sociologia e de obter material linguístico, sobre todo textos em língua Tukuna. Este fim foi alcançado de uma maneira sofrível mas não ao ponto de tornar desnecessário uma nova visita que infelizmente em tempos calculáveis não poderá ser empreendida devida à falta de recursos e a atitude hostil da maior parte da população civilizada. Insinuaram aos índios que me deviam matar e me moveram tremenda campanha de calúnias absurdas e infames, denunciando-me às autoridades militares e civis e conseguindo finalmente a minha prisão. Graças aos esforços do Dr. Carlos Estevão fui porém solto imediatamente e sem mais formalidades assim que cheguei em Manaus.” (21/10/42: CN-HAT).

Tal temporada de difamações, somada as ações fiscalizadoras do Conselho, atingiram-no profundamente<sup>104</sup>, levando-o a desbafar com Carlos Oportus Duran:

“Os meus trabalhos, infelizmente, chegaram a um fim forçado. O nativismo xenophobo que domina aqui desde da revolução de 1934 e que desde então nunca cansou de procurar pretextos para impedir os meus trabalhos, conseguiu-o agóra, cobrindo-me de infamias e calumnias absurdas e ridículas. Nada mais poderei fazer.” (13/02/43: CN-OD)

O que escreveu para Julian Steward, no dia anterior, mostra claramente como essa situação o abalava:

“O meu trabalho sobre os Tukuna para o Dr. Lowie soffreu um grande retardamento. Para dizer a verdade: O conhecimento do facto que a nação com que vivo e trabalho há 40 annos, julgando-me incorporado, me trata a priori como inimigo mortal, accumulando-me de infamias, calumnias e insinuações, barrando-me todos os meios de subsistencia, privando-me de toda a iniciativa pondo um fim definitivo a minha actividade, deixou-me numa situação moral que tornou impossivel a concentração sobre outro assumpto sem ser a descoberta de um meio para me sahir desta situação insustentável e vergonhosa de uma vida perdida.” (12/02/43: CN-JS)

Nimuendajú começou então a dedicar-se a monografia Tukúna e aos artigos para o HSAI, até ser convidado por Rondon para assumir a chefia das investigações etnológicas que o CNPI pretendia desenvolver. Como ele próprio contou para Métraux:

“Há alguns dias o general Rondon me convidou a chefiar uma expedição ethnographica aos índios Bororo, Umotina, Baikairi e talvez ainda outras tribus do Culisehu, que deve ser feita este ano ainda, e durará seis mezes. (...) Infelizmente estou de uma tal forma empobrecido e falto de todo o necessario que quasi me envergonho de apresentar-me assim no Rio, alem de que minha casa vai ficar sem recurso algum. Si eu tivesse pelo menos recebido o honorario dos artigos do Handbook!” (10/07/43:CN-AM)

Como bem observou Baldus, ao contar do missionário dominicano que em 1940 encontrou Nimuendajú nas proximidades rio Araguaia e disse que ele era o único que de manhã, em qualquer dia e qualquer lugar, estava sempre de barba feita, a disciplina e o cuidado pessoal faziam parte do seu caráter como um todo, revelando-se na sua letra, na embalagem de remessas de escritos e impressos e nos mapas por ele desenhados (Baldus, 1946). Podemos imaginar, portanto, o quanto lhe incomodava apresentar-se no Rio de

<sup>104</sup> Lembrando que a saída da diretora do Museu Nacional, do Conselho de Fiscalização, piorou essas relações (Grupioni 1998)

Janeiro, em trajes simples que na recordação de Castro Faria refletiam a sua personalidade de “sertanejo”, essencialmente “não urbano”, algo que ele mesmo expressaria em carta a Baldus quando foi informado, dois dias depois de chegar no Rio de Janeiro, que sofria de glaucoma:

“Fazendo os indispensáveis exames gerais, análises etc., os médicos chegarão a conclusão que o meu estado de sanitário era tal que eu devia abandonar de uma vez e para sempre a minha vida de sertão e a minha convivência com os índios. De fato impuseram-me uma tal dieta que eu jamais poderia cumprir senão malmente nos grandes centros de civilização. A mim semelhante solução causou uma grande tristeza. O sr, bem sabe como eu amava esta vida e como eu estava identificado com os índios. Parece-me incrível que eu nunca mais hei de ver os campos dos Canella banhados em sol, nem os igapós sombrios dos Tukuna. Além de que eu pensava ainda de fazer algumas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas.”(10/10/1943 in Baldus 1946)105

O retardamento da volta de Nimuendajú à Belém foi todavia intensamente aproveitada. A pedido de Rondon, orientou de forma particular Harald Schultz, com intenções de prepará-lo para a pesquisa de campo<sup>106</sup>. No Museu Nacional, Heloísa Torres organizou um curso de etnologia que, segundo Castro Faria, consistia numa introdução à etnologia brasileira, organizada por critérios lingüísticos<sup>107</sup>.

Seguindo as recomendações médicas que contrariavam as suas viagens, ao voltar para Belém, Nimuendajú dedicou seu tempo a tradução e organização de seu material e a produção da terceira versão do mapa etnohistórico<sup>108</sup> Foi quando escreveu para Métraux:

---

<sup>105</sup> ver carta para Jovelina anexada

<sup>106</sup>O material destas aulas foi publicado postumamente como: “Sugestões para a Pesquisa Etnológica entre os índios do Brasil”. A importância dessa experiência para Schultz podemos comprovar pela suas palavras de agradecimento escritas quase um ano depois: “O que o senhor naquelas inesquecíveis noites de aula contou-me causou-me tão forte impressão, que sempre tenho que pensar na “criação do mundo” daqueles índios. (...)Amigo sr. Kurt, aceite pois meus sinceros votos de felicidade. Peço-lhe que continue como meu amigo. É e foi isto um grande conforto para mim. Nunca esquecerei o que o senhor foi para mim, quando de sua permanência aqui no Rio. Talvez que o senhor mesmo não o possa compreender: Foi algo que surgiu dos sonhos de minha infância e juventude, sonhos que tive de enterrar durante duros e longos anos de trabalho detestado.”(14/06/1944: HS-CN)

<sup>107</sup> Provavelmente não devia ser muito diferente do curso ministrado do Museu Goeldi.

<sup>108</sup> A primeira versão do mapa de 1942, destinava-se ao Instituto Smithsonian, tendo sido publicada em preto e branco, subdividida em três partes no HbSAI. A segunda de 1943, foi destinada ao Museu Emílio Goeldi e a terceira, mais completa e atualizada, foi para o Museu Nacional em fins de 1944. Em carta de 22/01/35, Nimuendajú escreveu para Carlos Estevão o que parece ser sua primeira menção sobre a produção de um mapa: “Snethlage me deixou também os dados necessários para o nosso mapa etnográfico do qual ficou eliminada uma das manchas brancas mais sensíveis.”

“Portanto, depois de quasi 40 annos, a minha actividade em convivencia com os indios chegou ao seu fim quando eu menos esperava. O snr comprehendera como isto me entristeceu, sabendo como sabe que essa vida era toda a minha satisfação. Alem de que eu pensava de fazer ainda muitas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas.” (...)

No Rio fiz um accordo com o Museu Nacional pelo qual executarei aqui em Belém, mediante um modesto ordenado mensal, uns tantos trabalhos, sobretudo traducções dos meus manuscriptos que o Museu pretende publicar. Também fiquei ainda ligado de certa maneira ao Conselho de Proteção aos Indios e ao mencionado serviço cartographico. Assim pelo menos não estou por hora soffrendo necessidades, posso tratar-me calmamente em casa e estou ao abrigo das perseguições e calumnias de que fui alvo nestes ultimos annos, e especialmente durante o anno passado.” (06/11/43:CN-AM)

A tradução da monografia Canela, como disse Nimuendajú, não foi...

“... tão facil como eu pensava porque não me lembrava mais que depois de ter concluido o manuscripto em allemão ainda fiz uma ultima visita á tribu em 1936 especialmente para corrigir e verificar uma longa serie de pontos duvidosos. Agóra torna-se necessario a cada instante corrigir o texto antigo e intercalar em logar conveniente trechos as vezes de algumas paginas. Estou curiozo por saber como Robert Lowie conseguiu isto na sua tradução ingleza, sem se consultar-se comigo! (01/12/43:CN-HAT)

Apesar de todo esse trabalho, em pouco mais de um mês, Nimuendajú acabou a primeira “traducção á lapis do manuscripto dos canellas: 573 paginas em papel almaço” (04/01/44:CN-HAT). Mais alguns meses e Nimuendajú terminaria a versão datilografada, que segundo ele, “...redundou quasi numa reforma do trabalho. As modificações e corrigendas do manuscripto antigo se tornaram tão numerosas que chego a lamentar que Lowie talvez o publique no estado em que lhe remeti.” (31/03/44:CN-HAT)

Mesmo estando ainda compromissado com a tradução da monografia Xerente e de seus trabalhos lingüísticos, Nimuendajú já esboçava a intenção de retornar aos Tukúna, e Heloísa A. Torres já prevendo essa nova viagem, procurou mais uma vez beneficiar-se das qualidades deste pesquisador em campo.

“Aproveito o ensejo para lembrar o meu plano de treinamento em trabalho de campo dos rapazes daqui do Museu. Penso que o senhor, caso isso não viesse a perturba-lo de algum modo ou constrangê-lo, poderia escolher um dos rapazes para acompanha-lo. Seria uma oportunidade ótima para qualquer um deles poder, apos algum tempo de permanencia em Belem junto ao senhor, inteirando-se dos seus trabalhos, ir trabalhar, no campo sob a sua orientação.” (19/07/44:HAT-CN)

A resposta para o pedido de Helóisa A. Torres, só viria no final do ano. Com a tradicional modéstia e gentileza, Nimuendajú respondeu:

“Sem me opor absolutamente em principio a vinda de rapazes do Museu Nacional para trabalhar comigo, acho contudo essa ocasião muito imprópria: A despeza avultuada e a grande perda de tempo jamais serão recompensadas pelo que elles porventura poderiam aproveitar da minha companhia.” (23/11/44:CN-HAT)

Nimuendajú não via a hora de poder desligar-se dos compromissos que o mantinha longe do campo, mas o que mais lhe incomodava neste momento era a falta de diálogo com os etnólogos americanos, o que fica claro no desbafo nostálgico que fez para Métraux.

“Deixa que lhe confesse uma coisa: Não é so do campo e da convivencia com os indios que tenho saudade como também da collaboração com os ethnologos americanos que eu mantinha durante nove annos. Aquella comprehensão que o Snr e Lowie tinham dos meus trabalhos está me fazendo uma falta enorme. Aqui só me julgam pelo que ouviram dizer a meu respeito algures no estrangeiro; alias o Snr conhece esse meio e essa mentalidade tão bem como eu, disto tenho certeza. Tambem economicamente não posso viver tão socegado como esperava, devido à instabilidade e inpontualidade das pessoas de que dependo. Mas chega de choradeira !” (04/08/44:CN-AM)

Como de costume, Métraux, tentou consolar o amigo:

“I saw Dr. Lowie a few days ago in New York and I showed him your letter. He appreciated the friendly references to him and told me how distressed he was to learn that your situation was still insecure. (...) he expressed again his admiration for your work and for your devotion to science. I heard the same opinion expressed by Father Cooper, who told me that he considered you to be one of the greatest living South Americanist. I wish that you would convince yourself that, despite the general indifference of your milieu, you enjoy a name and a reputation that will last for a long time.” (...)

“This morning I had a long talk with Gilberto Freyre and I told him very frankly what I thought about the lack of support from wich you are suffering. I stressed the fact that your work on Indians will remain as a classic and that Brazil owes to her good name to ensure your scientif existence.<sup>109</sup>” (11/12/44:AM-CN)

Nimuendajú não parece ter se animado com as notícias de Métraux, e curtamente responde: “Quanto ao seu encontro com o Snr. Gilberto Freire, agradeço a sua bôa intenção,

---

<sup>109</sup> Na mesma carta, Métraux comenta o desejo de ter o nome de Nimuendajú no seu artigo. Nimuendajú responde: “Por certo que retiro promptamente o meu pedido de eliminar o meu nome como co-autor do seu artigo sobre a familia Masakarí e o grupo Kamakã, comtando que elle não contenha conceitos classificatorios em desaccorodo com os meus.” (30/09/44:CN-AM)

mas peço-lhe mais uma vez que use da necessaria reserva quando falla a meu respeito com brasileiros: O resultado custuma ser contraproducente.” (30/09/44:CN-AM)

Em final de 44, completamente desgastado pelas relações nem sempre efficientes com o Museu Nacional, Nimuendajú desabafa com Heloísa A. Torres:

“Quando em 1943 voltei do Rio julgava que nada mais me restava a fazer si não trabalhar com dedicação e com aquella satisfação que sentia pelo acordo feito, enfim, com o Museu Nacional, pelo interesse que a Snra tomou nos meus trabalhos e pelo tratamento cordial com que me dirigiu, um tanto [ ilegível]. No decorrer de 1944 porém revelou-se-me uma inconveniencia bastante grave no meu trato com o Museu Nacional: A grande difficuldade de obter resposta as consultas que sou forçado a fazer no interesse do serviço e também da minha pêssoa. Si me vejo forçado a repetir quatro ou cinco vezes o mesmo assumpto sem contudo obter resposta isto não só prejudica o trabalho como também é extremamente deprimente para mim, ao ponto de tirar-me todo o meu entusiasmo primitivo. Sei perfeitamente que a Snra esta sobrecarregada de trabalhos administrativos e que seria tolice esperar que as suas occupações lhe deixam o tempo para responder promptamente ás minhas perguntas. Entretanto, este conhecimento não resolve a difficuldade. Si me conformasse com o silencio da snra isto não só prejudicaria o trabalho como também seria incompatível com o meu caracter.eu não sou o tradutor deste ou daquelle texto, mas essas monografias que estou traduzindo representam cada uma um pedaço da minha vida. De maneira que é-me impossível produzir a indifferença necessaria. (...)

A Snra tem agora em mãos a primeira das minhas monografias traduzidas. Não importunarei mais a Snra com perguntas a respeito da sua publicação. Esperarei pacientemente o resultado, mas também só começarei a outra depois de vê-la. Enquanto isso, salvo ordens contrárias, tratarei do conjunto do material linguistico.”(22/12/44:CN-HAT)

O ano passou mas as relações com o Museu Nacional não evoluíram; em abril, Nimuendajú comenta com Steward que sua situação “... não é boa e tende para o peor. Prevejo que em breve terei de abandonar os trabalhos para o Museu Nacional do Rio.” (19/04/45:CN-JS)

Mas isso não aconteceu,

“Quando porém eu já estava resolvido a romper as relações com o Museu, ela [HAT] de repente se lembrou de mim, aumentou-me as mensalidades e remetteu-me em conjunto com o Serviço do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional, o dinheiro para uma nova estada de seis mezes entre os indios Tukuna, plano este que já havíamos feito no Rio. Portanto, para aguentar as relações com o Museu são necessário, ao que parece, em primeiro lugar uma epiderme abençoada, e depois uma paciência de Job, e então a coisa vai.”( 26/06/45:CN-HS)

Continuou trabalhando então na coletânea de Lendas e nas suas traduções até que “...o crl João Alberto [ Ministro João Alberto] mandou pelo seu secretario A. Neiva, então no Pará, convidar-me a vir ao Rio, porque queria conhecer-me pessoalmente e confiar-me certos trabalhos da “Brasil Central” (14/07/1945:CN-HS).

Em agosto, Nimuendajú partiu para o Rio de Janeiro, onde foi oficialmente convidado para fazer parte da Fundação Brasil Central, que pretendia instalar um museu etnográfico em Aragarças. O convite foi inicialmente aceito, mas “por uma vida de 40 anos em pról dos índios” teve que ser recusado (ver anexo XXXII).

#### O fim épico de um herói

Após retornar do Rio, Nimuendajú começou a organizar a sua quarta viagem ao Solimões, a fim de recolher o restante do material necessário para a conclusão da monografia Tukúna e da coletânea de lendas. Conforme Nunes Pereira, que o encontrara em Manaus, “...ele pretendia fundamentar melhor certas conclusões principalmente relativas ao idioma tucuna, às lendas e às migrações, de ordem mais mística que econômica, que se contam na história da tribo.” (Nunes Pereira 1967:444).

Nimuendajú, entretanto, não ignorava os riscos de seu retorno aos Tukúna, visto que na sua última visita, saíra de lá preso. Segundo Nunes Pereira, neste encontro em Manaus, ele manifestou sua desconfiança:

“Nós o sentimos bastante preocupado com o seu regresso ao alto Solimões, revelando-nos pressentimentos que, em conversa, também revelara à Geraldo Pinheiro.”(1967:446)

Não demoraria muito para que a desconfiança de Nimuendajú se justificasse. Menos de três dias depois de chegar no igarapé ( 9 ou 10 de dezembro de 1945 ), Nimuendajú morreu fulminantemente e apesar das dúvidas e contradições sobre a causa mortis, o corpo foi sepultado (11/12/45), no cemitério de Santa Rita de Weil (município de São Paulo de Olivença), sem nenhuma espécie de exame.

Em janeiro do ano seguinte, o inspetor Jacobina, solicitou uma investigação que registrou nas documentação do SPI (CDE-MI) a hipótese de assassinato levantada pelo tukúna Nino Athaíde, amigo e informante de Nimuendajú. Nas palavras do agente Manuelão, que colheu o depoimento e o registrou em seu relatório.

“Depois de um dois dias que estava naquele igarapé, o professor saiu da casa do índio e foi fazer um passeio, e neste percurso, tomou uma chicara de café em casa de um civilizado que o comunicante não soube explicar direito. Quando chegou em casa, passados momentos, ele foi atacado por uma súbita convulsão, e quando o caboclo correu para socorre-lo verificou que ele jogava sangue pela boca. O índio desesperado em ver aquele quadro trágico, pegou-se a vítima e perguntou o qye sentia, mas foi tarde porque ele não teve mais tempo de falar. A morte foi-lhe fulminante.

Passado aquele momento de aflição, o caboclo dirigiu-se à casa dos vizinhos e comunicou o que passou-se em sua casa. Incontinenti o Sr. Barcellos, professor daquele logarejo, acompanhado de outras pessoas, dirigiram-se para a casa do índio afim de procederem ao enterramento e fazerem o espólio do inditoso professor.” ( apud Oliveira Filho, 1986:264)

O relatório é concluído chamando atenção para a opinião do índio Nino e de seus parentes, de que Nimuendajú teria sido vítima de um envenenamento, pois “quasi todos os civilizados que moravam naquele lugar não gostavam do professor porque ele era um grande defensor dos direitos dos índios” ( Oliveira Filho, 1986: 265)

Conforme nos conta Oliveira (1986:265), a segunda versão seria procedente de Nunes Pereira, que encarregado pelo Inspetor Jacobina de conduzir uma sindicância sobre o caso e de recolher os pertences de Nimuendajú, teria também realizado uma investigação, que, como a primeira, enfraquecia a hipótese de morte natural. Todavia, os dados recolhidos de sua pesquisa em campo não foram apresentados oficialmente, o que permitiu especulações, estimuladas pela alusão ao misterioso “Diário Erótico”

“Promevendo, por isso, especial diligência ao local onde Curt Nimuendajú, encontrou morte tão rica de versões e de suspeitas, conseguimos reaver algumas páginas (as da cópia), de um Diário Erótico, da autoria do cientista, cujo o original não foi arrolado no espólio.” 110 (Nunes Pereira, 1967:448)

---

<sup>110</sup> Adiante Nunes Pereira acrescenta: “ Praxe obedecida, regularmente, por quantos fazem viagens de estudos, - e Curt Nimuendajú deixou inúmeras cadernetas desse gênero – intriga-nos, não termos encontrado entre os seus papéis, manuscritos e livros, uma fonte evidentemente preciosa, para a reconstituição das suas atividades antes do desfecho da sua existência.”

A terceira versão, segundo João Pacheco de Oliveira, restrita aos membros da comunidade antropológica, “...é de que Nimuendajú teria sido morto pelos próprios índios, como represália por um relacionamento sexual com mulheres do grupo” (Oliveira Filho, 1986:267). O que mais sustentaria esta hipótese seria o depoimento de Nino Athaide dado a Nunes Pereira, que teria dito que Nimuendajú, que era casado com sua filha, pretendia casar-se também com sua sobrinha. Pesquisas posteriores, no entanto, não confirmam esta informação e tudo continua assim misterioso.

### Homenagens Póstumas

Em junho de 1946, por iniciativa do Comandante Braz de Aguiar, Chefe da Comissão de Limites, de José da Gama Malcher, Chefe da 2ª Inspeção Regional do SPI e de Inocêncio Machado Coelho, diretor do Museu Emilio Goeldi, foi inaugurada uma placa de bronze na sala da biblioteca do Museu Goeldi em homenagem a Nimuendajú (Arnaud, 1983/84:29)

Quase 12 anos se passaram, quando em fevereiro de 1957, os restos mortais de Nimuendajú foram exumados e levados para o Museu Paulista, onde ficaram depositados em uma urna funerária, tipo igaçaba, encomendada pela Sociedade Brasileira de Sociologia. A 24 de setembro de 1981, deu-se a inumação definitiva dos restos mortais de Curt Nimuendajú no cemitério do redentor, em São Paulo<sup>111</sup>. Segundo Thekla Hartmann “...seus despojos encontram-se agora ao lado do jazigo de um amigo [ Paul Aliche ], a quem ofereceu, nos idos de 7 de agosto de 1920, um exemplar do trabalho sobre os Apapokuva.”(1981/82:187). Dessa forma:

“Depois de 3 anos de viagens pelos labirintos da burocracia, o processo de inumação definitiva engordou 49 folhas, mas Curt Nimuendajú, falecido em 1945, exumado em 1956, recolhido a uma igaçaba em 1958, foi sepultado em 1981.”(Hartmann, 1981/82: 190)

Na Alemanha, na data de seu aniversário do ano de 1965, foi inaugurada uma pedra comemorativa no parque da sua cidade natal, com a seguinte inscrição “Ao Grande Pesquisador de Índios e Humanista Curt Unckel Nimuendajú”. A cerimônia que foi

<sup>111</sup> Situado à avenida Dr. Arnaldo, n. 1.105, na cidade de São Paulo, na sepultura nº. 21, quadra IV.

presidida pelo prefeito da cidade, contou ainda com os discursos do médico Fritz Cappeller e de Eva Lips, etnóloga da universidade de Leipzig.

Em comemoração ao seu centenário, o Museu de Dresden realizou uma exposição em 1983/84, que em 1986 foi encaminhada para o Museu de Berlim. Nesta mesma data foi erguida no Museu Goeldi uma escultura em pedra com a figura de um índio com arco e flecha, aludindo a Curt Nimuendajú.

### CAPÍTULO 3

#### Um homem de Ciência?

“E o que mais me entristece é que a ocupação com esses outros assumptos alheios à sciencia não lhe permite aproveitar o seu material já colhido, nem a completar os seus estudos de etnologia geral, o que acho indispensavel.

Isto não quer dizer absolutamente que o snr desanime no seu posto actual. O snr talvez se lembra ainda que eu comecei os meus trabalhos de campo como ajudante de cozinheiro da Comissão Geographica de São Paulo. Mas espreita sempre qualquer oportunidade de sê por em contacto com pessoas de orientação puramente scientifica de outros institutos (-si os houver !), nacionaes ou estrangeiros, considerando sempre a sua posição actual apenas como um degrau na sua carreira de ethnologo.” (Nimuendajú-H. Schultz: 26/06/1944)

## Nimuendajú Indigenista

"Mas, a dedicação e o regulamento do serviço nem sempre podem suprir a falta de conhecimento de que o índio é como índio, e não só como objeto de administração." (Nimuendajú, 1982:242. Relatório Gorotire apresentado ao SPI em 1940)

Para os familiarizados com a bibliografia sobre Nimuendajú, a qualificação de “indigenista” é bem conhecida. Na maioria dos casos, entretanto, ela é fundamentada simplesmente nos serviços prestados por Nimuendajú ao SPI e consagrada pela pacificação dos Parintintins (Melatti, 1984; Schaden, 1966 e 1973; Grupioni 1998, Moreira Neto, 1982). Até mesmo Grupioni, que amplia a noção de campo indigenista, incorporando não somente aqueles agentes e agências que tinham propostas de intervenção junto aos grupos indígenas, mas também aqueles que produziram conhecimento sobre os índios ou buscaram controle sobre esta produção, foi seduzido por esta associação<sup>112</sup>. Analisando, o dossiê Curt Nimuendajú do Conselho de Fiscalização (que cobre de 09/02/35 à 29/08/46), este autor sugere que a eclosão da Segunda Guerra teria implicado um redirecionamento das relações profissionais de Nimuendajú e do seu modo de trabalhar, identificando, por conseguinte, três momentos em sua vida:

"...até a pacificação dos Parintintin, Nimuendajú é antes de tudo, um indigenista, ora ligado diretamente ao SPI, ora movimentando-se por conta própria, embora já contando com algumas obras publicadas e com algumas coleções depositadas em museus. O segundo é que, a partir de sua contratação por Nordenskiöld até a realização de uma segunda coleta conjunta para museus alemães, o que predomina é a figura do colecionador profissional, que não só coleta, mas estuda e produz conhecimentos sobre os grupos visitados."(1998:187-188).

A hipótese do autor é que na medida em que se intensificam suas relações com os museus nacionais, Nimuendajú deixa de ser um colecionador particular para se tornar um pesquisador associado<sup>113</sup>. Todavia, apesar da evidência de uma “fase indigenista”, ela por

---

<sup>112</sup> O autor demonstra que situado entre o campo intelectual e o campo político, o Conselho de Fiscalização relacionava-se com agentes e agências que disputavam posições no campo indigenista, tornando-se parte integrante dele.

<sup>113</sup> Destaca, no entanto, que mesmo começando a atuar quando Nimuendajú já se encontrava associado a Lowie (1933) e, portanto, com um interesse central sobre notas etnográficas mais do que por coleções, a

si só não permite que essa “faceta” de Nimuendajú seja completamente compreendida. Além de isolar uma prática que estava intimamente ligada a sua etnologia, deixa de lado quase 25 anos de atividades indigenistas, pois como sabemos, elas não terminaram com a Pacificação dos Parintintins<sup>114</sup>. Concentrar-se nos vínculos empregatícios de Nimuendajú com o SPI, faz com que se ignore as demais relações de Nimuendajú, iniciadas após a Pacificação dos Parintintins, com outros agentes e agências que integravam o campo indigenista, como os museus nacionais, o Conselho Nacional de Proteção aos Índios e o Conselho de Fiscalização. Por tudo isso, apesar de reconhecer que esses compromissos oficiais com o SPI, tenham consagrado e legitimado o “Nimuendajú Indigenista”, penso que a sua prática indigenista não pode ser reduzida e simplificada na figura de funcionário do SPI

Definindo Indigenismo como o “conjunto de idéias (e ideais, i.e., aquelas elevadas à qualidade de metas a serem atingidas em termos práticos) relativas à inserção de povos indígenas em sociedades subsumidas a Estados nacionais, com ênfase especial na formulação de métodos para o tratamento das populações nativas operadas segundo uma definição do que seja índio”(Lima, 1995:15), a primeira década do século passado constitui o momento de formação do campo indigenista, que se autonomiza como tal, em 1910 com a criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais<sup>115</sup>. Analisando a constituição do espaço social do indigenismo no Brasil através de um mapeamento dos autores/atores que participaram do “suposto” debate constitutivo da

---

imagem forte diante do Conselho de Fiscalização continuou a ser a de colecionador particular, que oferecia a institutos nacionais e estrangeiros, suas coleções etnográficas.

<sup>114</sup> A experiência com os Parintintins foi de fato sua última empreitada pacificadora. A partir daí sua contribuição para o SPI restringiu-se a sondagens, levantamento de áreas indígenas e serviços cartográficos. Dessa forma contribuiu ainda nas suas viagens ao rio Negro (1927), aos Tukúna (1929), aos índios da Bahia (1939), aos Gorotire (1940). Segundo Moreira Neto (1982), é possível que a contribuição de Nimuendajú para o SPI tenha sido ainda maior; infelizmente porém, grande parte dos seus relatórios teria se perdido no incêndio ocorrido em Brasília em 1967, que destruiu totalmente os arquivos do SPI, e outra parte também pode ter se perdido na destruição ou dispersão de arquivos regionais da FUNAI em épocas mais recentes, como ocorreu nas delegacias Regionais do Amazonas e do Maranhão, coincidentemente as áreas onde Nimuendajú mais trabalhou.

<sup>115</sup> Campo indigenista corresponderia ao espaço específico de disputas, que em sua estrutura, temas e problemas mostra-se tributário do campo político, e em sua atuação, articula agentes e agências que desempenham papéis próprios em outros campos, como o intelectual e o religioso (Lima, 1987). Por esta definição percebemos que o uso indiscriminado do termo indigenismo ou indigenista sugerem homogeneidade onde há diversidade de elementos e trajetórias

criação do SPILTN, e à luz de uma crítica das interpretações de Darcy Ribeiro e David Hall, Lima (1987) identificou diferentes categorias de agentes e agências que entraram em disputa, com interesses e planos de intervenção diversos, ante os povos indígenas<sup>116</sup>. Embora estivessem informados por uma mesma premissa básica, a da inferioridade destes povos, diferiam no entendimento da "capacidade de evolução" dos mesmos e daí resultava a diferença nos projetos de intervenção (Lima, 1987).

Essas diferentes categorias de agentes e agências propunham relações distintas para com os povos indígenas, tais como as de convivência pacífica, a de catequese, e a de proteção fraternal. Entretanto, foi a emergência e preeminência desta última que resultou na criação do Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais, que tinha então um duplo propósito: colocar a proteção das populações indígenas sob a égide do Estado enquanto um poder tutelar, e tornar segura a expansão econômica em áreas onde havia conflitos entre índios e frentes de expansão (Lima, 1987).

Embora a proteção fraternal tenha se sobressaído, e a instalação do SPI possa ser entendida como o momento em que o campo indigenista se formaliza adquirindo autonomia, sua preeminência não silenciou as outras vozes. Assim, as propostas indigenistas próprias às demais posições, continuaram existindo simultaneamente em outras instituições, políticas e científicas, que com seus diferentes projetos também desenvolviam "ações indigenistas" (Lima, 1995).

Ocupando a posição de etnógrafo e defendendo proposta salvacionista mas não assimilacionista, a relação de Nimuendajú com o SPI foi marcada por ambiguidades, na medida em que o seu ideal de convivência pacífica, pressupunha a preservação da vida tribal do grupo indígena, mantendo sua autenticidade original.

Apesar do SPI defender retoricamente a proteção física e moral dos índios<sup>117</sup>, as populações indígenas não eram tomadas como portadoras de história própria, nem de tradições que as singularizassem entre si e perante a comunidade nacional brasileira, os índios eram os "brasileiros pretéritos" que deveriam ser civilizados (Lima 1995:120).

---

<sup>116</sup> A análise empreendida por Lima, sobre a produção desse momento, permitiu reconhecer a divisão dos autores em seis categorias que representando campos sociais distintos - etnógrafos, jornalistas, engenheiros militares, juristas e políticos - tornaram-se presentes no cenário político da época como portadores de projetos indigenistas próprios.

<sup>117</sup> O que num primeiro momento serviu para opor suas propostas e métodos à catequese dos missionários.

Nimuendajú, por outro lado, chamava os civilizados (brasileiros) de neo-brasileiros, reconhecendo as populações indígenas como nações.

Embora Nimuendajú apoiasse a intervenção de um “ Estado imaginado como nacional, sobre as ações dos povos indígenas” (Lima 1995:39), não concordava com os métodos e objetivos assimilacionistas. Para ele a questão não era somente controlar a violência da situação, pacificando os selvagens e educando-os até tornarem-se civilizados, ou como dizia criticamente em miseráveis. Na sua visão, o poder tutelar sobre as nações indígenas deveria ser acionado com o objetivo único de garantir a sobrevivência física e moral desses “espécimes culturais” ameaçados pela processo civilizatório. Para isso era necessário garantir a posse de terras (como fizera os EUA na criação de suas reservas indígenas) de forma que as populações indígenas livrassem-se dos conflitos, mantendo sua autonomia em relação aos neo-brasileiros, que, não permitiam a continuidade de seus costumes, tradições, língua e religião. Ainda quando o órgão era responsável pela “Localização de Trabalhadores Nacionais”, em carta para o inspetor Horta Barbosa, Nimuendajú questionava essa função, deixando claro seu real interesse:

“Quando se começará com a Localização dos Trabalhadores Nacionais que aqui é uma necessidade tão grande como a Proteção dos índios? Confundir e misturar porém os dois problemas , só seria sacrificar o futuro dos índios, justamente o que eu tenho sempre em vista.”(Nimuendajú, 1993[1912]: 127)

A separação ocorreu alguns anos depois, mas a “Localização de Trabalhadores Nacionais” continuou a ser sempre um dos objetivos do Serviço de Proteção aos Índios, que esforçava-se para transformar os índios em trabalhadores (Lima 1995). Naturalmente, tal intenção nunca satisfaz Nimuendajú, que mesmo estando oficialmente desligado do órgão continuava a manifestar suas críticas:

“Vi em mãos de Virgílio Bandeira o novo regulamento do S.P.I. e fiquei desapontadíssimo!<sup>118</sup> Em vez de, antes de tudo, focar com nitidez e resolutamente os pontos mais necessários para a garantia da existência do índio, encheram linguça com futilidades administrativas: até se lembraram de introduzir o uso de fósforos entre os índios! O projeto é tão bonitinho – fica-se enlevado com tanto patriotismo e humanidade! Mas ele nunca será executado porque a sua realização exigiria somas fabulosas que o S.P.I. nunca terá a disposição, e mais empregados do que os índios existem em todo o Brasil. As

---

<sup>118</sup> Considerando que o Regulamento do SPI foi aprovado pelo decreto 736 de 06 de abril de 1936, devemos supor que se tratasse de um ante-projeto.

poucas emendazinhas que o Rondon fez referem-se a outras tantas futilidades! E ainda num telegrama anexo, ele fala de boca cheia dos ‘20 anos de experiência que o S.P.I. tem!’ Se é isto o que a experiência lhe ensinou é porque ele também é daqueles que são incapazes de corrigir os seus erros: marca Rabelo<sup>119</sup>.” (21/08/35:CN-CE)

É certo, porém, que em termos de métodos, Nimuendajú concordava com o serviço na promoção da pacificação e atração/concentração de grupos indígenas, pois afinal estes eram os primeiros passos para se constituir as reservas indígenas. Por esta iniciativa, Nimuendajú reconheceu que o SPI, “...mesmo na época da sua maior decadência, prestou aos índios um inestimável serviço, pois só a elle se deve o facto de elles não serem massacrados sumariamente”. Assim Nimuendajú não criticou integralmente o modelo do SPI, mas apenas a sua desvirtuação gerada em grande medida pelas “falhas administrativas” do órgão, respectivamente: “verbas insufficientes e irregulares”, que impossibilitavam a aplicação e conclusão dos projetos elaborados, o “exagero burocrático”, a “falta de auxiliares apropriados”, e finalmente a “falta de força para valer os seus princípios em meio hostil.”(02/02/40:CN-GM).

De um modo geral, essas críticas estão expostas na carta que enviou para Malcher quando este lhe solicitou ajuda para a delimitação das terras dos Canela e permitem perceber a ambivalência entre um essencialismo cultural romântico, de cunho científico, e um autoritarismo positivista.

“O SPI proíbe aos seus funcionários a intervenção nos costumes e instituições indígenas, mas falta-lhe uma compreensão científica das mesmas, e em consequencia disto elle não lhes dá aquella importância que merecem, e no fundo só aprecia o índio como o nosso futuro concidadão e patriota, assim como o missionário vê nelle exclusivamente o futuro christão. O regulamento do SPI protege as instituições dos índios, mas, como já disse, uma tolerância apenas não é sufficiente, e nos postos do SPI reina, por força de circunstancias um ambiente francamente suffocador de toda particularidade ethnica do índio. O SPI garante amplamente o exercício da religião dos índios. Por que, com raras excepções, elles não a exercçam nos postos? Porque conhecem que os seus superiores, o encarregado e os outros civilizados em torno d'elle, divergem d'elles neste ponto e que portanto não podem ter para elles nenhuma sympathia. Eu queria que o Snr, antes de assumir o cargo, tivesse visitado meia duzia desses postos, p. ex. aquelle onde vegetam os ultimos 16 Pataxôs, no Rio Cachoeira de Itabuna, no Sul da Bahia!”

O SPI pretende o reerguimento do índio pelo cultivo do civismo e do patriotismo: Onde foi que elle já conseguiu este fim? E não o conseguiu porque faltou até hoje a base

---

<sup>119</sup>Manoel Rabelo, foi o “organizador dos planos de pacificação dos índios Kaingang de São Paulo”, em 1912 (Ribeiro, 1970:143-144).

indispensável: O sentimento de solidariedade da parte do índio. O índio não se pode sentir solidário espontaneamente e impulsivamente com aquele que lhe demonstrou uma compreensão carinhosa de seus costumes e particularidades. O hino nacional, as cerimônias deante da bandeira, a alfabetização e a decantada “confraternização” que consiste em se passar constantemente a mão pela cabeça do índio (quando não na falta completa de respeito recíproco) não resolvem o problema, e nem tampouco uma “bôa administração” do posto que o transforma num estabelecimento agrícola mais ou menos florescente no qual o índio, em fim, se torna “quantité négligable” na proporção que cresce a importância e a prosperidade dos “bons elementos” civilizados que o regulamento manda localizar junto aos índios, e o fim é o que eu vi no posto acima citado: Nas terras reservadas aos índios, legalizadas e demarcadas existem 58 índios ao lado de uns 300 civilizados!

Porquanto afirmo o contrário, o SPI faz do índio primitivo uma opinião muito baixa. E não pode ser de outra maneira porque não obedece a uma orientação científica que elle, pelo menos na primeira phase da sua existência desprezava francamente, porquanto o SPI era uma cruzada patriótica, muito acima de todo o pedantismo científico que só serviria para desviá-lo dos seus elevados fins.” (02/02/41:CN-GM)

Apesar de todas essas discordâncias, e do xenofobismo exaltado nos períodos de guerra, o compromisso moral que sempre demonstrou ter pelos grupos que estudava, o poder e controle exercido pelos órgãos oficiais sobre as pesquisas em áreas indígenas, e o conhecimento produzido, fazia com que Nimuendajú não pudesse fugir por completo destas relações<sup>120</sup>. Havia assim uma certa coação que levava Nimuendajú a continuar prestando serviços, para ficar bem no meio fiscalizador.

“Do SPI recebi 2 telegramas dizendo que contavam com a minha boa vontade para a solução das questões indígenas na área do Tocantins. Respondi a isso que em Janeiro eu iria de fato a este rio ao encontro dos Serente, porém, por sua ordem e com os seus recursos, levantar material sociológico. Por completo não vou poder evitar os pedidos dessa gente, porque eles simplesmente criarão-me impecilhos. Se eles tão repentinamente se lembram de mim então eu já sei com bastante certeza o que está ocorrendo: eles não tem ninguém que vai a frente das flechas das tribos selvagens com os quais se quer fazer paz. Esta vez pelo menos eu não cederei!” (03/09/36: CN-RL)

Alguns anos mais tarde, quando enfrentava a fúria dos brancos do rio Solimões, e a desconfiança xenófoba dos órgãos políticos e científicos brasileiros, ele justificaria a sua colaboração ao serviço cartográfico do CNPI explicando que: “Assim pelo menos, não estou

---

<sup>120</sup> “Aqui tivemos notícia que Rondon brevemente virá de Leticia para se encontrar com a família em Belém. Como eu mesmo estou sujo com elle, dei ao meu amigo Carlos Estevão todos os dados necessários para fazer uma exposição sobre os índios e a Vigilância de Barra do Corda. Não sei se produzirá algum efeito, mas em todo caso não deixo escapar nenhuma occasião.” (20/01/36: CN-R.Miranda)

por hora soffrendo mais necessidades e fiquei ao abrigo das perseguições e calumnias de que fui alvo nestes dois anos e especialmente durante o anno proximo passado” (06/11/43:CN-RL)

É inegável, no entanto, que a iniciação etnológica de Nimuendaju se deu através do SPI, e considerando o contexto em que estava inserido, percebemos que ela foi no mínimo estratégica. O SPI não só possibilitou o acesso ao campo, garantindo os subsídios materiais e burocráticos para sua realização, mas forneceu informações de primeira mão, disponibilizando relatórios e croquis de áreas recentemente exploradas. Só assim, ele conseguiu ter uma visão bastante ampla da situação etnográfica do Brasil.

O que é importante aqui é reconhecer primeiro que Curt Nimuendajú não pode ser reduzido ao Curt indigenista, e este por sua vez, não pode ser reduzido a produto das suas relações com o SPI. Isto daria uma idéia totalmente deformada da sua prática indigenista, orientada por uma etnologia salvacionista (congenitamente indigenista), compartilhada por toda uma geração de pesquisadores que acreditava que os problemas sobre a origem e berço da humanidade deveriam ser discutidos com referência às tribos que não tivessem perdido suas características originais através do contato com a civilização. Conseqüentemente, a extinção de grupos indígenas ainda não devidamente pesquisados criariam lacunas etnográficas irrecuperáveis.

#### O Coletor: arqueologia e colecionismo

“Aqueles que pesquisaram aqui [Amazônia] não existem mais ou não são muito numerosos. Nenhum deles, repito, nenhum deles trabalhou de acordo com um método tão sistemático, como NIMUENDAJÚ. Graças a ele não foram colecionadas apenas peças individuais notáveis, mas as escavações foram realizadas de acordo com um método realmente científico”. (Nordenskiöld no prefácio do seu livro *L’ aecheologie Du Bassin De l’ Amazon*, Paris, 1930)

Tão forte como a imagem de Nimuendajú indigenista é a sua imagem de coletor<sup>121</sup>. Mas, se pela primeira, Nimuendajú é unanimemente enaltecido, pela segunda ele é

---

<sup>121</sup> Não farei distinção entre coletas arqueológicas e etnográficas, visto que Nimuendajú estava orientado por uma ciência que entendia a arqueologia como a etnografia do passado (Lowie, 1937)

praticamente esquecido, tendo suas atividades colecionistas relegadas a uma espécie de purgatório ético-intelectual: quando não são questionadas pelo seu aspecto comercial, são desprezadas por aqueles que entendem a cultura material como um tópico pouco relevante da disciplina ou matéria exclusiva de arqueólogos e museólogos (Ribeiro, 1992). Veremos no entanto que assim como o indigenismo, o colecionismo era parte integrante de sua etnologia. Apesar do mercado de bens simbólicos ter assumido posição proeminente no incentivo de recursos para as viagens de exploração, o colecionismo de Nimuendajú não era, porém, meramente uma prática de autofinanciamento vazia de teoria, mas produto de sua formação teórica, estando relacionada ao cerne do seu fazer etnográfico (Grupioni 1998).

De fato, qualquer coleta de objetos etnográficos implica um princípio seletivo e organizatório que envolve sempre alguma pressuposição teórica. Por isto uma coleção etnográfica retrata não só a história do povo a que se refere mas também a perspectiva do próprio colecionador que a formou, reproduzindo em sua dinâmica a história da ciência antropológica (Clifford, 1988)<sup>122</sup>.

As coleções etnográficas do final do século XIX, tinham a missão de registrar as culturas materiais dos povos indígenas extintos, ou em vias de extinção, de modo que se pudesse preservar através desses objetos, informações sobre a origem e a evolução da humanidade. Na virada do século a antropologia, guiada pelas doutrinas difusionistas, começou a desenvolver suas interpretações e classificações, baseando-se na análise de artefatos encontrados em museus e nas primeiras décadas do século passado, quando o campo intelectual europeu ainda privilegiava as viagens científicas, e os museus de etnografia, empenhavam-se em ampliar os seus acervos, foi criado um mercado de bens simbólicos, constituído por coleções etnográficas e arqueológicas (Castro Faria, 1987). Foi, portanto, neste ambiente que se deu a formação de Nimuendajú.

---

<sup>122</sup> A coleta sistemática de objetos etnográficos começou com a descoberta do “Novo Mundo”, quando então eram integrados nos “gabinetes de curiosidades”, mas seu desenvolvimento se deu a partir da segunda metade do século XVIII, quando iniciaram as grandes explorações naturalistas, que paralelamente coletavam artefatos culturais, enviando-os a Europa, onde eram transformados nas primeiras peças de museus. No segunda metade do século XIX, quando o conhecimento europeu sobre outros povos começou a ser sistematizado e submetido a revisões metódicas, o colecionismo atingiu a sua forma mais científica, pois os objetos etnográficos adquiriram a qualidade de testemunhar sobre o primitivo ( Ribeiro, 1992 )

Castro Faria reconheceu a importância de Nimuendajú nesse mercado, destacando suas relações profissionais com “... outros profissionais consagrados, que no campo intelectual europeu ocupavam posições de relevo na classe dominante, dirigiam instituições científicas patrocinadas pelo Estado, manipulavam as políticas nacionais de favorecimento científico.” (1981:13)

Na perspectiva de Castro Faria, Erland Nordenskiöld, por exemplo, não apenas colecionava e pesquisava, mas criava um mercado para coleções etnográficas e arqueológicas da América do Sul, do qual participava o Brasil por intermédio de Curt Nimuendajú. Seguindo seu raciocínio, a mercantilização do colecionismo gerava um “autofinanciamento” para os trabalhos etnográficos, que teria em grande medida apoiado e estimulado as atividades de Nimuendajú<sup>123</sup>. Ainda na sua visão, Nimuendajú seria nada mais do que um “sertanejo mercenário”, sempre disposto à embrenhar-se nas selvas para explorar os índios em benefício próprio<sup>124</sup>.

De fato, parece-me inegável que Nimuendajú tenha se beneficiado deste mercado, e que em grande medida foi em consequência deste que desenvolveu o seu colecionismo. Devemos, entretanto, encarar essa prática como uma atividade sempre paralela ou simultânea a sua pesquisa etnológica. Mesmo em expedições eminentemente arqueológicas, voltadas à constituição de coleções, Nimuendajú preocupava-se com a etnologia, em particular com aquela de caráter histórico-cultural.

“A respeito das relações etnológicas que estou procurando, os achados de Santarém e vizinhanças nada dizem, mas por si mesmos são eles de bastante interesse e dignos de estudo.” (20/04/23:CN-CE)

Embora a arqueologia fosse fundamental para explicar a cultura ameríndia de uma perspectiva histórica, ela não se mostrava mais urgente do que a coleta de dados sobre as populações que estavam em vias de desaparecer, levando consigo seus mitos e línguas, incapturáveis na coleta arqueológica. Por esta razão, Nimuendajú afastou-se em 1926 das atividades arqueológicas, que certamente ainda lhe forneceriam “autofinanciamento”, “...quando expuz a Nordenskiöld que o estudo dos índios actuaes em vias de extinção era mais urgente que os despojos archeologicos.” (22/01/41:CN-HAT)

---

<sup>123</sup> Faulhauber (1997), demonstra com os exemplos de Tastevin, Stradelli, Koch Grunberg e Nimuendajú que os pesquisadores da Amazônia do início do século passado, estavam intrinsecamente relacionados a esse mercado recém institucionalizado.

<sup>124</sup> Entrevista com Castro Faria

Esta urgência das pesquisas etnográficas, entretanto, não significou um desinteresse pela arqueologia, mas apenas uma atenção mais reservada. Assim quase 20 anos depois, quando já se encontrava distante desta “fase colecionista”, Nimuendajú escreve para Carlos Estevão:

“Um fato interessante que verifiquei. Em toda a zona do Xingu hoje ocupada pelos Kayapó existem vestígios numerosos e fortes de uma população pré Kayapó, isto mesmo no centro do território deles, como Nova Olinda e no alto Xingu acima da boca do rio Fresco: típicas ‘terras pretas’ com fragmentos de louça de caráter amazônico e instrumentos de pedra e que não podem ser atribuídos aos Yuruna dos tempos históricos. Estes vestígios não se encontram só na margem do Xingu como também dentro dos seus afluentes. Acho o fato tão importante que colecionei tudo que, de passagem encontrei. Em porto de Moz demorei-me alguns dias, tanto na ida como na volta, juntando bastante fragmentos cerâmicos na enorme terra preta do lugar e que são interessantes sob mais de um ponto de vista. O Snr. já viu, por exemplo, cerâmica em que os ornamentos em relevos (fios, verrugas) são feitos de um barro de cor diferente da cor do vaso?”(26/03/40:CN-CE)

As atividades arqueológicas de Nimuendajú em Marajó e Santarém, incentivadas por Carlos Estevão e Nordenskiöld, integram-no no grupo dos pesquisadores pioneiros dessas áreas. Todavia seus resultados não puderam ser amplamente aproveitados como os de Charles Harrt e William Farabee, pois além de não terem sido publicados, foram escritos em alemão, o que restringia o público leitor. Apesar da pouca publicidade de suas pesquisas arqueológicas, suas coletas de material cerâmico “...abriu perspectivas surpreendentes para os estudos da cultura material da indiada do Vale do Tapajós, opondo-se a dos ceramistas de Marajó.”(Nunes Pereira, 1946:29). Recentemente A. Roosevelt (1990) utilizou-se desse material não publicado e confirma que eles se encontram no Museu de Gotemburgo, onde possuem versão traduzida para o inglês, feita por Stig Ryden<sup>125</sup>.

A repercussão desse material nos Estados Unidos e em Gotemburgo, se deve basicamente a duas pessoas, o mestre Nordenskiöld e a discípula Helen Parmatary, uma jovem estudante da Universidade da Pennsylvania, que por cerca de 10 anos, manteve correspondência com Nimuendajú. Para essa aluna de Nordenskiöld, Nimuendajú explicou que apesar do que poderia parecer, ele mesmo nunca pode “ fazer trabalho nenhum em

<sup>125</sup> Nas suas palavras: “ This work and his papers contain descriptions of his fieldwork on Marajó and in others regions, mainly in the 1920s and 1930s, as well as summaries of early ethnohistorical information. The manuscript, his letters and notes, and most of the collections were acquired for the Museum by Erland Nordenskiöld, who secured museum funds to support Nimuendaju’s excavations.” (Roosevelt 1990:164)

Marajó, sem ser um ligeiro reconhecimento no aterro do Pacoval do Cururú, no norte da ilha, e outro sem resultado, no Cabo de Maguary”<sup>126</sup>, e desmente a natureza ocasional atribuída as suas descobertas em Santarém:

“Já se tornou um facto aquella historia que se deve a descoberta da cerâmica de Santarém a uma chuva torrencial durante a qual eu casualmente me achei no lugar. Eu, porém, nunca disse isto. Quem chamou a minha atenção para a existência dessa ceramica foi um dos frades Franciscanos allemães, residentes em Santarém, lá pelo anno de 1922, contando-me que as crianças lá brincavam com figuras de barro que encontravam na terra. Eu apenas disse que as enxurradas das chuvas do inverno costumavam descobrir sempre quantidade de fragmentos.” (01/10/39:CN-HP)

No caso do colecionismo etnográfico, a importância que Nimuendajú dava à cultura material não permitiu que ele abortasse suas práticas colecionistas e assim ele continuou fazendo suas coletas etnográficas, mesmo que para uso particular<sup>127</sup>.

O colecionismo etnográfico desempenhou um papel especialmente positivo para o seu trabalho de campo. Visto que ele não pagava com dinheiro, mas sim com presentes, Nimuendajú subsidiava a sua distribuição de brindes com os recursos obtidos pelas vendas das coleções, e isto sem dúvida contribuía para a sua acolhida nos grupos<sup>128</sup>. Por outro lado, a familiaridade e convivência com os grupos estudados tornavam suas coleções mais valiosas, pois eram acompanhadas de informações precisas sobre a produção e o uso dos objetos. Juntamente com as coleções de Spix e Martius, Koch Grünberg, e de Rondon, as de Nimuendajú “...são as que possuem valor intrínseco em virtude de suas estreitas relações com dados documentais” (Ribeiro, 1992:107)

Essas coleções seriam portanto extremamente importantes para a etnologia e a história indígena brasileiras por permitirem análises diacrônicas que auxiliam a compreensão das relações de contato. São igualmente significativas para as pesquisas de etnobotânica e etnozologia, uma vez que informam sobre as matérias-primas usadas na sua confecção e as áreas etnográficas em que viviam os grupos indígenas que as produziram. (Ribeiro, 1992)

<sup>126</sup> Continua: “Mas fiz duas viagens á vizinha Ilha da Caviana onde escavei um numero de cemiterios de urnas que pertencem a tres ou quatro povos diferentes com ceramica igualmente diferente, e dos quais só o último é da epoca da conquista. O material está em Göteborg.” (08/09/39: CN-HP)

<sup>127</sup> Quando tinha que vender, não fazia segredo em manifestar sua preferência pelo Museu Goeldi, visto que ali elas lhe seriam acessíveis.

<sup>128</sup> Note que Da Matta lembra-se dos Apinayé comentarem que Nimuendajú era bom pois trazia presentes.

### Já as coleções arqueológicas

“... were valuable because he made comprehensive, relatively unbiased surface collections with good provenience records, furnishing unique information about settlement patterns and material culture. Because Nimuendaju did not collect as selectively as many others scholars, his were some of the few museum collections that included samples of stove material, domestic wares, and other informative but unprepossessing remains, wich documented the presence of habitations at sites that had been miscataloged as empty cerimonial sites. The collections and his maps and writings provide evidence for the large number and extensive areas of late prehistoric occupation sites and middens in the Brazilian Amazon, in turn documenting the substantial density and relative sedentism of humam populations in the area.” (Roosevelt, 1990:165)

### Um etnólogo de verdade

“O mal de nos ambos é que , tirando Baldus, não existe no Brasil um único etnólogo – ou o Snr pode citar – me algum?. Temos de trabalhar e de depender de gente que só se lembra da etnologia para justificar verbas. Sem dúvida, eu passo com o Museu Nacional muito melhor que o Snr com o SPI, mas não deixo de me lembrar com saudade dos tempos quando trabalhava com Nordenskiöld, Lowie, etc. que eram etnólogos de verdade e compreendiam o que eu queria e estava fazendo.” (26/06/1945: CN-HS)

Apesar da “salvage anthropology” tornar compreensível as várias facetas de Nimuendajú, ela não serve para definir sua orientação teórica, pois foi compartilhada, em graus diferentes, pelas diversas teorias etnológicas do século 19 e início do século 20<sup>129</sup>. Na prática, o salvacionismo foi uma preocupação desses pesquisadores que, interessados na origem e desenvolvimento da humanidade, e diante do processo civilizatório em expansão, viam suas teorias ameaçadas pela perda de conhecimento irrecuperáveis. Assim preocuparam-se em registrar e coletar, com urgência, tudo sobre aquelas culturas ameaçadas pela civilização.

Como sabemos, Curt Unckel não desfrutara de nenhuma especialização etnológica na Alemanha. Fôra simplesmente um estudante de classe média, que alimentava suas fantasias literárias com o material científico disponível nas bibliotecas de Jena. Em termos de informação, isso não representou de fato, um grande prejuízo, pois a etnologia daquele

---

<sup>129</sup> Fora da Alemanha, onde foi preconizada por Bastian, teve grandes representantes em Rivet, Nordenskiöld e Robert Lowie.

período, restringia-se às descrições etnográficas, e as maiores fontes de informação consistiam em relatórios de expedições publicados em revistas especializadas.

Ainda que limitado, quando Nimuendajú chegou no Brasil, esse conhecimento etnográfico, provou ser uma referência obrigatória, dados o pioneirismo e a predominância das etnografias alemães. Nada mais natural, portanto, que ele acompanhasse o desenvolvimento desse conhecimento que começou a constituir um verdadeiro corpus teórico nos primeiros anos do século XX, momento de apogeu das teses difusionistas e da consolidação acadêmica da “escola histórico-cultural” (Kulturhistorische Schule), representada por integrantes do clero católico alemão, que buscavam uma conciliação teórica entre a pré-história, a evolução cultural e o Gênesis (Balduis, 1937)<sup>130</sup>. O principal representante dessa escola foi o Padre Wilhelm Schmidt<sup>131</sup> que estimulado pelas palestras de Graebner e Ackermann, desenvolveu seu interesse pela etnologia, fundando dois anos mais tarde a revista *Anthropos*, onde passou a publicar sistematicamente artigos sobre o “surgimento”, a “natureza”, o “objetivo” e a “metodologia” da moderne Ethnologie.

Em 1913, numa tentativa de estender a abordagem difusionista de Graebner à América do Sul, Schmidt propôs a aplicação dos Kulturkreise neste continente, procurando através da distribuição de “elementos culturais” (armas, instrumentos, mitologia etc.), estabelecer conexões com os Kulturkreise do Velho Mundo. Abstraindo o critério lingüístico e tomando “ em consideração uma distribuição que tem como ponto de partida os diversos graus de evolução econômica”, Schmidt reconheceu na América do Sul três categorias: os povos na fase da coleta (Jês e Puris-Coroados, Gran Chaco Argentino, Pampas e Terra do Fogo), os povos na fase da “lavoura de cavouco” (florestas e planícies do Amazonas e do Orenoco), e os povos de “cultura superior (planaltos e depressões da cordilheira dos Andes, Chibbas e Incas etc..) (Schmidt 1942 [1913]: 13).

---

<sup>130</sup> As ideias difusionistas levaram ao conceito de áreas culturais nos Estados Unidos, que seriam unidades geográficas relativamente pequenas com uma distribuição contínua de elementos culturais e tiveram como representantes Mason, Holmes e Kroeber. Wissler defendia que os traços de uma área, difundiam-se a partir de um centro cultural, originado por fatores étnicos e não geográficos ( Galvão, 1979).

<sup>131</sup> Wilhelm Schmidt (1868-1954). Depois de tornar-se padre (1892) estudou línguas por dois anos na Universidade de Berlim. Entre 1921-37 foi docente da Universidade de Viena.

Apesar de sua abordagem difusionista combinar-se com modelos progressivistas (camadas/estratos culturais), Schmidt defendeu que não se tratava de uma simples escala evolutiva:

"Evidencia-se então, em primeiro lugar, que a verdadeira sucessão temporal dos três grupos não é de modo algum essa tão singela, que a enumeração, acima faria suspeitar, mas antes uma outra que coincidiria, nesse caso, com as que ficassem determinadas pela investigação historico-cultural dos círculos de cultura do Velho Mundo."(Schmidt 1942[1913]:15)

Os grupos migrantes teriam modificado sua cultura material anterior ao atravessar as Américas, do Norte para o Sul.

"Além disso a migração através da imensa extensão do continente americano, que por sua vez com o comprimento quase sem exemplo das suas principais cadeias de montanhas oferece muito mais a direção de norte para sul, com todas as suas consideráveis diferenças de clima, fauna e flora, foi causa de variações muito mais ricas de formas do que as que se produziram no Velho Mundo, onde a maior extensão ocorre ao contrário de leste para oeste."(Schmidt, op.cit:16)

Nesta mesma obra que inaugura um quadro teórico sul-americano, Schmidt dedica um capítulo para expor sua compreensão da tese histórico-cultural como complemento necessário da teoria das idéias elementares, mostrando assim a sua relação com Bastian:

"É só a segurança dessa unidade psychica das formas culturais permite a possibilidade theorica de qualquer confronto, inclusive do confronto historico-cultural; só ella dá a certeza de que não lidamos aqui com coisas heterogêneas e que fogem a comparação."(Schmidt, op.cit:224)

Para Schmidt, a etnologia, assim como uma verdadeira ciência, deveria ter um método que correspondesse a sua natureza específica e garantisse resultados seguros. Por esta razão, a etnologia evolucionista, que se servira de métodos inspirados nas ciências naturais, teria se mostrado um caminho enganoso (Schmidt, 1937). Considerando que fatos etnológicos eram fatos históricos, acreditou que a etnologia poderia adotar a mesma metodologia da História, tal como o estudo, interpretação e síntese crítica das fontes. Através da pesquisa histórica, seria possível penetrar nos “anos longínquos da história humana” e apresentar a gênese cultural dos diversos povos. Essa metodologia, portanto, deveria ser aplicada não somente para comparar a situação presente, mas para reconhecer

os povos primitivos como testemunhos de uma evolução, visando assim a compreensão da seqüência dos acontecimentos. A reconstituição histórica era a tarefa específica da etnologia, e sem ela o trabalho se resumiria à etnografia (Schmidt, 1937).

Devemos entender, assim, que a escola histórico-cultural apropriou-se dos princípios básicos da história geral, indo porém além nos meios utilizados por esta, já que não se restringia a documentos escritos, mas pregava a pesquisa empírica através de trabalho de campo.

Foi guiado pelo ideal da incipiente Etnologia Moderna, desenvolvido pelos histórico-culturais, que Curt Unckel iniciou-se na etnologia brasileira, assumindo seus pressupostos metodológicos e familiarizando-se com os temas estudados<sup>132</sup>. Não é por acaso, portanto, que cerca de 30 anos após a sua chegada no Brasil, em carta para Lowie (25/04/36), Nimuendajú anunciava que o trabalho que preparava sobre os Timbira, deveria ser “...uma monografia do tipo da obra de Gusinde sobre os Ona [ Unter Feuerland Indianer (1924) ]...”<sup>133</sup>

Embora tenha assumido os pressupostos metodológicos da Etnologia Moderna, tão valorizados e apreciados pelos histórico culturais<sup>134</sup>, teoricamente, no entanto, Nimuendajú não compartilhou as idéias de Schmidt e sua escola. Como constatou seu amigo Nunes Pereira, “Era, pôrem com melancolia, que se referia a impossibilidade de encontrar os chamados círculos culturais que o padre Schmidt e outros mestres da etnologia moderna idearam, defendendo o método histórico-cultural.” (1946:31)

<sup>132</sup> Na Biblioteca do Museu Nacional, para onde foram levados os livros do espólio de Nimuendajú, podemos verificar que algumas das obras consultadas por ele chegaram às suas mãos logo após a sua publicação, o que demonstra a sua familiaridade com a produção acadêmica alemã. Por ex.: o livro de Fritz Krause: *In den Wildnissen Brasiliens* (1911, com data de 07.01.12) e a monografia de Martin Gusinde: *Unter Feuerland Indianer* (1924, com data de 1924).

<sup>133</sup> Martin Gusinde, foi outro missionário de Viena, que realizou seus estudos etnológicos, por vários anos na Terra do Fogo, onde pode contar com a intensa colaboração de W. Koppers, o braço direito de W. Schmidt. Apesar de sabermos que Nimuendaju correspondeu-se com ele desde pelo menos, 1923, a única carta de que dispomos é a que ele enviou junto com seu manuscrito Canela (20/01/38).

<sup>134</sup> “O que não seria uma monographia sobre os Botocudos, si o Snr. quizesse empregar em semelhante trabalho os seus conhecimentos adquiridos durante os 25 annos de convivencia com essa gente!? – Eu queria ter a eloquencia para convencer o Snr. da sua obrigação moral de deixar para a sciencia a documentação deste tezouro!

Insisti com o Dr. Herbert Baldus- S. Paulo para que elle fosse fazer um estudo profundo e demorado dos Kaingang, como a ethnologia moderna exige. (...) Si vejo que ninguem outro queira fazer esse trabalho, o geito que tenho é de voltar depois de 27 ou 28 annos aos toldos do Ivahy e Piquiry para ver o que eu mesmo ainda encontro.” (19/02/38: CN- E. Hoerthan)

Não poderia ser diferente. O material Jê de Nimuendajú incidiu diretamente contra essa escola, que incluía tais tribos dentro do “mais antigo círculo cultural sul-americano” (povos da “fase da collecta”), pondo em questão não só a imagem tradicional desses povos mas também certas noções então correntes sobre a história cultural do continente. Os povos Jê eram “... certamente algo completamente diferente do que alguns etnólogos (por exemplo a escola Schmidt) imaginam.” (2a carta para RL: data ilegível).

Vivendo em um ambiente supostamente desfavorável à ocupação humana, os grupos Jê costumavam ser definidos pela ausência de certos elementos típicos da cultura da Floresta Tropical, como a mandioca, a rede, a canoa e a cerâmica. Por isso Schmidt os incluía dentro do mais antigo círculo cultural sul-americano: os povos da fase da coleta (Schmidt, 1942 [1913]).

Com base na estrutura econômica dos Jê setentrionais e centrais, Nimuendajú estabeleceu claramente a condição de horticultores destes povos, sublinhando ao mesmo tempo a distintividade de sua horticultura no contexto das terras baixas, e demonstrando o equívoco da qualificação dos Jê como caçadores e coletores. Mais do que isso, Nimuendajú fragilizou a hipótese da unidade das culturas marginais, bem como a do seu suposto primitivismo, revelando nestes grupos, uma organização social cuja complexidade, além de ignorada, não era esperada. Suas monografias Apinayé (1939), Xerente (1942) e Timbira (1946), produziram um enorme impacto ao revelar os complexos esquemas institucionais que caracterizavam a vida desses grupos, trazendo à tona uma combinação de sofisticação sociológica e simplicidade tecnológica que não se resolvia dentro do quadro teórico hegemônico. Assim o caso Jê, assumiu importância particular nos quadros da problemática do desenvolvimento cultural e sócio-político das sociedades indígenas do continente<sup>135</sup>.

Todavia, apesar de ser reconhecido como fundador da etnologia Jê, Nimuendajú tem este mérito dividido com Robert Lowie, que não somente teria sido o responsável pelo formato mais acadêmico de suas monografias, mas também o incentivador das pesquisas de

---

<sup>135</sup> Ao estabelecer o plano circular da aldeia como um traço definidor dos Timbira, que era comum à outros grupos Jê, Nimuendajú forneceu pistas para toda a etnologia subsequente que explorou a importância da inscrição simbólica da organização sócio-cerimonial Jê no espaço (Coelho, 1999).

orientação mais sociológica, visto que até as publicações sobre os grupos Jê do Norte e Centrais, seus trabalhos haviam sido predominantemente sobre mitologia e línguas<sup>136</sup>.

Tal hipótese não é de todo incorreta, mas necessita de maiores esclarecimentos, que oportunamente foram dados por Nimuendajú ao próprio Lowie.

“Durante a minha permanência entre os índios, dependia inteiramente de mim próprio e não achando ninguém que tivesse achado interesse nisso [ sociologia ], dediquei o meu máximo com o que sentia mais afinidade: com língua e religião, julgando tais feito maravilhas. Isso o dr. vê em todos os meus trabalhos (Guarani, Xipaya e etc.). Depois entrei em contato com Nordenskiöld, que também não dava muita importância à sociologia. Que haja algo seriamente ..[ ilegível]... por assim dizer só quando em 1928 me mandaram da Alemanha o seu “Primitive Society”. Pois com a literatura que tenho aqui a minha disposição é fogo!” (16/06/38) <sup>TM</sup>.

Quem enviou o livro foi Fritz Krause, que passou a se corresponder com o pesquisador abordando tema da organização social com indagações sobre classes etárias e organização de clãs (Dungs, 1991). Mas de fato quem serviu para incentivar essa abordagem, em 1928, foi mesmo Robert Lowie.

Nimuendajú, Lowie & Cia

Roberto Cardoso de Oliveira, que em seus diários de campo Tukúna, revela ter sido seu trabalho de campo inspirado no de Nimuendajú, classifica a relação deste com Lowie, como ímpar na história da disciplina (Cardoso de Oliveira, 1981: 231). Em outras palavras, a relação de Nimuendajú com Lowie representaria a combinação entre uma boa etnografia e boa etnologia, o que em outro momento foi percebido também na relação de Spencer e Gillen.

A vida e a trajetória de Nimuendajú pré-Lowie, deixam claro, entretanto, que ele foi mais do que um Gillen<sup>137</sup>. Para Lowie, o sucesso dessa relação deveria ser explicado pelo fato de possuírem qualidades complementares e afinidades ideológicas:

<sup>136</sup> Todavia seus primeiros relatórios para o SPI sobre os Kaingang (1912/13) já apresentavam um relato preciso da organização de clãs. A monografia Palikur e o relatório de 1929 sobre os Tukúna também abordam o tema da organização social

<sup>137</sup> Apesar das aparentes semelhanças (autodidatismo, talento entográfico e comprometimento com as causas nativas) Gillen foi menos cientista e sua produção de conhecimento foi totalmente vinculada a Spencer.

“Nimuendajú and I found each other by sheer accident, but we made a good team, partly because each excelled precisely where the other was weakest and partly because of our common German heritage and our common thirst for facts and objective proofs.”(Lowie,1959: 12)

E o ponto fraco de Lowie era, de fato, o trabalho de campo. Apesar de ter-se iniciado antropológicamente com dois grandes incentivadores do trabalho de campo, Franz Boas e Clark Wissler, Robert Lowie nunca chegou a demonstrar uma grande vocação para esta atividade. A sua única experiência, entre os Crow, nos verões entre os anos de 1910 e 1916, seguiu o modelo dos antropólogos de gabinete: utilização do maior número de informantes possível fora do campo, dispensando uma observação participante na cultura estudada. Segundo seu aluno Murphy, Lowie encarava o trabalho de campo como uma tarefa secundária, o que derivaria antes de uma incompatibilidade de personalidade do que propriamente de uma postura metodológica: "He simply did not see living among the Indians as a necessity or even as a possibility.(...) In any event, anybody who know Lowie could hardly imagine him living easily in the ambience of an Indian household." (Murphy, 1972:19). De fato, após ingressar na Universidade de Berkeley, em 1921, Lowie distanciou-se definitivamente do trabalho de campo, dedicando-se exclusivamente aos problemas teóricos.

Apesar disso, Lowie defendia que uma boa teoria só poderia ser construída sobre uma ampla base de fatos, que por sua vez, necessitavam de tempo para que pudessem ser apreendidos com confiabilidade e amadurecidos intelectualmente. Em *The History of Ethnology* (1937), Lowie destacou a importância de um bom trabalho de campo, citando como exemplo, Nimuendajú:

“The most brilliant amateur cannot divine that at a particular stage of science apparently trivial details, like a basketry technique or the number of tent poles, may assume crucial importance. On the other hand, the elusive facts of social life and religious belief cannot be ascertained by the best specialist without long and arduous inquiry. It is when a talent for observation accompanies both protracted residence and contact with professional ethnography that we obtain such superb results as mark the work of Nimuendajú.”(1937:06)138

---

<sup>138</sup> Refere-se a monografia Guarani.

Lowie foi, dos alunos de Boas, não só um dos que mais se aproximou da sociologia, mas o que estabeleceu maiores ligações com a tradição alemã, mantendo-se sempre política e intelectualmente ligado a Alemanha (Stocking, 1974; Murphy, 1972)<sup>139</sup>. Mas diferentemente do mestre e de seu colega Kroeber, que interessavam-se pelas quatro áreas da Antropologia - etnologia, lingüística, arqueologia, e antropologia física -, Lowie foi sempre um etnólogo (Murphy 1972:34).

Ao publicar *Primitive Society* e *Primitive Religion*, Lowie consagrou-se como um dos líderes no ataque contra o evolucionismo cultural, e nos estudos comparativos de mitologia e organização social. Nimuendajú aproveitou-se disso e quando enviou o manuscrito sobre a corrida de toras dos Timbira<sup>140</sup>, fez questão de salientar:

“Me dirigi ao Senhor porque estou convencido de que o Senhor, mais do que qualquer outro, saberá encontrar os numerosos paralelos dignos de nota para com a América do Norte, os quais se encontram na cultura Timbira.” (08/02/35:CN-RL)<sup>TM</sup>

Conforme sua autobiografia, Lowie tomou conhecimento de Nimuendajú em 1925, quando esteve com Erland Nordenskiöld e este lhe falou das qualidades do alemão Curt Unkel, conhecido como Nimuendajú. Mas, nesse momento por não possuir ainda profundo interesse pela América do Sul, ele "...merely filed this odd name away among my neurons, where it lay for a decade, until Karl G. Izikovitz, a student of Baron Nordenskiöld, asked me if something could not be done for Nimuendajú, who, ultimately wrote me a letter himself and sent a sample manuscript." (Lowie, 1959:119)

Após a leitura do manuscrito, imediatamente seduzido pela elaboração simbólica e institucional que os princípios da organização dualista demonstravam receber entre os Canela, Lowie respondeu rapidamente, manifestando seu interesse pela monografia completa e lançando, pontualmente suas primeiras perguntas: “São os Timbira caçadores? E isso se estenderia aos demais povos Jê?” ( data ilegível )

<sup>139</sup> Em Nova York, teve suas tradições de infância preservadas, residindo num bairro de alemães, e após desligar-se da Universidade de Berkeley, dedicou-se ao estudo dos efeitos do pós guerra nos alemães Pouco antes de morrer recitou um verso de Fausto para sua mulher. (Murphy, 1972)

<sup>140</sup> Inicialmente seria um dos capítulos da primeira versão de sua monografia sobre esse grupo. Concluído em Gotemburgo, esse trabalho já era resultado de quase cinco anos de pesquisa e incluía, fotos, mapa, e desenhos além é claro de uma brevíssima síntese histórica dos grupos Jê. Na carta, Nimuendajú explica que não estaria interessado numa publicação parcial desse material, o que parecia ser o interesse do Instituto Carnegie, mas somente na publicação do material completo. Versão traduzida e publicada em 2001 (ver bibliografia)

A resposta de Nimuendajú, chamando atenção para a especificidade Jê e destacando sua contradição em relação as classificações propostas por Schmidt, tornou este material ainda mais promissor. Lowie então amadureceu a idéia de um acordo, iniciando logo um questionamento intenso, particularmente sobre a terminologia de parentesco dos Canela, o que foi muito bem recebido por Nimuendajú:

“Sou lhe extremamente grato por todas as perguntas e indicações referentes as indefinições no meu relatório, isso era exatamente aquilo que me faltava. E se alguém me tivesse inspirado desta maneira, provavelmente meu trabalho teria tido um resultado significativamente melhor.” 141 (03/02/36)<sup>TM</sup>

Lowie por sua vez, reconhecendo o potencial desse material, entusiasmava-se com esse diálogo:

“Os seus últimos manuscritos [sobre a sociedade dos palhaços e classes de idade] me estimularam poderosamente. Quem teria esperado tantas matizes de eventos cerimoniais numa tribo Jê. Faltam-me atualmente o tempo para dedicar-me aos pormenores que me interessaram” (18/02/36:RL-CN)<sup>TM</sup>

O interesse de Lowie em traduzir e publicar a monografia Timbira, foi correspondido por Nimuendajú que passou a enviá-la em partes. Assim, a colaboração de Nimuendajú resultou numa completa imersão de Lowie na literatura sulamericana, embora “the actual sweating was done by an alter ego” ( Lowie,1959: 120):

"The extraordinary accuracy of Nimuendajú's observations, which revealed unexpected phenomena in the sociological and religious culture of South American tribes, stimulated me into producing a number of brief papers setting forth the theoretical import of his work for the reconstruction of American culture history or for the problems of culture growth generally. The point I especially emphasized was the remarkable tendency of the simple Gê tribes to strike out along independent paths from an obviously common cultural base."( Lowie, 1959: 120)

A correspondência entre os dois pesquisadores deixa claro que Lowie foi mais do que o editor/financiador de um mero coletor de dados. Lowie foi, antes de tudo, o maior interlocutor teórico de Nimuendajú, quem o levou a uma maior reflexão teórica, abrindo-lhe o campo novo da estrutura social e da antropologia moderna do parentesco. Isto não foi

---

<sup>141</sup> Alguns meses depois repetia o pedido “Eu peço que me chame atenção para o que deve ser melhorado no meu modo de trabalho até agora. Também repito o pedido para que o Senhor revise as nomenclaturas de parentesco para eventuais falhas ou imprecisões.” (05/10/36:CN-RL)

feito, entretanto, com longas explicações de Lowie, mas num processo mutuamente didático de partilha de conhecimento. Lowie era um orientador orientado:

"When I asked him a simple question, I received practically a master's thesis in reply. Sometimes it seemed to me unfair that I should be sitting comfortably at home while he was going up dangerous rivers, plodding through tropical forest, or fruitlessly visiting tribes that had been almost wiped out by epidemics of measles. But he asked nothing better than go among the Indians; all he wanted out of life was enough financial support to make his journeys. I could guide him to some extent, since I had more formal training; and I could interpret his results, adding comparisons with data from other regions. I consider my own difficulties of travel as nothing in comparison to his." (Lowie, 1959:121)

A colaboração entre Lowie e Nimuendajú tornou-se pública antes mesmo da aparição de suas monografias. Em 1937, Lowie publicou *The Dual Organization of The Ramkokamekra Canela* em co-autoria com Nimuendajú e assim introduziu os resultados dos estudos Jê, que já eram conhecidos por um grupo restrito de pesquisadores que liam alemão, na etnologia americanista internacional. Dessa forma, antes mesmo que a monografia Apinayé aparecesse, o material Jê já era objeto de análise nas universidades americanas, conforme relata Métraux:

" During this semester I substituted for Dr. Lowie in this University and gave two courses, one on the American Indians. Of course I stressed South America. I gave several lectures, using your manuscripts on the Ramkokamekran. The social organization of the Ramkokamekran even figured as main subject for one mid-term examination. Since I thought that you might be interested in knowing what the students have done with your material, I sent you a few of their papers. Does it not seem strange to you that material you have collected so recently already figures as examination text in a far away university. You are already a " classic". (...)

Let me tell you how much I enjoyed reading your manuscripts. I think that they are masterpieces of South American anthropology and constitute certainly the greatest contribution to our field since the beginning of this century. No living man has done more for South American anthropology than you. I hope that this will be recognized some day." (12/01/38:AM-CN)<sup>142</sup>

---

<sup>142</sup> Depois da modesta resposta de Nimuendajú, Métraux rebate: " I certainly admire your modesty but I cannot share your opinion about your work. I consider it infinitely superior to that of Koch Grünberg. Where can you find in the latter's works so complete and detailed information about social organization? My friend, dr. Paul Kirchoff, has pointed out in a very interesting work on social organization in tropical South America that Koch Grünberg is one of the authors who gives us the least evidence on the subject. I told you once of the great admiration that Nordenskiöld had for you. As a student in Sweden I was accustomed to hear your name mentioned every day and on any occasion. Dr. Lowie, who is know for his critical judgment and his severity in his appreciation, mentions you as a typical anthropologist, who by long contact has managed to give us the truest picture of native life. You are pehaps the only man about whom Dr. Lowie expressed unconditional

Alguns anos mais tarde, após a publicação da monografia Apinayé e de outros pequenos artigos, Métraux e Lowie, convencidos de que “no one in South America deserves more than Nimuendajú the opportunity of coming to this country” (21/01/41AM-Henry Allen Moe), empenharam-se em conseguir recursos para uma viagem de Nimuendajú aos EUA. Para Lewis Hanke, o diretor da Fundação Hispânica, Métraux explicou:

“There is no anthropologist in the South American field for whom I have greater admiration than for Nimuendajú. I not only think that he is a scientist to whom we owe important discoveries and first class monographs, but that he is a man whose character and courage are quite unique. (.....) Dr. Lowie and myself have even thought of the possibility of asking Nimuendajú to come to this country, for I know that Dr. Lowie was even interested in having him lecture at California.” (13/02/41: AM-Lewis Hanke)

Nimuendajú, apesar de não dividir o entusiasmo acadêmico dos colegas norte americanos, também não descartou a possibilidade, pois via nesta viagem a oportunidade de conhecer Lowie pessoalmente. A situação política entretanto, conturbada pela Guerra, não favoreceu tal iniciativa e os planos de Lowie e Métraux foram frustrados.

Uma nova oportunidade apareceu em 1943, quando Julian Steward sondou Nimuendajú sobre uma possível viagem ao México, onde se encontraria com Lowie: “If, by any chance, the anthropologist of Mexico should invite you to visit their country, is there any reason why you would be unable to leave your present position?” (06/04/43:JS-CN). Nimuendajú não lhe deu a menor esperança, pois “Seria inteiramente impossível, na minha actual situação crítica aceitar um convite para uma visita ao Mexico, e seria um favor si o Snr podesse evitar que elle seja feito.” (17/04/43:CN-JS)

---

admiration. It is not out of sheer enthusiasm and partiality that I have said that your work among the Gê was a turning point in American Anthropology: remember that you are the first one who has discovered this complicated and vicious social organization in South America. Your results in this respects may be compared to those of Spencer and Gillen in australia. If I always had a great respect for your work it is not only on account of your achievements but especially on account of the life you have lived. Many years ago I heard Dr. Speiser, who is an ironical and critical man, say that he knew of one anthropologist whom he considered an idealist – and that was you. I don’t think that anybody has done more for science during these last ten years, and you have set an example that has been a help to me and wich I propose to my students.” (08/08/38:AM-CN)

A recusa entretanto não ofuscou em nada a admiração e a avaliação dos trabalhos de Nimuendajú, por parte dos etnólogos americanos que "... have come to regard your work as the finest done in South America, and we feel that science owes you a large debt of gratitude for the foundation of ethnological knowledge you have laid in tour many years of work." (18/08/44: Steward- CN)

Julian Steward teve um papel decisivo na digestão do material de Nimuendajú. Foi a execução do projeto do Handbook of South American Indians, que proporcionou o contexto no qual os resultados de Nimuendajú foram avaliados e interpretados pelos americanistas. Segundo Steward, o objetivo geral do HSAI era:

"To provide a concise summary of existing data that will serve as a standard reference work for the scholar, a textbook for the student, and a guide to the general reader. At the same time, it is intended to take stock of the present state of knowledge, revealing its deficiencies and suggesting problems that will stimulate future research in both the field and library."(1946:02)

Na trilha dos difusionistas americanos, Steward pensava a América segundo a noção de área cultural e grau de desenvolvimento cultural. Consequentemente, essa foi a diretriz do HSAI, que teve sua classificação - tribos marginais, civilizações andinas, tribos da floresta tropical e tribos circum caribenhas – derivada da divisão proposta pelo padre John Cooper entre "Marginal", "Silval" e "Sierral" (Coelho, 1999)

Um dos desafios colocados aos idealizadores do projeto foi, portanto, a integração dos resultados de Nimuendajú aos esquemas de classificação de áreas e tipos culturais subjacentes ao plano do HbSAI143. Steward atribuiu a diversidade dos padrões sócio-políticos dos povos marginais a uma ecologia, que homogênea quanto à simplicidade de adaptação econômica, era no entanto suficientemente diferenciada para imprimir sua marca específica sobre as configurações sociais gerando diversidade de padrões institucionais. Em 1959, Steward reclassificou os Jê como um subtipo de cultura da Floresta Tropical, explicando sua organização mais complexa pela regressão.

---

<sup>143</sup> Sua classificação, de caráter político e econômico, implicava uma concepção de que entre os Andes e a Floresta Tropical haveria um fosso, e que as grandes civilizações não poderiam nela germinar. Para Steward a Floresta Tropical era um lugar improdutivo, que não permitiria populações densas e organizações sócio-políticas complexas. Inovação cultural e desenvolvimento não eram esperados na Floresta Tropical. Agricultura, cerâmica e complexidade cultural eram considerados como provenientes dos Andes.

## Nimuendajú em Campo

Era em campo que Nimuendajú conjugava todas as suas facetas. Equipado com sua máquina de escrever, sua câmera Rollei Flex e um pequeno compasso ele dava vazão à todas as suas qualidades: preparando croquis, registros etnográficos e intervenções indigenistas. Sua pesquisa de campo foi, num certo aspecto, uma síntese das suas primeiras experiências em campo, quando ainda era meramente um ajudante de cozinheiro e posteriormente um auxiliar do sertão. Na CGGSP, aprendeu o trabalho de mapeamento de áreas, no SPI comprometeu-se com a causa indígena e no meio disto, recebeu de Ihering, “instruções para fazer observações etnográficas e tirar fotografias”. (1911:14)

Ao longo de sua monografia Guarani, que foi resultado dos anos de convívio com este grupo, Nimuendajú nos fornece pistas sobre o encaminhamento das suas pesquisas em campo. Nela, ele nos informa que seus informantes, “foram três bons amigos da horda dos Apapocuva”: Guyrapaijú (“velho e conservador”), Tupãjú, (“muito viajado”) e Joguyrovyjú, (“o místico religioso”), e que, “ procurava de preferência a companhia dos velhos, principalmente a dos pajés, deixando-me instruir por eles, durante muitas horas, sobre sua velha religião.” (Nimuendajú, 1987[1914]:04). Fora isso, explica que para não introduzir suas opiniões pessoais e, para não imprimir seu “próprio estilo” nos textos originais, tratou simplesmente de transcrever as narrativas míticas ditadas por “pessoas competentes”(...)“Assim, estes textos são um testemunho não de como os Guarani deveriam falar, ou talvez pudessem falar, mas como de fato o fizeram a mim.”(Nimuendajú, 1987[1914]:04)

Infelizmente não existem diários que nos forneçam maiores pistas sobre a condução da sua pesquisa em sua primeira experiência com os Guarani, mas creio que não seja precipitado sugerir que foi aí, ainda como ajudante de cozinheiro da CGGSP, que Curt Unckel desenvolveu o seu principal e mais autêntico fundamento metodológico: o de integração total com o grupo estudado<sup>144</sup>.

---

<sup>144</sup> O “diário” de 1908, publicado por Schaden (1954), é obviamente, pelo seu formato monográfico, não o diário propriamente dito, mas um caderno de notas, com a síntese de sua experiência e conhecimento

Curt Unckel complementou a prática metodológica da Etnologia Moderna, de observação in loco e crítica histórica, seguida por Steinen, Ehrenreich, Nordenskiöld e Krause, com aquilo que poderíamos identificar como um pioneiro espírito “going native”, tornando-se sucessivamente Nimuendajú, Kokaypó, Tamgaa-ti, Sliemtói etc. Em outras palavras, ele não simplesmente “viveu entre os índios”, mas viveu entre os índios “como índio”.

E se essa estratégia de comunhão e conversão não foi intencional com os Guarani, tornou-se pelo que bem sabemos uma de suas prerrogativas metodológicas. Nimuendajú acreditava que uma verdadeira integração na tribo só poderia ser realizada após um “conversão espiritual”. Somente assim é que se poderia confiar nos dados coletados, principalmente sobre mitologia e religião. Por essa razão, sua pesquisa em campo exigia duas condições básicas: uma estadia razoavelmente longa e um trabalho solitário, que facilitasse sua incorporação. Diante da ausência de uma dessas condições, Nimuendajú recusava-se a trabalhar.

“... entretanto, logo me deu na vista que os trabalhos do Schultz e os meus são de certa maneira incompatíveis ou, digamos, não podem ser executados simultaneamente. Os aparelhos não são para transportes difíceis e perigosos. O seu manejo exige os serviços de 5-6 pessoas, além da senhora de Schultz que o general Rondon lhe permitiu levar na próxima viagem. Chegando com semelhante acompanhamento num núcleo de índios nada absolutamente poderei fazer no campo das minhas investigações. Só poderia trabalhar ou antes ou depois da estada da turma do Schultz que por sua vez tampouco poderia esperar até eu ter-me convertido à religião dos Bororo, p.ex.” (12/08/43:CN-CE)

Na prática, o “viver entre índios como índio” transformou o trabalho de Nimuendajú num misto de pesquisa e vida em campo, afinal a integração construía laços que transformavam aqueles compromissos éticos/científicos em compromissos morais/afetivos, tornando ele o “parente rico de muitos índios pobres”. Mas não resta dúvida porém, que para um pesquisador que saía do campo para o gabinete em Belém, e que tinha como estratégia visitas repetidas e como compromisso, a venda de coleções, tal envolvimento lhe rendeu vantagens e benefícios consideráveis. Por intermédio dos parentes e amigos

---

adquirido sobre o grupo e história do mesmo. No arquivo do MN, encontra-se a cartilha de alfabetização preparada para o capitão José Honório (1907). Os diários de campo do período em que trabalhou para o SPI em São Paulo, apresentam uma preocupação maior com dados demográficos e coordenadas geográficas, mas também confirmam a sua pesquisa propriamente etnográfica, através de transcrições em Guarani, notas etnográficas e rascunhos de textos que foram publicados no semanário *Deutsche Zeitungen*.

indígenas, Nimuendajú conseguia monitorar suas atividades etnográficas mesmo quando estava em casa, organizando seu material de pesquisa e sua próxima viagem:

“O indio Nino que me dicto a lenda escreveu-me há alguns dias atraz dando-me a triste noticia que a variola esta grassando no Solimões e que um indio do Igarapé da Rita já foi atacado. Contou-me mais que uma sobrinha delle esta em reclusão de moça nova, e que elles estão esperando que eu chegue e lhes traga missangas para enfeitar a pequena na festa final. – Coitada ! Não possuo mais uma única missanga sequer, e creio que nem no Brazil interio não há mais dellas. Vou escrever já para que elles não me esperam, se não deixarão a pequena mofar na reclusão durante mezes e mezes, como fizeram da vez passada com tres dellas que tiveram de esperar pela minha volta!” (14/12/43:CN-HAT)<sup>145</sup>

Também à distância, organizava a produção de seus objetos etnográficos, utilizando-se para isso dos amigos locais que transmitiam as encomendas, como percebemos por esta carta escrita para Raymundo Miranda, morador de Barra do Corda.

“Eu, felizmente, já paguei todas as minhas dívidas, de maneira que já posso fazer nova viagem. Virei a Barra pelo dia 1. De maio mais ou menos.

Agóra, si os Canellas vierem, diga-lhes o seguinte:

Que eu voltarei para o meio delles em começo de Maio.

Que José Cadete desde já trate de fazer o maior número possível daquelles cestinhos em técnica espiral, bem feitos e não muito pequenos. Faça-me o obséquio de lhe entregar para esse fim tres agulhas N.1, por conta minha.

Que aquella velha (a mãe de Râre-prê) que sabe fazer puçás trate logo de me fazer duas bem boas.

Que o índio Cypriano trate desde já de me fazer tres cacetes, daquelles que elle sabe fazer.

Que eu quero outravez comprar um sortimento de cacetes de todas as qualidades, desde que sejam bem feitos.

Que Theodoro mande, antes da minha chegada, preparar um quarto fechado para mim na casa da minha prima Luiza.

Que Dorotheu lhe diga em segredo qual será a festa que vão celebrar este anno.

Que Dorotheu e os outros a que mandei fazer encomendas me mandam dizer o que querem que eu lhes traga.

---

<sup>145</sup> Alguns meses depois ele escreve para o Nino: “Si voce achar uma boa occasião para o Miguel aprender a lêr e escrever, aproveite. Mas as suas filhas você não deve dar para ninguem, nem para o collegio e nem como empregadas. Você é um homem sabido e trabalhador, e pode muito bem cria-las em casa. Debaixo da guarda de Dona Anizia ellas estão melhor que não collegio de freiras. Alem de que, dahi alguns mezes neves ficará moça e tem de ir para o curral, e vocês devem fazer a cantiga de varêki para ella. Foi esta a lei que Dyaí deixou para a nação tukuna, e vocês devem cumpri-la.”(05/04/44)

No mais serei-lhe grato por qualquer informação sobre o estado actual dos Canellas e das relações entre elles e os seus vizinhos civilizados.”(20/01/36:CN–R. Miranda)

Da mesma forma, mantinha-se envolvido nos compromissos indigenistas:

“Si os indios Canellas vierem ter consigo, dê-lhes lembranças e noticias minhas; o nome dos Cherentes na lingua Canella é “ putcheti”. Peço-lhe mais que lhes faça as recomendações seguintes:

Que para a legalização das terras delles é indispensável que estejam reunidos em uma só aldea, não se podendo tolerar de forma alguma que se apartam novamente em dois nucleos, como fizeram em 1935-1936.

Que não consintam que nenhum civilizado habita, nem que seja temporariamente, na tapera do Serafim, a margem esquerda do Curicaca!

Que tampouco consintam que qualquer civilizado faça roçado na margem esquerda do Curicaca.

Que meu cunhado, o indio Anum, mas so este, tome conta do meu cavallo que ficou na aldea; que se utilize delle mas que não o vende nem alugue a civilizado nenhum.” (11/01/37:CN-M.Miranda:)

Tudo isto nos diz algo sobre sua relação com o campo, mas muito pouco sobre a metodologia de pesquisa. Um pouco mais de sua metodologia, sabemos pelas aulas dadas a Harald Schultz, que foram resumidas e transformadas por este, numa espécie de manual etnográfico intitulado Sugestões para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil<sup>146</sup>. Conforme este material, as recomendações gerais seriam:

Indagar e tomar nota não só da presença mas também da ausência dos diferentes traços da cultura material e não material.

Anotar imediatamente os informes colhidos e as observações feitas, sem preocupação de sistematizar. Mais tarde, coordena-se o material com auxílio de traços a lapís de cor.

O registro do vocabulário obtido fica para o fim, pois cumpre familiarizar-de primeiro com a fonética.

Também as perguntas sobre religião deixam-se para quando já houver bastante confiança da parte dos índios.

Fazer desenhar o mais possível. Notando-se que alguém tenha jeito, pedir que faça trabalhos de entalhe, ou modelação em argila ou cera. (Nimuendajú, 1946:36)

---

<sup>146</sup> Apesar do título ambicioso, este material foi obviamente preparado visando o campo específico a ser estudado (Bororo, Umutina) por Schultz.

Percebemos por essas sugestões gerais, que os problemas etnográficos que orientavam seu trabalho de campo derivavam de sua orientação histórico-cultural, daí a ênfase na cultura material, língua e religião. Todavia nas sugestões específicas para o registro dos diferentes aspectos da vida tribal (sobre a pesca, caça, coleta, lavoura, vida doméstica, cerâmica, fiação, guerra, organização social, magia, religião e principalmente sobre mitos), Nimuendajú demonstra-se sensível a problemas e temas que só foram levantados e devidamente abordados alguns anos mais tarde, como a diferença entre o assado e o cozido, e as prescrições sexuais e alimentares associadas à caça.

Mas talvez a marca maior de Nimuendajú tenha sido a maneira complexa com que vivenciou o campo e a relação com os índios, combinando ao mesmo tempo a crença romântica na conversão espiritual ao espírito prático do investigador que busca coletar dados, como ele sugeria fazer em relação a magia e seus tratamentos:

“Se possível adoecer e submeter-se a tratamento durante, pelo menos dos dias. Antes disso, porém, pedir descrição do processo (cautelosamente, sem aparentar muito interesse!), afim de compreender melhor o verdadeiro tratamento. Esperar até que mostrem muita confiança.” (1946:41)

## CONCLUSÃO

### O Último Romântico

Apesar de reconhecer o pioneirismo de Nimuendajú na realização da pesquisa de campo no Brasil, parece-me inegável que toda a sua obra e vida foi produto do espírito do seu tempo, e do espaço em que viveu. Curiosamente, entretanto, o contexto só foi considerado pelos seus “biógrafos” para justificar as suas facetas complementares. Assim, o Nimuendajú indigenista foi pensado em relação ao SPI, o colecionador em relação ao mercado etnográfico, e o Nimuendajú etnólogo continuou isolado no tempo, teoricamente indefinido.

De fato a suas poucas e inibidas formulações teóricas, somadas a sua marginalidade acadêmica e ao seu tão aclamado autodidatismo não favoreceram a localização de Nimuendajú dentro de uma ou outra corrente teórica. Vimos, entretanto, que embora não tenha assumido qualquer posição acadêmica, sua pesquisa foi orientada pelos princípios “científicos” da moderne Ethnologie, e desenvolvida em diálogo com as teses histórico culturais, que até pouco antes de sua morte dominaram o quadro teórico da etnologia sul-americana.

Na primeira fase da pesquisa etnológica, que Da Matta (1978) definiu como teórico-intelectual, quando o pesquisador se aproxima do tema/objeto de estudo via bibliografia, Nimuendajú ocupava-se com duas coisas: a síntese histórica e a síntese etnográfica. Ele procurava desfazer, através de uma análise crítica do material existente sobre o grupo e área em questão, as confusões criadas pelos cronistas e viajantes acerca da identificação e localização das tribos. Isto era importante não só para compreender as características desta cultura no momento da sua pesquisa, mas para aumentar o conhecimento etnológico, que em última instância informaria sobre a origem e desenvolvimento do homem americano. Este foi o ponto em que as teorias evolucionistas e difusionistas coincidiram: as duas procuravam explicar a história da humanidade e acreditavam que isto deveria ser feito a partir do estudo e reconhecimento dos povos/culturas que ainda sobreviviam ao processo civilizatório.

Foi portanto a partir de suas análises histórico-culturais que ele ousou as suas acanhadas hipóteses. Assim, interpretou as migrações históricas dos Guarani a partir daquela que assistiu em 1913, cujo objetivo era a busca da Terra sem Mal, generalizando para o passado aquilo que via no presente. Da mesma forma, sugeriu que a corrida de toras dos Canelas era originalmente um exercício de guerra praticado quando estes índios lutavam e tinham que, de fato, trazer os corpos dos mortos para ser enterrados na aldeia.

Seguindo o princípio-guia da Etnologia moderna (de “viver entre os índios “), Nimuendajú defendia um convívio direto e longo com o grupo estudado, de forma que o pesquisador pudesse não só observar integralmente a vida social do grupo, colhendo assim os seus próprios dados, mas principalmente, para que pudesse aprender a língua nativa, o que deveria ser realizado numa etapa avançada da pesquisa de campo, quando o etnógrafo já se encontrasse familiarizado com a fonética da língua. O domínio da língua, por sua vez, permitiria que o pesquisador fizesse um registro mais exato daquele que era na sua concepção o aspecto central da cultura: a religião, visto que poderia coletar os mitos e lendas em sua narrativa original.

Mas ao contrário do que se pensa, Nimuendajú não era um lingüista nato, e nem dominava vários idiomas. Apesar de sua dedicação à lingüística ameríndia, Nimuendajú só dominava o Guarani, a língua aprendida na sua primeira experiência em campo e utilizada para fazer seus primeiros contatos com os Parintintins. Nos demais grupos, Nimuendajú dependeu de informantes bilíngües, e para compensar esta dependência, ele procurava estreitar as relações com seus informantes, potencializando-a quando possível com laços de parentesco.

Tais laços, que como já vimos, favorecia outros aspectos práticos de suas pesquisas, eram para ele, vistos à luz das conversões literárias, a garantia de uma relação de confiança e sinceridade e assim os seus informantes de campo, ao menos os melhores, foram sempre seus “amigos”, “companheiros”, “irmãos”, “pai” etc. De certa forma Nimuendajú superestimava as relações que estabelecia com os índios, acreditando que elas lhe rendiam resultados que de outra maneira seriam inalcançáveis, principalmente no que se referisse a vida familiar e religiosa do grupo.

Como já tentei sugerir, a experiência entre os Guarani foi decisiva para o desenvolvimento de sua pesquisa de campo. De certa forma a “Nimuendajúzação” de Curt Unckel fez com que ele complementasse a condição objetiva de pesquisa *in loco* com um subjetivo estilo “going native”. Em outras palavras não bastava viver entre os índios, era preciso fazê-lo como se fosse um deles, era preciso “brincar de índio”. Essa brincadeira, porém, era muito séria para Nimuendajú.

Essa romantização da experiência de campo foi sem dúvida o grande diferencial de Nimuendajú perante os outros etnógrafos do seu tempo, mas foi também o que lhe afastou do trabalho de campo moderno. Nimuendajú não foi moderno porque foi romântico.

Tomando Malinowski como o pai do trabalho de campo moderno, e comparando-o com Nimuendajú, isto fica bastante evidente. Na introdução de sua principal obra, *Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski expôs os três princípios metodológicos que considerava indispensáveis para se realizar uma pesquisa etnológica. O primeiro corresponderia àquela fase teórico-intelectual, na qual o pesquisador formularia os problemas que levaria para campo. O segundo corresponderia à adequação das condições de trabalho de campo, e por último a aplicação de métodos especiais na coleta, manipulação e registro das evidências.

Por condições adequadas de campo, Malinowski entendia não só uma convivência longa com os nativos, o que naturalizaria a presença do etnógrafo na vida tribal, mas também o distanciamento físico dos civilizados. Essa busca por isolamento, entretanto, não era resultado de uma orientação salvacionista e purista, mas simplesmente uma solução radical para dificultar que o etnógrafo abandonasse a convivência com o grupo estudado, substituindo-a por visitas diárias, visto que “os nativos, é verdade, não são os companheiros naturais do homem civilizado” ( Malinowski 1976 [1922]:25 ).

Apesar das cartas de Nimuendajú evidenciarem em diversas passagens os desconfortos e incômodos de um trabalho de campo realizado sob o modelo de integração na vida tribal, Nimuendajú jamais cogitou a possibilidade de substituir o campo pelo gabinete e nem mesmo de mudar a sua metodologia. Ele definitivamente não era, e acredito que nem poderia ser, um mero observador, com o compromisso único de descobrir as leis que regem a vida tribal ( Malinowski op.cit ), pelo menos quando lhe era permitida uma

estadia mais longa. Nimuendajú não estava nas paradisíacas e isoladas ilhas de Trobriand, mas sim nas selvas e campos de um país continental em processos simultâneos de ocupação territorial e urbanização. Os laços criados com a população nativa, e sua preocupação científica (e até um certo ponto afetiva), com o futuro desta gente, comprometia-o política e moralmente. Assim, para os grupos entre os quais se deteve mais tempo, Nimuendajú não foi unicamente um etnógrafo distribuidor de brindes. Foi também um parente do grupo ( Nimuendajú, Taamgaa-ti, Kokaipó, Sliemtói ), que lutava com todas as suas forças e armas à favor dos direitos do mesmo.

Curt Unckel foi, conforme o seu nome de batismo guarani dizia, alguém que fez a sua moradia entre “nós”, neo-brasileiros e brasileiros (Guarani, Tembé, Palikur, Timbira, Tukúna). O resultado desta vida itinerante e abnegada foram 40 anos de pesquisas etnográficas e recusas em construir uma vida acadêmica mais estável, ou pelo menos uma vida familiar convencional. De forma curiosa esta itinerância que marcara sua vida e espírito, acompanhou também o seu corpo morto e assim após alguns anos de apodrecimento no cemitério de Santa Rita do Weil, onde foi enterrado por ocasião de sua morte entre os índios Tukúna, seus restos mortais, foram transferidos para uma Igaçaba, que foi colocada num cemitério paulista ao lado do amigo Paul Alicke. Assim, Nimuendajú voltou para o lugar onde tudo começou, fechando o ciclo do herói que ao final de suas aventuras retorna triunfante ( e morto! ).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

## Bibliografia de Curt Nimuendajú

## 1. Publicações previstas e organizadas por Nimuendajú

1908. "Nochmals die Indianerfrage", Deutsche Zeitung, 03/11/1908, S. P. Wochenausgabe
1910. "Das Ende des Oti Stämmes", Deutsches Zeitung. Traduzido na Revista do Museu Paulista N.S., VIII: 83-88 (1954) e em Textos Indigenistas, 1982: 33-41.
1910. "Nimongarai", " Deustche Zeitung, 13/07/10, VI JG. Nr. 3 , S. 54-56. Traduzido em Mana 7 (2): 143-149. 2001.
1910. "Zur Coroado Frage", SP Deustche Zeitung, 19/07/10
1910. " Vom Lagerfeuer", Deustche Zeitung, 16/12/1910
1911. "Himmelsucher", Deustche Zeitung, 05/11/11
1914. "Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocuva Guarani" Zeitschrift für Ethnologie, 46:284-403. Traduzido em: As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como Fundamento da Religião dos Apapocuva-Guarani. 1987. S.P. Hucitec/Edusp.
1914. "Vocabulários da lingua geral do Brasil nos dialetos dos Manejé do rio Ararandiu, Tembé do rio Acará Pequeno e Turiwára do rio Acará Grande. Estado do Pará". Zeitschrift für Ethnologie, 46:615-18.
1914. "Vokabular der Pariri Sprache" Zeitschrift für Ethnologie, 46: 619-25.
1914. "Vokabular und Sagen der Crengês Indianer" Zeitschrift für Ethnologie, 47: 626-36.
1915. "Sagen der Tembé Indianer ( Pará und Maranhão )" Zeitschrift für Ethnologie 47:281-301. Traduzido em Revista de Sociologia XIII, 2 e 3 (1951)
1915. "Vokabular der Timbiras von Maranhão und Pará". Zeitschrift für Ethnologie, 47:302-305.
- 1919-20. "Bruchstucke aus Religion und Ueberlieferung der Sipaia-Indianer" Anthropos, 14-15:1002-1039. Tradução: "Fragmentos da Religião e Tradição dos Índios Sipáia –

Contribuições ao conhecimento das tribos da região do Xingu. Brasil Central”. *Religião e Sociedade*, 7:11-47.1981. S.P. CER/ISER.

1921-22. "Bruchstücke aus Religion und Ueberlieferung der Sipaia-Indianer" *Anthropos*, 16-17: 367-406. Tradução: “Fragmentos da Religião e Tradição dos Índios Sipáia – Contribuições ao conhecimento das tribos da região do Xingu. Brasil Central”. *Religião e Sociedade*, 7: 6-47.1981. S.P. CER / ISER.

1923. "Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazonie". Com E.H. do Valle Bentes. *Journal de la Société des Américanistes*, N.S., 15: 215-222. Paris

1923-24. "Zur Sprache der Sipaia-Indianer". *Anthropos*, 18-19: 836-857. Wien.

1924. “Os Índios Parintintin do rio Madeira.” *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, N.S. XVI: 201-78. Publicado em *Textos Indigenistas*. 1988: 46-110.

1925. "As tribos do Alto Madeira". *Journal de la Société des Américanistes*, 17: 137-172. Publicado em *Textos Indigenistas*. 1988: 111-122.

1926. “Die Palikur – Indianer und ihre Nachbarn”, *Fjärde Följden*, XXXI ( 2 ):144 pgs. *Goteborgs Kungl. Vetenskaps-och Vitterhets-Samhälles Handlingar*.

1929. "Lingua Serente". *Journal de la Société des Américanistes*, N.S., 21: 127-130.

1929. "Zur Sprache Maué-Indianer". *Journal de la Société des Américanistes*, N.S., 21:131-40. Paris.

1929. "Wortliste der Sipaia-Sprache". *Anthropos*, 24: 821-826. Wien.

1930. "Zur Sprache der Kuruáya- Indianer". *Journal de la Société des Américanistes*, N.S., 22: 317-345. Paris

1932. "A propos des Indiens Kukura du rio Verde ( Brésil )". *Journal de la Société des Américanistes*, N.S., 24: 187-189. Paris.

1932. "Idiomas Indígenas del Brasil". *Revista del Instituto de Etnología*, 2:543-618. *Universidad Nacional de Tucumán*.

1932. "Wortlisten aus Amazonien". *Journal de la Société des Américanistes*, N.S., 24: 93-119. Paris.

1937. "The dual organizations of the Ramkokamekra ( Canella ) of Northern Brazil". Com R. Lowie. *American Anthropologist*, N.S., 39, 4: 565-582.

1937. "The Gamella Indians ". *Primitive Man*, vol. X, 3 e 4: p.1-14. Washington.

1938. "The social Structure of the Ramkokamekra ( Canella )". Com R. Lowie. *American Anthropologist*, XL ( 1 ):51-74.
1939. "The Apinayé". The Catholic University of America, Anthropological Series, 8:189 pgs. Washington. Tradução: Os Apinayé, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, tomo XII ( 1956). 156 pgs. Reeditado em 1983 pelo Museu Goeldi.
1939. "The Associations of the Serente". Com R. Lowie. *American Anthropologist*, 41, 3:408-415.
1942. The Serente. Publications of the Frederick Webb Hodge Aniversary, Publication Fund. IV Southwest Museum. 106 pgs. Los angeles
1944. "A Habitação dos Timbira". *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, 8:76-101. Rio de Janeiro.
1944. "Serente Tales". *The Journal of American Folk-lore*, LVII ( 225 ):181-7. Menasha, Wes.
1945. "Brinquedos de nossos índios. Os ladrões de jurumum". *Revista do Museu Nacional*, Ano I, n.3: 10-11. Rio de Janeiro.
1946. "Social Organization and Beliefs of the Botocudos of Eastern Brazil". *Southwestern Journal Anthropology*, 2, n.1: 95-115. Albuquerque.
1946. The Eastern Timbira. *American Archeology and Ethnology*, vol. 41. 357 pgs. Berkeley e Los Angeles..
1946. "The Mashacali, Patasho and Malali Linguistic Families"; "The Camacan Linguistic Family". Com Alfred Metraux in *Handbook of South American Indians*, vol. 1. J. Steward, Ed. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Washington.
1948. "The Guajá: the Turiwawa and Aruã"; "the Amanayé" ( com Alfred Metraux ); "Little-Know Tribes of the Lower Tocantins river region"; "Little Know Tribes of the Lower Amazon"; "Tribes of the Lower and Middle Xingu river"; "the Maué and Arapium"; "The Mura and Pirahã"; "The Cawahib, Parintintin and their Neighbors"; "the Cayabí, Tapanyuna and Apiacá"; "The Tukuna". *Handbook of South American Indians*, vol. 3. Smithsonian Institution, Bureau of American Ethnology, Washington.
1952. "The Tukuna". *American Archaeology and Ethnology*. XLV. Berkley. 209 pgs.

## 2. Publicações não previstas por Curt Nimuendajú

1946. "Sugestões para pesquisas etnográficas entre os índios do Brasil"( 1943 ). Sociologia, 8, n. 1: 36-44. São Paulo.

1949. "Os Tapajós ( 12/04/1939 )". Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, tomo 10: 93-106. Belém.

1950. "Reconhecimento dos rios Içana, Ayarí e Uapês". Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre (1927), dirigido à Bento Pereira Lemos. Journal de la Société des Américanistes XXXIX: 125-182 e em Textos Indigenistas, 1982:123-191.

1952. "Os Gorotire". Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios (18/04/40). Revista do Museu Paulista N.S., VI: 427-53. E em Textos Indigenistas, 1982: 219-243.

1954. "Apontamentos sobre os Guarani (1908)". Traduzido e publicado por Egon Schaden na Revista do Museu Paulista, 8: 9-57.

1955. "Vocabulários Makusi, Wapicána, Ipurinã e Kapisanã". Segunda parte do relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos Índios do Amazonas e Acre (1927). Journal de la Société des Américanistes, N.S., 44: 189-196.

1958. "Índios Machacari". Relatório enviado ao SPI ( 22/05/39). Revista de Antropologia VI/ 1 (1958) e em Textos Indigenistas, 1982: 209-218.

1977. "Os índios Tukuna". Relatório enviado ao S.P.I. (10/12/29). Boletim do Museu do Índio, Antropologia, R.J., 7:01-69 (1977). Publicado também em Textos Indigenistas, 1982:192-208.

1981. Mapa Etno-Histórico (1944). IBGE. R.J.

1986. "104 mitos indígenas nunca publicados". Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, 21: 64-111. Fundação Nacional Pró-Memória. R.J.

1993. “Notas sobre a Organização Religiosa e Social dos Índios Kaingang”, “Notas sobre a Kiokio-ko-ia”, “O jaguar na crença dos Kaingang do Paraná” “Vocabulário I”, “Vocabulário II”, “Relatório sobre os Xavante de Mato Grosso (1913 )”. *Etnografia e Indigenismo* 1993: 57-66, 67-70, 71-76, 77-79, 101-138.

2001. “A Corrida de Tora dos Timbira ( 1934 )”, *Mana* 7 (2): p. 151-194. 2001.

### 3. Correspondências Publicadas

1925: “Les recentes études de M. Curt Nimuendajú” ( dirigida à Paul Rivet, 20/12/25 ). *Journal de la Société des Américanistes*, 18:378-379.

1927. "Streifzug von Rio Jary zum Maracá". *Pettermanns Geographische Mitteilungen*, 11-12: 356-358.

1929. "Streifzug in Amazonien"(28/11/27). *Ethnologischer Anzeiger*, 2: 90-97. Stuttgart. 1929.

1929. "Curt Nimuendajú im Gebiete der Gê-Völker im Innern Nordostbrasilien". (02/04/29 dirigida à Wilhelm Koppers ). In: *Anthropos*, 24: 670-72. 1929.

1930. "Besuch bei den Tukuna- Indianer" (19/12/29). *Ethnologischer Anzeiger*, 2, 4: 188-94. Suttgart. 1930.

1930. "Voyages de M. Curt Nimuendajú" (carta para Rivet). *Journal de la Société des Américanistes*, T. 22 (1). Paris

"Guajajaraisch" (dirigida ao Padre Albert Kruse). *Lose Blätter von Cururú*, 13, Jahrgang, 1. 34 pgs., Bahia.

1937. "Die Verwandtschaft des Mundurukúischen mit dem Tupfischen"( dirigida ao P. Kruse ). *Lose Blätter von Cururú*. 15, Jahrgang, 2: 76-80. Bahia.

1938. “Beziehungen zu den Mundurukuischen mit dem Tupischen” (dirigida ao P. Kruse). *Lose Blätter vom Cururu*, Santo Antonio, Provinzzeitung der Franziskaner in nordbrasilien IV, 16 Jg. Nr.2: 76-80. Bahia.

1948. “ Cartas Etnolinguísticas” (dirigidas à Mansur Guérios entre 04/05/43 e 01/10/45). *Revista do Museu Paulista*, N.S. II:207–41. 1948. S.P.

“Cartas de Nimuendajú à Fernando de Azevedo” (de 19/10/36 à 12/12/36). Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 9: 188-200. 1970.USP.

1971. "Carta-relatório sobre os grupos tribais de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia" (15/08/39 dirigida à Frederico Edelweiss). Em: "Curt Nimuendajú na Bahia" Universitas, 8/9: 277-280. (1971)

1982. “Carta sobre a pacificação dos Coroados” (14/04/1912: dirigida ao médico Hugo Gensch). Em Textos Indigenistas, 1982: 41-45.

1982. Carta sobre a expedição armada contra os índios Parakanã (dirigida à Harald Schultz em 07/12/45 ). Em Textos Indigenistas, 1982: 244.

1993. “Cartas das expedições aos Ofaié” ( dirigidas à Luiz Bueno Horta Barbosa, entre 12/01/1912 e 30/03/1913 ). Em: Etnografia e Indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié Xavante e os índios do Pará, 1993. Ed. Unicamp. p. 83-100.

1993. “Cartas de Belém” ( dirigidas à Luiz Bueno Horta Barbosa entre 23/07/20 e 22/01/21. In: Etnografia e Indigenismo: sobre os Kaingang, os Ofaié Xavante e os índios do Pará, 1993. Ed. Unicamp. p. 141-160.

2000.: Cartas do Sertão. (dirigidas à Carlos Estevão entre 1923-1942 ). Museu Nacional de Etnologia, Lisboa, 2000. 396 pgs.

Bibliografia sobre a vida e obra de Nimuendajú ( seguindo a ordem cronológica de sua publicação )

1945. BALDUS, Herbert. "Curt Nimuendajú". Boletim Bibliográfico, VIII:91-9. S.P.
1945. "Curt Nimuendajú ". ( Noticiário ) Revista Brasileira de Geografia, no 7 (4): 675-77.
1946. BALDUS. Herbert. “ Curt Nimuendajú”. Sociologia, São Paulo, n 8 (1): p. 45-52.
1946. PEREIRA, Manuel Nunes. Curt Nimuendajú - síntese de uma vida e de uma obra. 60 pgs. Pará.
1946. SHADEN, Egon. “Curt Nimuendajú”. Annales Del Instituto de Etnologia Americana, Universidad Nacional de Cuyo, 7: p193.
1948. MANSUR GUÉRIOS, Rosário Farani. A guisa de introdução. Curt Nimuendajú linguista. Revista do Museu Paulista, N.S., vol. II: 207-210.
1948. PINHEIRO, Geraldo. A Bibliografia de Curt Nimuendajú. Arquivos- Coletânea de documentos para a História da Amazônia. Ano 2. Vol.V Manaus. 8 pgs.
1950. METRAUX, Alfred “Curt Nimuendajú (1883-1946)”. Journal de la Société des Américanistes, N.S. XXXIX: p. 250 –1. Paris.
1951. CORRÊA FILHO, Virgilio. Curt Nimuendajú. Revista Brasileira de Geografia, Museu do Índio , Rio 13 (1): p. 88-89.
1954. SCHADEN, Egon. O último livro de Curt Nimuendajú. Anhembi, nr 40, JG, 14:p. 90-95. SP.
1955. HEIL, Erich “Ein leser wendet sich gegen die These eines Selbstmordes Nimuendajús”. Zeitschrift Südamerika, 6:599. Buenos Aires.
1959. LOWIE, Robert.“Field Work in Absentia”. Em: Robert Lowie. Ethnologist. A personal record. Berkeley. University of California Press. p. 119-126.
1959. MATTOSO CAMARA JR., Joaquim. “ A obra linguística de Curt Nimuendajú”. Publicações Avulsas do Museu Nacional, n. 29.
1960. BALDUS, Herbert. Zum 15 Todestag von Curt Nimuendajú, Revista Humboldt, Nr.4: p. 74.
1960. LEITE, Yonne. Notícia dos trabalhos linguísticos inéditos de Curt Nimuendajú. Revista de Antropologia, vol 8: p. 156-60.

1962. BALDUS, Herbert. Curt Nimuendajú. Zeitschrift Humboldt, 2 (5): 39-40. 1962. E também na Zeitschrift Humboldt, 13 (28):82-82.
1963. CAPELLER, Fritz. Der Grösste Indianerforscher aller Zeiten. Vortrag im Jeaner Intelligenz-Club.
1964. SCHADEN, Egon. Resenha de Fritz Cappeler, der Grosste Indianerforscher Aller Zeiten, 36 pgs, Bad Salzungen. Revista de Antropologia, vol.12: 141-142.
- 1966 "O Indianista Nimuendajú". Suplemento Literário em O Estado de São Paulo, ( 14 de maio de 1966 ).
- 1966 "A obra científica de Curt Nimuendajú", Suplemento Antropológico de la Revista del Ateneo Paraguayo, II / I : p. 27-29.
1966. . "Der Indianerforscher Curt Nimuendajú" Abdruck aus Zeitschrift für Südamerika, 16: p. 148-151. Buenos Aires.
- 1968 "Notas sobre vida e obra de Curt Nimuendajú". Revista de Estudos Brasileiros, n.3: 7-19. IEB/USP. S.P.
1968. ROCQUE, Carlos. "Nimuendajú "( verbete ). Grande Enciclopédia da Amazônia, 4 vols. Amel. Belém do Pará.
1970. ERLICH, Selma. "Cartas de Curt Nimuendajú à Fernando de Azevedo". Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 9: p. 188-200. SP: IEB: USP.
1970. RIBEIRO, Darcy. Nimuendajú pacifica os Parintintin. Em: Os Índios e a Civilização Brasileira - a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Civilização Brasileira. p. 164- 175.
1971. EDELWEISS, Frederico." Curt Nimuendajú na Bahia". Universitas, 8/9: p. 277-80. Salvador.
1973. MELO, Veríssimo de. "Nimuendajú, ensaios de antropologia brasileira". Natal, Imprensa Universitária : p. 105-8.
1973. SCHADEN, Egon. "Curt Nimuendajú, quarenta anos a serviço do índio brasileiro e ao estudo de suas culturas". Revista de Problemas Brasileiros, ano XI, n o124: dez. S.P.
1975. MELO, Veríssimo. Curt Unckel Nimuendajú. Os mestres da etnologia brasileira. Informativo Funai IV: p. 10-12.

1978. LEITE, Yonne "Curt Nimuendajú: passado e presente". Comunicação apresentada ao simpósio "A pesquisa Etnologica no Brasil." R.J. Museu Nacional / Academia Brasileira de Letras.

1978. SCHADEN, Egon. "Notas sobre la vida y la obra de Curt Nimuendajú". In: Nimuendajú, Curt. Los mitos de creacion y de destruccion del mundo como fundamentos de la religion de los Apapokuva-Guarani. Série Antropologia, 1:7-24. Centro Americano de Antropologia Aplicada.

1979. ENCICLÓPEDIA MIRADOR. "Curt Nimuendajú" ( verbete ) Enciclopédia Britânica do Brasil, p. 8099.

1979. MENSCHEN, George. Brüder der Indianer. Leipzig. 236 pgs.

1980. WASSEN, Henry Curt Nimuendajú - Brother of the Indians. The Masterkey, 54 (4): 132-5.

1981. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo e EMMERICH, Charlotte. Apresentação. Fragmentos de Religião e Tradição dos Índios Sipaia. p.6-9.

1981. CORRÊA FILHO, Virgilio. Curt Nimuendajú. Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú. p. 13-15.

1981. EMMERICH, Charlotte e LEITE, Yonne. A ortografia dos nomes tribais no mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú. p. 29-30.

1981. FARIA, Luiz de Castro."Curt Nimuendajú". In: Nimuendajú, Curt. Mapa Etno-histórico. p. 17-21

1981. PINTO BARBOSA, Rodolpho. A cartografia do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú. p. 23-26.

1981. ZARUR, George de Cerqueira Leite "Significado e efeito da publicação do mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú para a Antropologia Brasileira". Mapa Etno- histórico de Curt Nimuendajú.

1981/1982. HARTMANN, Thekla. "O enterro de Curt Nimuendajú ( 1883-1945 )". Revista do Museu Paulista, N.S. XXVIII : p. 187-90. SP/ USP.

1982. BALDUS, Herbert. "Curt Nimuendajú". Em Textos Indigenistas. Ed Loyola. p. 25-31

1982. MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. Introdução a obra de Curt Nimuendajú, em Textos Indigenistas, Ed. Loyola. p. 9-23.
1982. RIBEIRO, Berta. O mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Revista de Antropologia 25: 175-81. SP.
1983. DA MATTA, Roberto. "Curt Nimuendajú e a etnologia brasileira". Em: Relativizando- uma introdução à Antropologia Social.
- 1983/84. ARNAUD, Expedito. "Curt Nimuendajú. Aspectos de sua vida e de sua obra". Revista do Museu Paulista, N.S. XXIX: p.55-72. USP/ SP.
- 1983/84. NEUMANN, Peter. Curt Unckel Nimuendajú, 1883 bis 1945. Ein Forscherleben. Indianer Brasiliens Ausstellung des Staatlichen museums für Völkerkunde Dresdem sum 100. Geburtstag des Jenenser Indianerforscher Curt Unckel Nimuendajú. p. 5-9.
1984. MELATTI, Julio Cezar. Nimuendaju indigenista. In: Anuário Antropológico, 82:335-38. Ed. Universidade Federal do Ceará e Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro.
1985. MELATTI, Júlio Cezar. Curt Nimuendajú e os Jê. Série Antropologia 49. Fundação Universitária Brasília. Brasília. 25 pgs.
1986. OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. A presença de Curt Nimuendaju. Em : "O nosso governo": os Ticuna e o Regime Tutelar. T.D. p. 250-286. ( cap. VI ).
1986. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A redescoberta do etnólogo teuto brasileiro. Revista do Patrimônio Histórico Artístico Nacional, 21:64-8. Fundação Pró-Memória.
1987. VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. "Nimuendajú e os Guarani.". Em: As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como Fundamento da Religião Apapocuva Guarani. HUCITEC. p. xvii-xxxviii.
1988. LARAIA, Roque. As mortes de Nimuendajú. Ciência Hoje, 8 (44): 70-1.R.J./S.B.P.C  
"A morte e as mortes de Curt Nimuendajú". Série Antropologia, 64. Brasília, Fundação Universitária Brasília, 9 pgs.
1990. COUTINHO, Walter . "Os Guarani de Nimuendajú". Anuario Antropológico 87. Fundação Universidade de Brasília
1990. DE LA TORRE, Sandra & DAMMY, Antonio. "Cartas de Curt Nimuendajú à Carlos Estevão de Oliveira". Revista de Antropologia, 33. SP.

1991. DUNGS, Gunter Friedrich. Die Feldforschung von Curt Unckel Nimuendajú und ihre Theoretisch-Methodischen Grundlagen. Bonn.
1992. OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. “ Fazendo etnologia com os caboclos do Quirino; Curt Nimuendaju e a História Ticuna. Antropologia Social - Comunicações do PPGAS, 1: 109-26.
1993. GONÇALVES, Marco Antonio. Apresentação. Em Etnografia e Indigenismo. Sobre os Kaingang, os Ofaié- Xavante e os índios do Pará. p. 09-53.
1995. GRUPIONI, Luís Donizete Benzi . Levantamento de coleções etnográficas de Curt Nimuendaju em Museus Brasileiros. Manus, 158 p. SP, PPGAS: USP.
1996. LINDNER, Frank Curt Unckel Nimuendajú, Jenas Grosser Indianerforscher. Jennaische Blätter n.5. 16 pgs.
1998. FARIA, Luís de Castro. “Curt Nimuendajú”. Em: Antropologia- escritos exumados. Espaços circunscritos- tempos soltos. EDUFF. p.209-222
- 1998 GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. Expedições e coleções vigiadas. Os Etnólogos no Conselho de Fiscalização Artística e Científica no Brasil. Cap. V: O Dossiê Curt Nimuendajú. p. 163- 246. Ed. HUCITEC/ ANPOCS. SP.
1999. NOELLI, Francisco Silva. Curt Nimuendajú e Alfred Mettraux: a invenção da busca da “terra sem mal”. Suplemento Antropológico, vol. XXXIV n.2: p. 123-166.

#### Bibliografia citada

- AZEVEDO, Fernando. "A Antropologia e a Sociologia no Brasil". In: As Ciências Sociais no Brasil, vol. II. S.P. Melhoramentos. 1957. Pgs: 353-99
- BALDUS, Herbert. Ensaio de Etnologia Brasileira. Companhia Editora Nacional. 1937.
- \_\_\_\_\_ “A obra de Karl von den Steinen”. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, XLIII. 1940
- \_\_\_\_\_ “Ensaio sobre a História da Etnologia Brasileira”, Boletim Bibliográfico, vol.1, São Paulo, pp.59-69. 1943

- \_\_\_\_\_ Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira. São Paulo, Serviço de Comemorações Culturais, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo. 1954
- \_\_\_\_\_ “Max Schmidt: 1874-1950”, Revista do Museu Paulista, N.S., vol. 5, São Paulo, pp.253-260. 1951
- \_\_\_\_\_ “Paul Rivet, 1876-1958”. Revista do Museu Paulista, N.S., vol.111959
- \_\_\_\_\_ “Metraux e a Etnologia Brasileira”, Revista do Museu Paulista, N.S., vol. 14, São Paulo. Pgs. 45-59. 1963
- \_\_\_\_\_ “Adolf Bastian”. Revista de Antropologia, São Paulo, 14:125-130. 1966
- BUNZL, Matti. “Franz Boas and the Humboldtian Tradition”. Volkgeist as Method and Ethic. 1996
- CAMURAT, Diane. The American Indian in the Great War: Real and Imagined. T.D., Institut Charles V, University of Paris. 1993. Disponível no site [www.ku.edu/~kansite/ww-one/comment/camurat1.html](http://www.ku.edu/~kansite/ww-one/comment/camurat1.html) ( em abril de 2002).
- CARDOSO, Roberto Cardoso. “O que é isto que chamamos de Antropololia Brasileira?”. In: Sobre o Pensamento Antropológico. RJ/ Brasília. Tempo Brasileiro. 1988: p.227-245.
- CARPEAUX, Otto Maria. História da Literatura ocidental. 8 volumes. Alhambra, Rio de janeiro. 1981. 2. Edição.
- CLIFFORD, James “Fieldwork, reciprocity and the making of ethnografics texts.” AN (n.s.) London, 15 (3): 518-532. 1980
- \_\_\_\_\_ The Predicament of Culture. 1988.
- COELHO, Marcela de Souza. “Culturas Marginais”(ms). 1999. 51 pgs.
- COLE, Douglas “The value of the personal lies in Herzbildung. Franz Boas’ Baffin Island Litter Diary, 1883-1884”. In: Observers Observerd. Essays on Ethnographic Fieldwork. History of Anthropology, vol.1. 1983
- CORRÊA, Mariza. O dono do Trovão. Anuario Antropologico 85. Fundação Universidade de Brasilia. 1985
- \_\_\_\_\_. "Traficantes do excêntrico- os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60". Revista Brasileira de Ciências Sociais, 6 (3): 79-98. RJ. ANPOCS. 1988
- \_\_\_\_\_ “A Doutora Emília e a tradição naturalista”. Horizontes Antropológicos. 1995. p. 37-46

\_\_\_\_\_ “Dona Heloísa e a pesquisa de campo”. *Revista de Antropologia*, 40 n. 1. 1997

DA MATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: *A Aventura Sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social*. Zahar editores. 1978.p. 23-35.

\_\_\_\_\_ “Carta aberta à Darcy Ribeiro”. *Encontros com a Civilização Brasileira*, 15: 81-92. 1979

DAMY, Antonio & HARTMANN, Thekla. "As coleções etnográficas do Museu Paulista: composição e história". *Revista do Museu Paulista*, N.S., XXXI: 220-72. SP. USP. 1986

DELORIA, Philip J. *Playng Indian*. Yale University Press. New Haven & London. 1998.

DENGLER, Hermann. *Eine Forschungsreise zu den Kawahib Indianern am Rio Madeira*. *Zeitschrift für Ethnologie*, 59:112-126. (1927).

DUARTE, Luis Fernando Dias. “Formação e ensino na antropologia social: os dilemas da universalização romântica” ABA. 1995

\_\_\_\_\_ “Método e Ficção nas ciências humanas: por um universalismo romântico. *História da Psicologia no Brasil- Clio Psyché*, NAPE, RJ. 1999

EHRENREICH, Paul. “Contribuições para a Etnologia Brasileira”. Trad. Egon Schaden. *Revista do Museu Paulista*, 2:7-137. 1948

FARIA, Luís de Castro. "A Antropologia no Brasil. Depoimento sem compromissos de um militante em recesso." *Antropologia – espetáculo e excelência*. Ed. UFRJ, tempo Brasileiro. 1993. p. 01-25.

FAULHAUBER, Priscila. “Nos varredouros das representações: Redes etnográficas na Amazônia do início do século XX.” *Revista de Antropologia*, vol. 40, n.2. 1997

FERNANDES, Florestan. *A Etnologia e a Sociologia no Brasil*. São Paulo. Ed. Anhambi. 1958

GALVÃO, Eduardo. “Áreas Culturais Indígenas do Brasil”. In. *Encontros de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p.193-228. 1979.

HABERMANS, Jürgen. “Heinrich Heine e o papel do intelectual na Alemanha”. *Cadernos de Filosofia Alemã*, 3. 1997.

KÄSTNER, Klaus Peter “As coleções brasileiras do Museu Estatal de Etnologia de Dresden.” *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 1: 147-64. SP: USP. 1991

- HILDERBRAND, David M & JANKE, Jason. Friederich Ratzel: german geographer. 1996. Disponível no site [www.walpo.edu/geomet/histphil/test/ratzel.html](http://www.walpo.edu/geomet/histphil/test/ratzel.html).
- HOFFMANN, Klaus. Karl May, Leben und Werk. Karl May-Museum- Radebeul. 1988
- HOTHENTALL, William. "Robert Lowie". Revista do Museu Paulista, XI. 1959
- KUPER, Adam. Antropólogos e Antropologia. 1978
- LARAIA, Roque de Barros. "Etnologia Indígena Brasileira – um breve levantamento". Série Antropologia, 60. Brasília, UnB. 18 pgs. 1987
- LIMA, Antonio Carlos de Souza. Sobre indigenismo, autoritarismo e nacionalidade. Em Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. UFRJ; Marco Zero. Org. João Pacheco de Oliveira. 1987. p. 149-203
- \_\_\_\_\_ Um grande cerco de Paz. Poder tutelar, indianidade e formação do Estado no Brasil. Petropolis, Vozes. 1995. 336 pgs.
- LIMONGI, Fernando. "A Escola Livre de Sociologia e Política em São Paulo". In: História das Ciências Sociais no Brasil, vol. 1. 1989
- LINNÉ, Sigvald. Les recherches archéologiques de Nimuendajú au Brésil. JSA: 20 p. 71-91. Paris.
- LISS, Julia. "German Culture and German Science in the bildung of Franz Boas". In Volkgeist as Method and Ethic. 1996
- LOWIE, Robert Harry. "Edward B. Tylor". American Anthropologist, vol. 19: 262-268. 1917
- \_\_\_\_\_ "Erland Nordenskiöld". American Anthropologist. N.S., 35:158-64. 1933
- \_\_\_\_\_ The History of Ethnological Theory. New York: Farrar & Rinehart, 1937
- \_\_\_\_\_ The German people: a social portrait to 1914, NY, Octagon Books. 1980. 143 p.
- MAJOR, Trevor. Ernst Haeckel: a Legacy of a Life. Publicado originalmente em Reason and Revelation, 14 (9):68-69. (sept.1994). Disponível no site: [www.apologeticspress.org/rr/reprints.htm](http://www.apologeticspress.org/rr/reprints.htm).
- MALINOWSKI, Bronislaw. A Diary in the Strict Sense of the Term. NY Press. 1967
- \_\_\_\_\_. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. Os Pensadores, XLIII. 1976
- MASSIN, Benoit. "From Virchow to Fischer". Volkgeist as Method and Ethic. 1996

- MAY, Karl. Winnetou. 3 volumes. 1966.
- MELATTI, Julio César. A antropologia no Brasil: um roteiro. Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais, 17: 3-52. 1984.
- MELIÀ, Bartolomeu. “ A terra sem mal dos Guarani”. Revista de Antropologia, 33:33-46. 1990.
- MURPHY, Robert. Robert Lowie. Columbia University Press. 1978. 179 p.
- NORDENSKIÖLD, Erland. L´Archeologie du Bassin de l'Amazone. 1930. 67 pp.
- PENNY, Glenn H. Cosmopolitan Visions and Municipal displays: Museums, Markets, and the Ethnographic project in Germany, 1868-1914. (1999) .Disponível do site: [www.ghi-dc.org/bulletin28S01/b28seminar.html](http://www.ghi-dc.org/bulletin28S01/b28seminar.html)
- PEREIRA, Manoel Nunes. Morongueta—um decameron indígena- 2 vol., 1967, CIV. BRASILEIRA. 842 pp.
- RAMOS, Alcida Rita “ Ethnology Brazilian Style”. Série Antropologia 89, Brasília, 38 pp. 1990.
- RATZEL, Friedrich. O Elemento Humano na Geografia. A História e a Geografia do Homem. Retirado do livro Ratzel, ed. Atica. Org. Antonio Carlos Roberto Morais e coord. Florestan Fernandes. Disponível no site <http://sites.uol.com.br/ivair/ratzel/html> ( em janeiro de 2002 )
- RIBEIRO, Berta “Etnomuseologia: da coleção à exposição”. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia 4: 189-202. SP; USP. 1994
- & VAN VELTHEM, Lucia. “Coleções etnográficas. Documentos materiais para a história indígena e a etnologia. Em História dos Índios no Brasil. 1992. p. 102-112.
- RIBEIRO, Darcy. A politica Indigenista Brasileira. Ministério da Agricultura. Serviço de Informação Agrícola. 1962.
- \_\_\_\_\_ "Notícias dos Ofaié-Xavante". Revista do Museu Paulista, N.S., vol 5. 1951
- \_\_\_\_\_ Por uma Antropologia melhor e mais nossa. Encontros com a Civilização Brasileira, 15: 93-61979
- \_\_\_\_\_ Diários Índios: os Urubu-Kaapor. São Paulo: Companhia das Letras. 1996

- RINGER, Fritz K. O declínio dos Mandarins alemães: A Comunidade Acadêmica alemã, 1890-1930. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. SP. Edusp, 2000 ( Clássicos, 19 )
- ROOSEVELT, Anna Curtenius. Moundbuilders of the Amazon: geophysical archaeology on Marajó Island, San Diego : Academic Press, 1991. 495 pp.
- SAHLINS, Marshal. O “Pessimismo sentimental” e a Experiência Etnográfica: Porque a Cultura não é um “objeto” em via de extinção. *Mana* 3(1): 41-73. 1997
- SEYFERTH, Giralda. Identidade étnica numa comunidade teuto-brasileira do Vale do Itajaí. *Revista do Museu Paulista, N.S., XXIV*: 59-82. 1977.
- SHADEN, Egon. "Karl von den Steinen e a Exploração Científica no Brasil". *Revista de Antropologia, São Paulo, 4 (2)*: 117-128. 1956
- \_\_\_\_\_ "A contribuição à etnologia Brasileira". *Atualidade Indígena*, no 20, Brasília, FUNAI. 1981
- \_\_\_\_\_ Pioneiros alemães da Exploração etnológica do Alto Xingu. *Revista de Antropologia*, vol. 33:01-18. 1990.
- SCHMIDT, Max. *Estudos de Etnologia Indígena*. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1942
- SCHMIDT, Wilhelm. *Die Moderne Ethnologie. Ihr ursprung. Ihre Natur. Ihre Ziele*. Anthropos, bd.1. 1906
- \_\_\_\_\_ *Handbuch der Methode der Kulturhistorischen Ethnologie*. Verlag der Aschendorffschen verlagsbuchhandlung. Münster ( Westf. ). 1937.
- \_\_\_\_\_ *Etnologia Sul-Americana: Círculos culturais e estratos culturais na América do Sul*. *Brasiliana*, vol. 218. Companhia Editora Nacional. 1942 [1913].
- SCHUMANN, Leonor & HARTMANN, Thekla. “Coleções Etnográficas Brasileiras em Stuttgart: histórico e composição”. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 2: 125-32, SP. 1992.
- SNETHLAGE, Emília. A Travessia entre o Xingu e o Tapajoz. *Boletim do Museu Emilio Goeldi*, 1910. p. 49-96.
- STAGL, Justin & PINNEY, Christopher “Introduction: from travel writing to Ehnography”. *History and Anthropology*, vol.9, nos.2-3. 1996

STEINEN, Karl von den. "Gedächtnisrede auf Adolf Bastian". Zeitschrift für Ethnologie, XXXVII. 1905

STEWART, Julian H. Introduction, Handbook of South American Indians. Vol. 1. 1946.p.1-10

STOCKING, George. Race, Culture and Evolution. Essays in the History of Anthropology. New York. The Free Press. 1968

\_\_\_\_\_ A Franz Boas Reader: the shaping of American Anthropology, 1883-1911. Chicago University Press. 1974

\_\_\_\_\_Essays on Museums and Material Culture. History of Anthropology, vol 3. Wisconsin pgs. 3-14. 1985

\_\_\_\_\_."A perspective retrospect: the historical significance of Victorian Anthropology ( 1880-1980 )". In Victorian Anthropology. New York : Free Press, pgs.284-329. 1987

\_\_\_\_\_ Volkgeist as Method and Ethic. Essays on Boasian ethnography and the German anthropological tradition. History of Anthropology, vol. 8. The University of Wisconsin Press. 1996

TUTUSH, Danica. Cowboys and Indians: The Strange Legacy of Karl May. Set.1999. Disponível no site [www.cowboysindians.com/articles/archives/0999/karl-may.html](http://www.cowboysindians.com/articles/archives/0999/karl-may.html).

TYLOR, Edward.. The Origins of Culture. NY, Harper & Row. 416 p. 1958 [1871].

VON IHERING, Hermann "A Antropologia no Estado de São Paulo". Revista do Museu Paulista, 7. 1907

\_\_\_\_\_ "A Questão dos Índios no Brasil". Revista do Museu Paulista, VIII:112-140. 1911.

## APÊNDICE

## Levantamento do Arquivo Curt Nimuendajú

Abril de 2000-outubro de 2001

1. Levantamento do Arquivo Etnográfico	02
2. Levantamento do Armário MNDA-129	38
3. Índice Biográfico dos Correspondentes	45

## Legendas:

ms: manuscrito

dt: datilografado

“...”: título original

CE: Carlos Estevão

RL: Robert Lowie

HAT: Heloisa Alberto Torres

CN: Curt Nimuendajú

HB: Herbert Baldus

MN: Museu Nacional

MEG: Museu Emilio Goeldi

## 1. Levantamento do Arquivo Etnográfico Curt Nimuendajú

### Gaveta I (Macro- Jê)

#### Pasta 01

- Título das fotos Ramkokamekra (Belém, 1944. Obs: não está em pasta suspensa)
- Cadernos de campo Ramkokamekra: 1931 II, 1933 Kokrit, 1935 (ms em alemão)
- “Ramkokamekra Notizen” (06 pgs;dt.)
- “Reconhecimento das terras ocupadas pelos índios Canelas orientais” (1936; ms)
- Desenhos e anotações linguísticas dos Canelas (ms)

#### Pasta 01A

- “Os Ramkokamekra” (ms)
- “Die Ramkokamekra” (ms; abril de 1938)
- “As Lendas dos Ramkokamekra” (ms).

#### Pasta 02

- “Pepyé bei den Ramkokamekra”(16/04-28.07/33; caderno dt) e “WU/TE' und PEBKAHAK bei den Ramkokamekra” (abril/junho de 1931; dt. com fotos)
- “Pepyé” (16/04-28/07 de1933; 04 pgs, dt, português)

#### Pasta 03

- “Pepyé bei den Ramkokamekra”(16.04-28.07/ 1933; caderno dt) e “WU/TE' und PEBKAHAK bei den Ramkokamekra” (abril/junho de 1931; dt, com fotos)
- “Wu/té” (carta de 14/11/1936; 02 pgs. dt., português)

#### Pasta 04

- “Os Canelas” (dt,com correções à lápis)

Pasta 04A

- “Os Ramkokamekra” (dt; 2 cópias incompletas: 255 pgs)

Pasta 05

- “Klotzrennen der Timbira” (Göteborg, 1934; dt; 3 cópias e folhas avulsas)
- 05.11.1934:carta de Nimuendajú para o Instituto Carnegie (enviando o artigo "Klotzrennen" e anunciando a monografia Timbira)
- "Klotzrennen der Timbira" (Caderno dt, com fotos)
- "Tabelle zur Karte der verbreitung des Klotzrennens" (Göteborg, 31.07.1934)

Pasta 05A

- Coletânea de lendas (1945;221 pgs; dt; port)

Pasta 06

- “Die Timbira” (16/12/36;120 pgs; dt, com fotos e anotações à lápis do autor)
- “Die Timbira Horde Mehe” (09/04/1915; 04 folhas ms.)

Pasta 07

- “Die Landschaft die Timbira” (109 pgs; dt; duas cópias)
- Envelope contendo croquis Timbira

Pasta 08

- “Die Timbira:” (23/11/1931; Die Westlichen Timbira: die Apinayé; caderno dt; pgs: 118-206; com fotos)

Pasta 08A

- “Os Timbira” (dt, cópia com "correções do prof. Chuva")
- Índice (ms., port)

## Pasta 08B

- “Os Timbira” (16/07/1944:293 pgs; dt;)

## Pasta 09

- “Os Apinayé” (1939; dt, com fotos e notas à lapis que não são do autor,)

## Pasta 09A

- Caderno de campo Apinayé, 1931 (ms, alemão. Obs: péssimo estado)

## Pasta 10

- Lista da coleção Apinayé (1932; dt., português.)
- Lista das fotos Apinayé (dt. português)
- “ Apinayé”(1937; 10 pgs;dt; alemão)
- “Os Apinayé” (09/06/39;dt.)
- “Die Apinayé” (1937; ms.)

## Pasta 11

- Caderno Kayapó1939-40: “Erkundreise zu den Gorortire Kayapó” (10.04.40;30 pgs), “Introdução: Kayapó setentrionais e meridionais” (18/04/40; 17 pgs), “Gorortire”(Riozinho do Rio fresco, 1940; vocábulos), “Einige Angaben über die Pau d’Arco horde der Nordliche Kayapó” (1940; 40 pgs. com fotos)
- “Angaben über die Kayapó Pau d’Arco Gebiet”(1940; ms, somente a capa)
- Lenda Kayapó traduzida para o alemão (03 pgs; dt)

## Pasta 12

- “Sobre tribos vizinhas dos Timbira” (“capítulo suprimido do manuscrito Ramkokamekra”; 03 pgs;dt)
- "Angabe über Nachbarstämme" (ms)

## Pasta 13

- Lista da coleção Gorotire (1939-40; dt/ ms; port.)

## Pasta 14

- Album de fotos Ramkokamekra com descrição, mas sem fotos (dt;alemão)

## Gaveta II (Grupos Diversos)

## Pasta 01147

- "Sagen & Geschichten der Tukuna" (1941; ms)
- "A quebra do tabu da Uacana"(03 pgs; sobre Tukúna-português)

## Pasta 02

- "Índios Tukuna": lista da coleção de esculturas em coco, bastões de dança e esculturas de peixe (1942: dt)
- 21/10/42: CN- HAT (sobre coleção Ticuna).
- Catálogo das coleções Ticuna enviadas ao MN e ao MEG (1941; ms)
- "Tukuna": notas. (28.10.1941; 10 pgs; dt; português, com fotos)
- Material para o HbSAI (1943; dt, port)
- Resenha do livro de Koch Grünberg "Vom Roraima zum Orinoco, vierter Band-Sprachen" (dt em alemão)
- 26/10/41: CN-MN (oferecendo coleção Ticuna)
- "Auszüge über der Tukuna" (caderno dt.)
- Lista de coleção Ticuna para o MG (1941; dt)
- Lista da coleção para o MN (1941; dt)
- Material etno-botânico dos Índios Ticuna, col. MG (1942; dt.)
- "Tukuna Katalog, 1929" (dt/ms)

---

<sup>147</sup> Na ficha de microfilme, há referência ao manuscrito "Os Tukuna, 1943", que foi microfilmado, mas não consta na pasta.

## Pasta 03

- “Tukuna: Habitat, History and Language” (dt.)
- Material do HbSAI: "The Kawahib, Parintintin and their Neighbors", "The Amanayé", "Little know tribes of the Lower Tocantins River Region", "The Turiwara and Arua", "Little know tribes of the Lower Amazon ", "The Apiaca, Kayabi, Tapayuna", "The Mura-Pirahã", "The Guajá", "The Maué and Arapan" (dt e ms)
- “Sugestions for the preparation of tribal and regional articles” (Carta de Julian Steward dt) sem data
- Fichamento de “The Nordwestern and Central Gê” and “The Mundurucu” (Robert Lowie)
- Cópia de “The Maxacali Linguistic family” e “Easter Brazil Miscelaneous”.

## Pasta 03A

- 31/07/1943: J. Steward (sobre tradução e editoração dos artigos)
- “Tribes of the Lower Xingu River Region” (03 cópias)
- “Apiaká, Kayabi and Tapayuna”.

## Pasta 04

- “As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como Fundamento da Religião Apapocuva Guarani” (versão traduzida pelo Sommer, ms)

## Pasta 04A

- "Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapocuva-Guarani” (Zeitschrift für Ethnologie, 46).

## Pasta 04B

- "As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como Fundamento da Religião Apapocuva -Guarani" (cópia xerox da versão ms do Sommer)

Pasta 04C

- "As Lendas de Criação e Destruição do Mundo como Fundamento da Religião Apapocuva -Guarani" (tradução Sommer, dt, 2 cópias)

Pasta 05

- Coletânea de 420 lendas de vários grupos (1945; 221 pgs; dt, com.notas à lapis)

Pasta 05A

- não foi encontrada. Na ficha de microfilme consta Coletânea de lendas completa.

Pasta 05B

- Coletânea de 420 lendas de vários grupos (1945;dt)

Pasta 06

- "Os Tapajós" (1938; dt)

Pasta 07

- "A propos des Indiens Kukura do Rio Verde" (08.11.1932; extraído do J.S.A, 24)
- "Unveröffentlich Angabe über die Kaingang (1911), Opayé (1913), Mura (1926) und Maué (junho de 1923)" (2 cópias dt. alemão e port.)

Pasta 08

- "Fragmentos da Religião e Tradição dos Índios Sipaya" (versão traduzida por F.W. Lommes, dt; 2 cópias)

Pasta 09

- "Tribos de índios do baixo e médio Xingu" (1942; dt/ms)
- "Indianerstämme des Xingu Gebiets" (1939; 04 pgs)

Pasta 10

- Palikur: “Amerkungen zu den Bodenfunden (algumas notas ms. em alemão com desenhos)

Pasta 11

- “Pacificação dos Parakanã” (01/08/1945; dt. port)

Pasta 12

- Relatório para Delegacia do SPI do Município de Caruary (01 fl-dt/ 01 fl-ms, port.)

Pasta 13

- Maxacali (anotações ms.em alemão)

Pasta 14

- "Os nossos índios" (O extermínio da tribo dos otis, 11/ 1911, cópia)
- “Das Ende des Oti Stämmes”(dt)

Pasta 15

- Botocudos (ms. em alemão, fls avulsas e vocabularios)

Pasta 16

- Caderno de campo: Kaidngygn-uí (vocabulários e mitos)
- Caderno de campo: Sagen der Tembé (“Die Totenseelen”1916, ms em alemão) Obs: de um lado vocabulário do outro lendas e mitos dos Krezé e Tembé.

Pasta 17

- Apiaká (01 fl-ms.port.)

Pasta 18

- Vocabulários Kepi-Keri-Uate (1927, 2 pgs, dt.), Carnijó, Huari, Chocó, Tusá e línguas desconhecidas do Brejos dos Padres.

- “Os Carnijó de Aguas Bellas” (1928 , só a capa; ms)

#### Pasta 19

- “Die Gamella- Indianer” (31.10.1936; 08 pgs; dt,com fotos)

#### Pasta 20

- 12/ 06/ 22:Relatório dirigido à Bento Pereira Lemos (ms. português)

#### Pasta 21

- Mapa da distribuição dos índios (péssimo estado)

#### Pasta 22

- “Reise auf dem Içana. Ayari e Uapês” (27.10.1927; 03 pgs;dt em alemão)

- “Organização de clan entre as tribos do Içana e Uapes” (03.12.1942; 01 pg; dt. português)

#### Gaveta III ( Correspondências, Vida e Obra)

##### Pasta 01

- Recibos da Universidade da Califórnia (1935-41)

##### Pasta 02

- Índice para os croquis demonstrando a distribuição dos índios nos rios Uapés, Içana e Ayarí.

##### Pasta 03

- “Pontos se Sociologia e Religião” (dt, português)

- Resenha sobre o matriarcado de Bachoffen (dt, português)
- “Etnografia selvagem” (dt)

Pasta 04

- Propostas para o mapa Brasile, Bolivia, Paragua e Guiana.

Pasta 05

- 22.02.1928: CN- Roquette Pinto (acordo para trabalhar para o MN)
- Índice das fotos Apinayé
- Índice das fotos Xerente
- Índice das fotos Pataxó
- Índice das fotos Tukúna
- Catálogo das fotos Canela

Pasta 06

- 11/10/45 e 06/08/45: CN- Ministro J. A . Lins de Barros (FBC)
- Carta dando queixa da alteração do manuscrito Tukúna (sem data)
- observações sobre o mapa etno-histórico

Pasta 07

- Relação dos livros datilografados e dos manuscritos.
- Mapas e croquis impressos
- Justificativa da avaliação da Biblioteca e Arquivo Nimuendajú

Pasta 08

- Relação dos Livros e Arquivo do espólio Nimuendajú.

Pasta 09 (Correspondência CN-HAT, 1931-1941)

- Notas sobre a chacina dos Krahô (publicados nos jornais do Rio)

- 16/02/1934: CN
- 05/03/1934: CN
- 12/10/1934: CN
- 13/01/1935: CN
- 02/02/1935: HAT
- 09/02/1935: CN
- 25/03/1935: CN
- 15/04/1935: HAT
- 25/06/1935: CN
- 30/07/1935: CN
- 25/09/1936: HAT
- 27/10/1936: CN
- 27/06/1939: CN
- 24/09/1940: CN
- 18/03/1940: CN
- 19/11/1940: HAT
- 26/11/1940: CN
- 29/11/1940: CN
- 14/01/1941: HAT
- 17/02/1941: CN
- 20/10/1941: CN (
- 20/10/1941: CN (cópia)
- 20/10/1941: CN (cópia)
- 06/12/1943: HAT
- 29/10/1943: CN
- Telegrama de CN acusando recebimento de licença.
- 21/10/1933: CN (“Algumas Considerações sobre o Problema do Índio no Brasil”)
- 21/10/1933: CN (“Algumas Considerações sobre o Problema do Índio no Brasil”, cópia)

- 27/03/1935: Procuração de CN para a firma Trepper & Costa.

#### Pasta 10 (Diários)

- 1911: “Reconhecimento e notas” (sobre os Coroados com texto “Die Kriegsgebrauche der Coroados”).
- 1912/13: “Curt Nimuendajú- Acampamento do Sumidoro”
- 1913: Mato Grosso
- sem data (posterior à 1910; sobre Xavantes)
- 1918: diário Xipaya.
- 1923: Tupi do rio Machado
- 1923: viagem Maué

#### Pasta 11 (Diários)

- 1923-1924: “Zweite Tapajoz Reise, fev/maio 24”
- 1923: “Reise nach Guayana”
- 1924 A: ”Tapajos Reise, 21.III-13.V”
- 1926 II: “2 CURT NIMUENDAJU ITINERARE”
- 1927 - “Rio Negro – Reise”
- 1927: Rios Negro, Içana, Ayary
- 1929: Timbira
- 1936: “VI- Timbira Reise”
- Diário n. 63

#### Pasta 12(Diários)

- 1928: indice das fotografias (coordenadas e vocabulário Karajá, rio Mearim, Barra da Corda, ...)
- 1929: Canelas

## Pasta 13(Diários)

- 1936:Xerente148

## Pasta 14(Diários)149

- 1938-39, Botocudo Reise (18/08/38 – 10/05/39)
- 1939 –I Kayapó Reise (01/11/39 – 09/03/40), II Kayapó Reise (22/06/- 24/09/40)

## Pasta 15(Diários)

- 1940: Gorotire (Fichamento de autores, texto sobre “Maifest” e duas folhas avulsas com mapas que não foram feitos por CN)
- 1941: “2. Tukuna–Reise, 22/02-03/10”.
- 1942: “3. Tukuna-Reise, 06.04/17.10”
- 1943: “1.Rio-Reise, 29/07- 17/10” e 1945: “2. Rio-reise, 29/07- 09/08”

## Pasta 16

- Cartilha José Honório (Araribá, 1907)

## Pasta 17 (Correspondência CN-RL , 1941-1945)

- 18.04.1938: RL-CN
- 24.01.1941
- 06.02.1941
- 20.02.1941
- 27.03.1941
- 23.05.1941
- 28.07. 1941

---

<sup>148</sup> Na microficha : diário 1937

<sup>149</sup> Na microficha consta cadernos: “3. Tukuna Reise”, “2. Kayapó Reise”

- 09.10.1941
- 26.10.1941
- 23.11.1941
- 24.11.1941
- 04.12.1941
- 06.12.1941
- 16.12.1941
- 12.01.1942
- 01.02.1942
- 26.10.1942 port.
- 22.11.1942
- 12.02.1943
- 11.03.1943
- 05.04.1943
- 14.06.1943
- 06.11.1943
- 02.12.1944
- 03.03.1945
- 18.04.1945
- 13.08.1945

Pasta 18 (Correspondência CN/ HB, 1934-45)

- 20/03/34: HB-CN (ms)
- 20/07/34: HB-CN
- 20/07/34: HB- Theodor Preuss
- 25/10/34: HB-CN
- 17/12/34: HB-CN
- 23/02/35: HB-CN

- 22/05/35: HB-CN
- 13/09/35: HB-CN
- 06/11/35: HB-CN
- 30/11/35: HB-CN
- 21/01/36: HB-CN
- 20/02/36: CN-HB
- 11/03/36: HB-CN
- 26/04/36:CN-HB
- 27/06/36: HB-CN
- 11/11/36: CN-HB
- 30/11/36: HB-CN
- 13/01/37: CN-HB
- 05/02/37: HB-CN
- 06/07/37: CN-HB
- 11/10/37: HB-CN
- 22/11/37: CN-HB
- 30/11/37: HB-CN
- 22/11/38: CN-HB
- 20/02/38: HB-CN
- 18/03/38: CN-HB
- 08/04/38: HB-CN
- 17/05/38: CN-HB
- 06/06/38: HB-CN
- 18/07/38: CN-HB
- 07/11/38: HB-CN
- 04/04/39: CN-HB
- 05/05/39: HB-CN
- 25/05/39: CN-HB

- 08/07/39: CN-HB
- 09/07/39: HB-CN
- 30/08/39: HB-CN
- 11/09/39: CN-HB
- 30/10/39: HB-CN
- 19/04/40: CN-HB
- 26/04/40: HB-CN
- 01/12/40: CN-HB
- 07/12/40: HB-CN
- 17/02/40: CN-HB
- 07/03/41: HB-CN
- 09/10/41: CN-HB
- 21/10/41: HB-CN
- 02/11/41: CN-HB
- 19/12/41: HB-CN
- 01/03/42: CN-HB
- 08/03/42: HB-CN
- 01/06/42: HB-CN
- 26/10/42: HB-CN
- 22/11/42: CN-HB
- 28/11/42: HB-CN
- 12/02/43: CN-HB
- 19/02/43: HB-CN
- 13/03/43: CN-HB
- 31/03/43: HB-CN
- 10/07/43: CN-HB
- 10/11/43: CN-HB
- 17/11/43: HB-CN

- 01/03/44: HB-CN
- 21/03/44: HB-CN
- 21/03/44: CN-HB
- 27/03/44: HB-CN
- 03/04/44: CN-HB
- 09/44/44: HB-CN
- 29/07/44: CN-HB
- 31/08/44:CN-HB
- 02/08/44: HB-CN
- 08/01/45: CN-HB
- 16/01/45: HB-CN
- 23/01/45: CN-HB
- 31/01/45: HB-CN
- 06/02/45: CN-HB
- 14.02.45: HB-CN
- 23/02/45: CN-HB
- 15/03/45: CN-HB
- 21/03/45: HB-CN
- 29/03/45: CN-HB
- 06/04/45: HB-CN
- 20/04/45: CN-HB
- 25/04/45: HB-CN
- 28/05/45: CN-HB
- 12/06/45: CN-HB
- 15/08/45: CN-HB

Pasta 19- Documentação pessoal (notas de papelarias, recibos, etc.)

Pasta 20 (Correspondência CN-RL, 1935-40; 59 cartas)

- 08.02.1935
- 30.03.1935
- 03.02.1936
- 25.04.1935
- 03.09.1936
- 03.09.1936
- 05.10.1936
- 31.10.1936
- 17.11.1936
- 30.11.1936
- 17.12.1936
- 13.01.1937
- 16.06.1937
- 07.08.1937
- 30.09.1937
- 13.10.1937
- 20.10.1937
- 16.11.1937
- 13.12.1937
- 19.01.1938
- 05.02.1938
- 15.02.1938
- 16.03.1938
- 30.03.1938
- 16.05.1938
- 21.05.1938
- 16.06.1938

- 29.06.1938
- 06.07.1938
- 17.08.1938
- 31.07.1938
- 03.12.1938
- 14.01.1939
- 27.02.1939
- 16.03.1939
- 23.04.1939
- 18.05.1939
- 10.06.1939
- 14.06.1939
- 15.06.1939
- 01.08.1939
- 11.08.1939
- 15.08.1939
- 26.09.1939
- 15.10.1939
- 28.03.1940
- 12.04.1940
- 02.05.1940
- 10.05.1940: RL-CN
- 18.05.1940
- 09.06.1940
- 24.07.1940
- 12.08.1940
- 29.08.1940
- 08.10.1940

- 04.11.1940
- 28.11.1940
- 06.12.1940
- 26.12.1940

Pasta 21 (Correspondência RL/ CN, 1935-45; 79 cartas)

- 04.03.1935
- 09.05.1935
- ??
- 08.10.1935
- 20.11.1935
- 13.12.1935
- 24.01.1936
- 05.02.1936
- 18.02.1936
- 03.06.1936
- 21.10.1936
- 10.12.1936
- 16.06.1937
- 27.08.1937
- 13.09.1937
- 11.10.1937
- 03.11.1937
- 03.12.1937
- 04.12.1937
- 07.01.1938
- 27.01.1938
- 24.02.1938

- 30.03.1938
- 18.04.1938
- 16.05.1938
- 06.07.1938 (ms)
- 07.07.1938(ms)
- 27.06.1938
- 14.07.1938 (ms)
- 08.08.1938
- 10.02.1939
- 15.02.1939
- 29.05.1939
- 08.06.1939 (ms)
- 17.07.1939
- 25.07.1939 (ms)
- 17.08.1939 (ms)
- 02.10.1939 (ms)
- 14.11.1939 (ms)
- 15.11.1939 (ms)
- 22.12.1939 (ms)
- resposta a carta de CN; 08.10.40?
- 06.03.1940 (ms)
- 05.04.1940 (ms)
- 06.04.1940 (ms)
- 01.05.1940 (ms)
- 24.05.1940 (ms)
- 17.06.1940
- 06.08.1940 (ms)
- 22.08.1940

- 02.12.1940 (ms)
- 14.12.1940 (ms)
- 31.01.1941 (ms)
- 14.02.1941
- 25.05.1941
- 08.02.1941 (ms)
- 21.08.1941 (ms)
- 03.09.1941 (ms)
- 13.09.1941 (ms)
- 03.09.1941
- 18.10.1941
- 04.11.1941
- 17.11.1941
- 27.11.1941 (ou 42 ms)
- 10.12.1941
- 11.02.1942 (ms)
- 10.07.1942
- 10.10.1942
- 07.11.1942
- 25.11.1942
- 04.03.1943
- 24.03.1943
- 01.05.1943
- 31.05.1943
- 06.12.1943
- 22.11.1944
- 13.12.1944
- 27.03.1945

- 24.05.1945

#### Pasta 22

- 08/11/1920: MN-CN. (diretor Bruno Lobo).
- 17/06/1926: Travassos Vieira-CE (ms).
- 10/11/1926: Manoel Fernandes Mendes (Iruanã)-CE (ms)
- 27/11/1927: Manoel F. Mendes (Pacajá)-CE (ms).
- 20/10/1926: Nordenskiöld
- Rascunho de carta para o Museu de Leipzig, 1929

#### Pasta 23 (Telegramas, postais e correspondência diversa).

- telegramas
- carta sem data de Alberto de Assy (Bahia, ms)
- Bilhete de Izikowitz (1934)
- Postais de 1934 (de Lehmann Nitsche e G. Antze)
- 02/01/1934: Museum of the American Indian-Heys Foundation, Nova Iorque.
- 05/02/1934: HAT (ms)
- 01/03/1934: Pe. Albert Kruse (Missão do Cururu, ms)
- 03/07/1934: CE
- 27/08/1934: CE
- 10/07/1934: CE
- 21/08/1934: CE
- 15/12/1933: Affonso de Taunay- Museu Paulista (ms)
- 10/07/1933: CN (aldeia do Ponto)-HAT.
- 13/12/1933: Henry Wassen
- 19/05/1931: Nordenskiöld
- 05/04/1931: CN-HAT.

- 07/09/1931: rascunho
- 08/01/1934: Antonio Mordini -CN (em francês e com duas fotos.)
- 18/01/1934: Instituto Carnegie
- 25/01/1934: HAT
- 11/01/1934: W. Kaudern (Göteborg)
- 17/01/1934: Jules Blumensohn
- 24/01/1934: Eduardo Hoerthan
- 05/02/1934: Marcelino Miranda (ms com recorte de jornal)
- 24/01/1934: A.Taunay (diretor do Museu Paulista)
- 06.02.1934: Instituto Carnegie
- 09/02/1934: Societá Italiana di Antropologia e Etnologia.
- 22/03/1934: W.Kaudern
- 24/03/1934: Marcelino Miranda (Barra da Corda).
- 27/03/1934: K.G.Izikowitz (Göteborg)
- 11/03/1934: Kratzenstein (Pará)
- 25/04/1934: A.Taunay
- 30/04/1934: Societe des Americanistes.
- 09/05/1934: F.Krause
- 10/05/1934: Ursula Reij (Fegen, ms)
- 03/1934: Izikowitz (ms)
- 21/03/1934: Instituto Carnegie
- 11/05/1934: Kratzenstein (Pará)
- 05/05/1934: G. Antze (Museu de Hamburg)
- 15/05/1934: W.Krickeberg (ms)
- 29/05/1934: W.Krickeberg (ms)
- 30/04/1934: H.Dengler (Dresden, ms)
- 01/06/1934: Instituto Carnegie
- 06/1934: Mordini (Barga, ms)

- 08/06/1934: W.Krickeberg (Museu Berlim, ms)
- 07/07/1934: F. Krause (Leipzig)
- 10/07/1934 (provavelmente 1943): CN-Carlos Oportus Duran
- 16/07/1934: Instituto Carnegie
- 24/07/1934: George Wilkens (Göteborg)
- 10/07/1934: H.Dentzel (Hamburg)
- 28/07/1934: G.Antze
- 29/07/1934: E.Kratzenstein (Pará)
- 04/03/1934: Pe.Albert Kruse OFM (Missão do Cururu)
- 11/08/1934: M. Heydrich (Museu de Dresden)
- 25/08/1934: Köster (Wesermünde, Morgenstern Museum)
- 18/09/1934: E.Hoerthan
- 17/08/1934: Instituto Carnegie
- 03/10/1934: W.Krickeberg (Museu Berlim, ms)
- 12/10/1934: Pe. A.Kruse OFM (Belém, ms)
- 25/10/1934: Izikowitz (Göteborg)
- 23/10/1934: remetente não ident. (ms)
- 30/10/1934: José Rumão Siqueira (Cimbres, ms)
- 05/11/1934: Marcelino Miranda (Barra da Corda, ms)
- 29/11/1934: A.Kruse (Santarém ,ms)
- 16/11/1934: Instituto Carnegie
- 28/11/1934: Instituto Carnegie
- 10/12/1934: Maria Leonarda Cunha
- 

Pasta 24: (Telegramas, postais e correspondência diversa)

- Telegramas (de Frederico Schmitt)
- 23/12/1935: postal de Capitão Ugo Furini

- 18/07/1935: postal de Mordini
- 20/01/1936: de CN-João Braulino de Carvalho
- de CN-Antonio Lopes
- 20/01/1936: de CN-Raymundo
- 23/01/1936: de CN-Marcelino.
- 24/01/1936: de CN-MN
- 10/02/1936: Raymundo Miranda (Barra da Corda, ms)
- 18/02/1936: Raymundo Miranda (Barra da Corda, ms)
- 10/03/1936: de CN-CE
- 14/01/1936: Jules Henry (Columbia University)
- 29/10/1935: Raymundo Miranda (ms)
- 27/02/1936: CN-Antonio Mordini
- 26/02/1936: CN-Jules Henry
- 25/02/1936: CN-W. Kaudern
- 26/02/1936: CN-Fernando de Azevedo
- Gabinete do Governador
- 14/05/1936: Pe. A. Kruse (Missão do Cururu)
- 22/04/1930: CN-Raimundo (irmão de Antonio Lopes).
- 01/05/1936: CN-CE.
- 02/04/1936: Fernando de Azevedo (ms).
- 25/04/1936: CN-CE.
- 19/05/1936: Snethlage (Museu de Berlim)
- 24/05/1936: CN-CE.
- 20/02/1935: “Plan Provisoire de la Collection Americaine Ethnologique et Historique”
- Snethlage, sem data.
- 05/10/1934: W. Kaudern
- 19/12/1934: Izikovitz (Göteborg)
- 05/01/1935: Stig Ryden (Göteborg)

- 08/01/1935: Instituto Carnegie
- 01/01/1935: Hermann. Dentzl (ms)
- 29/01/1935: Snethlage (ms)
- 09/02/1935: Instituto Carnegie
- 28/02/1935: University Museum of Philadelphia
- 28/02/1935: Snethlage (ms)
- 23/03/1935: Marcelino Miranda (ms)
- 03/03/1935: W.C. Hachmeister (ms)
- 18/04/1935: W. Hachmeister
- 24/04/1935: G. Lindenberg (Pará)
- 29/04/1935: W. Hachmeister ? (ms)
- 29/04/1935: “Instituto International de Cooperação Intellectuele”
- 06/05/1935: W. Hachmeister (Bel Serra)
- sem data : Snethlage (ms)
- 17/05/1935: Instituto Carnegie
- 25/05/1935: Societe des Americanistes.
- 31/05/1935: G. Lindenberg (Pará)
- 20/06/1935: Ed. Kraztzenstein (Pará)
- 01/04/1935: H.Palmatary
- 25/04/1935: HAT
- 03/07/1935: G. Lindenberg (Pará)
- 11/07/1935: Carlos Estevão (ms)
- 14/07/1935: Pe. Angelo M. Cerri (Humayta, ms)
- 05/08/1935: Pe. A. Kruse. (Missão do Cururu, ms)
- 20/08/1935: Krickeberg (Museu de Berlim)
- 16/08/1935: G. Lindenberg (Pará , com recorte de jornal sobre CN)
- 24/08/1935: G. Lindenberg
- 08/09/1935: Alma Riess Vasquez (California)

- 11/09/1935: W. Hachmeister (ms)
- 14/09/1935: H. Palmatary (Philadelphia)
- 17/09/1935: Carnegie Institut (A. V. Kidder)
- 10/1935: H. Palmatary
- 05/11/1935: E. Riess Vasquez
- 13/11/1935: Eduard Sapir (National Research Council)
- 29/11/1935: Padre Angelo N. Cerri (Humayta, rio Madeira, ms)
- 08/12/1935: H. Palmatary
- 04/11/1935: Snethlage (Berlim)
- 10/01/1935: Mordini (Barga, ms)
- 20/08/1935: CE
- 24/08/1935: CE
- 30/08/1935: P. Schnepotief (Russia)
- 11/10/1935: Fernando de Azevedo
- 16/08/1935: W. Kaudern (Göteborg)
- 12/08/1935: CE
- 04/04/1935: Sra. Enrique Riess Vasques.
- 23/01/1935: Sra. Enrique Riess Vasques
- 29/01/1935: CE (Recife; ms)
- 12/02/1935: CE (Recife; ms)
- 05/03/1935: CE (Recife; ms)
- Telegramas

Pasta 25 (Correspondência diversa)

- 10/02/1936: Marcelino Miranda (Barra da Corda)
- 22/04/1936: CE (?) (Belém)
- 18/04/1936: Societe des Americanistes
- 28/04/1936: Gabinete do Governador de São Luis

- 04/05/1936: Latin American Institut (Philadelphia, Fernimore Johnson)
- 19/05/1936: Siegfried Waehner (Rio de Janeiro)
- 09/02/1936:Emte Italiano Audizioni Radiofonique (Roma)
- 13/06/1936: A. Kruse (São Francisco do Cururu)
- 30/06/1936: CN-João Braulino
- 03/07/1936: CN (Barra da Corda)-CE
- 08/08/1936: Museu Emilio Goeldi (CE.)
- 14/08/1936: Museu de Berlim
- 19/08/1936: Zeitschrift für Rassenkunde (Buenos Aires)
- 01/09/1936: CN (Pedreira)-CE.
- 02/09/1936: CE (MG., Belem)
- 05/09/1936: CN (Pedreira, MA)-Fernando de Azevedo
- 14/09/1936: CN-Conselho de Fiscalização (Presidente Campos Porto)
- 14/09/1936: CN-Snethlage
- 18/09/1936: G. Lindenberg (Pará)
- 24/09/1936: CN (S.L.M.)-A.Kruse
- 25/09/1936: HAT
- 26/09/1936: F. Krause (Leipzig)
- 10/1936: Instituto Panamericano de Geografia e Historia (México)
- 04/10/1936: Fernando de Azevedo (USP)
- 06/10/1936: CN MN
- 19/10/1936: CN-Fernando de Azevedo
- 22/10/1936: CN-Mordini
- 21/09/1936: Mordini (Barga)
- 11/07/1936: Mordini
- 23/10/1936: CN J.Braulino
- 27/10/1936: CN-HAT
- 29/10/1936: CN-F.Krause.

- novembro de 1936: Universidad Nacional de La Plata.
- 11/07/1936: W. Kaudern (Göteborg)
- 10/11/1936: CN-Levi Strauss (São Paulo)
- 11/11/1936: CN-W. Kaudern
- 12/11/1936: Fernando de Azevedo (USP)
- 17/11/1936: CN-Mordini
- 19/11/1936: CN-Fernando de Azevedo
- 03/12/1936: Museum of The American Indian (George Heye)
- 05/12/1936: CN-Fernando de Azevedo
- 14/11/1936: CN-Lehmann-Nitsche
- 16/11/1936: CN-Museum of Natural History (Nova Iorque)
- 28/11/1936: Izikowitz
- 26/11/1936: Fernando de Azevedo
- 07/12/1936: Museum of Natural History
- 08/12/1936: The University Museum of Philadelphia
- 10/12/1936: CN (Belém)-Antonio Serrano
- 12/12/1936: CN-Fernando de Azevedo
- 20/12/1936: CN-Antonio Lopes (Museu de São Luis do Maranhão).
- 28/12/1936: CN-J.Braulino
- 30/11/1936: Snethlage (Berlim)
- 08/11/1936: Levi Strauss (com fotos)
- Telegramas 1936 e 1937
- Postais (de amigos como Métraux, Snethlage, Kaudern, Mordini e outros)
- Bilhetes sem data

Pasta 26 (Correspondência diversa)

- 27/06/36: CE (ms)
- 01/01/1937: Michelsen (Minas Gerais)
- 04/01/1937: CN-Michelsen
- 08/01/1937: Plinio A. V. Gerbassi
- 08/01/1937: João Braulino (São Luis)
- 04/01/1937: João Braulino
- 11/01/1937: CN-Marcelino
- 11/01/1937: CN-A.Kruse
- 11/01/1937: CN-J.Braulino
- 11/01/1937: CN-Snethlage
- 25/12/1936: A . D. van Meer und van Oosterhout (Breda, Holanda)-Michelsen
- 08/01/1937: Lehmann-Nitsche (Berlim)
- 16/01/1937: CN-Meer und Oosterhout
- 02.1937: informe do Göteborg Museum
- 01/02/1937: Antonio Serrano (Porto Alegre)
- 02/02/1937: Levi Strauss (Paris)
- 17/02/1937: Touring Club Italiano
- 28/05/1937: Memorandum Merringer& Cia
- 01/04/1937: Societé des Americanistes
- 04/05/1937: Union Panamericana
- 28/05/1937:Krueger
- 07/03/1937: CN (Boa Vista)-CE
- 12/03/1937: CN Herr Bop
- 18/03/1937: Levi Strauss (São Paulo)
- 18/06/1937: CN (Boa Vista)-CE
- 19/06/1937: CN (Boa Vista)-HAT
- 06/06/1937: CN (Boa Vista)-Levi Strauss
- 20/07/1937: CN (Boa Vista)-W. Kaudern

- 01/08/1937: G. Lindenberg (Boffzen)
- 27/09/1937: CN -W. Kaudern
- 20/09/1937: CN-MN
- 21/06/1937: W.Kaudern
- 18/04/1937: H.Palmatary
- 18/07/1937: H.Palmatary
- 14/02/1937: H.Palmatary
- 15/10/1937: CN (Belém)-H.Palmatary
- 16/10/1937: CN-Banco do Brasil
- 16/10/1937: CN-Mordini
- 19/10/1937: CN-L/F, Mathies & Co (Hamburgo)
- 18/10/1937: Recibo de Exportação
- 20/10/1937: CN-W. Kaudern
- 27/10/1937: W. Hachmeister (Posto Esperança)
- 12/11/1937: CE
- 15/11/1937:L/F, Mathies & Co (Hamburgo)
- 16/11/1937: Mordini
- 30/10/1937: H.Palmatary
- 21/11/1937: CN-CE
- recibos de exportação
- 24/11/1937: CN-H.Palmatary
- 24/11/1937: CN-Otto Xavier da Silveira Vilmar
- 25/11/1937: CN-Conselho de Fiscalização
- 26/11/1937: CN-Conselho de Fiscalização
- 22/12/1937: A.Taunay (Museu Paulista)
- 26/12/1937: H.Palmatary
- 03/01/1938: H.Wassen (Goteborg)
- 04/01/1938: CN-H.Palmatary

- 08/01/1938: W.Kaudern
- 15/01/1938: W.Krickeberg
- 13/01/1938: Snethlage
- 21/01/1938: Martin Gusinde
- 24/01/1938: CN-Snethlage
- 10/12/1937: Métraux
- 30/01/1938: Métraux
- 01/02/1938: Snethlage
- 12/02/1938: CN-Métraux
- 07/02/1938: H. Palmatary
- 18/02/1938: CN-W. Kaudern
- 19/02/1938: CN-E. Hoerthan
- 24/02/1938: E. P. Dieseldorf (Guatemala)
- 24/02/1938: E. P. Dieseldorf (Guatemala)
- 05/03/1938: CN-Conselho de Fiscalização
- 17/03/1938: S. Linné (Suécia)
- 20/03/1938: CN-Snethlage
- 22/03/1938: A.Kruse
- 23/03/1938: E. Hoerthan (Posto Duque de Caxias)
- 24/03/1938: Stig Rydén (Gotebörg)
- 29/03/1938: CN-Dengler

Pasta 27 (Telegramas, postais, e correspondência diversa)

- Postais (1938,29,40)
- Telegramas (1938)
- 17/12/1938: Hans DetlevKrueger
- 17/12/1938: CN (Ilheos)-Tenente José Anselmo

- 09/12/1938: CN-Krueger
- 07/04/1938: CN (Belem)para Bop
- 09/04/1938: Vicente de Paula F. Vasconcelos-CE
- 25/05/1938: Dengler (Dresden)
- 03/04/1938: Snethlage
- 09/05/1938: E. Hoerthan
- 17/05/1938: CN-Eduardo (Belém)
- 18/05/1938: CN-Dieseldorf
- 04/04/1938: Fernando de Azevedo (USP)
- 18/05/1938: CN-Rydén
- 18/05/1938: CN-Snethlage
- 19/05/1938: CN-Fernando de Azevedo
- 19/05/1938: CN-A . Kruse
- 20/05/1938: assinada não identificada (alemão)
- 06/07/1938: CN-Métraux
- 24/07/1938: CN-Métraux
- 29/07/1938: W. Kaudern
- 23/07/1938: Stig Rydén
- 15/07/1938: Métraux
- 29/06/1938: Métraux
- 09/12/1938: Charles Wagley
- 08/08/1938: Métraux
- 10/08/1938: G. Lindenberg (Berringer & Cia, Manaus)
- 08/08/1938: CN-Dieseldorf
- 20/08/1938: Museum of the American Indian (com foto)
- 15/09/1938: Hans Krueger
- 05/10/1938: R. Klodic (Iugoslavia)
- 24/10/1938: Julian Caceres Freire

- 28/10/1938: bilhete Cap. Diniz
- 11/11/1938: H. Detlev Krueger
- 21/11/1938: Edgar Pedra (Posto Paraguassu)
- 28/11/1938: ? (Den Haag, Holanda) alemão
- 08/12/1938: CN (Ilheos)-CE
- 30/09/1938: lista de fotos (ou coleção) Xerente e Apinajé
- Informe sobre bolsas de estudo.

Pasta 28 (Correspondência diversa)

- rascunhos sem data-Mathew D Stirling
- Telegramas
- 07/01/1939: Hans Detlev Krueger
- 15/01/1939: CN (Urucu, MG)-CE
- 15/01/1939: CN (Urucu, MG)-CE (original)
- 15/01/1939: CN (Urucu, MG)-Telesforo Fontes (PI Rio Pancas)
- 23/02/1939: CE (MEG)
- 04/04/1939: CN (E.S)-W. Kaudern
- 04/04/1939: CN-HAT
- 04/04/1939: CN-Klodic (Iugoslavia)
- 04/04/1939: CN-Krueger
- 11/04/1939: W. Kaudern
- 21/04/1939: W. Kaudern
- 22/04/1939: CN (E.S.)-CE
- 23/02/1939: Krueger (Pará, com fotos)
- 28/02/1939: CN (Vitória)-MN
- 28/02/1939: CN-CE
- 05/08/1939: Cooper (bilhete ms)

- 10/05/1939: National Research Council
- 19/05/1939: HAT
- 22/05/1939: CN (belem)-Södeberg
- 26/05/1939: CN -Inst. del Museo de la Universidad Nacional de la Plata
- 26/05/1939: CN-Antonio Serrano
- 06/1939: informe sobre XXVII Congresso Internacional de Americanistas
- 02/06/1939: Cn-Raoul d'Harcourt
- 02/06/1939: CN-W. Kaudern
- 02/06/1939: CN-L.F. Mathies & C.
- 07/06/1939: Consociazione Turística Italiana
- 20/06/1939: HAT
- 22/05/1939: CN - Cel. Vicente de Paula Teixeira de Vasconcelos (chefe do SPI).
- 23/05/1939: CN-Banco do Brasil
- 27/05/1939: CN-HAT
- 27/06/1939: CN-HAT
- 30/06/1939: CN-Conselho de Fiscalização
- 30/06/1939: Consociazione Turística Italiana
- 01/07/1939: CN-Dr. Jijon y Caamaño
- 03/07/1939: L.F.Mathies & Co
- 10/07/1939: CN-Goeje)
- 13/07/1939: W. Kaudern
- 19/07/1939: CN-Conselho de Fiscalização
- 21/07/1939: CN-W. Kaudern
- 28/07/1939: C. T. Italiana
- 31/07/1939: Kaj Binket Smith (National Museet)
- 01/08/1939: Levy Cardoso
- 11/08/1939: W. Kaudern
- 14/08/1939: CN-Snethlage

- 15/08/1939: CN-Edelweiss
- 18/08/1939: CN-W. Kaudern
- 20/08/1939: CN-Kaj B. Smith
- 27/08/1939: CN-“lieber” Paulo
- 30/08/1939: H. Palmatary
- 07/09/1939: Kaj B. Smith
- 08/09/1939: CN-H. Palmatary
- 18/09/1939: CN-John M. Cooper
- 21/09/1934: Rudolph Möller (Pará)
- 22/09/1939: H. Palmatary
- 25/09/1939: W. Kaudern
- 26/09/1939: J. Cooper
- 01/10/1939: CN-H. Palmatary
- 03/10/1939: CN-W. Kaudern
- 13/10/1939: Paulo (Haimann & Cia, Porto Alegre)
- 13/10/1939: CN-Raoul d’Harcourt
- 15/10/1939: CN-W. Kaudern
- 17/10/1939: H. Palmatary
- 22/10/1939: ? (Denn Haag) alemão ass. não identificada
- 27/10/1939: CN-H. Palmatary
- 27/10/1939: CN-K.B. Smith
- 27/10/1939: Eduardo de Lima e Silva Hoerthan (P.I. Duque de Caxias)
- 08/10/1939: Otto Blume-Eduardo de Lima e Silva Hoerthan
- 08/10/1939; Otto Blume-Hoerthan
- 05/11/1939: HAT
- 17/12/1939: Siegfried Waehner (Dresden)

Pasta 29 (Correspondência diversa)

- 29/04/1940: Aerograma CE
- Telegramas
- 01/01/1940: H. Palmatary
- 12/01/1940: W. Kaudern
- 31/01/1940: Stig Rydén
- 06/03/1940: RL-Timmermann (ms)
- 18/03/1940: CN-HAT
- 18/03/1940: CN-MN
- 26/03/1940: CN-CE
- rascunho de carta (18/03/1940)-HAT
- nota de navegação
- 01/04/1940: CN-MG
- 05/04/1940: CN-MN
- 18/04/1940: CN-Conselho de Fiscalização
- 19/04/1940: CN-Museu de Entre Rios
- 19/04/1940: CN-Felix Speiser
- 22/04/1940: CN-H. Palmatary
- 22/04/1940: CN-de Goeje
- 25/04/1940: Thomas Thomsen (MN, Dinamarca)
- 10/05/1940: CN-Loukotka
- 10/05/1940: Carlos Oportus Duran (Santiago do Chile)
- 11/05/1940: H. Palmatary
- 20/05/1940: CN-Vincenzo Petruzzo (The Museum of the University of Pensilvania)
- 06/06/1940: Loukotka (Praga)
- 10/06/1940: CN-Raymundo Miranda
- 10/06/1940: CB-herr Bopp
- 10/06/1940: CN-Herr Struwel

- 11/06/1940: Carl Borromaleus Ebrer (Museu Goeldi)
- 15/06/1940: CN-Carlos Oportus Duran
- 22/06/1940: CN-Métraux
- 22/06/1940: CN-CE
- 08/07/1940: Feliz Speiser (Museum für Volkerkunde Basel )
- 02/07/1940: Bopp (Boa Vista)
- 11/07/1940: Conselho de Fiscalização
- 22/07/1940: Raymundo Miranda
- 06/08/1940: HAT
- 24/09/1940: CN-HAT
- 11/10/1940: CN-Raymundo
- 19/11/1940: Raymundo Miranda (Barra da Corda)
- 19/11/1940: HAT
- 26/11/1940: CN-HAT
- 28/11/1940: CN-Inspetor Chauvin
- 29/11/1940: CN-HAT
- 04/09/1940: Forsyth
- 22/09/1940: H. Palmatary
- 11/10/1940: CN-Bop
- 25/11/1940: Dr. Santos Castilho (Buenos Aires)
- 29/11/1940: CN-T. M. Forsyth
- 29/11/1940:CN-Conselho de Fiscalização (Pres. Assis Iglesias)
- 20/12/1940:CN-H. Palmatary
- 06/11/1940:CN-Matthew Stirling (Bureau of American Ethnology)
- 07/12/1940: CN-Matthew Stirling (Bureau of American Ethnology)
- 09/12/1940: Loukotka
- 12/12/1940: Smithsonian Institution (Stirling)
- 14/12/1940: Frederico Hackemann (Centro das Experiências Agrícolas da Potassa)

- 15/12/1940: H. Palmatary
- 18/12/1940: Conselho de Fiscalização
- 17/12/1940: G. Lindenberg
- 23/12/1940: CN-Lindenberg
- 25/12/1940: CN-HAT
- 27/12/1940: Raymundo
- 30/12/1940: CN-Smithsonian Institution
- 03/01/1939: Herr Bopp (alemão)

Pasta 30 (Correspondência diversa)

- 08/01/1941: MN
- 13/01/1941: CN-HAT
- 16/01/1941: Smithsonian Institution
- 14/01/1941: HAT
- 20/01/1941: Jose da Gama Malcher
- 22/01/1941: CN-HAT
- 24/01/1941: Métraux
- 02/02/1941: CN-Malcher
- 06/02/1941: Universidade da California
- 10/02/1941: Malcher
- 13/02/1941: Métraux-Lewis Hanke
- 17/02/1941: CN-H. Palmatary
- 21/02/1941: Métraux-Henry A . Moe
- 26/03/1941: ? (Pará)
- 27/03/1941: CN -CE
- 03/04/1941: Fundação Hispânica ( LewisHanke)
- 06/04/1941: H. Palmatary

- 23/05/1941: CN (Perpétuo Socorro)-CE
- 30/05/1941: Berringer & C.
- 16/06/1941: Clotilde B. da Silva (São Paulo de Olivença)
- 13/07/1941: Carlos Oportus Duran
- 24/07/1941: Smithsonian Institution (J. Steward)
- 28/07/1941: CN-CE
- 03/08/1941: CN -HAT
- 10/09/1941: CN-CE
- 09/10/1941: CN-Carlos Oportus Duran
- 10/10/1941: CN-Quirino Maffra
- 09/10/1941: Berringer & C.
- 10/10/1941: CN-Palmatory
- 11/10/1941: CN-Felippe Pinto da Cunha
- 06/10/1941: CN-Herr Gläser
- 20/10/1941: CN-HAT
- 23/10/1941: CN-H. Palmatory
- 23/10/1941: CN-HAT
- 21/10/1941: Moe-RL
- 23/ 10/1941: Blanchard (Assunção)
- 26/10/1941: CN-MN
- 30/10/1941: Palmatory
- 03/11/1941: CN-Blanchard
- 04/11/1941: CN-Conselho de Fiscalização
- 04/11/1941: Felipe Pinto Da Cunha
- 10/11/1941: J. Steward (Smithsonian Institution)
- 13/11/1941: CN-MN
- 19/11/1941: RL-Joseph Willits (Rockfeller Foundation)
- 28/11/1941: Métraux-Joseph Willits (Rockfeller Foundation)

- 05/12/1941: Tracy B. Kittredge, Dr Soper
- 15/12/1941: Soper-HAT
- 19/11/1941: Gastão Cruls
- 23/11/1941: CN-Chauncey J. Hamlin
- 26/11/1941: CN-Gastão Cruls
- 26/11/1941: Smithsonian Institution (J. Steward)
- 28/11/1941: Métraux-Joseph Willits (Rockefeller Foundation)
- 29/11/1941: Métraux
- 16/12/1941: Blanchard.

Pasta 31 (Correspondência diversa)

- 19/12/1941: G. Cruls
- 01/12/1941: Carlos Oportus Duran
- 08/01/1942: HAT
- 08/01/1942: HAT-Conselho de Fiscalização
- 08/01/1942: HAT
- 09/01/1942: CN-Carlos O. Duran
- 12/02/1942: CN-RL
- 12/01/1942: CN-HAT
- 13/01/1942: CN-HAT
- 15/01/1942: J. Steward
- 17/01/1942: CN-Gastão Cruls
- 24/01/1942: CN-Nino Athayde
- 24/01/1942: CN-Calixto
- 24/01/1942: CN-Quirino Maffra
- 24/01/1942: CN-Nilo Müller
- 13/01/1942: Steward

- 25/01/1942: CN-Steward
- 31/01/1942: CN-Métraux
- 07/02/1942: H. Palmatary
- 09/02/1942: Nino Athayde (ms)
- 01/02/1942: CN-Métraux
- 12/02/1942: G. Cruls
- 22/02/1942: Carlos O . Duran
- 01/03/1942: CN-Felipe Pinto da Cunha
- 28/03/1942: CN-Rockfeller Foundation
- 29/03/1942: CN-Carlos O . Duran
- 20/04/1942: Rockfeller Foundation
- 19/05/1942: Instituto de Etnografia Americana
- 29/05/1942: Métraux (Smithsonian Institution)
- 12/02/1942: Frederico Edelweiss
- 16/06/1942: CE
- 16/07/1942: CE
- 28/07/1942: CE
- 28/07/1942: CE
- 26/08/1942: CE
- 02/09/1942: CE
- 10/09/1942: J. Steward
- 21/10/1942: CN-HAT
- 31/10/1942: Victor Badano
- 14/11/1942: Carlos O. Duran
- 21/11/1942: CN-Nino
- 22/11/1942: CN-Nilo Müller
- 22/11/1942: CN-Steward
- 26/10/1942: CN-Steward

- 25/11/1942: Smithsonian Institution
- 26/11/1942: MN
- 30/11/1942: CN-MN
- 05/12/1942: CN-Ralph L. Beals (Smithsonian Institution)
- 18/12/1942: CN-MN
- 12/02/1943: Cn-Steward
- 13/02/1943: CN-Carlos O. Duran
- 27/02/1943: J. Steward
- 10/03/1943: G H. Tale (chefe de exploração de borracha-Defense Supplies corporation.)
- 11/03/1943: CN-Conselho de Fiscalização
- 12/03/1943: CN-MEG
- 17/03/1943: CN-Nilo
- 25/03/1943: CN- J. Steward
- 17/04/1943: CN- J. Steward
- 18/04/1943: Carlos O. Duran
- 04/05/1943: Mansur Guérios
- 27/04/1943: CN-Métraux
- 05/05/1943: CN-Steward
- 10/05/1943: J. Steward
- 15/05/1943: Inst. Indigena Interamericano
- 26/05/1943: Métraux (Instituto Mexicano de Antropologia)
- 01/06/1943: telegrama do CF
- 08/06/1943: CN-General Rondon
- 10/07/1943: CN-Métraux
- 10/07/1943: CN-Inst. Indigena Interamericano
- 10/07/1943: CN-Mansur Guérios
- 10/07/1943: CN-Nino
- 19/07/1943: Steward

- 12/08/1943: CN-CE
- 12/08/1943: CN-Steward
- 08/10/1943: CN-Nino
- 25/09/1943: Frederico Edelweiss
- 21/10/1943: HAT
- 04/08/1943: CE
- 29/10/1943: CN-HAT
- 29/10/1943: CN - Jaguaribe
- 06/11/1943: CN-Métraux
- 06/11/1943: CN-Steward
- 02/12/1943: CN-HAT
- 06/12/1943: CN-Jaguaribe
- 16/11/1943: CN-Métraux
- 02/12/1943: Métraux
- 06/12/1943: HAT
- 14/12/1943: CN-HAT
- 18/12/1943: Nunes Pereira
- 21/12/1943: Galvão
- sem data: Buffalo Museum of Science
- 30/12/1943: CN-Jaguaribe
- Bilhete de Friedrich Zimmermann
- Telegramas e cartas sem data de Siegfried Waehner.

Pasta 32 (Telegramas e correspondências)

- 03/01/1944: CN-Nino Athayde
- 03/01/1944: HAT
- 06/01/1944: Galvão

- 13/01/1944: CN-HAT
- 20/01/1944: CN-Nunes Pereira
- 21/01/1944: CN-Galvão
- 21/01/1944: CN-Nino Athayde
- 27/01/1944: CN-Jaguaribe
- 04/02/1944: CN-HAT
- 12/03/1944: CN-Jaguaribe
- 13/03/1944: CN-Umberto de Oliveira
- 16/03/1944: CN-Nino Athayde
- “”cópia
- 23/03/1944: Umberto de Oliveira (CNPI)
- 27/03/1944: H. Schultz
- 31/03/1944: CN-HAT
- 06/04/1944: CN-Umberto de Oliveira
- 08/04/1944: HAT
- 15/04/1944: CN-Nino Athayde
- 15/04/1944: CN-HAT
- 17/04/1944: Antonio Lopes
- 19/04/1944: CN-H. Schultz
- 26/04/1944: CN-HAT
- 01/05/1944: H. Schultz
- cópia
- 05/05/1944: CN-Antonio Lopes
- 13/05/1944: Nunes Pereira
- 15/05/1944: CN-HAT
- 14/06/1944: H. Schultz
- 15/07/1944: H. Schultz
- 26/06/1944: CN-H. Schultz

- 19/07/1944: HAT
- 22/06/1944: Izikowitz
- 25/07/1944: CN-HAT
- 28/06/1944: Juan Francisco Recalde (SP)
- 03/07/1944: Malcher
- 07/07/1944: Nunes Pereira (Instituto Etnografico e Sociologia do Amazonas)
- 16/07/1944: Oscar Creydt (Montevideo, sobre Tupi)
- 20/07/1944: Oscar Creydt
- 29/07/1944: CN-Juan Francisco Recalde
- 31/07/1944: CN-Inst. Etnográfico e Sociologia do Amazonas
- 31/07/1944CN-School of Inter Americans Addares
- 31/07/1944: CN-Antonio Serrano
- 01/08/1944: Recalde
- 04/08/1944: CN-Métraux
- 04/08/1944: CN-HAT
- 18/08/1944: Steward
- 21/08/1944: CN-Umberto de Oliveira
- 21/08/1944: CN-Izikowitz
- 27/08/1944: Frei P. Frickel (Óbidos)
- 21/08/1944: CN-Geraldo Pinheiro
- 26/08/1944: Steward
- 31/08/1944: CN-HAT
- 01/09/1944: CN-Steward
- 02/09/1944: Steward
- 04/09/1944: Steward
- 11/09/1944: Métraux
- 13/09/1944: CN-Juan F. Recalde
- 13/09/1944: CN-Steward

- 18/09/1944: HAT
- 20/09/1944: Antonio L. da Cunha
- 27/09/1944: Steward (folha com mapa de 9 areas culturais)
- 29/09/1944: CN-HAT
- 30/09/1944: CN-Antonio L. Da Cunha
- 30/09/1944: CN-Métraux
- 30/09/1944: CN-Frei P. Frickel
- 30/09/1944: CN-H. Schultz
- 06/10/1944: Air Mail (Department os State, Washington)
- 10/10/1944: Antonio L. Da Cunha
- 14/10/1944: HAT
- 17/10/1944: CN-Steward
- 17/10/1944: CN-HAT
- 24/10/1944: Frei Protásio
- 24/10/1944: CN-Oscar Creydt
- 26/10/1944: Mansur Guerios
- 31/10/1944: Steward
- 03/11/1944: CN-Mansur Guérios
- 10/11/1944:CN-Frei protásio
- 16/11/1944: Oscar Creydt
- 22/11/1944: CN-Galvão
- 23/11/1944: CN-Nilo Müller
- 23/11/1944: CN-HAT
- 29/11/1944: Frei P. Frickel
- 30/11/1944: Steward
- 30/11/1944: Mansur Guerios (Curitiba)
- 02/12/1944: CN-Francisco Curt Lange
- 16/08/1944: Geraldo Pinheiro

- 06/12/1944: Galvão
- 15/12/1944: CN-Steward
- 16/12/1944: CN-Mansur Guérios
- 16/12/1944: Francisco C. Lange (Instituto Interamericano de Musicologia)
- 23/12/1944: CN-Galvão
- 23/12/1944: CN-Francisco C. Lange
- 26/12/1944: Frei Albert O. F. M. (Santarém)
- 31/12/1944: CN-Oscar Creydt
- Bilhetes
- Cartas (Francisco C. Lange: 04/06/45 e 27/04/45. Colégio Nossa Senhora de Nazaré: 28/03/45 e 03/04/45)

#### Pasta 33

- 06/01/1945: HAT
- 03/01/1945: Francisco C. Lange
- 04/01/1945: The American Folklore Society
- 08/01/1945: CN-Frickel
- 08/01/1945: CN-F. C. Lange
- 09/01/1945: HAT
- 10/01/1945: Mansur Guerios
- 24/01/1945: CN-A.Kruse
- 25/01/1945: CN-Mansur Guérios
- 25/01/1945: A .Kruse
- 02/02/1944: HAT
- 16/02/1945: HAT
- 25/02/1945: CN-HAT
- 28/02/1945: Mr. & Mrs.. Watson

- 07/03/1945: CN- Virginia Watson
- 07/03/1945: Mansur Guerios
- 23/03/1945: CN-HAT
- 31/05/1945: CN-Rodrio M. F. de Andrade.
- 25/03/1945: Oscar Creydt
- 04/04/1945: Rodrigo M. F.de Andrade
- 05/04/1945: Colégio Nossa Senhora de Nazaré (gabinete médico Biométrico)
- 05/04/1945: Fannie Dunn Quain (mãe de Buell Quain)
- 06/04/1945: F. C. Mayntznusen (Posadas)
- 15/04/1945: Mansur Guérios
- 08/04/1945: Frickel
- 11/04/1945: A .Kruse
- 16/04/1945: Atamasio Aguiar (Boa Vista)
- 17/04/1945: CN-Rodrigo M. F. de Andrade
- 19/04/1945: CN-Oscar Creydt
- 19/04/1945: CN-Steward
- 20/04/1945: CN-Frickel
- 20/04/1945: CN-Sra Fannie Dun Quain
- 23/04/1945: CN-Steward
- 23/04/1945: W. Winther (Suécia)
- 26/04/1945: Oscar Creydt
- 30/04/1945: Gastão Cruls
- maio de 1945: informe ACTA ANTHROPOLOGIA (México)
- 10/05/1945: João Francisco Bigiaretti (Rio Negro)
- 11/05/1945: CN-Rodrigo M. F. de Andrade
- 16/05/1945: Steward
- 19/05/1945: telegrama-Walter B. Davis
- 20/05/1945: Frickel

- 20/05/1945: irmão Faustino (Faculdade Catolica de Filosofia do RS, Porto alegre)
- 27/05/1945: CN-Atanasio Aguiar (Boa Vista)
- 28/05/1945: CN-Gastão Cruls
- 28/05/1945: CN-Francisco C. lange
- 28/05/1945: CN-Mansur Guerios
- 29/05/1945: CN-para Steward
- 30/05/1945: CN-A . Kruse
- 30/05/1945: CN-João Bigiaretti
- 31/05/1945: H. Schultz
- 06/06/1945: Rodrigo M. F. de Andrade
- 13/06/1945: CN-Rodrigo M. F. de Andrade
- 14/06/1945: CN-Sra Neide Vasconcelos
- 14/06/1945: HAT
- 19/06/1945: CN-HAT
- 23/06/1945: CN-Náide vasconcelos
- 23/06/1945: CN-Oscar Creydt
- 25/06/1945: Steward
- 26/06/1945: CN-H. Schultz
- 26/06/1945: João Francisco Biggiotti
- 28/06/1945: Virginia Watson
- 30/06/1945: H. Schultz
- 04/07/1945: CN-HAT
- 14/07/1945: CN-H. Schultz
- 24/07/1945: Donald Pierson
- 18/07/1945: Frickel
- 19/07/1945: H. Schultz
- 26/07/1945: CN-Mayntzhusen
- 07/08/1945: CN-Nilo

- 13/08/1945: HAT
- 09/08/1945: Antonio Giacone
- 13/08/1945: CN-Frickel
- 13/08/1945: CN-J. Francisco Bigiaretti
- 17/08/1945: CN-D. Pierson
- 17/08/1945: HAT
- 13/08/1945: CN-Virginia Watson
- 22/08/1945: CN-HAT
- 30/08/1945: D. Pierson
- 07/09/1945: CN-H. Schultz
- 14/09/1945: H. Schultz
- 15/09/1945: CN-D. Pierson
- 18/09/1945: CN-H. Schultz
- 19/09/1945: CN-Antonio Giacone
- 22/09/1945: D. Pierson
- 25/09/1945: CN-Geraldo Pinheiro
- 25/09/1945: Mariasinha (Ministerio das Relações exteriores)
- 26/09/1945: CN-Nino
- 28/09/1945: H. Schultz
- 28/09/1945: H. Schultz- Baldus
- 06/10/1945: CN-Mayntzhusen
- 11/10/1945: CN-HAT
- 11/10/1945: Emilia Dyer (Goeldi)
- 14/10/1945: CN-HAT
- 07/12/1945: CN-Sr. Ayron DallÍgn Rodrigues
- 07/12/1945: CN-H. Schultz
- 07/12/1945: CN-Frickel
- 07/12/1945: CN-Mayntzhusen

- 07/12/1945: CN-herr Rost

Pasta 34 (Correspondência CN/ HAT/MN)

- 23/03/1945: CN-HAT (orig)
- 25/02/1945: CN-HAT(orig)
- 17/03/1945: CN-Mansur Guérios)
- 16/02/1945: HAT(orig)
- 25/01/1945: telegrama de HAT
- 09/01/1945: CN-HAT
- 06/01/1945: HAT(orig)
- 03/01/1945: telegrama HAT
- 06/08/1945: FBC
- 06/08/1945: cópia
- 06/08/1945: FBC-HAT
- 19/06/1945: CN-HAT
- 25/06/1945: HAT
- 17/08/1945: HAT-FBC
- 13/08/1945: HAT
- 25/06/1945: HAT
- trecho de cartas de CN-HAT (04.07.1945)
- Telegramas
- 03/05/1945: HAT
- 13/06/1945: HAT
- 11/05/1945: CN-Rodrigo M.F.de Andrade (IPHAN)
- 13/06/1945: CN-Rodrigo M. F. de Andrade
- 14/06/1945: HAT
- 14/06/1945: cópia
- 18/06/1945: nota de serviço gráfico-publicação de “Os Ramkokamekra”

- 14/10/1945: CN-HAT
- 11/10/1945: CN-HAT
- 11/10/1945: CN-FBC
- 18/09/1945: HAT-Ministro da Educação
- 10/03/1945: HAT
- trechos de carta de CN- HAT (04.04.1944)
- 31/03/1944: CN-HAT
- 31/03/1944: HAT-CE
- 08/04/1944: HAT
- 15/04/1944: CN-HAT
- Trechos (CN- HAT: 15.04.1944 e HAT-CN: 08.04.1944)
- 10/04/1944: HAT
- 31/08/1944: CN-HAT
- trechos
- 04/08/1944: CN-HAT
- 25/07/1944:Cn-HAT
- 19/07/1944: HAT
- 26/04/1944: CN-HAT
- 24/04/1944: CE-HAT
- 15/05/1944: CN-HAT
- 02/07/1944: Matoso Câmara-HAT
- 29/09/1944: CN-HAT
- 23/11/1944: CN-HAT
- 06/12/1944: Eduardo galvão
- 22/12/1944: CN-HAT
- 22/12/1944: CN-HAT
- 14/10/1944: HAT
- 17/10/1944: CN-HAT

- Folha de referência (processo em questão)
- 14/12/1943: CN-HAT
- 04/02/1944: CN-HAT
- 07/12/1943: HAT
- 06/12/1943: HAT-CE
- 24/08/1943: HAT-Carlos D. de Andrade
- 06/09/1943: Carlos D. de Andrade
- 10/09/1943: HAT-Carlos D. de Andrade
- 21/10/1943: HAT
- 29/10/1943: CN-HAT
- 02/12/1943: CN-HAT
- 06/12/1943: HAT
- 14/12/1943: CN-HAT
- 28/02/1942: CE-HAT (c/ recorte de jornal)
- 06/02/1942: CF-HAT
- 24/01/1942: HAT-Soper
- 12/01/1942: CN-HAT
- 08/01/1942: HAT-CF
- 08/01/1942: HAT
- 08/04/1942: CF-HAT
- 06/05/1942: HAT-CF
- 03/06/1942: HAT-CF
- 08/07/1942: Rockefeller Foundation (Fred L. Soper)-CN
- 14/08/1942: CF-HAT
- 28/08/1942: HAT-Soper
- 24/11/1942: MN-CE
- 26/11/1942: MN-CE
- 09/12/1942: CE-MN

- 28/11/1941: Métraux-Rockefeller Foundation
- 05/12/1941: Tracy Kittredge-Soper
- 15/12/1942: Soper-HAT
- 19/11/1941: RL-Rockefeller Foundation (Papeis de processo)

#### Pasta 35

- Texto espécie de diário dtem alemão e "enrolado" (1941/ 1942).

#### Pasta 36

- relatório do Museu de Goteborg (dt, em alemão)
- “A sala Curt Nimuendajú no Museu de Goteborg”(em alemão, versão manuscrita traduzida)
- “Tänze end Feste unter den Brasilianisch Indianer”
- Lista de material linguístico publicado e manuscrito
- Relatorio sobre suas viagens e atividades de 1903 à 1936.
- Lista das publicações
- Licença-arma (05/04/1935)
- 31/10/1933: Decreto certificado do CF.

#### Pasta 37: cópias de cartas para LBHB

- 12/01/1912
- 09/01/1913
- 30/03/1913
- 16/03/1913
- 23/07/1920
- 14/12/1920
- 22/01/1921

#### Pasta 38

- “Notas sobre a Organização Religiosa e Social dos Kaingang” (cópia, ms. português)

#### Pasta 39

- Relatório Xavante de MT (1913, cópia. ms. português)

#### Pasta 40

- Mapa Etnohistórico

#### Gaveta IV (Arqueologia, Música, Mapas e Desenhos)<sup>150</sup>

##### Pastas 01

- Fichamento para monografia Timbira; Índice para o mapa.

##### Pastas 02

- Mura Reise (“Be,erkungen zu dem Bodenfunden; 1926, ms. alemão)
- Brasilianisch Guayana (“Itinerare & Texte”; ms)
- Caviana (Urnenfriedhöfe ; 1924) scanear
- Geschichlichen über Caviana (ms)
- Marajó: “Itinerar und Text” (26/11/1923 à 06 de dezembro de 1924)
- Mapas
- texto “Origens das Línguas” (18/02/1934;2 pgs)
- 1926: Tocantins (Arqueologia)

##### Pastas 03

- Mapas (Gamelas e Apinajé)
- Mapas Apinajé, Xerente e Timbira

##### Pastas 04

---

<sup>150</sup> existem pastas sem numeros com desenhos e bibliografia da monografia Canela.

- mapas avulsos
- Caderno 2: Tamanqueira, Rio Maricuã
- Caderno 3: Gamelas, Araguaya (1940)

Pastas 05

- Mura, Içana e Uapês; Jury

Pastas 06

- 1918: rio Curuá, Palikur, Santarém-Óbidos

Pasta 07

- rio Xingu, Bahia, Minas.

## 2. Levantamento do material textual do Armário MNDA-189

## Caixa 1

## P.1

Levi Strauss, Claude: The Tupi-Kawahib (dt., 13 pgs)

## P.2

-Lowie, Robert: Eastern Brazil- Miscellaneous (dt., 28 pgs). Bororo (dt., ingles, 9 pgs). Primitiv Society (NY, 1920; 91-94. dt. port. 2 pgs).

## P.3

Catalogo em holandes – Brasilien (dt; 10 pgs)

## P.4

Melo, Mario: Os Carnijos de Aguas Belas. 1928. (dt., 17 pgs)

Oliveira, C.E: “Os Carnijo de Aguas Belas”. (dt.,17 pgs).

## P.5

Annual report of the Secretary of the Interior for the fiscal year ended June 30.1934. Departamento dos Indigenas (Joh Collier, encarregado) (dt., portugues, 58 pgs)  
Estados Unidos, departamento do Interior, repartição dos negocios dos Indios, 03/01/1934. Liberdade religiosa dos Indios. Culto dos Indios. Circular N. 2970. (dat.portugues, 1 pg.)

## P.6

-Carvalho, Renato de Miranda: Coordenadas Geograficas da Quadricula do Brasil. (dt., 1 pg)

-Couderau, Henri: Chez nos Indiens: Quatre annees dans la Guyane francaise (1887-1891) (Paris 1893. dt. francês, 12 pgs.) La France Equinoxiale – Etudes sur les Guyanes et l’Amazonie. Paris, 1886–Tome Premier.(dt., francês e port. 16 pgs). Voyage au Xingu. 30 mai 1896-26 octobre 1896. (Paris, 1897, 15 pgs. dt. francês).

Cunha, Arnaldo P.: Coordenadas Geográficas relativas ao Maranhão e Goiás. (dt. 1pg)

## P.7

João Antonio Caldas: Noticia geral de toda a capitania da Bahia desde o seu descobrimento ate o presente ano 1759, Rev. Inst. Geog. da Bahia, n.7-1931. João Capistrano de Abreu: Capítulos de História Colonial (1500-1800). Rio, 1934. Mapa.

## P.8

Holdridge, Desmond: extr. de “Feudal Island”, 1939, NY. (dt.i., 5 pgs).

## P.9

## Vocabulários:

Lehmann-Nitsche: Chorote o Solote (dt. 14 pgs)

Leite, P. do S.: Dialecte Apiaka (dt. 6 pgs)

Lery, Jean de : Histoire d'une voyage faict en la terre du Bresil. (dt.f., 1 pg.)

Lins, Joaquim G. de A.: Kepi Keri Uate (dt. 2 pgs).

Lourenço: Dialecte Maues (dt., 5 pgs)

Mitre: Allentiak-Espanhol. (dt, 5 pgs.)

Moutinho, Joaquim F: Dialeto Mundurucus (dt., 1pg), dialeto Mura (dt. 1 pg)

Nordenskiöld: Huari (2 pgs dt.)

°C.: Dialeto Arara (6 pgs dt)

Carlos E. Oliveira: Brejo dos Padres (14 pgs ms) Baixo são Francisco (2 fls ms).

Palza: Aymara, castellano y Qwechua (4 pgs dt.)

## P. 10

- Henry, Jules: Integration in a Simple Society. (7 pgs dt)

## Caixa 2

## P.1

- Correspondência Particular:1926-1943.

## P.2 (Tukuna Sprache)

Vocabulários (2fls alçaço): Araicú, Culino, Uitoto, Cómána Jumana, Passé, Cauixána, Mariaté, Juri, Uainumá.

2 mapas com localização das aldeias

1 texto traduzido para o alemão: "Der Untergang der maloca Kuyarú"(1fl)

1 texto traduzido para o alemão: "Der Untergang der maloca Kuyarú"(4fls)

1 texto traduzido para o alemão: "Metáre und Dämon Waiciki" (2 fls)

1 folha manuscrita com o título Tikuna-Tukuna.

2 fls com o título Tukúna (termos de parentesco)

1 pedaço de papel alçaço com parte de um texto traduzido para o alemão.

2 fls datilografadas com o texto “A transgressão do tabu da uaricana.”; traduzido para o português.

3 fls datilografadas com o texto “O castigo da transgressão do tabu da uaricana.

2 fls alçaço com o texto: “A transgressão do tabu da uaricana.”; traduzido para o alemão.

3 fls datilografadas com o texto: “DYÜ-ACIKI”, traduzido em alemão.

2 fls alçaço com o texto: “DYÜ-ACIKI”, traduzido em alemão.

5 fls datilografadas com o texto: “NÚ/TAPA”, traduzido em alemão.

1 fl alçaço com o texto : “NÚ/TAPA”, traduzido em alemão.

1 fl datilografada com cânticos: gesang der Maimaske, gesang der Maske des Faulen Baumes, Geschichte des Gesanges der beiden Sauhimasken (em língua Tukuna)

2 fls. alçaço com os cânticos acima traduzidos em alemão.

2 fls. datilografadas e numeradas com 2 e 3, com textos sobre jogos em português.

4 fls. datilografadas e numeradas de 1 a 4, com textos em alemão, sobre elementos das flechas e festas Tukuna.

8 fls. datilografadas e numeradas de 1 a 8, com vocabulário Tukuna traduzido em alemão.

1 caderno com o título “NOTAS” (13 pgs. dt.p., e 190 itens).

1 caderno com texto sobre Warikana e outros itens culturais dos Tukuna (34 pgs. dt.a)

2 fls. datilografadas com o título “Terá início no próximo sábado a semana do Índio”

P.3

MN: “Assunto: CN, Kurt- Tikunas”: cópias de cartas e telegramas de HAT-CN e de CN-HAT e a outros órgãos e pessoas relacionadas a expedição aos Tukuna. (33)

P.4

Envelope Icnografia (desenhos a mão): 12 folhas com desenhos sendo alguns acompanhados com textos.

Uma foto onde se lê Mura-Pirahã.

P.5

Vocabulários: Kayapó, Chicriabas, Masacra, Geicó, Acroa Mirim, Aponegicram, Camacan, Meniens, Cotoxó, Cayrirí, Sabuja, Pimenteira, Aruak, Arawaak. (35pgs. Dt.)

Dialeto Juruna: Chanson Juruna (22 pgs. Dt.)

Vocabulário Palikur no rio Arucauá. (1 fl. ms.)

Dialecte Mundurucu. Thoron. (7 pgs. Dt). Vocabulário Mundurucu (2 pgs, dt.)

Vocabulário: Chavante Opayé, Chavantes Oti, Chavantes.

Termos de parentesco (4 fls. Dt.); itens lexicais (1 fls. Dt). “As três festas intermediárias” (1 fls. Dt)

P.6

Caderno grande com: cópias de textos gramaticais, vocabulários, tabela de comparação, vocabulário Chipaya, Curuaya e Palikur.

P.7

Caderno Curt Nimuendajú - TAPIII NEENG RICI QUATIA. Textos e vocabulários compilados.

P.8

Caderno Preto, lombada vermelha, RIO 1943, com textos e vocabulários compilados.

P.9

-Caderno Guajajara – Joser Rego, 1941. Vocabulários Guajajara, colhido pelo prof. José Rego, no Posto Gonçalves Dias, em agosto de 1941.

Caixa 3

P.1

- Caderno carimbado no.75 contendo vocabulários: Baré, Baniwa... de diversos autores. Listas comparativas.

P.2

-Caderno carimbado no.76 contendo: Vocabulários Atacamena, Nambikuara de autores diferentes. Compilações sobre vários autores.

P.3

-Caderno carimbado no.74 contendo: Vocabulários: Kaschinawa, Jaminawa, Coroados. Texto: “Primeira Catequese dos Índios selvagens feita pelos Padres da Companhia de Jesus”Tradução interlinear (Padre Antônio Ruiz e s. Nicolao)

P.4

-Caderno com “Notas sobre a organização religiosa e social dos Kaingygn”.

P.5

-Caderno contendo cópia de textos de vários autores.

P.6

-Caderno com: vocabulários Achagua, Urupá... Cópia de artigos.

P.7

-Caderno com textos: Metare und der Dämon Waiciki (trad. Alemão), Kuuyarú (trad. Alemão), Dyu-Aciki (trad. Alemão)

P.8

caderno carimbado no. 81 com : textos compilados de vários autores. Vocabulários: Tapirapé, Emerillon...

P.9

-Caderno numerado a lápis 1-101 com: textos: Mbaia und die Mbae-Dämone, Natapa... Vocabulário Kayuisana. 13 fotos.

P.10

Caderno numerado a lápis 1-185, contendo: cópia de notas sobre a "Historia do Brasil" traduzido por Luiz Joaquim de Oliveira Castro. Vocabulários: Maue, Kayapo...

Caixa 4

P.1

Álbum de fotos numeradas anotado: "Fotos Curt-Canela"

P.2

Caderno Tukuna III 1942 (contendo 24 fotos e 3 neg. Mapa, recorte de revista e duas fls. dtCom termos de parentesco.)

Caixa 5

P.1

Navegação dos rios Tocantins, Araguaia e Tapajós. (4 pgs dat., 5 pgs com mapas e 3 pgs com fotos )

Mapa Tocantins- Araguaia (Maraba- S. ana)

Nordenskiöld: Indianerleben, 1933 (1 pg dat)

Nordenskiöld: vida de Índio

Comparative Ethnographical Studies. IX Goteborg, 1931. Erland Nordenskiöld: Origin of the Indians Civilization in South America.

P.2

-Revista Trimensal de Historia e Geografia: Observações ou notas ilustrativas dos primeiros três capítulos.

Frontieres entre le Brasil et la Guyane Francaise (5 fls. ms.)

Lista de grupos indígenas num total de 28 itens. Anotações em alemão (4 fls. ms.)

Pankararu. 1 pg. dat.

Notas para a Historia do Ceará- Lisboa 1892, Guilherme Studart.

Dicionário Histórico Geográfico da Província do Maranhão. 1870 (1 pg. Dat.)

List of Tribes. (1 pg. dat.)

Notas sobre a Parahyba, RJ, 1892 (3 pgs dat)

Notas sobre os índios Mundurucu (9 pgs dat)

Historia do Brasil, 1918

P.3

Theodor, Koch: Die Apiaka Indianer (ZfE, 1902)

P.4

-Von Martus: Beitrage zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. 1 pg.

-ms sobre os Mundurucu. 1 pg.

“Dicionário Hist. Geog. do Maranhão”, pg.07.

“Dicionario Hist. Geog. do Maranhão”, pg 233

Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte.

1898. 3 pgs dat.

Malinowski: The sexual life of savages. 2 pg. dat

Von Martus: Beitrage zur Ethnographie und Sprachenkunde Brasiliens. 24 pgs, dat.

P.5

-Missão Rondon (Auf die Kawahib Bezeugliches): 11 pgs. dtem inglês.

P.6

-Guarani Kinship Terms as Index of Social Organization. Samuel Lafone Quevedo. 30 pgs. dat.

P.7

-Diretoria de Terras e Minas Bahia, 15 de outubro de 1936. 2 fls.dat.

-Brazil, the amazons and the Coast. Herbert H. Smith.1 pg. Dat.

- Informe do Inspetor regional Virgilio Bandeira ao Diretor Administrativo do SPI sobre os Índios Canelas, 1935. (11 pgs. dt.)

P.8

Cerimonial Indígena- IEDODA- batismo Bororo (Notas do chefe de Inspeção Humberto de Oliveira) (6 pgs. dt. 7 cópias)

P.9

Reide naco Brasiliana In de Jahren 1815 bis 1817. 52 pgs dat.

P.10

-Central America Archaeology, (14 pgs dt.)

archaeology. (10 pgs dt.)

P.11

-Noticias dos Índios Brasileiros. (11 pgs. dt)

P.12

Tribo dos Uasahys, (3 pgs. dt.)

Tribu dos Aruaquis e Pariquis- Corocono: festa dos mortos, (2 pgs dt.)

Tribu dos Aruaquis e Pariquis- vestuario, (2 pgs. dt.)

Tribu dos Mundurucus, pag. 27 da Ver. Da exposição Antropológica, (1 pg. dt.)

Caixa 6

P.1

-Notas etnográficas sobre os Indígenas do Alto Juruá (Acre) e Vale do Ucayali (Peru), por Victor Oppenheim, (14 pgs. dt.)

Sobre os restos da cultura neolítica dos Índios "Panos" do Alto Amazonas, por V. Oppenheim, (5 pgs. dt.)

P.2

Ciclos culturais por Schmidt & Koppers, (3 pgs. dt).

Comentários do P.W. Schmidt aos Tomos I e II das *Comparatives Ethnographical Studies* de Nordenskiöld, *Anthropos* XVII, 1921, (1 pg dt).

### P.3

Vocabulário Umutina: organizado por Severino Godofredo d'Albuquerque (31 de março de 1912) 3 pgs. dt.

Vocabulários dos Índios Chanases e Chulupi ó Vilela, por Samuel<sup>a</sup> Lafone, 7 pgs. dt.

Vocabulário da língua Mochica por Rafael Larco Royle, 1 pgs. dt.

Vocabulário das línguas Guarani, Mascoy, Guentuse, Enimaga, Guana, Mbaya, ...por Gonzalez. 11 pgs. dt.

Vocabulário Makiré (2 fls. ms.)

Vocabulário Purubora, por Koch Grünberg, 3 pgs. dt.

Vocabulário de uma língua indígena do alto Nhamundá, 3 fls. ms.

Dialeto dos índios Sanamainkan pelo Tenente Aníbal Freire, 1931. 4 pgs. dt.

Vocabulário das línguas Antis, Piros, Conibos. 2 pgs. dt.

Vocabulário dos índios Uros del Peru y Bolívia por José Toribio Polo, 6 pgs. dt.

Vocabulário Aguaruna por G. M. von Hassel, 5 pgs. dt.

Vocabulário da língua Toba por Padre Alonso Barcena, 8 pgs. dt.

Vocabulário da língua Turá e da língua Mura por Eugênio do Valle Bentes. 2 fls., ms.

Vocabulário Bororo, 7 pgs. dat.

Apontamentos gramaticais da língua Cocama pelo dr. Oscar Leal. 5 pgs. dt.

Expedition dans le parties centrales de l'Amérique du Sud por Castelnau. Vocabulários das línguas Xerentes, Chavantes, Apinayes e Crahos. 15 pgs. dt.

Voyage au Tocantins- Araguaí. Vocabulário Cayapo, por Henry Coudreau. 11 pgs. dt.

Vokabular der Sprache der Botocudos von Santa Catarina, pelo Dr. Hugo Gensch, 6 pgs. dt.

Vokabular die Hianokoto-Umaua por Grünberg, 14 pgs. dt.

### P.4

67 nomes em diversas línguas da América do Norte, Central e do Sul. Segundo Patron, Schuller e von Martius. (55 pgs.; dt.)

Kurze angaben über Amerikanischen Sprachen, por Pericot e Garcia (4 pgs; dt.)

Língua dos Botocudos Aymore. (16 pgs.; dt.)

Os Krahos do rio Preto na Bahia. A língua Krahô e vocabulário português Krao, por Teodoro Sampaio (3 pgs.; dt.; 1 mapa)

Vocabulário Caiabi, Posto Teles Pires, (3 pgs.; dt)

Vocabulários: More, Kumana, Abiatana- Wanyan... por Snethlage. (9 pgs.; dt;1 mapa)

Vocabulários Carajá, Xerente e Kaiapo, por Eduardo Artur Socrates, (10 pgs.; dt.)

Vocabulário Auetö, por Von den Steinen (4 pgs;dt.)

Vocabulários Auetö, 4 pgs. dt.

Vocabulário: Dialeto Bakairi, por von den Steinen, 3 pgs. dt.

Vocabulários Munduruku, Amazonas, 2 pgs., dt.

Vocabulários dos Palikur, por Schmidt, 1 pg. dt.

Vocabulário Timbira, 1 fl. ms.

Vocabulário dos Botocudos, 4 pgs. dt

Vocabulários, 4 pgs.

Vocabulário Guarani, Mascoy, 1 pg. dt.

P.5

Coletânea de Vocabulários coletados por diversos autores. Caderno n. 76.

Caixa 7

P.1

Folha de papel fino com desenho de dois rostos de índios Cayabis (mulher e homem)

Exploração à Tapajonia – 22 de outubro de 1943. Por Luiz Tenan. Relatório da 2a.

Expedição à Tapajonia (1 pg. dt)

Exploração à Tapajonia, por Luiz Tenan. (2 pgs. dt)

P.2

Vocabulário “Der Süd Gez” de diversos autores (12 fls ms.).

P.3

Vocabulário do Suriname- Espanhol. Caderno n. 64

Caixa 8

Cad.A

Ms em alemão parecendo ser compilações, caderno A n. 72.

Cad. B

-Caderno B-n.83 Malcher. Ms alemão, parecendo ser compilações.

Cad. C

caderno C- n.84, ms. alemão parecendo ser compilações.

Cad. E

Caderno E-n.92 com o nome H. José Daniel. Ms com vocabulários, copias...

Cad. Y

Caderno Y. Ms, vocabulários e compilações.

Cad. W, W1, W2

3 cadernos sem capa, marcados W, W1, W2, parecendo compilações.

Cad. 87

-caderno sem capa, carimbado n.87, ms. vocabulários, mapa...

Cad. 85

caderno com n. 85, ms. compilações de vários autores.

Cad. S/ n.

caderno ms. com compilações e mapa.

Cad.73

caderno n.73. Ms, com vocabulário comparativo, de senho do rio Xingu

Cad. 13

-caderno n.13, Malcher. Ms. alemão compilações.

Outros documentos encontrados no Armário MNDA 109 (não são originais)

- cópia de carta para o Museu de Leipzig (Felix Speiser, fev. de 1927)
- 18/02/1927: cópia de carta do Museu de Leipzig para Felix Speiser
- CN - F.Krause (06 pgs, dt,)
- CN - F.Krause (01 pg.dt)

- 16.11.1927: Erland Nordenskiöld para ? (sobre CN,)
- 19/07/1928: Museu de Hamburgo/ Dresden/ Leipzig (F.Krause,)
- CN - F.Krause (20/12/1928)
- CN - F.Krause (18/06/2929)
- carta de Geraldo Pinheiro- RL (10/04/1950)
- cópia de artigo de Geraldo Pinheiro
- cópia de carta de RL- Geraldo Pinheiro (25/04/1950)
- 17/09/1935: Kidder-CN
- Levantamento sobre a correspondência CN- RL
- Sobre a Universidade da Califórnia.
- “Estado de campo Intelectual e Trajetórias profissionais”, Castro Faria
- “Notas sobre a Vida e a Obra de Curt Nimuendajú “, Schaden

### 3. Referências biográficas sobre alguns dos correspondentes de Curt Nimunedajú

Andrade, Rodrigo F. de :Diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Antze, G:Museu de Hamburgo

Athaíde, Nino: um dos informantes Ticuna de Nimuendajú.

Azevedo, Fernando: diretor do Museu Paulista.

Baldus, Herbert: (1899-1970) Nasceu em Wiesbaden, Alemanha. Em 1921 mudou-se para a Argentina e em 1923 para São Paulo.Em 1928 retornou a Alemanha para formalizar seus estudos de etnologia em Berlim, sob orientação de Richard Thurnwald, tendo também realizado estudos americanísticos com Konrad Theodor Preuss e Walter Lehmann. Em 1933, transferiu-se definitivamente para o Brasil, visitando os Kaingangs de Palmas no Paraná e também os Guayaki do alto rio Paraná no leste do Paraguai. Correspondência entre os anos de 1934 à 1945.Foi professor da ELSP

Barboza, Luiz Nicolau Bueno Horta: funcionário do SPI, primeiramente em São Paulo e depois no Rio de Janeiro..

Berringer: casa exportadora e bancária, fundada em 1869, com sede em Belém e filiais em diversas capitais do norte.

Birket-Smith, Kay (1893-1977): ligado ao Departamento de Etnografia do Museu Nacional da Dinamarca, em Copenhague.

Blumensohn, Jules Henry: Aluno de Franz Boas e Benedict Ruth na Universidade de Columbia.

Bop: morador de Boa Vista.

Carvalho, João Braulino: Oficial médico da Comissão Brasileira de Demarcação da Fronteira entre Brasil e Peru, mais tarde foi também Delegado da Comissão de Proteção do Maranhão.

Dengler, Hermann: (1890–1945) Na qualidade de desenhista, acompanhou Koch Grünberg em sua quarta e última expedição ao Brasil, testemunhando a morte deste pesquisador em 1924, às margens do rio Branco. De volta à Manaus, associou-se à expedição sueca de Douglas Melin, que o levou aos Parintintim do rio Madeira.

Dyer, Emilia: aluna de Nimuendajú no MEG

Frikel, Frei Protasio: (1912 – 1974) Frickel aportou em 1931 no Recife onde se ordenou em 1938, passando a atuar como sacerdote no baixo Amazonas. Datam de então os estreitos contatos que sempre manteve com o Museu Emilio Goeldi de Belém, que o incentivou em direção à pesquisa arqueológica e etnográfica. Fez seu trabalho na região de Óbidos.

Galvão, Eduardo: (1921-1976) Ingressou no Museu Nacional em 1939 como estagiário na divisão de antropologia. Em 1947 desligou-se dessa instituição, ingressando na Universidade de Brasília. Em 1955 foi para Belém, passando a trabalhar no Museu Goeldi. Prestou serviço também ao SPI e a FBC.

Gusinde, Martin: Missionário Austríaco, que desenvolveu seus estudos etnológicos a partir de 1918 quando foi enviado em 1918 a Magallanes, para estudar os restos de raças autóctones do território austral. Os resultados foram publicados em “Die Feuerland Indianer” (1930, 1937 e 1974)

Hachmeister, W: Geólogo de Belém.

Hoerthan Eduardo: dirigiu o Posto Indígena Duque de Caxias entre os anos de 1914 e 1955 e é reconhecido como o pacificador dos Xokleng.

Izitkowitz, Karl G. (1903-1984): Aluno de Nordenskiöld, iniciou sua carreira no Museu de Gotemburgo em 1944, tornando-se diretor em 1953 (até 1970).

Jaguaribe: General membro da Comissão encarregada do mapa de MT. com o qual Nimuendajú trabalhou para fazer o mapa do Estado do Mato Grosso (1943)

Kaudern, Walter: Nimuendajú encontrou-se com ele em 1934 em Gotemburgo. Foi o substituto de Nordenskiöld na direção do Museu de Etnografia de Gotemburgo.

Krickeberg Walter (1885-1962): trabalhou no Museu de Berlim entre os anos de 1906 e 1954, elaborando diversas sínteses sobre culturas indígenas. Nimuendajú o conheceu em ocasião de sua viagem à Europa.

Kissenberth, Wilhelm: pesquisador do museu de Berlim.

Kruse, Albert: Padre Franciscano missionario de Santarém. Principalmente conteúdo linguístico (mundurucu).

Lehmann-Nitsche, Robert (1872-1932): Médico renomado pelos estudos de Antropologia Física, que convidado pela Argentina, passou a trabalhar em museus e universidades locais.

Lehman, Walter (1878-1939): diretor das coleções americanistas, oceânicas e africanas do Museu de Berlim.

Lindenberg, Gerhard:funcionario da firma Berringer & Cia em Belém.

Lobo, Bruno: Diretor do Museu Nacional

Maffra, Quirino: morador local do Solimões.

Malcher, José Maria da Gama: diretor da Inspetoria Pareense do SPI, Malcher trabalhou com Nimuendajú entre os anos de 1938 e 1945.

Métraux, Alfred: Discipulo de Nordenskiöld, trabalhou de 1928 a 1934 na universidade de Tucumán, na Argentina.

Miranda, Marcelino Cezar: funcionário do SPI estacionado em Barra da Corda. CN menciona-o em sua monografia Timbira, como evitando o massacre dos Krikati.

Miranda, Raymundo: pai de Marcelino.

Nordenskiöld, Erland: (1877-1932) Formado em geologia e paleontologia, muito cedo desenvolveu interesse pelas pesquisas arqueológicas e etnográficas. Trabalhou no Museu de Gotemburgo e na Universidade desta cidade.

Pereira, Manuel Nunes: Foi presidente do Instituto de Etnografia e Sociologia do Amazonas em Belém.

Richter, Olga: Irmã de CN. As cartas estão no Armário MNDA..

Rivet, Paul: (1879-1951): secretário geral da Societe des Americanistes

Ryden, Stig: Pesquisador do Museu de Gotemburgo.

Roquette Pinto, Edgar (1884-1954): Entre os anos de 1926 e 1935 foi diretor do Museu Nacional.

Schultz, Harald: (Porto Alegre, 22.02.1909 – SP, 08.01.1966): começou sua carreira de expedições etnográficas como funcionário do SPI, visitando diversas tribos de Mato Grosso. Em 1946 estudou etnologia na escola de Sociologia e Política de São Paulo, sob a orientação de Herbert Baldus, com quem passou a trabalhar no ano seguinte no Museu Paulista. Ganhou grande fama como fotógrafo etnográfico. Conheceu CN em 1943, quando foi instruído por este a fazer pesquisa de campo. Correspondência até 1945..

Sneath, Heinrich: Botânico e etnógrafo visitou o nordeste do Brasil entre 1923 e 26 e em 1933-34, visitou a bacia do Guaporé. (Museu de Berlim)

Speiser, Felix (1880-1949): etnógrafo e geógrafo suíço, trabalhava no Museu de História Natural e Etnografia da Basileia. Conheceu CN a partir de uma sugestão de Koch Grünberg para que recebesse algumas orientações dele. Speiser mais tarde iria recomendar CN à Fritz Krause.

Taunay, Affonso de : diretor do Museu paulista.

Torres, Heloisa Alberto (1895-1977): entrou para o Museu Nacional, em 1925, para uma vaga de assistente de Roquette-Pinto. Em 1934 tornou-se membro do Conselho de Fiscalização das expedições Artísticas e Científicas no Brasil. E de 1938 a 1955 foi diretora do Museu.

Waehner, Siegfried: Industrial têxtil alemão que em companhia de sua mulher e por sugestão de CN, visitou os Tukuna entre 1930 e 1938. Reuniu coleções e fotografias etnográficas para o Museu de Berlim e Dresden.

Wagley, Charles: (1913-) formado pela Universidade de Columbia, veio para o Brasil pela primeira vez em 1938, retornando em 1941 para treinar alguns alunos do Museu Nacional. Foi quando encontrou-se com Nimuendajú.

Wassén, Henry: Iniciou sua carreira no Museu Etnográfico de Gotemburgo em 1930 como assistente de Nordenskiöld. Dirigiu esta instituição de 1968 a 1973.

**CURT UNCKEL NIMUENDAJÚ: UM CAPÍTULO ALEMÃO NA TRADIÇÃO  
ETNOGRÁFICA BRASILEIRA  
(parte 2: anexos)**

**ELENA MONTEIRO WELPER**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO/  
MUSEU NACIONAL/PPGAS  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Orientador: Prof. Dr. Carlos Fausto**

**Rio de Janeiro  
Maio de 2002**

Welper, Elena Monteiro.

**Curt Unckel Nimuendajú: Um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira/** Elena Monteiro Welper.

Rio de Janeiro: UFRJ/ PPGAS-.MN. 2002

xiv;129 p.; il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, 2002.

1. Curt Unckel Nimuendajú; 2. Etnografia alemã.

## LISTA DE ANEXOS

- I. Cartilha de alfabetização do *capitão* Guarani José Honório
- II. Diário 1911
- III. Diário 1912
- IV. Diário 1913
- V. Diário 1918
- VI. Diário 1929
- VII. Diário 1941
- VIII. Diário 1942
- IX. Carta Levi Strauss-Curt Nimuendajú (08/11/36 )
- X. Carta Curt Nimuendajú-Fernando de Azevedo (26/02/36)
- XI. Carta Curt Nimuendajú -Lila (19/8/43)
- XII. Carta Curt Nimuendajú -AM ( 04/08/44)
- XIII. Carta Curt Nimuendajú - Maynhutsen (07/12/45)
- XIV. Carta Curt Nimuendajú -FBC (11/10/45)
- XV. Carta Curt Nimuendajú -Naide Vasconcelos (14/06/45)
- XVI. Quadro cronológico das atividades de Curt Nimuendajú
- XVII. Quadro dos correspondentes de Curt Nimuendajú

Anexo I: Cartilha José Honório ( Araribá, 1907 )

a e i o u r r u e s s a  
 ai ia ou oi in eu do in ou  
 si o ia ui ai au in eu o io  
 ou ni ei oi io ia se no  
 José José José José José José  
 José José José José José José  
 José José 3.5.07.  
 na ne ni no ~~na~~ nu ni no r  
 ni na ne nu nai viu vou  
 nova novo ~~na~~ r ~~na~~ novo ~~na~~  
 ni-na novo ~~na~~ ~~na~~ José.

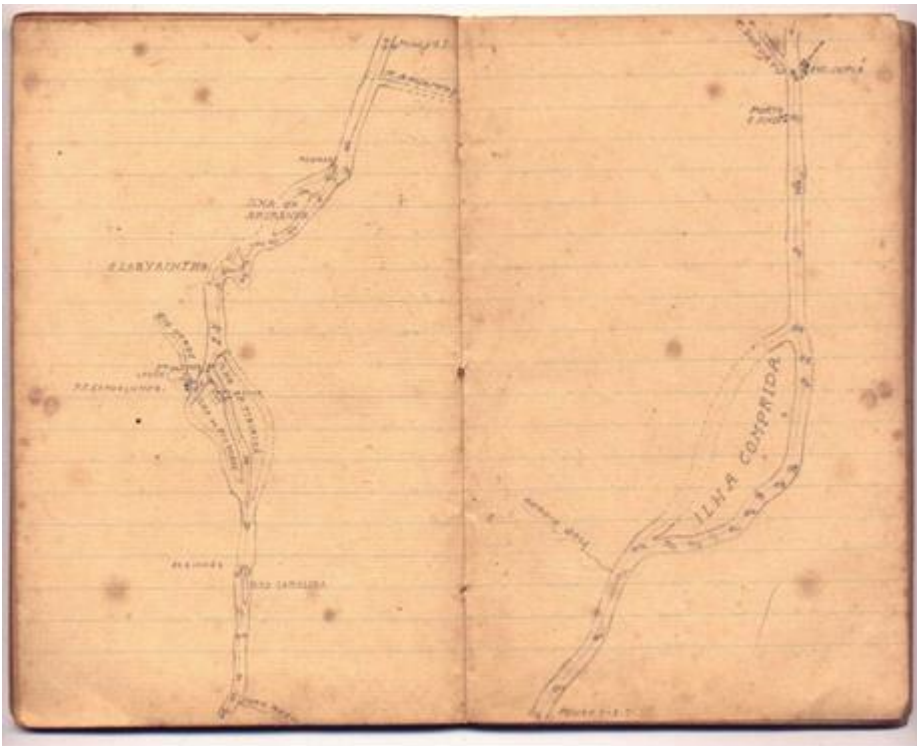
a novo ave ovo o vo ni-va  
 novo r nove i nva i nva i nva  
 niva José  
 novo nau a ave  
 a ave nove e nova  
 nu ni a niva  
 niva a novo  
 novo ve o ovo  
 a ave noava p José  
 pa pe pi po pu pi pu pe  
 pa po pe pu pau pu

eu subi ao alto do morro do sul	ca co ca co ca ca co co ca
e o animal saltava o muro	ca cu co co co ca ca ca
e o ultimo mel e meu e o fel e	cara cac caça paca cura
do novo	capa cova doca jaca
soltei o teu animal	raça poço caco cara
a menina viu o revolto e teve	caracura carapuça
medo <span style="color: red;">M. 18. 07. 07.</span>	José Honório Euryapeju
titia da palmada	a cara do macaco e feia
solte a vela do bote e de uma	cu cocí comi o caji
remada <del>q</del> <del>q</del> <del>q</del> <del>q</del> <del>q</del> <del>q</del> <del>q</del>	a paca corriu
veja a palmeira da rua	tire a carapuça da cabeça




Anexo III: Diário 1912

Da Estaca A. 74. para o lado opposto		IX.	
80	5	Do ponto T. A. das Capoeiras do Kongijipi.	
60	5	220	18 +6 rambo a 109°
40	15		+10 trilhos p.º 180°
60	5 +3 rambo velho baixada de um aff. do Cor. das Pedras p.º 140°		+16 capoeira
20	2 Trilhos se perde.		+18 trilhos de 160°, capoeiras
	Da Est. A. 40 ha 2 Km em 270°. ca	300	6 capoeiras baixas
	beira do Cor. Samambactuba p.º 300°	320	3 capoeiras e guaimadas.
	Da Est. 41 da Picada perdida.	260	2 trilhos se perde
350	300m cabeceira p.º 320°		X.
320	500m cabeceira de 220°	Do ponto T. A. -A- a Estaca B. 74.	
0	30m + 200m apinhada da margem esq.º	230	4
	+300m " " " "	220	5
20	200m galho de 270°.	240	7 Est. B. 74.
40	corrego continua.		XI.
	(Curso das Aguas do Corrego das Pedras. Picadas ou trilhos não existem)	Da Estaca A. 163 a Barra do Tibirici.	
		140	5



Anexo IV: Diário 1913

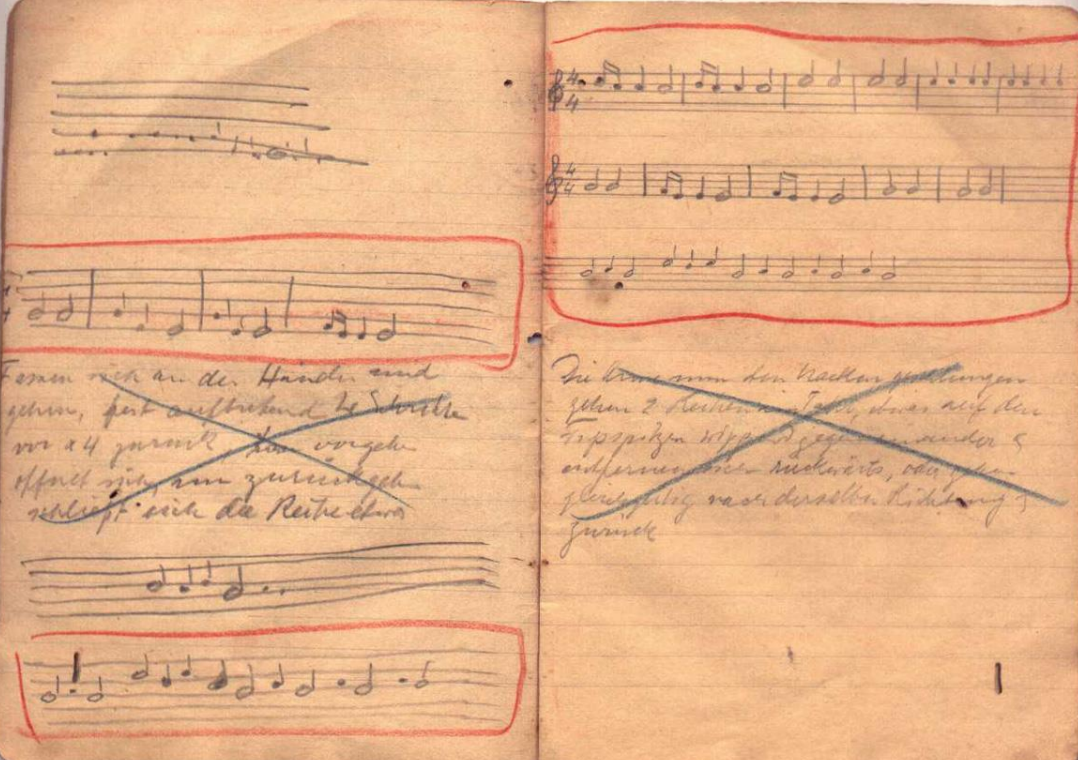


Handlung der Charaktermilde

~~Bei den jungen Männern. Familie Krich, in der  
und in der vorerforderlichen Stellung von  
le rege hat in den Raum. Taus an dem  
Ende, in der gleichen Haltung. Ein anderer  
spricht an der andern Ende. Beide kriegen mit  
gleichem Tempo gegenseitig bei der gesam-  
men Arbeit was nicht nur ganz den Ausdr  
des Körpers geschieht. Bei der andern zusam-  
stellt hat gewonnen. Ideg zu legen sich  
dabei die Hände auf die Schultern. (Pfeiler  
Rebeca mit Maistkorbwall. haben abend  
die Mädchen ein, bei sich zu schlafen  
Verständliche Bewegungen vor~~

III

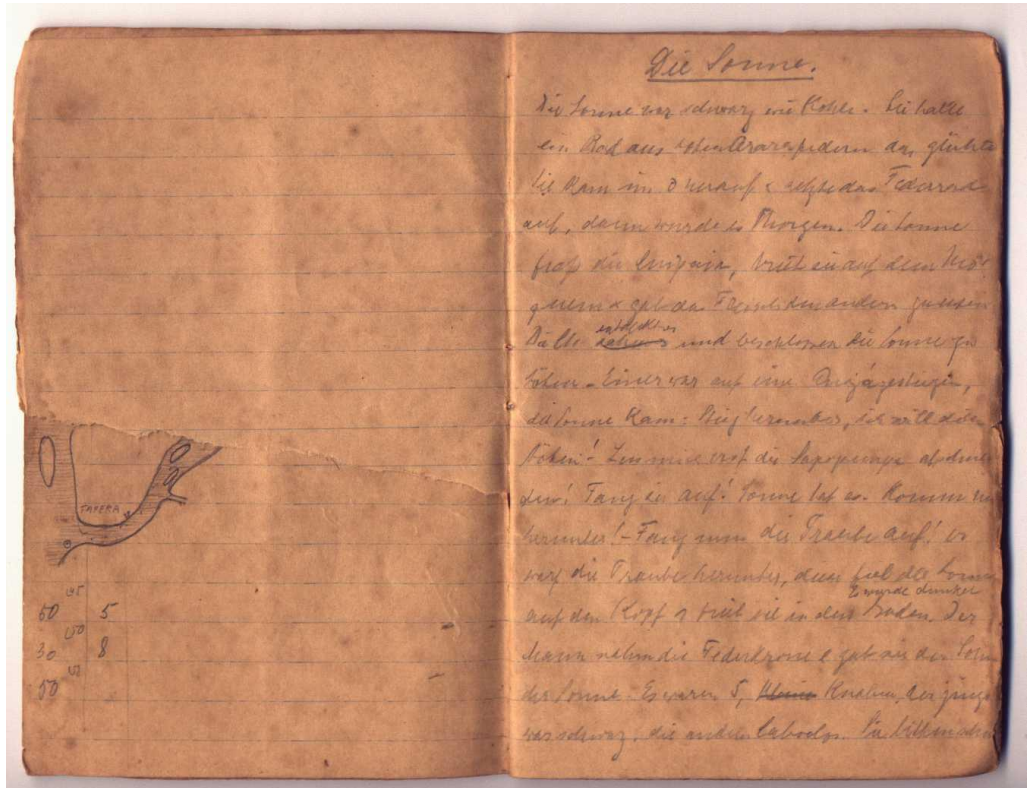
bei dem Zusammenstoß der Spielred.  
An<sup>10</sup> Hände & den Kreuze / Hände parallel  
auf der Leitmittle vom hinteren  
abwärts.



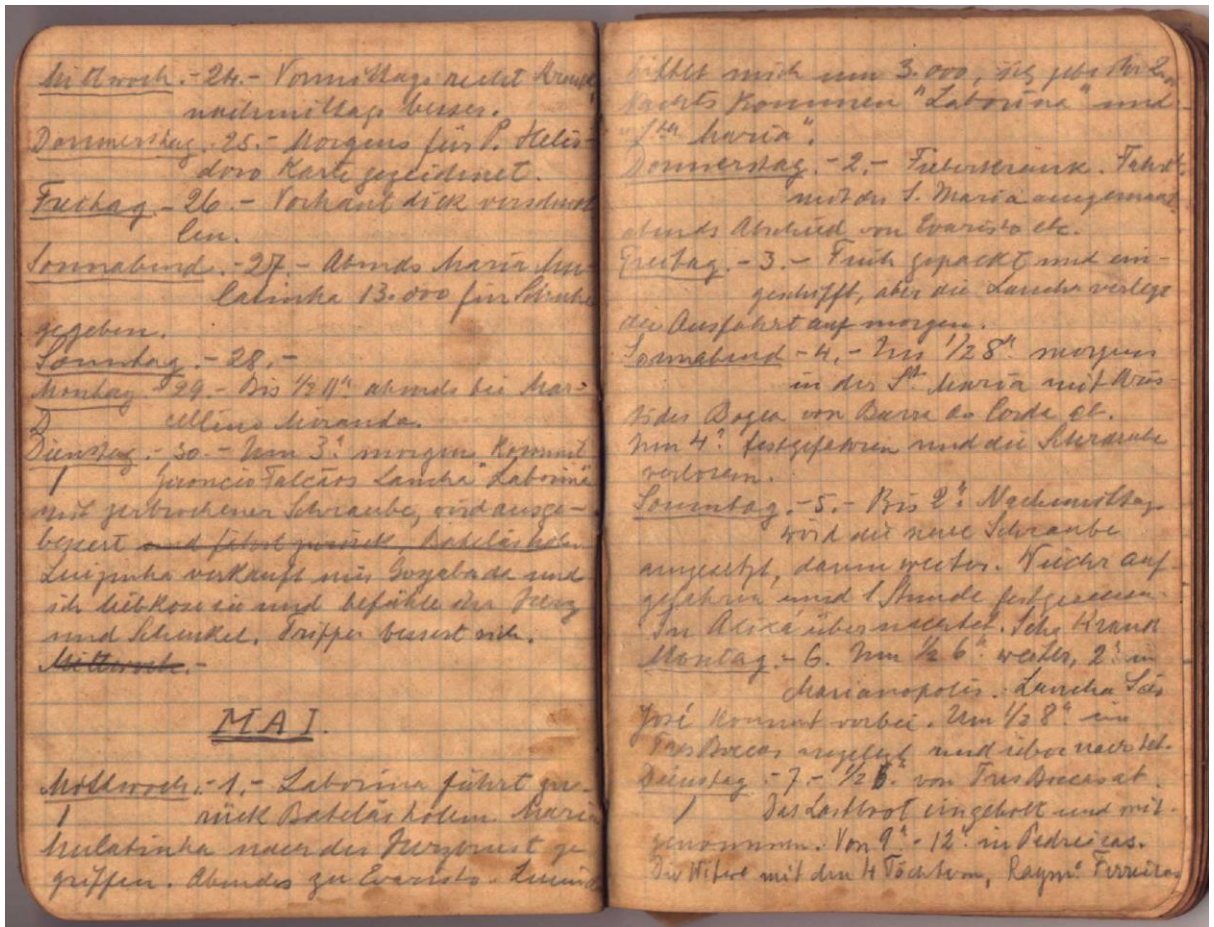
~~Formen sich an die Hände sind  
gerinn, fast aufstrebend & Stärke  
von 24 zurück. Am vorgeh  
Hoford sind am zurückgeh  
schleift sich die Reihe dem~~

~~Die Hände vom den Kreuze  
gleichen 2 Reihen. Jede, die auf den  
Tippspitzen klapp. Die Hände  
entfernen sich rückwärts, von  
gleichzeitig nach derselben Richtung  
zurück~~

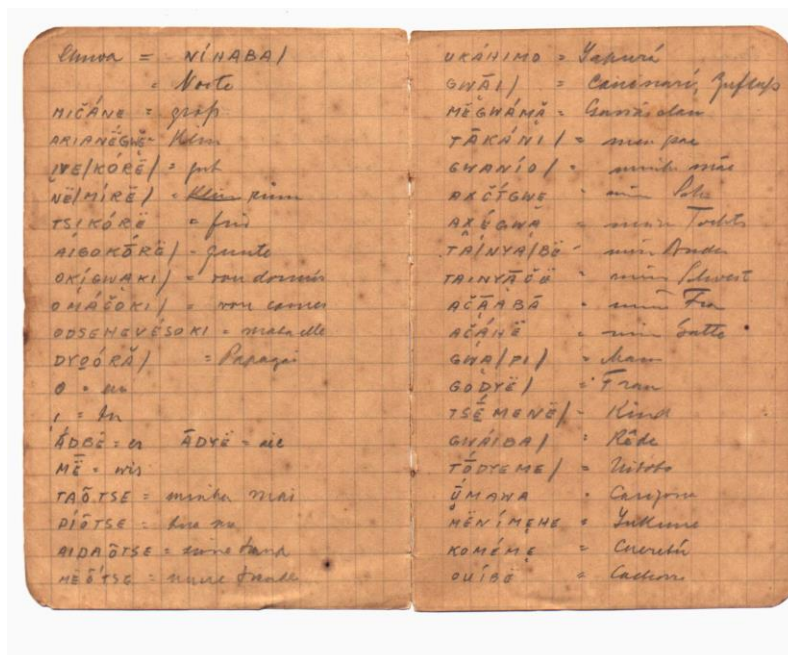
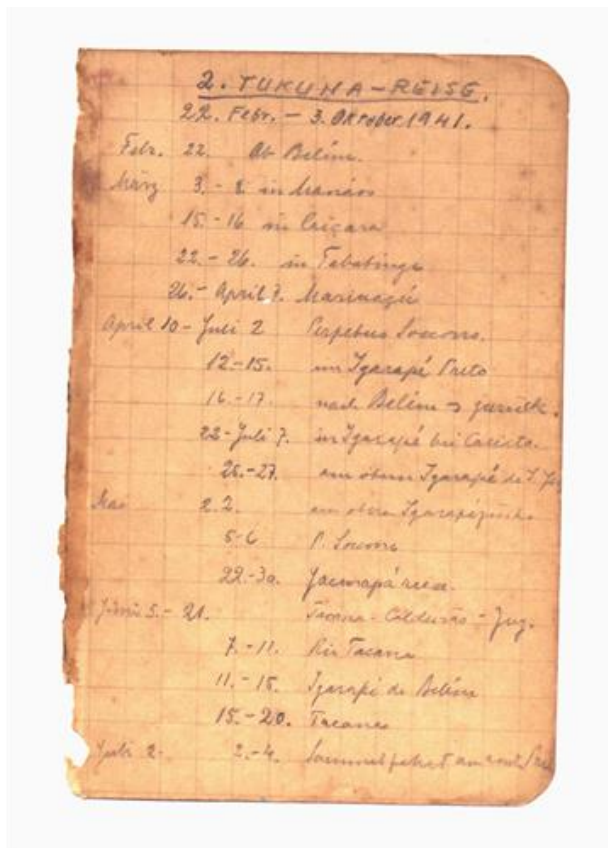
Anexo V: Diário 1918



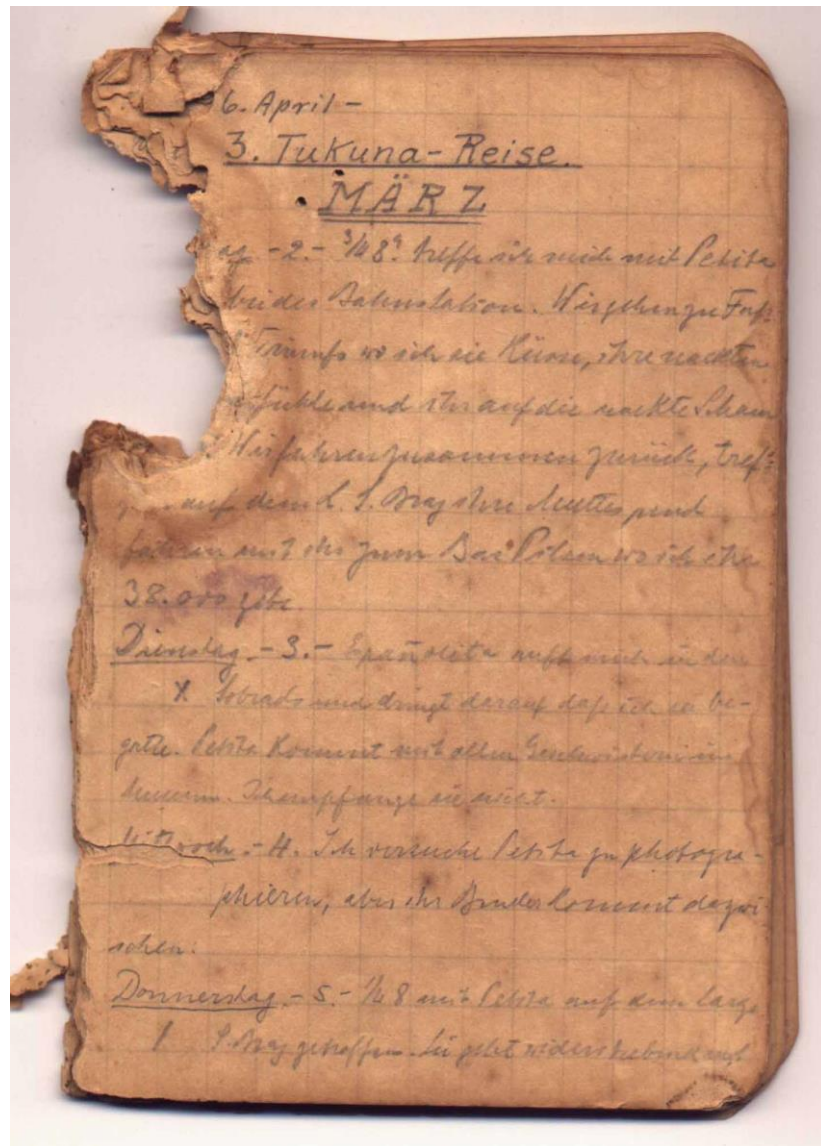
Anexo VI: Diário 1929



## Anexo VII: Diário 1941



Anexo VIII : Diário 1942



Anexo IX: Carta Levi Strauss-Curt Nimuendajú (08/11/36)

de vos travaux ont paru récemment  
dans l'American Anthropologist. J'en attends,  
avec impatience, l'apparition.

Croyez, je vous prie, cher Monsieur,  
à mes sentiments tout dévoués.

Levi Strauss

P.S. Jusqu'au mois de février, mon  
adresse sera :

c/o M<sup>r</sup> Pierre Dreyfus  
95 rue de la Faisanderie  
FRANCE Paris 16<sup>e</sup>

ma Circulaire Bst 375  
le 8 novembre

AIR FRANCE  
BRASIL

Cher Monsieur,

J'ai bien reçu votre lettre de Boa Vista.  
Il m'est difficile de vous dire combien je regrette qu'il  
vous soit impossible de nous donner une collaboration  
qu'il en ait été, pour vous, impossible.  
Je comprends d'ailleurs parfaitement les raisons  
qui motivent votre refus; je suis l'importance  
des travaux que vous poursuivez en ce moment,  
leur portée internationale; et il est bien  
naturel que vous désiriez les poursuivre sans  
dérangement.

Quelques jours après réception de votre  
lettre, j'en recevais une autre, de Louve,  
qui me demandait incidemment si je savais  
où vous vous trouviez; il était inquiet de  
ne pas avoir de vos nouvelles. Je lui ai  
aussitôt répondu en lui communiquant  
celles que vous me donniez vous-même. Sans  
doute, d'ailleurs, avez-vous correspondu  
depuis lors avec lui. Je suis sûr qu'un jour

CVO 25

Anexo X: Carta Curt Nimuendajú-Fernando de Azevedo (26/02/36)

Belém do Pará, 26 de Fevereiro de 1936.

Illmo Snr Dr. Fernando de Azevedo

São Paulo.

Queira desculpar-me si respondo tão tarde a sua amavel carta de 11 de Outubro.

Estarei sempre inteiramente á sua disposição si achar que qqualquer material sociologico colhido por mim lhe possa ser de utilidade nos seus estudos.

A publicação do meu trabalho sobre os Canellas (e Apinayé) ainda não pode ser feito este anno. No dia 5 de Março partirei novamente para uma sexta e ultima estada entre esta tribu de onde devo voltar talvez em Setembro.

Prevejo porem desde já que o material será por demais volumoso para ser publicado como tomo da serie Brasileira. Algumas centenas de photos e mappas de meio metro de comprimento tornam difficil a publicação a respeito da qual ainda não dei nenhuma providencia, e nem darei enquanto não estiver acabado o manuscrito.

Até agora só me comprometti a publicar uma traducção em portuguez no Boletim do Museu Goeldi, do Pará.

Per hora tenho de empregar todos os esforços em recolher o material que ainda falta, pois esta tribu tão interessante e sympathica pode da noite para o dia desaparecer do rol das tribus existentes, como já aconteceu com os Apinayé e outros, deante dos meus olhos. No anno passado ella soffreu horrivelmente por tres epidemias (sarampo, grippe e variola). As hostilidades dos fazendeiros vizinhos contra a tribu e contra mim não cessam enquanto o indio ainda estiver de posse daquelle miseravel sobejo das terras dos seus antepassados que elle por hora esta occupando. Heis porque poremquanto não me preocupo com a publicação do material scientifico. Eu queria antes de tudo por a salvo o material humano.

Com todo gosto entraria em correspondencia com o Snr sobre os assumptos que o interessam. Mesmo eu estando entre os Canellas recebo, com algum atrazo, as cartas dirigidas ao endereço infra.

Sou com a maxima estima e consideração

*Curt Nimuendajú*

Curt Nimuendajú  
a/c de Berringer & C.  
Belém do Pará  
Caixa 27.

## Anexo XI: Carta Curt Nimuendajú -Lila (19/8/43)

Rio de Janeiro, 19 de Agosto de 1943.

Lila.

Deixei de lhe escrever até agora porque houve aqui uma porção de complicações imprevistas, e eu quiz primeiro ver em que isto ficava. A recepção que me fizeram na minha chegada no Rio foi muito amigável, mas espantei-me a ver que o pessoal em serviço do Conselho de Protecção aos Indios ainda não tinha recebido um unico pagamento este anno, e que não havia meio de sahir o dinheiro para a viagem ao Mato Grosso em tempos calculaveis. Vendo que nessas condições eu não podia trabalhar, D. Heloisa Torres fez uma tentativa de me passar para o serviço do Museu Nacional, mas o General Rondon não o consentiu e garantiu que eu seria pago pontualmente.

Então, tres dias depois da minha chegada, começou a manifestar-se no meu olho esquerdo uma doença que em poucos dias quasi me deixou cego, mas me tratei logo com um medico muito competente, o mesmo que está tratando tambem da vista do General Rondon. Assim conseguimos finalmente atalhar o mal, e hoje muito pouco sinto d'elle.

Na occasião deste tratamento, fazendo eu exames de sangue, de Raio X e outros, ficou comprovado que mesmo fora daquelle mal da vista, eu estava soffrendo de mais duas outras doenças ainda. Não são doenças muito perigosas, mas devem ser tratadas, e todos os meus dois medicos me prohibiram que eu fossa para o interior.

Uma vez que eu não podia mais ir aos indios pedi ao General Rondon que me deixasse voltar para Belém quanto antes. D. Heloisa Torres tambem achou que eu devia voltar e contractou logo comigo uma porção de trabalhos que eu devia fazer em Belém para o Museu Nacional. Mas o General Rondon não quiz que eu voltasse, achando que devia tratar-me no Rio.

Depois de infinitas discussões ficou finalmente assentado que eu voltaria a Belém assim que tivesse uma passagem num avião da Panair, mas que, enquanto eu estivesse esperando pela vaga, eu ficasse trabalhando com elles aqui no Rio. Porque todas essas doenças juntas não são tão graves que me impedissem a fazer qualquer serviço aqui na cidade. Só não poderei mais ir aos indios, porque fiquei sujeito a uma dieta desgraçada de ruim.

Assim sendo, creio que só poderei voltar a Belém em Outubro. Assim que a Panair me tiver marcado o dia eu lhe escreverei. Por hora continuo aqui trabalhando com o General Rondon, ás vezes no Conselho de Protecção aos Indios, outras vezes no mapa do Estado do Mato Grosso, no Quartel General. Todos me tratam com muita attenção, mas não me querem largar.

O tratamento das doenças, as consultas, os exames e os remedios tem sido tão horriavelmente caros que, em vez de ganhar alguma coisa, tive de tomar emprestado dinheiro á D. Heloisa. É a razão principal porque quero voltar a Belém o mais depressa possivel.

Um abraço do teu marido

Curt.

Anexo XII: Carta Curt Nimuendajú -AM ( 04/08/44)

Belém do Pará, 4 de Agosto de 1944.

Caro amigo Dr Métraux.

Ainda não respondi á sua carta, tão amigosa e consoladora, de 2 de Dezembro de 1943. A 16 de Novembro eu tinha lhe remetido algumas observações sobre o seu artigo -Kaingang-. Espero que as tenha recebido. Não penso que ellas obrigaram o Snr a fazer grandes modificações no seu trabalho, pois trata-se quasi exclusivamente de assumptos de pouca importancia. Muitas observações eu fiz mesmo só por saber que o assumpto interessa ao Snr, mas não na expectativa de que fossem aproveitadas para a publicação.

Desejava saber em que deu o plano da publicação do Handbook. O Snr Steward parecia ter muita pressa em imprimi-lo, mas até agora nada mais ouvi á respeito.

Tambem me interessava saber o que foi feito do mapa que organizei para o Snr Steward.

Não lhe escrevi até agora porque nada absolutamente se passou aqui que fosse de interesse para o Snr. Desde que voltei do Rio estou me occupando exclusivamente com trabalhos de gabinete. Restabelecido de saúde eu não estou nem jamais estarei, mas vou me aguentando assim mesmo.

Deixa que lhe confesso uma coisa: Não é só do campo e da convivência com os indios que tenho saudade como tambem da colaboração com os ethnologos americanos que eu mantinha durante nove annos. Aquella comprehensão que o Snr e Lowie tinham dos meus trabalhos está me fazendo uma falta enorme. Aqui só me julgam pelo que ouviram dizer á meu respeito algures no estrangeiro; alias, o Snr conhece esse meio e essa mentalidade tão bem como eu, disto tenho certeza. Tambem economicamente não posso viver tão socegado como esperava, devido á instabilidade e impontualidade das pessoas de que depende. Mas chega de choradeira!

Venha alegrar-me com alguma noticia sua e dos seus trabalhos, e conta-me como vae o prof. Lowie ao qual dê as minhas lembranças, si tiver occasião de escrever-lhe.

Sou seu amigo velho

.....

Curt Nimuendajú  
Belém do Pará - Brazil  
Museu Paraense.

Anexo XIII: Carta Curt Nimuendajú - Maynhutsen (07/12/45)

São Paulo de Olivença, 7 de Dezembro de 1945.

Caro amigo Snr Mayntzhusen.

Chegando hontem em São Paulo de Olivença no Alto Solimões encontrei no Correio a sua carta de 17 e o seu telegramma de 19 de Outubro. Essas perdas de cartas, mesmo registradas são uma verdadeira calamidade! Não posso esperar que o Snr tenha o tempo para copiar novamente uma carta de sete paginas e meia e um croquis! Amanhã os indios Tukuna vem me buscar aqui para as terras delles, e não me fica tempo para cuifar de uma reclamação no Correio. Creio tambem que pouco adianta fazê-la por escrito: Terei de procurar pessoalmente quando voltar ao Pará, que será em mez de Abril ou Maio do anno de 1946. E como nada posso fazer por hora, só me resta a esperança que as pesquisas do Snr deem algum resultado.

A noticia sobre Guayakí na Serra Maracajú é muito interessante. Os Guaraní-Apapokuva tem a tradição que os "Ivapará" do Rio Ivahy (os Aré de T. Borba) que culturalmente se acham mais o me os no mesmo nivel dos Guayakí, são oriundos da região do Cerro Ipehü, na Serra Maracajú.

Não tive ainda ocasião de vêr o livro de Askenasy.

Desejo-lhe Boas Festas e um Feliz Anno Novo e continuo aqui a seu dispôr como seu amigo

*Curt Nimuendajú.*

Curt Nimuendajú  
Belém do Pará  
Museu Paraense.

Anexo XIV

(COPIA)

OK

Belém do Pará, 11. X. 1945.

Exmo Snr Ministro João Alberto Lins de Barros  
Presidente da Fundação Brasil Central

Rio

Atenciosas saudações.

Em meados de Setembro tive conhecimento das ordens terminantes a respeito do tratamento de índios que o funcionario da Fundação Brasil Central, o Snr Carlos Telles, deu ao pessoal da Estrada de Ferro do Tocantins, em discurso pronunciado por ocasião da visita do Snr interventor Maranhães Barata em Alcobeça. - Uma quinze dias depois soube dos vexames da entrada a mão armada que o referido funcionario fez para combater aos índios Paracaná da região. - Hoje, na véspera da minha partida para o Solimões, tive ocasião de verificar de visu o conteúdo de uma das caixas de munição (n. 3) enviadas do Rio para aquela empresa pela Fundação Brasil Central.

Uma vida de quarenta anos em prol dos índios brasileiros incompatibilizou-me para a colaboração com qualquer empresa que no trato com os selvagens permita medidas como as acima citadas. Jamais poderia trabalhar para a Fundação Brasil Central com aquela satisfação e dedicação para mim indispensavel para poder garantir um resultado satisfatorio.

A vista disto, cumpro-me devolver-lhe, como incluso faço, o acordo firmado entre nos em 6 de Agosto do ano corrente, ficando que me dispensa de todas as obrigações assumidas para com a Fundação Brasil Central.

Com o mesmo correio comunicarei a minha resolução à Direção do Museu Nacional.

Agradecendo a confiança que depositou na minha pessoa, reitero os meus protestos de elevada estima e distinta consideração.

(a) ... ..

(Cart. Simandajú)

ANEXO XV: Carta Curt Nimuendajú -Naide Vasconcelos (14/06/45)

Belém do Pará, 14 de Junho de 1945.

Ilma Snra D. Naide Vasconcelos

Belém do Pará  
Padre Butiquio 760.

Muito lhe agradeço a remessa da terceira secção do meu manuscrito. Começando a passá-lo a limpo notei entretanto em grau ainda mais acentuado o que já na secção anterior tinha observado: Que o numero das corrigendas feitas pela Snra avulta cada vez mais. Creio que isto não seja devido ao fato que o meu portuguez, de secção em secção, esteja peiorando tão espantosamente, mas atribuo-o ao crescente interesse da Snra no assunto e ao desejo de dar ao manuscrito o maior aperfeiçoamento literario possível. Isto a Snra conseguiu por meio de um trabalho meticoloso e, naturalmente, demorado, pois as emendas em muitas páginas já ultrapassam em extensão o próprio texto, e em alguns casos quasi não ficou uma linha sem correção. A soma deste trabalho feito é tanto mais admiravel quanto sei quão pouco tempo lhe sobre para êle e que a iluminação não permite trabalhar de noite. Precisamente porque avalio plenamente o animo e os esforços da Snra, acho que seja a minha obrigação pedir a sua benévola atenção para o fato seguinte:

As emendas feitas pela Snra - fora das corrigendas dos meus erros manifestos e intoleraveis - dão ao manuscrito um cunho de aperfeiçoamento literario que não condiz com o assunto nem com o autor. Historias apanhadas da boca de gente simples, como são os indios, não carecem, ao meu vêr, de formas classicas e esmeradas, pelo contrario: estas de certo modo as descaracterizam. Isto eu senti tanto que já na segunda secção do manuscrito comeci a cortar uma parte das emendas feitas pela Snra; na terceira esses cortes atingem em algumas páginas 50 %! Fi-los, mas com a sensação desagradavel de estar desfazendo um trabalho elaborado com tanto escrupulo e criterio! Durante dias relutei si devia ou não explicar isso à Snra, mas por fim achei que não podia deixar de fazê-lo, para evitar que continue a sacrificar o seu precioso tempo e trabalho, em parte inutilmente. Ainda a Snra tem em mãos umas 70 e tantas páginas por corrigir: Rogo-lhe que, si lhe fôr possível, faça abstracção do seu tino literario, e que corrija nelas apenas aquilo que estiver francamente errado e inadmissivel, deixando tudo que PODIA ser dito de uma maneira mais elegante e classica. Este critério, aliás, já acceentei quando lhe entreguei a primeira parte do manuscrito. E peço-lhe mil desculpas por ter usado de tão rude franqueza, mas acho que peior teria sido si me tivesse calado, permitindo que continuasse a fazer penosamente um trabalho que depois só em parte podia ser aplicado.

Queria que a Snra um dia tivesse ocasião de lançar um olhar sobre o portuguez da traducção dos textos originais em Carinaua de J. Capistrano de Abreu! Entretanto, o autor é um literato de renome, e o seu "Rã-txa-lu-ni-ku-i" é uma das obras mais valiosas da literatura etnográfica brasileira.

Muito cordialmente

**Anexo XVI: quadro cronológico das atividades de Nimuendajú**

<b>Ano</b>	<b>Região</b>	<b>Índios e Atividades</b>	<b>Vínculos</b>
1903-05	São Paulo		
1905-08	Oeste de São Paulo	Guarani, Kaingang	CGGSP
1909	Oeste Paulista, sul de Mato Grosso	Guarani, Kaingang, Oti Xavante, Terena	MP
1910	Oeste de São Paulo	Guarani, Kaingang	SPI
1911	Oeste e Litoral de São Paulo	Guarani, Kaingang	SPI
1912	Oeste e litoral de São Paulo, rios Tibagi e Ivaí	Guarani, Kaingang e Kaiguá	SPI
1913	Sul do Mato Grosso	Opayé, Guarani, Kaiguá	SPI
1914-15	Rio Gurupi	Tembé, Timbira, Urubu	SPI
1915	Rios Paru, Jari, Maracá	Apalaí	
1915-16	Missão Sto. Antonio do Prata	Tembé	
1916-19	Rios Xingu, Iriri, Curuá	Juruna, Xipaya, Arara, Kayapó	SPI
1920-22	Litoral do Pará, Oiapoque, Marajó	escavações	MEG, MG
1921-23	Rio Madeira	Parintintin, Mura, Pirahã, Tora, Matanawi	SPI
1923	Tapajós, Maricua, Guayana, Marajó, Caviana	Maués, escavações	MG
1924-25	Tapajós, Trombetas, Jamundá, Caviana	escavações	MG
1925	Oiapoque	escavações	MG
1926	Afluentes do Amazonas, rios Madeira e Autaz; Tocantins	Mura, Munduruku, escavações	MG
1927	Rio Negro, Içana, Uapés	Baniwa, Wanana, Tariana, Tukano, Makú	MG
1928-29	Maranhão, Goiás,	Apinayé, Canela e Timbira	MH, MD, ML
1929	Solimões	Tukúna	SPI
1930-32	Tocantins, Maranhão	Apinayé, Canela, Xerente, Krahô	MI, MD
1932	Tapajós, Manaus		MG
1933	Maranhão	Canela	IC
1934	Pernambuco	Fulniô, Xucuru	IC, MN
1935-36	Maranhão	Canela, Gamella	UC
1937	Tocantins	Apinayé, Xerente	UC/
1938-39	Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo	Pataxó, Kamakan, Maxacali, Botocudos	UC, MN/
1940	Xingu, Rio Araguaia	Gorotire, Kayapó do Arraias	UC, MN/
1941-42	Solimões	Tukúna	UC-MEG, MN
1945	Solimões	Tukúna	MN, IPHAN

## Anexo XVII: Quadro dos Correspondentes de Nimuendajú

